

Academia de Comércio

Ano XI
N.º 77

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Março de 1960 Juiz de Fora — Minas

A TORRE DE MARFIM

Expediente:

Diretor:
Pe. Adalberto Breuers, SVD.

Redator-chefe:
José Francisco Simões

Secretário:
Ronaldo Barral de Senna

Enderêço:
Rua Halfeld, 1179
Caixa Postal 160
Fone: 1249
JUIZ DE FORA/MG.

Assinatura anual:
(10 números) Cr$ 50,00

Venda avulsa
Exemplar Cr$ 5,00

Número atrasado
Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA:

Os filmes dirigidos por Orson Welles se caracterizam pelos argumentos bem estranhos, pela escolha cuidadosa dos artistas e (veja o clichê) cenas em ângulos bem originais.

LOLA MONTEZ

(Lola Montés). Produção franco-alemã. 1955. Dir.: Max Olphus. Com Peter Ustinov, Martine Carol, Anton Walbrook, Ivan Desny e outros. Fot.: Christian Matras. Música: Georges Auric.

Discute-se muito ainda hoje sôbre o não pequeno crime contra a liberdade de expressão praticado no caso dêste **Lola Montez** que vem a ser não o autêntico filme do mesmo nome de Olphus mas uma adaptação comercial da grande obra cinematográfica do mestre natural de Saarbrücken que teve na vida vienense a inspiração última para o talhe de seus trabalhos cinematográficos.

A história (meio História, meio ou mais lenda) que serve de base ao enrêdo do filme é o conjunto de aventuras de uma irlandêsa especializada em danças espanholas e que correu o mundo principal de seu tempo, nêle celebrizando-se não tanto pelas danças mas principalmente pelos pontos escusos e escandalosos de sua vida.

Só o enrêdo já restringe o filme a um público tão desorientado pois sub-instruído como é, em geral, o público brasileiro (referimo-nos, é claro, ao grande público de salas de projeção, à chamada gente de cinema). Se não bastasse o enrêdo (será que falta assunto aos chefões do Cinema como Olphus — que foi autor de La Ronde — ou sua preferência por certos assuntos é nota pessoal?), vem ainda a exposição a preços populares de Martine Carol (será que o conceito de Belo dos chefões do Cinema como Olphus — que foi autor de La Ronde — é êste apenas ou tal aparente conceito é nota pessoal?)

Guardem-se os frequentadores dos cinemas, que têm bom gôsto, do sofisma antigo "é imoral mas é artístico". A pessoa humana em seu sentir, conhecer, refletir, analisar, querer, amar — a pessoa humana é uma só, age simultâneamente como num todo, sem qualquer divisão ou distinção. Essa cretinice de "é imoral mas é artístico", francamente, já está passando ao domínio do môfo de tão velha. Não comemos qualquer balela não. Arranjem outra qualquer. Digam "é imoral mas eu gosto" que ao menos estará salva a sinceridade, além de confirmada a perda de um grande valor.

Cotação moral: Desaconselhado, porque prejudicial.

Editorial

No inicio dêste ano, uma grande torcida funcionou no Rio de Janeiro. Não nos referimos à torcida do Maracanã nos jogos inter-estaduais, não. Referimo-nos à torcida que lotou as salas e as adjacências do prédio em que era decidida por um júri a sorte de um porteiro de edifício e de um "play-boy".

Mais uma vez, vimos e nos comprovamos a falta de lógica de muita gente por aí. Pois enquanto a tal torcida reclamava como ponto de honra a condenação dos referidos réus (contra a qual nada temos a dizer) ninguém fazia caso das palavras malsãs de Louis Malle (diretor de Os Amantes) declarando à imprensa ser especialidade de alguns diretores (certamente de sua laia) fazerem filmes pornográficos especialmente para o público americano, notadamente para o brasileiro. Enquanto a tal torcida reclamava como ponto de honra a condenação dos referidos réus (contra a qual nada temos a dizer) uma editôra, que se diz "da Civilização Brasileira", lançava ao público a sujeira intitulada "Lolita".

Minha cara "torcida", onde está o bom senso? Só há crime quando houve morte, quando o sangue correu, quando se ofendeu o corpo?

Minha cara "torcida", onde está o bom senso? Só há crime quando uma moça é forçada a se despenhar de um edifício abaixo?

Minha cara "torcida", onde está o bom senso? Só há crime assim?

Não! Minha "torcida" que pode ser mais útil, se for inteligente. Há crime, quando se exibem maus filmes. Há crime, quando se contratam às escâncaras de propaganda companhias de teatro-revista. Há crime, quando alguém não quer ligar para os grandes valores que não podemos perder: a dignidade da pessoa humana, a pureza da alma e das intenções, o respeito ao recinto familiar, a delicadeza no trato com os semelhantes.

Pense nisso minha cara "torcida". Não bata no ar! Seja mais inteligente!

★

AGRADECIMENTO

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos srs. Gerentes.

A DIRETORIA

O Filme do Mês



O adulto que assiste a espetáculos indecentes, dá péssimo exemplo à geração jovem.

TEMPOS MODERNOS

(Modern Times). 1936. Da United Artists. Argumento, roteiro, música, direção e montagem de Charles Chaplin. Interpretação de Charles Chaplin e Paulette Goddard.

A obra cinematográfica de Charles Chaplin, sempre bem representada, pode ser considerada por quem hoje só conhece cinemascópio e truques de colorido de científica e confusa montagem, neste agradável TEMPOS MODERNOS, produzido em 1936 e que guarda atualidade e uma alegria sadia e sempre nova até hoje.

O tradicional "Carlitos" reaparece para matar saudades de muitos e para se dar a conhecer a não poucos, mas também para mostrar e comprovar que Cinema, antes de tudo, não é artifício mas Arte, não é montagem custosa mas Conteúdo de Matéria, não é um possível meio de fazer rir uma platéia mas também uma oportunidade de se mostrar a finura de uma crítica bem feita e o construtivo de uma ironização melhor estudada.

TEMPOS MODERNOS é dos tais filmes em que a gente fica pensando ainda muito tempo depois de assistir e, a cada vez que dêle nos lembramos, penetramos um pouco mais no sentido das mensagens profundas que contém.

E afinal, como sempre aconteceu em seus filmes, Charles Chaplin ainda neste mesmo TEMPOS MODERNOS realizou uma obra artística completa e de elevado valor moral, comprovando o absurdo em que se lançam não poucos ao estabelecerem o conflito entre Moral e Arte.

TEMPOS MODERNOS é o filme dêste mês em Juiz de Fora não apenas por ser cinematogràficamente o melhor filme do mês, mas ainda e principalmente por ser uma das grandes obras e um dos grandes feitos registrados na História da Sétima Arte — o Cinema.

Cotação Moral: Para todos.

PRAZERES DE PARIS

(Plaisirs de Paris). Produção francesa. Dir.: Ralph Baum. Com Lucien Baroux, Geneviéve Page, Jean Parédes e outros.

Loius Malle, autor do tão falado e porco Os Amantes, declarou sem qualquer embaraço à imprensa que o entrevistou que existem alguns diretores francêses especializados em fazer filmes do teor de Os Amantes para o público americano notadamente o do Brasil.

Se o tal Sr. Louis Malle e a caterva de diretores cinematográficos a que êle se referiu, em sua declaração aos repórteres que o entrevistaram, acham que brasileiro é pessoa de mau gôsto ou gôsto porco igual o dêles (pois, quem mexe em sujeira é porco de engorda) estão redondamente errados. Há gente de bom gôsto aqui, como há também na vida campestre de sua terra, a França. Se alguns desclassificados fazem fila para ver pornografias como Prazeres de Paris é porque foram aproveitados em sua desorientação moral pela nossa ceguissima Censura Oficial que admite um chiqueiro dêstes nas salas de projeção do Brasil. Afinal de contas, o mesmo público brasileiro já está cansado de instituições para emprêgo e pagamento de funcionários, apenas, não é Dona Censura Oficial?!

O pior é que a "torcida" do juri, em que foram julgados Ronaldo e Antônio João como matadores e infelicitadores de Aida Curi, esta mesma "torcida" desaparece numa hora dessas em um mutismo inexplicável. Será possível que no Brasil só há crime quando ocorre morte?! Com a palavra a referida "torcida".

E, quanto ao filme, é claro: só para quem não tem vergonha!

Cotação moral: Condenado.

★

LIANE

(Liane das Madchen aus dem Urwald). Produção alemã.: Eduard von Borsody. Com Marion Michel e outros.

Filme falso que, sob pretexto de documentário, logo torcido para policial de cinema poeira, dá largas a um exibicionismo de nudez despropositado e, apenas, funcional como propaganda a certos elementos notórios que vão ao cinema por motivos menos recomendáveis.

Cotação moral: Prejudicial.

O MORTO VENCEU

(Gun Battle at Monterey). 1957. Allied Artists. Dir.: Carl K. Hittleman. Com Sterling Hayden, Pamela Duncan, Ted de Corsia, Mary Beth e outros.

"Western" sôbre o qual nada sabemos, além da ficha técnica apresentada acima e da cotação moral apresentada pela Censura Oficial — 14 anos. No mais, esperamos o tiroteio para depois completarmos a ficha.

COTAÇÃO MORAL

Os critérios de cotação moral adotados em A TÔRRE DE MARFIM deverão obedecer às seguintes interpretações:

PARA TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

MENOS PARA CRIANÇAS — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

PARA ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

PARA ADULTOS COM RESERVA — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuimos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

A MARCA DA MALDADE

(Touch of Evil). 1957. Universal-International. Dir.: Orson Welles. Com Orson Welles, Charlton Heston, Akim Tamiroff, Janet Leigh e outros. Música de Henry Mancini.

Trabalho notável pelo gênio tão conhecido de Orson Welles veterano do Cinema bem feito. Tudo aquilo que caracteriza as obras de Welles aparece novamente em **Touch of Evil** — uma apresentação marcante dos tipos em jôgo por intérpretes que foram escolhidos a dedo (como sempre o faz Welles). Joseph Calleia (**Argélia**) aparece como sempre bem.

Moralmente, o filme encerra violência e um ambiente corrupto que nos levam a uma

Cotação moral: Para adultos.

TODOS PODEM ME MATAR

(Touts pouvent me tuer). 1957. Produção francêsa distribuída pela Globe-Real Filmes. Dir.: Henri Decoin. Com André Versini, Peter Van Eick, François Périer, Anouk Aimé, Eleonora Rossi Drago e outros.

Policial francês que promete muito de início, deixando o público na expectativa de um novo ou semelhante "Rififi". O tom decái, entretanto, logo após os primeiros momentos de bom cinema. Salva a linha geral do filme, evitando que êste se transforme numa película comum, a presença de bons artistas que, de fato, ainda aqui apresentam seu reconhecido talento. Moralmente, esta produção merece restrições para o grande público, devido à apresentação de situações no desenrolar da história argumental que por serem amorais mereceriam, ao menos, uma crítica do próprio filme.

Cotação moral: Para adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Av. dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Av. dos Andradas, 23 — Fone 4888

Vale a pena ver:

DOZE HOMENS E UMA SENTENÇA

(Twelve angry men). 1956. Distr. da United Artists. Dir. Sidney Lumet. Com Henry Fonda, Lee J. Cobb, E. G. Marshall, Edward Burns e outros.

Um bom filme que, de certa forma, lembra os filmes de André Cayatte, se bem que neste se apresente uma tese completa e não se lance um libelo à apreciação dos espectadores como nos filmes de Cayatte.

Tratando do delicado problema da preparação moral e humana dos jurados, TWELVE ANGRY MEN, tem momentos de verdadeiro "bom cinema" sendo mesmo òtimamente dirigido. Aliás, ao que se sabe, seu diretor atuou primeiramente no mesmo papel técnico em estúdios de televisão. Talvez, por êste mesmo motivo, alguns julgarão de início ser um teatro filmado. Mas com o desenrolar da película, poder-se-á notar que a adaptação cinematográfica de Lumet já foi consideràvelmente realizada.

Assunto que agradará o público adulto, mas que não é inconveniente para adolescentes.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

(For Whom the Bell tolls). Produção americana. Dir. Sam Wood. Com Gary Cooper, Ingrid Bergman e outros.

Uma rèprise agradável de um bom filme de alguns anos atrás, baseado numa peça de Ernest Hemingway, um velho fornecedor de assuntos para o Cinema.

O filme agradará a quem não o conhece ainda e não deixará de provocar saudades ao "fan-club" do Gary Cooper (bem mocinho). Moralmente, certas violências e uma ligação ilícita ou não explicada suficientemente merecem reservas.

Cotação moral: Para adultos.

Quem se diz bom católico e dá apoio a filmes imorais, mente.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação
livros religiosos
bons romances
artigos para presentes
artigos religiosos, para altares e igrejas.

Galeria Central, 7
Fone 5978 — Juiz de Fora

Um bom filme, que agradará aos apreciadores de "westerns":

O HOMEM DE OLHOS FRIOS

(The Tin Star). Paramount. Dir. Anthony Mann. Com Henry Fonda, Anthony Perkins, Betsy Palmer, Michel Ray e outros.

Obra de indubitável valor cinematográfico (só não chega a ser excepcional pela brutalidade excessiva do argumento) que foi dirigida pelo continuador da inspiração de John Ford na trilha dos "westerns". Como nos filmes daquele grande diretor cinematográfico, também em "The Tin Star", podemos ver o homem do oeste integrado totalmente na paisagem em que vive, que funciona em seu favor e influência. Boas composições fotográficas, boa música (Elmer Bernstein), boa interpretação central (Henry Fonda — um dos preferidos de John Ford) e coadjuvante. Moralmente, é claro, há que se reservar o filme para público adulto pela história de circunstâncias pesadas (brutalidades) que relata.

Cotação moral: Para adultos.

TARDE DEMAIS PARA ESQUECER

(An Affair to remember). 1957. Da Fox. Dir.: Leo McCarey. Com Cary Grant, Deborah Kerr e outros.

Será que algum frequentador das salas de projeção cinematográfica ainda não viu êste açucarado coquetel de finzinho bem arranjado? Aproveite a oportunidade, porque, afinal, o filme tem lá suas inegáveis qualidades como... Bem. Não percamos tempo. Perguntem por ai que todo mundo já sabe!

Cotação moral: Para todos.

★

ESTRANHA COMPULSÃO

(Compulsion). 1958. Da Fox. Dir.: Richard Fleischer. Com Orson Welles, Bradford Dillman, Dean Stockwell e outros.

Um bom filme que é reapresentado ao público de Juiz de Fora. Forte e angustiante em seu conteúdo todo impregnado de indiscutível fôrça dramática, esta produção americana traz ainda como nota positiva uma bela mensagem de compreensão, amor e compaixão com bases na moral cristã. Seu argumento e alguns tópicos de sua apresentação restringem-no, entretanto a platéias mais amadurecidas.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

GUENDALINA

(Guendalina). Art. Dir.: Alberto Lattuada. Com Jacqueline Sussard, Fafaelo Mattioli, Raf Valone e outros.

Espetáculo reservado a público adulto exclusivamente, longe está de se submeter à Censura Oficial (a eterna ceguinha) que lhe deu proibição apenas para menores de 10 anos. Fracasso artístico de Lattuada.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

Indo assistir a um filme não deixe de rezar um PAI NOSSO frisando as palavras "e não nos deixeis cair em tentação"!

O FORTE DO MASSACRE

(Fort Massacre). United Artists. Dir.: Joseph M. Newman. Com Joel Mc Crea e outros.

"Western" modesto e despretencioso contando aventuras de um sargento de cavalaria norte-americano inimigo mortal dos pele-vermelhas. Há a tradicional dizimação completa (sempre sobram alguns para o próximo filme) dos pele-vermelhas com aquelas flexas de fogo, fumacinhas convencionais, etc., etc. Aceitável a quem gosta do tipo de filme. A Censura Oficial apresentou "proibido até 14 anos".

★

OS TRÊS MOSQUETEIROS

(Los tres mosquetieros). Produção mexicana. Dir. Miguel Delgado. Com Cantinflas.

Mais uma exibição da paródia, interpretada por Cantinflas, à obra célebre do romantismo francês. Nada de novo neste filme para quem já conhece Cantinflas. Moralmente, há que se restringir uma que outra cena ao público em geral, que entretanto não chegam a prejudicar o todo.

Cotação moral: Para todos.

★

SISSI

(SISSI). *Erma Filme. Dir.: Ernest Marischka. Com Romy Schneider, Karl Heins Boehm e outros.*

Não sei se muitos irão ver Sissi. O certo é que a Companhia Central de Diversões conhece bem a preferência do grande público, da gente de cinema. Mais uma vez, portanto, SISSI será comentário de não sei quantos que verão esta obra de Ernest Marischka.

Nossa cotação moral, já justificada, é - Para adultos.

Quem ama a Deus e a Igreja, não apóia filmes perniciosos.

CIGANA ESPANHOLA

(Spanish Affair). 1958. Paramount. Dir.: Donald Siegel. Com Carmen Sevilha, Richard Kiley e outros.

O folclore espanhol aparece em **Spanish Affair** desculpado por uma històriazinha muito velha de rivalidades entre dois ferra-brazas por causa de uma cigana convencional ao enrêdo. Mais um da série "fracota".

Cotação moral: Menos para crianças.

★

MERGULHADOR FANTASMA

(Ghost Diver). Da Regal, Distr. da Fox. Dir.: Richar Einfeld e Merril G. White. Com James Craig, Audrey Totter, Nico Minardos e outros.

Eis aí uma fitinha de mau gôsto, no conceito dos mais variados comentaristas cinematográficos que justamente lamentam ter o público que aturar por vêzes tanta falta de arte e bom gôsto de uma só vez. Em resumo é um filme de aventuras em tôrno de um tesouro escondido com todos os esperados acontecimentos. Não é qualquer um que aguenta ficar até o fim. Experimentem se quiserem...

Cotação moral: Para adultos.

★

A COBIÇA

(Une Manche et la Belle). Produção francêsa de 1957. Dir. Henri Verneuil. Com Isa Miranda, Henri Vidal, Mylene Demongeot e outros.

Filme razoável como realização cinematográfica, devido à direção relativamente aceitável. Quanto ao enrêdo, não passa de mais um da série negra policialesca francêsa (crimes meditados, sexo, violências etc.).

Moralmente, o filme apresenta os inconvenientes já apontados donde sua

Cotação moral: Para adultos com reserva.

A MAIS LINDA VEDETTE

(Futures Vedettes). 1954. Condor. Dir. Marc Allégret coadj. por Roger Vadim. Com Brigitte Bardot, Isabelle Pia, Micha Auer e outros.

Filme tôlo e vazio que não deveria receber acolhida em boas salas de projeção. Afinal, não é fácil fazer comédias boas sem sensualismo, nudismo e quejandos para certos diretores (?), mas é facílimo para outros (Chaplin, por exemplo). Respondam as consciências. Quanto ao filme em questão... é melhor esperar outra oportunidade para ir ao cinema.

Cotação moral: Condenado.

★

DIANA, A CAÇADORA

(La Diana Cazadora). Pelmex. Dir. Tito Davison. Com Ana Maria Peluffo, Armando Calvo, Roberto Canedo e outros.

Quem não quiser gastar dinheiro, tempo e — muito mais que isto tudo — quem não quiser acanalhar moralmente, deixe de ver êste filmezinho mexicano que a Pelmex em lugar de "presentar con orgullo" deveria sim "presentar sin vergoña".

Artisticamente (?), não passa de mais um dramalhão mal interpretado (Que série mexicana que não acaba mais! Arre!). Moralmente, falsa idéia do matrimônio, sensualismo, suicídio, nudismo etc.

Cotação moral: Condenado.

★

COSTELA DO DIABO

(An Alligator Named Daisy). 1955. Rank. Dir.: J. Lee Thompson. Com Donald Sinden, Jean Carson, Diane Dors e outros.

Comédia musical sem grandes pretensões narrando as trapalhadas vividas por um rapaz responsável por um jacaré. Razoável e sem grandes senões.

Cotação moral: Para todos.

O CONTEÚDO MORAL DE UMA PELÍCULA É CONDIÇÃO INTRÍNSECA PARA QUE A OBRA CINEMATOGRÁFICA ALCANCE DIGNIDADE ARTÍSTICA.

RECRUTAS E ENXUTAS

(A Private's Affair). Da Fox. Dir.: Raoul Walsh. Com Christine Carrere, Sal Mineo e outros.

Filmezinho convencional que não traz nada de novo com seu enrêdo bem banalizado e bem conhecido. Falta originalidade sem dúvida alguma. Moralmente, traz o reprovável de cenas insinuantes e diálogos dúbios.

Cotação moral: Para adultos.

★

TUDO AZUL

Filme nacional que mostra nada estar azul no panorama de nosso cinema. Ou será que brasileiro só dá para carnaval, isto é para chanchadas inqualificáveis.

Guardem-se as pessoas de bom gôsto de mais esta demonstração de mau gôsto e vazio que anda na cachola de alguns tubarões ousados de nosso cinema brasileiro. Moralmente, nem se diga mais nada.

Cotação moral: Prejudicial.

Livraria Viviani

Eduardo Viviani

LIVRARIA - PAPELARIA

Compre para você
ou para presente

"A noite será como dia"
(Autos e poesias sôbre Natal)
de
D. Marcos Barbosa O. S. B.
o festejado autor de
"A Tarde Sagrada"

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

A DOCE AURORA DA VIDA

(The Sad Horse). 1959. Distr. da Fox. Dir. James B. Clark. Com David Ladd, Chill Wills, Patrice Wymore e outros.

Aventura infantil com uma historieta bem simples e sem mais pretensões senão distrair e agradar, não deixando de apresentar como positivo uma lição de generosidade. Artisticamente, The Sad Horse não traz novidades sendo moralmente liberável a qualquer público.

Cotação moral: Para todos.

★

TARZAN E A TRIBO NAGASU

(Trazan's Fight for Life).

Em comparação com a série enorme de filmes sôbre o mesmo herói, êste é bem fraquinho. Afinal, Johnny Weismuller, sim, que era "tarzan" no duro. Nadava e pulava no ar como ninguém. O que vemos aqui (Elmo Lincoln) é um "tarzan" comodista que não se sente muito à vontade nas selvas. Por incrível que pareça, meu povo, até os filmes de "tarzan" estão sendo falsificados.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

MERCADOR DE ALMAS

(The Long Hot Summer). 1958. Fox. Dir.: Martin Ritt. Com Paul Newman, Joanne Woodward, Orson Welles, Anthony Franciosa e outros.

Filme que narra o despotismo de um latifundiário às margens do Mississipi. Ritmo fluente, sem virtuosismo, bem cinematográfico. Episódios e diálogos crus, e por vêzes, um clima depressivo.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

POR AMOR TAMBÉM SE MATA

(The Gypsy and the Gentleman). Produção inglêsa. Dir. Joseph Losey. Com Melina Mercouri, Flora Robson, Keith Michel e outros.

Melodrama medíocre que não merece atenção do público com um enrêdo muito "manjado" e que não traz nenhuma novidade, apesar do bom trabalho da câmera dirigida por Losey.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

EMBOSCADA HERÓICA

(Quantrill's Raiders). 1958. Allied Artists. Dir.: Edward Bernds. Com Steve Cochran, Leo Gordon, Diane Brewster e outros .

Grande mocinhada na Guerra da Secessão. Quem já viu um filme do tipo mocinho valentão sôbre a Guerra Civil tão explorada por Hollywood já assistiu a todos. No mais, só mudam mesmo as caras. O pior é que as falhas morais continuam. Homens da lei e homens fora da lei em mesmo pé de igualdade. Parece que só mesmo tiro e sôco é que falam alto e têm valor. Será que, para o futuro, alguém deixará as chanchadas carnavalescas e enveredará pelo ingênuo campo das guerras civis da nossa pátria amada idolatrada? Precavenham-se já contra o abuso do tema.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

MISSÃO AUDACIOSA

(Escort West). 1958. Da United Artists. Dir.: Francis D. Lyon. Com Victor Mature, Elaine Stuart, Faith Doumergue e outros.

"Western" que se aproveita, como outros já fizeram, da matéria rica e por vêzes aumentada dos tempos após a Guerra de Secessão dos Estados Unidos da América do Norte. O enrêdo com seus perigos por que tem que passar o "mocinho" não traz grandes novidades. Há uma sequência evidente de lugares comuns ao gênero. A interpretação de Victor Mature está bem inferior à apresentada em outros filmes.

Cotação moral: Para adultos.

JOALHERIA

Windsor

PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

★

LEVIANA INOCENTE

(Die Halbzarte). 1958. Cosmopol. Dir.: Rolf Thiele. Com Romy Schneider, Carlos Thompson, Magda Schneider, Joseph Meinrad e outros.

O presente filme narra uma história bem duvidosa de uma jovem comerciária de aspirações literárias que se envereda pelo campo falso da literatura pornográfica e picante, o que lhe traz não poucas trapalhadas. Além do sofisma "o fim justifica os meios" (pois a conduta da jovem literata é irrepreensível e as obras são de tal teor só para obterem êxito), o filme traz idéias falsas sôbre o julgamento humano (entre os maus só se vence com o mal), além de dar destaque às imoralidades sugeridas pelos livros malsãos de Nicole (êste o nome da literata — Romy Schneider).

Cotação moral: Condenado.

A LEI DOS CRÁPULAS

(La Legge). 1959. Titanus. Dir.: Jules Dassin. Com Gina Lollobrigida, Yves Montand, Pierre Brasseur, Marcello Mastroiani, Paolo Stoppa, Melina Mercouri e outros. Música de Roman Vlad.

Jules Dassin que já apresentou ótimos trabalhos cinematográficos, como Aquêle que deve morrer e Cidade nua, infelizmente não conseguiu dar equilíbrio dramático a êste La Legge. O que resulta de tal falha é uma apresentação um tanto confusa de quadros soltos, valorizados apenas pela fotografia sem retoques, na maioria das vêzes.

Moralmente, o filme apresenta senões graves como sensualidade, exageros eróticos tudo num ambiente imoral e baixamente selvagem. Não houve preocupação em mostrar aptidão para o Bem nos personagens. Deus está aí pèssimamente definido.

Cotação moral: Condenado.

O DIÁRIO DE ANA FRANK

(The Diary of Anne Frank). 1959. Da Fox. Dir.: George Stevens. Com Millie Perkins, Joseph Schildkraut, Shelley Winters e outros.

O assunto de difícil adaptação cinematográfica não conseguiu obter esta mesma adaptação nas mãos de seu diretor, George Stevens, afinal, êste mesmo Stevens que já havia apresentado alguma coisa, em "Shane" e "A Place in the Sun". Do fato apontado resulta a natural monotonia que qualifica bem êste pretencioso filme que, assim mesmo, chega a ter uns poucos e curtos momentos de boa fotografia e composição cinematográfica. Sua interpretação bem falha concorre para seu pouco valor.

Cotação moral: Para adultos.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA

CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

AMANTES EM FÉRIAS

(Holiday for lovers). Produção americana distribuida pela Fox. Dir. Henry Levin. Com Clifton Webb, Jane Wyman, Gill Saint-John, Paul Henreid e outros.

Um enrêdo que não convence muito é pretexto para uma viagem de uma família americana pelo Brasil (São Paulo e outras cidades) e pelo Peru com todos os acontecimentos e tópicos característicos aos lugares visados. Tècnicamente, salva-se a ótima fotografia colorida. Moralmente, é uma trama inconsistente em que não há senso algum de responsabilidade, mas onde tudo vai acontecendo e se ajeitando da maneira mais fácil (menos incômoda) possível. Algumas liberdades.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

ARCO DO TRIUNFO

(Arch of Triumph). Metro. Dir. Lewis Milestone baseado em obra de Erich Marie Remarque. Com Ingrid Bergman, Charles Boyer, Charles Laughton e outros.

Novamente Milestone se baseia em obra de Remarque para apresentar um filme que, entretanto, não se enquadra em identidade com **Sem Novidades no Front.** Aqui, focaliza-se o tempo imediato antes da guerra de 1939 em Paris e, neste ambiente, o romance de um médico alemão refugiado com uma italiana de condição pobre e a solução de um caso antigo com um compatriota antigo perseguidor.

Interpretações relativamente boas apesar do abuso de diálogos e mimica. O assunto e o ambiente, entretanto, já foram muito explorados. Não há novidades. Tudo se percebe e se prevê.

Moralmente temos senões bem graves: amor livre como tema central, sentimento de ódio e de vingança, falsidades de caráter, fatalismo.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

COTAÇÃO MORAL

Os critérios de cotação moral adotados em A TÔRRE DE MARFIM deverão obedecer às seguintes interpretações:

PARA TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

MENOS PARA CRIANÇAS — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

PARA ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

PARA ADULTOS COM RESERVA — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuimos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

A GRANDE CRUZADA

(Gerusalemme Liberata). Art. Dir. C. L. Bragaglia.

Episódio das Cruzadas num espetáculo cansativo, longo, arrastado e artificial. O assunto tão rico foi totalmente desperdiçado Cenas brutais e uma dança contraindicam o filme a público infantil.

E aqui vai a piada da crítica de J. S — Francisco Rabal e Rick Bataglia, os dois artistas centrais, são "dois bisonhos cavaleiros medievais um pouco espantados com a câmera".

Cotação moral: Menos para crianças.

Carlitos impressiona não só pelo seu tipo inconfundivel de vagabundo que não se conforma com certas imposições (a máquina, por exemplo) mas, principalmente, pelas mensagens que desperta nas entrelinhas das grandes obras de seu criador — Charles Chaplin.



LAVADEIRAS DE PORTUGAL

(Les Lavandieres du Portugal). 1958. Produção francêsa. Dir.: Pierre Gaspard-Huit. Com Jean Claude Pascal, Anne Vernon, Paquita Rico, Darry Cowl e outros.

Comédia de certa vivacidade interpretada por bons atores francêses. Os trechos em que aparece o colorido das paisagens e dos costumes de Portugal são os melhores. Algumas escabrosidades levam-nos à seguinte

Cotação moral: Para adultos.

A LEI DO OESTE

(Ride Out for Revenge). Dir. Barney Girard. Com Frank de Kova, Lloyd Bridges, Rory Calhoun e outros.

Mais um "western" apenas com sua costumeira rotina. Indios e indias (Gloria Grahane e Joanne Gilbert disputam o trono do amor) como sempre aparecem devidamente mal caracterizados, isto é "standartizados". Assista quem quiser. Quem tiver bom gôsto, não perca tempo.

Cotação moral: Para todos.

ARROZ MALDITO

(La Risaia). Art. Dir.: Rafaello Mattarazzo. Com Ela Martinelli, Michel Auclair, Folco Lulli, Rick Balaglia e outros.

Filme que já andou nas telas de Juiz de Fora no mês de julho próximo passado e que recebeu severas criticas e reprovações quanto à sua parte técnica e artistica por Otávio Bonfim, um dos bons comentaristas cinematográficos que possuimos. Moralmente, apresenta sérios senões. Em resumo, mais um fracasso do claudicante Rafaello Mattarazzo.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

LONDRES CHAMA PELO NORTE

(Londra chiama Polo Norte). 1957. Dir.: Duilio Coletti. Com Dwan Addams, Curd Jurgens, Folco Lulli e outros.

Filme de enrêdo interessante que prende o expectador durante todo o tempo. Interpretações boas e ótimos trabalhos fotográficos. Além de tais qualidades técnicas, o filme traz mensagens de um patriotismo moderado e sadio aliado ao espírito de sacrifício. A nossa cotação, reservando o filme a uma parte do público, se prende a algumas cenas e às violências, além da tentativa de suicídio.

Cotação moral: Para adultos.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

No EXCÉLSIOR

1	Missão Audaciosa (pág. 11)	*Para adultos*
4	O Diário de Ana Frank (pág. 12)	*Para adultos*
7	Mergulhador Fantasma (pág. 9)	*Para adultos*
9	Todos podem me matar (pág. 6)	*Para adultos*
11	Tempos Modernos (pág. 4)	*Para todos*
14	Estranha Compulsão (pág. 8)	*Para adultos com reserva*
15	Tarde demais para esquecer (pág. 8)	*Para todos*
16	Recrutas e Enxutas (pág. 10)	*Para adultos*
18	Lola Montez (pág. 2)	*Prejudicial*
21	A Doce Aurora da Vida (pág. 10)	*Para todos*
23	Tormento de uma Paixão	*(?)*
25	O Anjo Azul	*Para adultos com reserva*
28	Prazeres de Paris (pág. 5)	*Condenado*
30	A leviana inocente (pág. 11)	*Condenado*

Saiba gostar de Cinema lendo

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — GALERIA CENTRAL, 7

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

ORIENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Filmes do Mês

Março — Juiz de Fora

No Central

2	Diana a Caçadora (pág. 9)	*Condenado*
4	O Homem dos Olhos Frios (pág. 7)	*Para adultos*
7	A mais linda vedette (pág. 9)	*Condenado*
9	Doze Homens e uma Sentença (pág. 7)	*Menos para crianças*
11	A Lei dos Crápulas (pág. 12)	*Condenado*
14	Os Três Mosqueteiros (pág. 8)	*Para todos*
16	Por amor também se mata (pág. 11)	*Para adultos com reserva*
18	Terras Bravias (pág. 13)	*Para adultos*
21	A filha do médico e o monstro (pág. 13)	*Para adultos*
23	Minervina vem aí (pág. 13)	*Para todos*
25	Por quem os sinos dobram (pág. 7)	*Para adultos*
30	Sem Saída	*Para adultos*

No Pálace

1	A Cobiça (pág. 9)	*Para adultos com reserva*
3	O Mercador de Almas (pág. 10)	*Para adultos com reserva*
5	Lavadeiras de Portugal (pág. 14)	*Para adultos*
8	Tudo Azul (pág. 10)	*Prejudicial*
10	Assassinato em Montmartre (pág. 13)	*Para adultos com reserva*
12	Cigana Espanhola (pág. 9)	*Menos para crianças*
14	O diabo, a carne e o mundo (pág. 13)	*Para adultos*
16	O Macaco Mágico	*Para adultos*
19	A Marca da Maldade (pág. 6)	*Para adultos*
22	A Costela do Diabo (pág. 9)	*Para todos*
24	O Segrêdo da Irmã Ângela (pág. 13)	*Para adultos*
26	Mesmo assim eu te amo	*Para adultos*
31	Liane (pág. 5)	*Prejudicial*

No São Luiz

1	Guendalina (pág. 8)	*Para adultos com reserva*
3	Tarzan e a tribo Nagazu (pág. 10)	*Menos para crianças*
5	Emboscada Heróica (pág. 11)	*Menos para crianças*
8	O Forte do Massacre (pág. 8)	*14 anos (Censura Oficial)*
10	O morto venceu (pág. 5)	*14 anos (Censura Oficial)*
12	Doze Homens e uma Sentença (pág. 7)	*Menos para crianças*
15	O Melhor Gatilho	*(?)*
17	Sissi (pág. 8)	*Para adultos*
19	Arroz Maldito (pág. 15)	*Para adultos com reserva*
22	Por amor também se mata (pág. 11)	*Para adultos com reserva*
24	Londres chama polo norte (pág. 15)	*Para adultos*
26	Minervina vem aí (pág. 13)	*Para todos*
29	A Lei do Oeste (pág. 14)	*Para todos*
31	Irmão contra Irmão	*Para adultos com reserva*



Academia de Comércio

Ano XI
N.º 78

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Abril de 1960 Juiz de Fora — Minas

MINERVINA VEM Aí

Filme nacional de 1958. Dir. Eurides Ramos. Com Dercy Gonçalves, Zézé Macedo, Norma Blum e outros.

Um teatro filmado sem qualquer pretensão a cinema. História bem interessante que certamente agradará. Interpretações razoáveis pelo tom teatral de tôdas, excetuada a de Norma Blum.

Cotação moral: Para todos.

★ II

O DIABO, A CARNE E O MUNDO

(End of the World — The World, the Flesh and the Devil). 1959. Prod. Sol C. Siegel distr. p/ Metro. Dir.: Ronald Mac Dougall. Com Harry Belafonte, Inger Stevens e Mel Ferrer.

Um novo tipo de **"science fiction".** O que seria após o fim do mundo por causa da bomba atômica? O homem é apresentado aqui com tôda sua preocupação de ser social mas com seus preconceitos, também. O triângulo aqui é eletrizado pelo preconceito racista (um pretendente é branco e o outro negro). Afinal, nada de novo, após os primeiros momentos mais alucinantes. O público impaciente espera o fim, mais ou menos, suposto.

Cotação moral: Para adultos.

★ II

TERRAS BRAVIAS

(Robbery under Arms). 1958. Produção inglêsa. Dir. Jack Lee. Com Peter Finch, Ronald Lewis, Maureen Swanson e outros.

Um "western" vivido na Austrália — poderia ser a expressão exata para descrever em poucas palavras ROBBERY UNDER ARMS. Episódios interessantes que despertam bem a atenção. Moralmente, tem lá suas lições, mas é assunto para uma parte do público mais amadurecida.

Cotação moral: Para adultos.

ASSASSINATO EM MONTMARTRE

(Meurte a Montmartre). Produção francêsa. Dir. Giles Grangier. Com Michel Auclair, Paul Frankeur e outros.

Drama sem suspense (necessário no caso) que com tipos estereotipados procura em passagens, por vêzes ridículas, apresentar os passos de um homem que se tornou criminoso, procurando em parte desculpá-lo.

Cotação moral: Para adultos com reserva.

★ II

O SEGRÊDO DA IRMÃ ÂNGELA

(Le Secret de Soeur Angele). 1956. Produção franco-italiana. Dir.: Leo Joannon .Com Sophie Desmarets, Raf Vallone e outros.

Filme bem dirigido pelo responsável da direção de **Le Defroqué,** que entretanto não chega a alcançar o pôsto daquele citado grande filme. A dramaticidade de algumas cenas é bem grande e o diretor consegue arranjar tudo de maneira satisfatória, apesar de lidar com um tema raro e difícil. Chega a interessar. O assunto, entretanto, é para público adulto.

Cotação moral: Para adultos .

★ II

A FILHA DO MÉDICO

(Daughter of Dr. Jekyll). 1957. Allied Artists. Dir.: Edgar G. Ulmer. Com John Agar, Gloria Talbott, Arthur Shields e outros.

Filme do gênero "fantasmas em ação" que segundo os entendidos é mais um achado na série "Dr. Jekyll" que escrito em 1885 foi estreiado no Cinema em 1910. Agora, continuando a linhagem fantasma, temos a *"Filha do Dr. Jekyll"* (já houve o filho do mesmo médico-monstro). Esperemos pacientemente a apresentação de tôda a família...

O presente filme poderia ser bom artìsticamente, não fôsse a interpretação bem fraca dos principais artistas. Moralmente é restrito.

Cotação moral: Para adultos.

Expediente:

A TORRE DE MARFIM

Diretor:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

Redator-chefe:

José Francisco Simões

Secretário:

Ronaldo Barral de Senna

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179
Caixa Postal 160
Fone: 1249
JUIZ DE FORA/MG.

Assinatura anual:
(10 números) Cr$ 50,00

Venda avulsa
Exemplar Cr$ 5,00

Número atrasado
Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Joselito, Jimenez, o tão ouvido menino-cantor da Espanha e que já esteve no Brasil, poderá ser apreciado pelo público em "Saeta, o Canto do Rouxinol", um filme que tem todo o sabor da infância. (Clichê obtido de uma fotografia gentilmente cedida pelo Snr. Luiz Gonzaga Malta da Cia. Central de Diversões).

Aviso

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TORRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir:

* **Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família)**
* **Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.**
* **Publicação da Ação Social Diocesana -**
* **Secções de Cinema dos seguintes jornais: O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Commercio (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).**
* **Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).**
* **Revista de Cinema (Belo Horizonte).**
* **Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.**

Caso lançarmos mão de outras fontes de consulta, nomearemos as mesmas oportunamente.

A DIRETORIA

Editorial

Nossa revista tem a grata obrigação e a feliz oportunidade de vir fazer, na primeira página dêste número, um agradecimento muito grande a dois colaboradores a quem muitos benefícios deve.

Padre Álvaro Regazzi foi um "fac totum" em nossa revista. Não poupou cansaço nem mesmo horas de descanso em todo tempo de sua gestão como Diretor-responsável de "A Tôrre de Marfim". Entusiasta, progressista, esforçado, bom amigo, melhor conselheiro, serviçal e prestativo ajudou muitíssimo esta revista e é mesmo responsável ainda pelo lugar que passou a gozar na aceitação dos seus leitores. Basta lembrar, dentre muitas inovações que trouxe, a mais importante: uma fórmula que possibilitasse a impressão mais rápida e consequente publicação dêste informativo cinematográfico antes — na medida do possível — do mês da programação nêle comentada. Sabemos que uma das operações desta fórmula (sem dúvida, a principal) era a tenacidade de trabalho do Padre Álvaro, uma qualidade tão característica que ninguém a desconhecia. "Um homem ativo" como costumamos dizer.

Professor Murilio de Avellar Hingel tem seu nome ligado à própria fundação desta revista em setembro de 1951. Naquele tempo, em forma mimiografada, muitas vêzes a revista foi totalmente confeccionada por êle em horas e oportunidades que só mesmo a dedicação e a boa vontade podem arranjar, pois que eram horas de lazer e oportunidades de descanso. Conhecedor bem lido em assuntos cinematológicos, possuindo mesmo preciosa biblioteca especializada no assunto, pontificou com segurança e autoridade, opinião formada e precisão de conceitos, num dos postos diretivos de "A Tôrre de Marfim" que lhe deve, pelo mesmo motivo, e ainda, pela sua qualidade de bom amigo sempre disposto a servir, reconhecido agradecimento.

Aos leitores apontamos de público êstes nomes porque, é certo, a revista é mais dos leitores do que nossa e, por êste mesmo motivo, são os próprios leitores que necessitam saber a quem agradecer o bem que nossos informativos certamente lhes têm feito.

★

AGRADECIMENTO

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos srs. Gerentes.

A DIRETORIA

NOITES DE CABÍRIA

Um filme que honra o cinema italiano e recebeu menção honrosa do OCIC:

(Notti di Cabiria). Produção italiana distribuida pela Paramount. Dir. Federico Fellini. Com Giulietta Masina, François Perier, Franca Marzi, Dorian Grey, Amadeo Nazzari e outros.

Federico Fellini, o homem dos filmes sem opinião, aparece novamente com êste delicado e profundo (como sempre) **Notti di Cabiria**. E como sempre fêz (Na Estrada da Vida, A Trapaça), repete aqui o mesmo: apresenta os quadros da melhor maneira possivel em detalhes expressivos. Depois... o espectador que opine, discuta, conclua, deduza.

Os quadros apresentados por Fellini neste filme são os da vida humilhante de uma mulher de má condição moral, ainda jovem (Giulietta Masina) que, apesar desta sorte que lhe calhou, conservou-se pura em seus sentimentos, pois confia e espera, crê nos homens e em Deus.

Inferior, talvez, aos dois filmes citados do mesmo Fellini (Na Estrada da Vida e Trapaça), é ainda, entretanto, um filme de Fellini, isto quer dizer: recebeu todo o tratamento estudado de um entendido da sétima arte (apesar de mal aceito por alguns que não o compreendem devido às suas concessões no campo religioso, talvez preferindo-o materialista — o que sempre mostra não ser, muito pelo contrário). É justamente o lado espiritual que brota sensivelmente do fundo de suas obras, que as tornam grandes não só moral como artisticamente, possibilitando-lhe elipses de rara beleza cênica.

O **OCIC**, organização católica francesa que aprecia os filmes do cinema internacional, concedeu **menção honrosa** a esta obra de Federico Fellini.

É claro que o assunto, sua apresentação e até sua forma cinematológica se destinam a público adulto de sólida formação moral e de boa experiência cinematográfica.

Cotação moral: Para adultos com reserva.



Em ESTRADA DA VIDA, apareceu para o público a figura de Giulietta Masina, dirigida hàbilmente por Federico Fellini, numa forma que impressionou vivamente os aficionados da sétima arte. A mesma Giulietta Masina, reapareceu naquele notável A TRAPAÇA (novamente com Richard Basehart, outro expoente do bom Cinema). Teremos agora nova oportunidade de apreciar a mesma artista sob a orientação do mesmo diretor num filme que sem dúvida ficará celebrizado como O FILME DO MÊS.

CUMPRE PUBLICAR

Queremos que seja dado a público o agradecimento de A TÔRRE DE MARFIM ao Padre Aloísio Joergler que, em meticulosa e cansativa tarefa, auxiliado por alguns dos Candidatos a Irmãos da Congregação do Verbo Divino, se entregou ao importante mister de reorganizar e completar nossos fichários — base de consulta desta revista.

A DIRETORIA

O QUE OS PAIS DESCONHECEM

(Blue Jeans). Produção americana. Dir. Philip Dunne. Com Carol Lynley, Brandon de Wilde, Warren Berlinger, Marsha Hunt e outros.

O espectador adulto realmente preocupado com os problemas sociais e psicológicos da falida educação tradicionalista (cheia de mistérios e segredos) assistirá com interêsse "Blue Jeans". Seu tema central é a distância criada pelo citado tradicionalismo entre dois jovens quase pais (indevidamente) e seus próprios pais. Dêste tema central provêm várias pequenas incursões em temas correlatos: comodismo social, desorientação da juventude, desamparo da juventude, irresponsabilidade paterna. Apesar de, em quase todo seu entrecho, haver uma descambada infeliz para o melodrama, êste filme tem qualidades bem marcadas em sua técnica – decoração, fotografia e fundo musical, a par de boa interpretação de Carol Lynley, a mocinha do enrêdo.

Moralmente, a obra não conseguiu atingir a perfeição devido a certas lacunas que não conseguiu preencher e que resultam num desfêcho final incompleto apesar de gostosamente agradável.

Nossa opinião é que, se o Cinema bem orientado se aproveitasse mais dêstes temas, talvez se pudesse fazer mais para um sem número de lares, em que a vida dos pais longe está de se incomodar com a vida dos filhos e com os reais problemas de sua juventude impetuosa e sempre ameaçada.

Cotação moral: Para adultos.

O PEQUENO POLEGAR

(Tom Thumb). Metro. 1958, Dir. George Pal. Baseado num conto dos Irmãos Grimm. Com Russ Tamblyn, Alan Young e outros.

Quando êste filme foi apresentado em Juiz de Fora no ano passado, pudemos ver uma fila de sessão das 19,30 (sem menores) que para entrar no Pálace começava na esquina da rua São João com a rua Batista de Oliveira. O episódio, provàvelmente, re repetirá. Agora, em outro aspecto, pois o filme está programado para o São Luís.

Não há dúvida, a história que todos conhecem é bem agradável e atrai até os marmanjos para alguns momentos de fantasia, de ambiente poético, de divertimento despretencioso mas oportuno.

George Pal, especializado em filmes com marionetes, conseguiu fazer um bom trabalho ajudado pela boa fotografia de Perinal. Há bons momentos cênicos e trechos bem engraçados. Mas, certamente ,o "Yowning Man" sòzinho vale um espetáculo. Cuidado para não bocejar.

Cotação moral: Para todos.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

NOITES NO PAPAGAIO VERDE

(Nachts im Grünen Kakadu). Da Real Film. 1957. Dir. Georg Jacoby. Com Marika Rokk, Dieter Borsche, Renate Ewert, Gunnar Moller e outros.

O presente filme, com uma histôriazinha bem arranjada de uma diretora de escola de dança que se torna proprietária de um clube noturno, apesar de não ter quase nada ou nada de Cinema, é entretanto um bom pretexto para serem apresentadas as reais habilidades da protagonista central, Marika Rokk, não só como cantora, mas ainda como exímia em várias danças e interpretação de instrumentos variados.

Moralmente, além de certa liberdade de trajes e de algumas danças vulgares, o filme que tem o lado bom de ridicularizar os clubes noturnos cria séria dúvida quanto à real sinceridade do personagem central que, enfim, contrariando seus próprios ideais, envereda por becos desconhecidos só com o intúito material de salvar um parente da falência.

Cotação moral: Para adultos.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

A MARCA DO GAVIÃO

(The Mark of the Hawk). Produção americana. 1958. Dir. Michel Audley. Com Sidney Poitier, Martha Kitt, John Mac Intire, Juano Hernandez e outros.

Trata-se da emancipação dos povos da África do poder dos povos brancos. É natural que parcialmente apareçam em produção americana (norte) sôbre tal assunto, mas o filme ao lado de sua indiscutível dramaticidade baseada em boas interpretações se desenrola em boa padronagem. Há idéias positivas bem fundamentadas como a confiança na Providência em lugar do quietismo morto da resignação comodista.

Do ponto de vista moral, não pode ser libertado a qualquer público em vista de brutalidades terroristas de um grupo de nativos.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

OS AMORES DE DON JUAN

(El Amor de Don Juan). Produção franco-italiana. 1957. Dir. John Berry. Com Fernandel, Carmen Sevilla, Erno Crisa e outros.

Nada de novo nas velhas histórias e conhecidas mal-andanças de Don Juan, o sedutor inescrupuloso. Mais uma vez, portanto, o Cinema se aproveita de um tema amoral e imoral para trazer aos espectadores um divertimento que não é divertimento pois que lhe falta o aspecto da probidade, moralidade e o lado sadio que tôda diversão deve ter. Por que, afinal, provocar riso com enrêdo imoral não é coisa de gente que se preze.

Apesar, portanto, da boa interpretação de Fernandel (bom artista, sem dúvida, mas que se presta a papéis dessa espécie), da aparência cômica de muitas passagens e do ritmo relativamente bom, EL AMOR DE DON JUAN não é diversão sadia. A sua linha de fundo é má e temos impressão de que, numa terra em que tanto se grita à frente de um Forum, reclamando punição por crimes verdadeiros de sedução, ninguém em sã consciência e em íntima coerência consigo mesmo vá querer rir por uma farsa baseada nas supostas façanhas de um sedutor lendário.

Cotação moral: Prejudicial.

Um filme recomendável a critérios bem formados:

O HOMEM DO BRAÇO DE OURO

(The man with the golden arm). United Artists. 1956. Dir. Otto Preminger. Argumento de Nelson Algren. Com Frank Sinatra, Eleanor Parker, Kim Novak, Robert Strauss, Darren McGiven, John Conte, Arnold Stang e outros.

Filme forte e corajoso que disserta sôbre uma da falhas mais graves da sociedade, uma chaga social humilhante e desafiadora — a toxicomania. Como acontece em **"Farrapo Humano"** em que se focalizou o alcoolismo, também nesta obra de Preminger, um diretor de indiscutíveis qualidades, há a preocupação por um trabalho sério, orientado e sem os lugares tão comuns de tropelias e buscas policiais, fugas e não sei quantas situações fora da lei que dao um aspecto fantasmagórico mas pouco profundo e estudado ao ambiente do vício.

O diretor tão experimentado contou neste filme com a ajuda de uma ótima interpretação. Frank Sinatra está impressionante num papel bem dificil. Interpretação bem difícil é também a de Eleanor Parker que, também, desempenha o mesmo esplêndidamente. Artistas coadjuvantes bem positivos são o traficante de entorpecentes Darren McGiven, o alcoólatra John Conte, o banqueiro de jôgo proibido Roberto Strauss e o amigo de Sinatra, retardado mental, Arnold Stand. Kim Novak é a única falha do conjunto. Falta-lhe expressão nas cenas mais dramáticas. Ficou dura e nada maleável nas mãos de Preminger. Não convence.

O enrêdo é brutal e encerra passagens fortes que causam repulsa mesmo. Pintou-se bem a baixeza da toxicomia. O homem é ridicularizado estupendamente em sua escravidão ao vício em seu aflitivo não se possuir e não se conter. Os males do vício estão bem apresentados.

Pelas razões acima apresentadas, diríamos que **O Homem do Braço de Ouro** não é filme para o grande público, nem mesmo para adultos. Sua apreciação e aproveitamento requerem madureza e formação sólida. Do contrário, torna-se até maléfico. E' um estudo sério para pessoas sérias e bem firmes. A estas, está claro, servirá muito e aproveitará.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

Aos apreciadores do "western":

O CAMINHO DO OREGON

(The Oregon Trail.) Da Fox. Dir.: Gene Fowler Junior. Câmera: Kay Norton. Com Fred McMurray, William Bishop, Nina Shipman, Gloria Talbot e outros.

O capitulo "Marcha para o Oeste" da História dos Estados Unidos norte-americanos é fixado neste filme que conta justamente a epopéia vivida pelos homens de então ao ser decretada a anexação da região do Oregon ao pais em meiados do século passado.

Do ponto de vista histórico, o filme consegue convencer pela caracterização determinada dos trajes, construções, costumes e fundo musical. De tudo rescende aquela vontade comum à época de conquistar novas terras, um pioneirismo sadio porque firmado na vontade de todos. De forma que o "western" é perfeito cinematogràficamente devido a ótimas fotografias, ao bom aproveitamento da luz e ao trabalho indubitável de câmera.

Moralmente, pelo motivo mesmo de ser "western", êste trabalho não escapa à linha geral do tema, devendo ser restrito por cenas violentas em excesso.

Cotação moral: Para adultos.

ANA DE BROOKLYN

(Anna di Brooklyn). Produção italiana. 1958. Dir. Carlo Listricati. Com Gina Lollobrigida, Vittorio de Sica, Amadeo Nazzari, Dale Robertson, Peppino de Filippo e outros.

Não há dúvida que houve boa intenção em fazer rir e em divertir ao se fazer **Anna di Brooklyn**. Já pelos espalhafatosos artistas, representando bem o fogoso povo italiano: já pelas situações inesperadas e cômicas, sem precedentes em outros filmes as mais das vêzes; já pelo próprio enrêdo — a volta de uma viúva rica da América para sua aldeia natal na Itália, os seus pretendentes e a sua escolha. Tudo isto em conjunto é agradável passatempo e faria rir sem qualquer repulsa. Pois, afinal, a contextura do filme é boa, não obstante alguns ligeiros senões técnicos (p. ex. apresentação pouco autêntica de certos locais).

Entretanto, vão que vão vários senões morais neste filme supervisionado por De Sica. Primeiro, o mais grave, as atitudes do Padre, interpretado pelo mesmo De Sica. O padre de **Anna di Brooklyn** é uma figura deprimente para qualquer espírito sério e respeitador, mesmo não católico mas sincero. Um palhaço a mais num picadeiro, um humano excessivo que se mistura com tôdas as mesquinharias, mexericos e cochichos de uma aldeia. Uma caricatura excessiva. Não. Haja limites. Em Dom Camilo êles foram ótimamente respeitados. Houve ali mais sublimidade.

Outro senão grave é o abuso de Gina. Ainda mais quando a vemos neste filme mais artista que nunca. Êste abuso é lamentável. Vicia mais e mais uma série de espectadores desorientados. Provoca inversões de valores imperdoáveis. Afinal, se as mocinhas andam por aí do jeito que andam ... Ninguém pode sinceramente negar a influência das artistas de cinema neste ponto. A imitação é velha mania. E as consequências ...

Do modo que, muito apesar de concordarmos com boas qualidades desta produção italiana, contudo não podemos liberar sua assistência ao público juvenil, pois que mesmo aos adultos sinceros e bem intencionados a maior parte das gracinhas e situações cômicas do filme fazem rir daquele jeito tão conhecido e incômodo — com um nó na garganta, com o receio de se estar fazendo concessões em demasia a um espetáculo que fere em algo precioso para nós.

Cotação moral: Para adultos.

Tecidos bons e baratos ?

Não se esqueçam

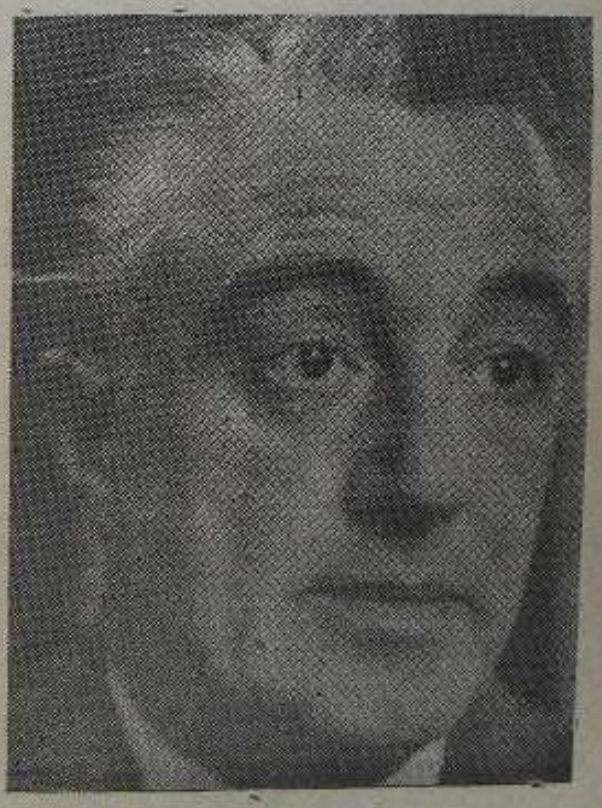
só nas

CASAS PERNAMBUCANAS

Rua Halfeld, 642

Marechal Deodoro, 175

(Em frente ao antigo ponto)



Vittorio de Sica, sem dúvida alguma, é um dos responsáveis pelo êxito de ANNA DE BROOKLYN, como conhecedor experimentado da artista central.

SAETA, O CANTO DO ROUXINOL

(Saeta). Suevia Films (Espanha). 1958. Dir. Antonio del Amo. Música de Antonio Valero. Com Joselito Jimenez, Mary Carmen Alonso, Manolo Zarzo e outros.

Enrêdo bem fraco leva Antonio del Amo a arranjar oportunidades para que Joselito Jimenez (o menino da voz de ouro) cante várias vêzes para apreciação da platéia. Não há mesmo grande novidade no entrêcho de **Saeta.** Uma história ligeiramente melodramática que está bem longe de outras em que aparecem intérpretes infantis.

Apesar desta frouxidão do fundo, **Saeta** é agradável para o mundo infantil. As crianças gostam e podem mesmo aproveitar a boa lição de amizade de um menino e de seu carinho e amor para uma amiguinha cega. E, ponderemos, não é só isso. **Saeta, o Canto do Rouxinol** traz outra qualidade ainda. E' uma das poucas ilhas em que a criança pode viver em meio a tantos "para adultos", "impróprio até 14 anos", "não convém a menores" etc. De fato, os produtores cinematográficos têm se esquecido muito do público infantil. Já era hora de se reformarem. Por que não transpõem para a tela outras histórias ainda não aproveitadas e da mesma linha que **O Pequeno Polegar, Joãosinho e Maria** e outros? Será que êles se esquecem de que a consagração mais pura e sincera é a da admiração inocente e franca do público infantil?

Cotação moral: Para todos.

★

A RAINHA DA BABILÔNIA

(The Queen of Babylon). Produção americana distribuída pela Condor. Dir. Carlo Ludovico. Com Rhonda Fleming, Ricardo Montalbán e outros.

Para compensar alguns bons filmes de uma programação, sempre aparecem alguns abacaxis. Aí está um. J. S. e OTÁVIO BONFIM externaram suas lamentações quando da apresentação do celulóide no Rio de Janeiro e nossa revista lamenta muito mais, pois que THE QUEEN OF BABYLON será REAPRESENTADA em Juiz de Fora. É muita falta de sorte.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

A FLOR QUE NÃO MORREU

(Green Mansions). Metro. Direção Mel Ferrer. Câmera: Joseph Ruttemberg. Música: Heitor Villa Lobos. Com Audrey Hepburn, Anthony Perkins, Lee J. Cobb e outros.

Aventuras do filho de um ministro venezuelano, foragido do lar em busca de ouro para vingar o assassinato do pai. Ambiente principal: selva amazonense.

Êste enrêdo original do romance GREEN MANSIONS de William Henry Hudson é bem aproveitado artisticamente num filme cujas qualidades fundamentais na parte citada são: boa fotografia, boa interpretação e boa música (agindo de maneira bastante descritiva — poema sinfônico).

Moralmente o filme não tem qualquer senão, possuindo mesmo elementos positivos elogiáveis como compreensão, amor ao próximo, reflexão antes de agir, perdão das ofensas.

Cotação moral: Para todos.

★

SEM LEI E SEM ALMA

(Gun Fight at OK Corral). Paramount. Dir. John Sturges. Com Burt Lancaster, Kirk Douglas, Rhonda Fleming, Jo Van Fleet, John Ireland e outros; fundos musicais com Frankie Lane.

Um "western" que focaliza partes históricas e partes lendárias de certos vultos da história do pioneirismo norte-americano. sua direção é da responsabilidade do mesmo que dirigiu "Conspiração do Silêncio", aquêle clássico com Spencer Tracy. Aqui, entretanto, a obra não foi tão perfeita quanto aquela, devido à falta bem declarada de harmonia entre os vários passos que lhe são básicos no enrêdo.

O público de Juiz de Fora, interessado em bons filmes sôbre o oeste, terá oportunidade de ver um desta série que, se não chega a ter a perfeição completa, todavia não é de segunda plano. Moralmente, o filme (como é do gênero) contém brutalidades e apresenta tipos vingativos que o reservam a apenas uma parte do grande público.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

ANGÚSTIA DE UM PECADO

(Angustia de un segredo). Produção argentina. Dir. Enrique Carreras. Adap. do original "Creo en Dios". Com Carlos Estrada, Mercedes Carrera, Santiago Arrieta e outros.

Alfred Hitchcoock há alguns anos apresentou um trabalho razoável em "I Confess" (Tortura do Silêncio) apresentando o martírio mudo de um sacerdote que não se salva das acusações que lhe são feitas ou das suspeitas que lhe caem em obediência ao sagrado e ímpar segrêdo da Confissão. Na obra do diretor inglês havia bastante Cinema e muito de "suspense" (qualidade que lhe é marcante).

Enrique Carreras dirige com tons francamente diversos e numa armação ingênua por vêzes uma outra película sôbre o mesmo tema — "Angustia de un Segredo".

Se artisticamente, no que concerne à técnica o filme é fraco em comparação à obra de Hitchcoock, todavia algumas qualidades determinadas de seu fundo moral tornam-no aceitável — firmeza e espírito de fé do sacerdote, compreensão, espiritualidade, disponibilidade. Parece, porém, que não houve um assistente eclesiástico (necessário no caso) para as questões doutrinárias. O grande público apreciará ingênuamente o todo, mas a alguns possìvelmente darão que pensar alguns pontos do enrêdo mal definidos. Quem tiver dúvidas, esclareça-se com pessoa competente no caso.

Cotação moral: Para todos.

★

OTTO, O LOUCO

(Der Schrage Otto). Produção alemã. 1958. Dir. Geza von Cziffra. Com Willy Fritsch, Paul Horbiger, Germaine Damar e outros. Mús. Michael Jary.

Musical alemão contendo uma série de números de canto ou de dança, as mais das vêzes sem muita motivação, calçados num enrêdo bem fraco e tôlo. Os artistas só interpretam quando dançam ou cantam. Os diálogos são sofríveis.

Moralmente, há senões. Comportamento de falsa ingenuidade do papel feminino principal, liberdade de trajes em alguns trechos musicados e insinuações tendenciosas.

Cotação moral: Para adultos.

VIKINGS, OS CONQUISTADORES

(The Vikings). United. 1958. Dir. Richard Fleischer. Com Kirk Douglas, Tony Curtis, Ernest Borgnine, Janet Leigh e outros.

Richard Fleischer manipula neste filme alguns dos mais conhecidos e (quem sabe?) apreciados artistas do cinema norte-americano, ajudado pelo ótimo trabalho fotográfico de Jack Cardiff.

Já conhecido do público de Juiz de Fora, êste filme tem por enrêdo as conquistas e feitos épicos dos povos escandinavos que aterrorizaram a Europa feudal dos séculos XI e XII. A apresentação tem bom desenvolvimento do que resulta a atenção constante e sempre nova do espectador. Moralmente ,apesar do cochilo (Impróprio até 10 anos) já tradicional da Censura, o filme é restrito em plano diverso, dado o sensualismo.

Cotação moral: Para adultos.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação
livros religiosos
bons romances
artigos para presentes
artigos religiosos, para altares e igrejas.

Galeria Central, 7

Fone 5978 — Juiz de Fora



Muitas têm sido as versões da vida e, especialmente, da paixão de Cristo. Sabe-se que um dos desejos não realizados do grande Chaplin é dirigir uma obra dêste gênero, interpretando ao mesmo tempo o papel central.

De tudo que já veio a lume neste campo, I N R I, obra estudada e profunda, dirigida por Robert Wiene (1924) foi o filme que mais alto se graduou. Dêste filme é o "clouse" acima de Gregory Chmara que interpretou a figura impar do Salvador.

Mais uma vez um bom filme:

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

(Witness for the Prosecution). United, 1957. Dir. Billy Wilder. Com Charles Laughton, Marlene Dietrich, Tyronne Power e outros.

Os apreciadores do bom Cinema sentir-se-ão felizes com esta re-apresentação. Mais uma vez, um bom filme, já afirmamos acima.

De um enrêdo fundamental bem composto (Agatha Cristie), em que vemos os trabalhos de uma autoridade londrina no campo do Direito às voltas com um caso momentoso, um bom diretor cinematográfico e boas interpretações se valeram para apresentar um trabalho que dá nome, até, às salas de projeção que o apresentam.

É claro que, apesar de conhecido, o filme deve ser respeitado em seu segrêdo. Não podemos, porém, deixar de recomendar vivamente a quem aprecie bom Cinema esta bela obra já comentada por duas vêzes (outubro e dezembro de 1959) em nossa revista. Seu assunto não é para jovens.

Cotação moral: Para adultos.

★

VIRTUDE SELVAGEM

(The Yearling). Metro. 1949. Dir. Clarence Brown. Com Gregory Peck, Jane Wyman, Claude Jarman J. e outros.

Produção americana antiga, THE YEARLING é um dos bons e agradáveis filmes de ambiente e inspiração campesina que possuimos.

Tudo se relaciona com o desabrochar de um menino para a vida. Um forte bucolismo enleado de poesia ambienta tôda a história em que é dado real valor à vida, ao lar, ao dever do trabalho.

Muito ajuda para a perfeição desta obra o belo trabalho fotográfico que a fundamenta, como também a boa interpretação central de Gregory Peck e do menino (ainda que titubeante, por vêzes) Claude Jarman Jr.

Um bom filme que agradará a qualquer público, exigente ou não.

Cotação moral: Para todos.

AS VIRGENS DE SALÉM

(Les Sorcières de Salem). França Filmes. 1957. Dir. Raymond Rouleau. Fot. Claude Renoir. Mús. Franz Eisler. Com Simone Signoret, Yves Montand, Alfred Adam e outros.

Um drama cuja ação tem por cenário a puritana Massachussets em 1692 é o assunto que serve de entrecho a êste filme de Raymond Rouleau.

Tudo se resume na infidelidade conjugal de um marido, seu arrependimento e a vingança que procura tomar dêle o ex-motivo de sua falta. Esta trama sentimental, entretanto, se relaciona intimamente com a trama coletiva de uma localidade às voltas com o fanatismo religioso, com as perseguições a feiticeiras, com a observância em exagêro do preceito dominical.

Apesar de teatrólogo, Raymond Rouleau consegue convencer bastante com esta sua obra. Tal fato está ligado a três razões fundamentais: unidade de conjunto do filme, boa interpretação dos artistas centrais que foram bem dirigidos (particularmente Mylène Demongeot como Abigail) e o singular concurso de um ótimo fotógrafo, autêntico artista, Claude Renoir.

A apresentação de um falso cristianismo sem alma e sem misericórdia (puritanismo), a par de passagens em que é focalizada a magia supersticiosa, poderá causar confusão e dúvida em pessoas pouco esclarecidas e maduras, do que concluimos nossa

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

★

BAILE MALUCO

(Operation Mad Mail). Produção americana distribuída pela Columbia. 1957. Dir. Richard Quine. Com Jack Lemon, Mickey Rooney e outros.

Tropelias de soldados americanos no front francês com uma festa a que as enfermeiras são convidadas a comparecer (ato proibido). Há ridicularização da autoridade e inconvenientes em algumas sugestões. No mais é uma comédia sem grandes pretensões.

Cotação moral. Menos para crianças.

Um filme discutível:

Amar e Morrer

(A Time to Love and a Time to Die). Filme norte-americano. 1958. Adaptação do romance de Erich Marie Remarque. Dir. Douglas Sirk. Com John Gavin, Liselotte Pulver, Don De Fore, Erich Marie Remarque, Thayer David, e outros.

O presente filme é da série "filmes de guerra" e pretende seguir a trilha aberta pelo inolvidável "SEM NOVIDADES NO FRONT" o que não chega a conseguir.

Em resumo, em cortes mais ou menos imprecisos, aparece o conflito de ambientes e atitudes de um jovem soldado alemão ora no front oriental (Rússia), ora nas reuniões do partido nazista, ora no recesso do amor com sua jovem noiva e depois espôsa. Todos êstes contrastes individualizados em Graeber (o soldado alemão) procuram mostrar a insensatez, estupidez e crueldade da guerra.

Não se consegue, entretanto, o que Lewis Milestone obteve tão bem em "SEM NOVIDADES NO FRONT". Quando muito, segundo Didonet, poderá ser assistido sem cansaço, apesar de sua duração além do normal.

Cotação moral: Para adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Av. dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Av. dos Andradas, 23 — Fone 4888



TURBILHÃO DE PAIXÕES

(Twilight for the Gods). Produção americana distr. pela Universal. 1958. Dir. Joseph Pevney. Com Rock Hudson, Cyd Charisse, Arthur Kennedy, Leif Erickson, Charles McGraw, Richard Haydn e outros.

A crítica (não a propaganda) concorda em afirmar ser êste TURBILHÃO DE PAIXÕES algo de sumamente desagradável em questão de gôsto, além de bem defeituoso em se falando de Cinema e Arte. E aponta como responsáveis por um filme tão desclassificado a presença dos seguintes gravetos:

1. a tradicional canastronice de Rock Hudson que nem na mão de bons diretores (não é o caso de Pevney) como George Stevens (Assim Caminha a Humanidade) e Richard Brooks (E o Sangue Semeou a Terra) foi vencida;

2. o tom melodramático enfadonho e lento que dá tema ao filme;

3. a fotografia mal dirigida de Irving Glassberg;

4. a razão de tudo: a incompetência tantas vêzes comprovada de Joseph Pevney, o diretor do fracasso.

Desta forma, é um filme "sem qualificativos para ser indicado ao público" (Otávio Bonfim) pois que se trata de uma produção ruim "que não tem nada nas suas duas horas e dez minutos de cansativa sucessão de incidentes desinteressantes" (J. S.). Azar do "fan-club" de Rock Hudson!

Moralmente, há que se acrescentar os inconvenientes do enrêdo, do comportamento dos personagens e dos muitos defeitos que não deixam se afirmar umas poucas qualidades morais.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

CREPÚSCULO VERMELHO

(The Journey). Produção americana de 1959 distribuida pela Metro. Dir. Anatole Litvak. Com Yul Brynner, Deborah Kerr e outros.

Um filme que poderia ser bem melhor, não fôssem alguns senões artísticos caracterizantes.

A história, já explorada em outros aspectos e situações, é a de um oficial (no caso, comunista) que, levado por sentimento amoroso, pactua com o inimigo (no caso, uma inglêsa) possibilitando sua erradicação do centro incômodo das lutas (no caso, a revolução húngara quase vitoriosa de 1956). Há, portanto, humanismo, elogio às qualidades e potências reais do homem e ao seu ideal inato de liberdade.

Um argumento dêstes é disperdiçado pela presença de um diretor que se apresenta bem mediocre. Além do mais, o canastrão caréca — Yul Brynner — passeia, mais uma vez, sua canastronice e imaleabilidade de mau intérprete para sofrimento do público, (cismaram que o homem tem jeito para interpretar papéis russos, mas ao que parece êle não interpreta papel de nenhuma nacionalidade). Mas desperdício mesmo é o desta ótima artista, Deborah Kerr, isolada assim numa confusão dessas.

O filme, além dos defeitos artísticos, apresenta a falha moral de pretender desculpar a sedução na velha base da "boa intenção". Esta já é velha mesmo! Burrice teimosa.

Cotação moral: Para adultos.

★

A BESTA AMADA

(Geliebte Bestie). UFA 1958. Produção austríaca. Dir. A. M. Rabenalt. Adaptação de "Manner Mussen so sein". Com Margit Nunke, Gerhard Redmann, Willy Birgel e outros.

Triângulo amoroso num circo não é tema novo. Bem aproveitado até. Aqui, mal aproveitado por dois motivos: cinematogràficamente ,porque houve preocupação exagerada com o sentimentalismo e com o colorido; moralmente, porque não há normas morais (tudo acontece à vontade, sem resolução nem programa) e a imodéstia dos trajes é excessiva.

Cotação moral: Prejudicial.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

TORMENTA NO PARAíSO

(Raw Wind in Eden). Universal-International. 1958. Dir. Richard Wilson. Com Esther Williams, Jeff Chandler, Rossana Podestá e outros.

Numa tempestade um avião particular onde viajam marido e mulher vai cair numa pequena ilha do Mediterrâneo. E dêste resultado surge um enrêdo mais ou menos previsto, pois a espôsa do aviador malogrado é modelo profissional. O espectador sofre pacientemente, pensando no fim que teria sido melhor que o avião não caísse na ilha, mas n'água... Afinal de contas, quem sabe o enrêdo com êste principio fôsse melhor ?!

Tècnicamente mal feito, TORMENTA NO PARAISO é um filme a mais na galeria das inutilidades, não merecendo a atenção do espectador consciente, segundo Otávio Bonfim. Moralmente há de se reservar a inutilidade para adultos. Aos adolescentes, além de inútil, pode ser prejudicial porque o entrecho (será que existe ?) dá mais valor ao físico do que às qualidades reais do espírito.

Cotação moral: Para adultos.

★

POSSUíDA PELO DESEJO

(Sennsucht Hat Mich Verfuerht). Filme alemão distribuído pela Condor. Dir. Wilm Ten Haaf. Com Erick Romberg, Dietmar Shonherrm, Karl Schoenberg e outros.

Infidelidade, adultério, vida pergressa, sensualismo, nudismo — tudo isso anda de mistura nessa produção que nada possui de Cinema, além de nada ter de Bem. Quem quiser conhecer elementos perigosos à sociedade e à família, enfim, à Pátria (já tão ameaçada com a importação de tais chiqueiros) pode assistir, mas pense nisso antes, muitas vêzes: "o adulto que assiste a espetáculos indecentes, dá péssimo exemplo à geração jovem e se diz que é católico, mente, pois quem ama a Deus e à Igreja não apoia filmes perniciosos". O desfêcho final do enrêdo não encobre nem desculpa o lodaçal apresentado antes.

Cotação moral: Condenado.

Cumpre ressaltar:

O MANTO SAGRADO

(The Robe). Da Fox. Dir. Henry Koster. Com Richard Burton, Jean Simmons, Victor Mature, Michael Rennie e outros.

Cinematolôgicamente imperfeito, devido ao excesso de técnica, (tinha que ser exagerada pois foi o primeiro cinemascópio) o filme tem a qualidade de ser substancialmente positivo, sendo restrito no lado moral por algumas cenas iniciais. Bem superior ,entretanto, à série de De Mille.

A **Exibidora Excélsior Limitada** que programou êste trabalho cinematográfico para Quinta e Sexta Feira da Semana Santa merece reconhecidos elogios pela consideração e respeito com êstes dois dias inconfundíveis para o Cristianismo.

Cotação moral: Para adultos.

★

DEMÉTRIUS, O GLADIADOR

(Demetrius and the Gladiators). Da Fox. Dir. Delmer Davis. Com Victor Mature, Susan Hayward, Debra Paget e outros.

Delmer Davis procurou seguir a trilha aberta por Henry Koster. Não conseguiu, porque seu trabalho longe está de possuir as qualidades básicas morais que fundamentam positivamente **O Manto Sagrado.**

O que vemos em **Demétrio, o Gladiador** é uma artificiosa cópia do comum e banal da série de De Mille. Sexo e paganismo, religiosidade ingênua e pouco substancial. Salvo boas interpretações, também a parte cinematográfica é inferior. Mal fim de um bom princípio.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

O CONTEÚDO MORAL DE UMA PELÍCULA É CONDIÇÃO INTRÍNSECA PARA QUE A OBRA CINEMATOGRÁFICA ALCANCE DIGNIDADE ARTÍSTICA.

A DEZ SEGUNDOS DO INFERNO

(Ten Seconds to Hell). Hammer. 1959. Dir. Robert Aldrich. Com Jeff Chandler, Jack Palance, Martine Carol, Robert Corntwaite e outros.

Trata-se da história de seis soldados alemães que se empregam no após-guerra em desmontar bombas ainda não explodidas. Por êste motivo sempre estão em perigo de morrer. Mas o dinheiro ganho é reservado a quem dos seis sobreviver. Êste enrêdo gira em tôrno de dois pontos centrais, cinismo e idealismo (Chandler e Palance). Que será melhor ? Esperar por um mundo melhor ou safar-se da melhor maneira possível ?

Cinematogràficamente, conta com uma ótima ambientação e ainda com a interpretação de bons artistas, inclusive Martine Carol mais conhecida por outros aspectos. Moralmente o filme se baseia no Bem e em sua prática. O ambiente angustiante, o realismo de certas cenas fazem que o filme, entretanto, não seja aceitável a qualquer público.

Cotação moral: Para adultos, com reserva.

★

DONA XÊPA

Produção nacional realizada por Dercy Evangelista com entrecho de Pedro Bloch e fotografia de Hélio Barroso Neto. Elenco: Alda Garrido Nino Nelo, Colé, Zezé Macedo, Herval Rossano, Cilo Costa, Nair Amorim, Odete Lara, Agostinho dos Santos e outros.

Produção nacional equivale dizer "um pouco de tudo". Nesta há novela, caso policial, drama, sátira, crítica social, cantoria, comédia, música. Tudo isto com um enrêdo convencional (bem revirado) — mulher abandonada pelo marido e filho com vocação ou mania para invenções.

Resultado final: pouco proveito como diversão, quase nenhum aspecto artístico (escapam alguns momentos de fotografia no final), mais uma da série fracassada. Moralmente, alguns inconvenientes, apesar de um desfêcho positivo e bom.

Cotação moral: Menos para crianças.

A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGÔSTO

(The tea house of August Moon). Metro. 1956. Dir. Daniel Mann. Com Marlon Brando, Machiko Kyo, Glenn Ford, Eddie Albert e outros.

Uma autêntica sátira a algumas das principais super-estruturas do povo norte-americano é feita neste agradável filme, dirigido pelo experiente Daniel Mann (A Cruz de Minha Vida) e com a presença de dois bons intérpretes — Machiko Kyo e Glenn Ford (sim, porque Marlon Brando é vedeta propaganda do filme — está fraquíssimo).

Já conhecido do público de Juiz de Fora e comentado em nossa revista, será agora reexibido pela Companhia Central de Diversões sendo ótima oportunidade para divertimento sadio baseado numa comédia de bom gôsto. Algumas ligeiras passagens reservam o filme a qualquer público.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

SEM FAMÍLIA

(Sans Famille). Produção francesa. Direção André Michel. Com Pierre Brasseur, Gino Cervi, Bernard Blier, Simone Renant, Joel Flateau e outros.

Um bom filme, apesar do fundo ligeiramente melodramático. Vicissitudes de um menino separado de sua mãe e de seu padrasto, vivendo como componente de uma pequena emprêsa de um saltimbanco italiano é a linha geral do enrêdo. Cenas bem agradáveis, às vêzes, e ternas de um sentimento positivo e construtivo. Tudo isto faz com que o assunto agrade a crianças e a adultos, comovendo a ambos. Os lencinhos funcionarão. Mas — bem entendido — não se trata de nenhuma xaropada. E' um bom filme, sem dúvida. De resto, contou com a boa reunião de bons valores do Cinema europeu — André Michel, Pierre Brasseur, Gino Cervi.

Cotação moral: Para todos.

Pedimos desculpas por não apresentarmos a programação do Cine São Mateus. Procurando a pronta confecção da revista, não foi possível inserir a parte referida por estar ainda sujeita a mudanças eventuais.

No EXCÉLSIOR

1 — Noites no Papagaio Verde (pág. 6) ..... *Para adultos*
4 — O Caminho do Oregon (pág. 8) ..... *Para adultos*
6 — O que os pais desconhecem (pág. 5) .... *Para adultos*
8 — Angústia de um Pecado (pág. 11) ..... *Para todos*
11 — Angústia de um Pequeno Coração ..... *?*
14 — O Manto Sagrado (pág. 17) ..... *Para adultos*
16 — Demetrius, o Gladiador (pág. 17) ..... *Para adultos com reserva*
17 — Terra Maravilhosa ..... *?*
20 — A Besta Amada (pág. 16) ..... *Prejudicial*
22 — O Discípulo do Diabo ..... *?*
25 — Vikings, os Conquistadores (pág. 11) .... *Para adultos*
26 — Testemunha de Acusação (pág. 13) ..... *Para adultos*
27 — A Dez Segundos do Inferno (pág. 18) .... *Para adultos com reserva*
29 — Amantes em Férias (pág. 7) ..... *Menos para crianças*

No REX

1 — Por Quem os Sinos Dobram ..... *Para adultos*
2 — A Lei do Oeste ..... *Para todos*
3 — Irmão Contra Irmão ..... *Adultos com reserva*
4 — Sem Saída ..... *Para adultos*
5 — Liane ..... *Prejudicial*
6 e 7 — A Marca da Maldade ..... *Para adultos*
8 — Contrabando de Armas ..... *Para adultos com reserva*
9 — Mosqueteiros da Índia ..... *?*
10 e 11 — Amar e Morrer (pág. 14) ..... *Para adultos*
12 — A Marca do Gavião (pág. 6) ..... *Menos para crianças*
13 — Arco do Triunfo (pág. 7) ..... *Para adultos com reserva*
14 e 15 — Vida de Cristo ..... *Para todos*
16 — Otto, o Louco (pág. 11) ..... *Para adultos*
17 e 18 — Homem das Terras Bravas ..... *Menos para crianças*
19 — Rainha da Babilonia (pág. 10) ..... *Para adultos com reserva*
20 — Sem Família (pág. 18) ..... *Para todos*
21 — Crepúsculo Vermelho (pág. 16) ..... *Para adultos*
22 — Os Amôres de Don Juan (pág. 6) ..... *Prejudicial*
23 — Dêdo no Gatilho ..... *Menos para crianças*
24 e 25 — Tormenta no Paraíso (pág. 17) ..... *Para adultos*
26 e 27 — Saeta, o Canto do Rouxinol (pág. 10) *Para todos*
28 — Sem Lei e Sem Alma (pág. 10) ..... *Para adultos com reserva*
29 — O Homem do Braço de Ouro (pág. 8) ..... *Para adultos com reserva*
30 — Virtude Selvagem (pág. 13) ..... *Para todos*

Saiba gostar de Cinema lendo

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGENCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350
LAR CATÓLICO — GALERIA CENTRAL, 7
"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

ORIENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Filmes do Mês

Abril — Juiz de Fora

No Central

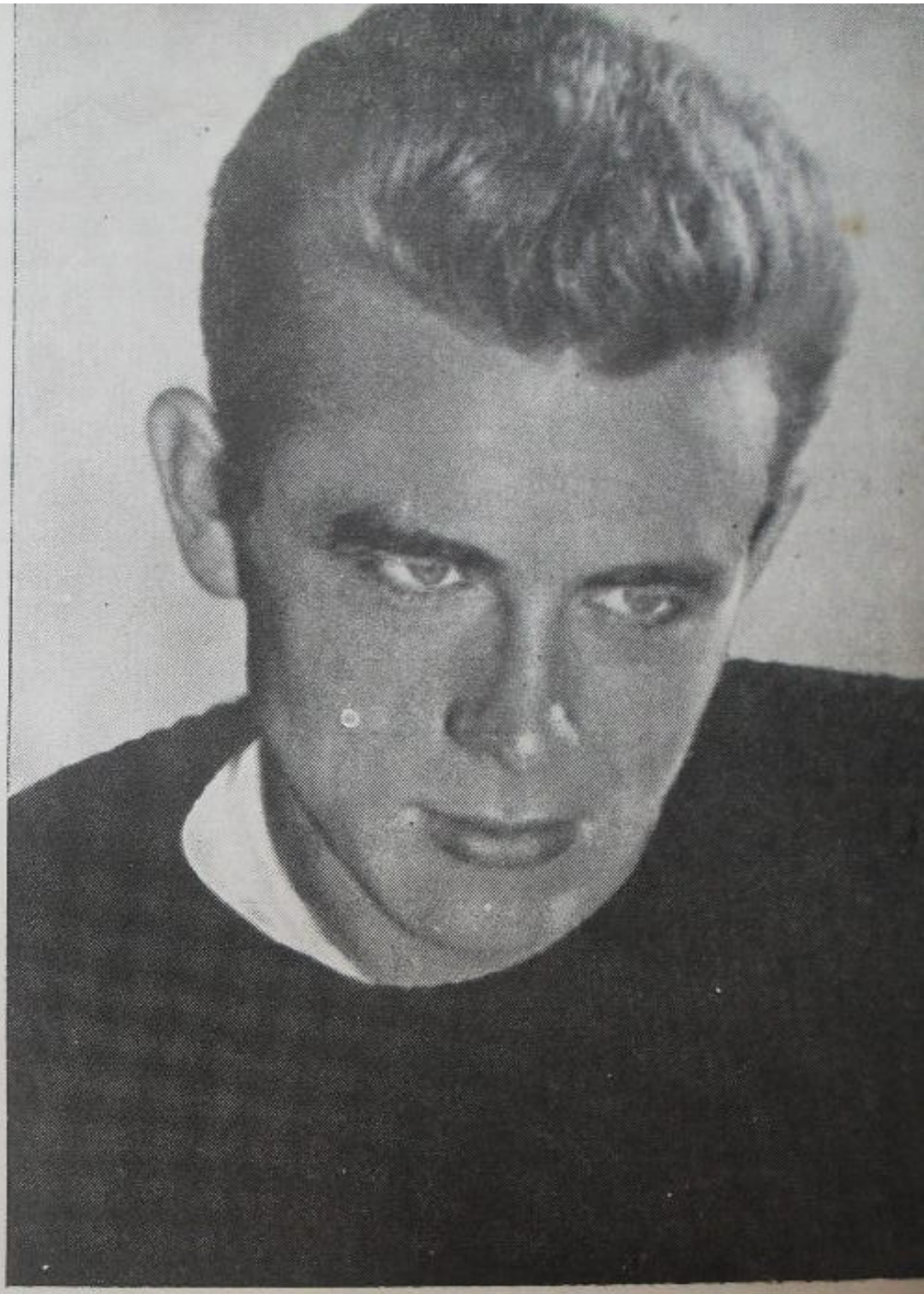
1	Amar e Morrer (pág. 14)	*Para adultos*
6	A Marca do Gavião (pág. 6)	*Menos para crianças*
8	Anna de Brooklyn (pág. 9)	*Para adultos*
11	Arco do Triunfo (pág. 7)	*Para adultos com reserva*
13	Saeta, o Canto do Rouxinol (pág. 10)	*Para todos*
18	O Homem do Braço de Ouro (pág. 8)	*Para adultos com reserva*
20	Os Amores de Don Juan (pág. 6)	*Prejudicial*
22	Entrei de Gaiato	?
27	Virtude Selvagem (pág. 13)	*Para todos*
29	Turbilhão de Paixões (pág. 15)	*Para adultos com reserva*

No Pálace

2	Elas querem é casar	*Para adultos com reserva*
5	As Virgens de Salém (pág. 13)	*Para adultos com reserva*
7	Otto, o Louco (pág. 11)	*Para adultos*
9	Crepúsculo Vermelho (pág. 16)	*Para adultos*
13	Sem Família (pág. 18)	*Para todos*
16	Tormenta no Paraíso (pág. 17)	*Para adultos*
19	Casa de Chá do Luar de Agôsto (pág. 18)	*Menos para crianças*
21	Dona Xêpa (pág. 18)	*Menos para crianças*
23	A Flôr que não morreu (pág. 10)	*Para todos*
26	Possuída pelo Desejo (pág. 17)	*Condenado*
30	As Noites de Cabíria (pág. 4)	*Para adultos com reserva*

No São Luiz

2	A Grande Cruzada (pág. 7)	*Menos para crianças*
5	Contrabando de Armas	*Para adultos com reservas*
7	Mosqueteiros da Índia	?
9	A Marca do Gavião (pág. 6)	*Menos para crianças*
12	Homens das Terras Bravas	*Menos para crianças*
14	Vida de Cristo	*Para todos*
16	Rainha da Babilônia (pág. 10)	*Para adultos com reserva*
19	Dêdo no Gatilho	*Menos para crianças*
21	O Pequeno Polegar (pág. 5)	*Para todos*
23	O Homem do Braço de Ouro (pág. 8)	*Para adultos com reserva*
26	Sem Lei e Sem Alma (pág. 10)	*Para adultos com reserva*
28	Vidas Truncadas	*Para adultos com reserva*
30	O Baile Maluco (pág. 13)	*Menos para crianças*



Ano XI
N.º 79

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Maio de 1960 Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:

José Francisco Simões

SECRETARIO:

Ronaldo Barral de Senna

★

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179

Caixa Postal 160

Fone: 1249

JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:

(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA

Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO

Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

James Dean o discutido artista que o cinema norte-americano perdeu antes de ter dado tudo o que poderia ser de intérprete de boa capacidade, como sempre mostrou ser.

MUITO OBRIGADO !

Nossa revista foi gentilmente agraciada com uma recomendação favorável pelo órgão oficial da Diocese de Juiz de Fora – "O LAMPADÁRIO".

Tal atitude da redação e orientação daquele jornal, além de ser para nós a mais simpática homenagem e eficaz propaganda, é também um atestado de que em nada nos temos afastado do justo e reto caminho na orientação cinematográfica de nossos leitores.

COMUNICAÇÃO

Atendendo ao pedido que nos foi feito pelo Departamento da Produção Animal, da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais e Ministério da Agricultura, comunicamos a quem possa interessar que está sendo organizada por êste Departamento a XXVI EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS, tendo como local o Parque da Gameleira, na Capital do Estado.

A citada Exposição será durante o período de 24 a 31 de julho vindouro, estando as inscrições abertas até 14 de junho para expositores do Estado de Minas e até 24 de junho para expositores de outros Estados do Brasil.

Maiores detalhes podem ser obtidos na Avenida Amazonas, 6020 (Fone: 4-0170 e 4-0171) em Belo Horizonte ou pela Caixa Postal 1523 da mesma cidade.

Editorial

Aproveitamos a oportunidade do presente número para esclarecer o leitor novo, que por acaso tenhamos ganho e reafirmar ao leitor antigo o que já lhe dissemos sôbre a finalidade e a razão de ser desta revista.

Nossa revista pretende orientar e formar, no campo dos espetáculos cinematográficos.

Orientar, procurando mostrar ao leitor, em seus comentários, o que pode haver num determinado filme de artistico e de moral, facilitando-lhe desta forma um problema bem comum em qualquer cidade que conte com uma programação cinematográfica múltipla, como Juiz de Fora.

Formar, procurando mostrar ao leitor, em seus comentários, que é um filme, quais devem ser suas bases técnicas e artísticas para poder obter lugar de relevância entre as demais produções, e quais devem ser os ditames morais a que deverá estar subordinado, para merecer aceitação desta ou daquela parte do público, ou de todo público em geral.

Não é nosso intúito (nunca foi e nunca será) proibir espetáculos. Seria ingênuo e até anedótico possuir tal pretensão. Nossa revista não é e nem pretende ser um boletim negativista e estreito que não concorde com qualquer forma de espetáculo cinematográfico. Não! O que pretendemos, já afirmamos acima, é tão sòmente esta orientação e esta formação de critério do leitor. Por êste motivo é que, em cada comentário que fazemos sôbre cada película cinematográfica, temos o cuidado de apresentar a apreciação artística da obra, com possíveis indicações de sua parte e contextura técnica, seguindo esta apreciação com o julgamento moral.

Desta forma, não resta dúvida, ser nossa revista acessível a qualquer pessoa interessada em saber algo do Cinema ou, mesmo, em saber se divertir.

Quem quer compreender e, de fato, nos compreende haverá de concordar conosco no que afirmamos aqui. Por êste motivo, pedimos insistentemente ao leitor, que se enquadra neste grupo a preciosa colaboração de esclarecer as pessoas que desconhecem "A Tôrre de Marfim" sôbre sua verdadeira personalidade. Será a melhor e mais coerente forma de propagar nossa obra.

★

AGRADECIMENTO

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

SISSI, A IMPERATRIZ

(Sissi, die Junge Kaiserin). Condor. 1956. Dir. Ernst Marischka. Com Romy Schneider e outros.

Reapresentação da segunda parte ou do segundo episódio da série "Sissi" a que se propôs Ernst Marischka (já apareceu a terceira – SISSI E O SEU DESTINO). Quem quiser um passatempo autêntico, sadio e positivo, pode ir ver êste filme que, como único senão moral, apresenta com certo desrespeito a figura de uma autoridade eclesiástica.

Cotação moral: Para todos.

★

A PRINCESA DAS CANÁRIAS

(La Principessa delle Canarie). Filme italiano de 1955 distribuído pela Art. Dir. Paolo Moffa. Com Marcello Mastroiani, Silvana Pampanini, Gustavo Rojo, Elvira Quentilha e outros.

Um episódio histórico, tendo por cenário as paisagens das ilhas Canárias e por base argumental a conquista destas ilhas pela Espanha por volta de 1450, foi devidamente fantasiado e transposto para a tela nesta obra.

Um número impressionante de participantes dá idéia do dispendioso que deve ter ficado o filme. Entretanto, não foge à linha de espetáculo, trazendo pouca originalidade, possível consequência da falta de inspiração de seus autores.

Algumas lutas são por demais violentas, donde nossa restrição e

Cotação moral: Menos para crianças.

★

A FAMíLIA TRAPP

(Die Trapp-Familie). Condor. 1957. Dir. Wolfang Liebeneiner. Com Hans Holt, Ruth Leuwerik, Friedrich Domin e outros.

Louvável e simpática atitude e iniciativa da Companhia Central de Diversões faz vir, novamente, à apreciação do público de Juiz de Fora esta bela película tão comentada, quando de sua primeira apresentação.

Quem ainda não teve a feliz oportunidade de se divertir e se edificar com o exemplo desta família que é real e ainda existe, não perca a ocasião. Vale, de fato, a pena quer como espetáculo, quer como subsídio de exemplos.

Cotação moral: Para todos.

MARCADOS PELA VIOLÊNCIA

(Tension at Table Rock). R.K.O. Dir. Charles Marquis Warren. Com Richard Egan, Cameron Mitchel, Doroty Malone e outros.

Reapresentação da Companhia Central de Diversões ao público de Juiz de Fora. Um "western" em muitos pontos semelhante a OS BRUTOS TAMBÉM AMAM, sem as qualidades daquela produção, entretanto, Boa direção dá ao conjunto uma ambientação adequada ao drama de consciência em que se resume. O argumento e a violência extrema de algumas cenas reservam o espetáculo.

Cotação moral: Para adultos.

★

TURBILHÃO DE PAIXõES

(Twilight for the Gods). Filme americano distribuído pela Universal. Dir. Joseph Pevney. Com Rock Hudson, Cyd Charisse e outros.

Programado no Central em abril último e, agora, em cartaz no São Luís, "TWILIGHT FOR THE GODS" não traz qualquer sombra de arte, não trazendo nada de aproveitável nas suas duas horas e dez minutos de projeção e sendo sem qualificativos para ser indicado ao público (conforme comentaram J. S. e Otávio Bonfim). Moralmente, apresenta comportamentos defeituosos dos personagens que, nem por êste motivo, deixam que se afirmem valores morais ou ao menos positivos.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

IRMÃOS KARAMAZOV

(The Brothers Karamazov). Dir. Richard Brooks.

Já exibido, e já comentado em nossa revista, o filme se fundamenta quanto ao enrêdo na obra homônima de Dostoiewsky apresentando os mesmos senões morais que aquela contém: dramas psicológicos familiares trágicos, graves problemas morais, carregação de desgraças, crimes horrendos como o parricídio e o suicídio, tudo sem qualquer nota positiva ou, ao menos, orientação ou explicação mesmo.

Cotação moral: Prejudicial.

Vale a pena ver:

RECORDAR É VIVER

(The Country Husband). Produção americana distribuída pela Columbia. Dir. James Nielsen. Com Frank Lovejoy, Barbara Hale.

Aí vem um ótimo filme para o público adulto que muito aproveitará com sua apreciação, visto que traz um enrêdo de argumento raramente humano e moralmente positivo.

Trata-se do problema do quotidiano conjugal: resfriamentos passageiros do romance primeiro, da afeição calorosa, da dedicação incondicional dos primeiros tempos, devido a problemas ocasionais ou à tradicional rotina que enferruja tôdas as coisas mal cuidadas. É pois um enrêdo real e indisfarçável em sua sinceridade em apresentar um problema sempre conhecido mas nem sempre solucionado ou ao menos discutido.

O cenarista desta produção, infelizmente, não soube determinar bem as sequências finais que resultaram, ainda que de leve, imprecisas. Mas, apenas neste ponto, "The Country Husband" não satisfêz. No mais, é bom e benéfico.

Claro está que o assunto abordado não se dedica a platéias jovens.

Cotação moral: Para adultos.

★

CASANOVA, AMANTE SUBLIME

Infelizmente, é reapresentado em Juiz de Fora êste filme que nada tem que o eleve, quer artística quer (e principalmente) moralmente.

Aventuras do lendário Casanova, ora com uma visitante noturna, ora com uma Condêssa, ora com a própria Rainha, ora ainda com uma jovem noiva.

Filme tôlo, tôrpe e inqualificável em sua baixeza, certamente será evitado e trocado por diversão mais sadia (outro filme mais interessante) por qualquer pessoa que se preze e pelo cristão convicto que respeita o templo de Deus que é sua alma.

Cotação moral: Condenado.

Um Belo Filme:

EM CADA CORAÇÃO UMA SAUDADE

(All mine to give). RKO. 1956. Dir. Allen Reisner. Com Glyns Johns, Cameron Mitchell, Rex Thompsom e outros.

Um bom filme que tira seu enrêdo de fatos que teriam ocorrido em pequeno povoado encrustado nas montanhas do estado de Oregon nos Estados Unidos e que servem atualmente como folclore americano de Natal.

Há uma trama bem construída e melhor aproveitada, especialmente no que concerne à caracterização dos personagens. Disto resulta uma padronização capaz de centralizar as pequeninas facetas da psicologia infantil.

Um filme agradável que consegue sensibilizar os espectadores.

Cotação moral: Para todos.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

FOGO EM MARACAIBO

(Maracaibo). Paramount. Dir. Cornel Wilde. Com Cornel Wilde, Jean Wallace, Landon, Abbe Lane e outros.

Cornel Wilde fêz um filme exclusivamente com fins comerciais, só mesmo para ganhar dinheiro. Não é fácil saber se ganhou dinheiro, mas é certo que aumentou a galeria de mediocridades cinematográficas com mais uma peça — êste melodrama insignificante e sob vários aspectos ridículo.

O enrêdo fraquinho gira em tôrno de um extintor de incêndios em poços petrolíferos venezuelanos que não conseguia ser eficiente porque se distraía com suas conquistas amorosas.

O espectador aguenta a monotonia, esperando melhores momentos, mas sai contrariado intimamente no final.

Liberdades e sequências sugestivas impõem reservas.

Cotação moral: Para adultos.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

VÔO PARA HONK KONG

(Fligt to Hong Kong). Filme americano distribuído pela United. 1956. Dir. Joseph M. Newman. Com Rory Calhoun, Barbara Hush e outros.

Filme que pouca coisa traz de novo no comum do gênero que explora — o do gangsterismo. A par desta falta de novidade e originalidade acrescenta-se ainda sua falta total de fluidez e agilidade de cenarização, arrastando-se em ritmo lento e e sem qualquer interêsse. Moralmente, apresenta graves restrições: ligação ilícita injustificada e considerada ao natural, falsa idéia de justiça, violências.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

★

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

(Journey to the Center of the Earth). Da Fox. Dir. Henry Levin. Com James Mason, Pat Boone, Arlene Dahl, Peter Ronson, Thayer David e outros.

O enrêdo da obra de Júlio Verne é maltratado esplêndidamente por Henry Levin neste filme homônimo. Quantos absurdos juntos! Nem é fácil enumerá-los. Afinal de contas, trata-se de incursão pseudo-científica (foi o que Júlio Verne sempre pretendeu) ou é uma crítica satirizante às incursões pseudo-científicas? Respondam os espectadores. De resto, poder-se-ia perguntar se não se trata de mais uma "chanchada". Inexplicável mesmo é a presença do lustroso Pat Boone no elenco. Só para cantar ou, principalmente, para chamar atenção e fazer propaganda? Os truques, no que concerne aos monstros pré-históricos, estão mal feitos. Quantos camaleões inofensivos foram desrespeitados pela sanha dos fantasmagóricos "efeitos especiais". Muita lagartixa útil às plantas de jardim foi tratada convenientemente pelos truques de forma a parecer algo digno de sonhos horripilantes.

Em resumo, depois de A Volta ao Mundo em 80 Dias, em que se viu o aproveitamento condigno de uma obra de Júlio Verne, esta obra de Henry Levin, francamente, é digna de sérias lamentações por qualquer pessoa de bom gôsto. O público infanto-juvenil vai gostar, o "fan-club" de Boone terá mais uma oportunidade, mas os professôres de Geografia ou de História vão ser amolados pelas perguntinhas de quem viu com assombro uma equipe de "cientistas" atravessar pelo centro da Terra até ser expelida pelo vulcão Stromboli, sã e salva, para contento de todos.

Cotação moral: Para todos.

Não percam !

OS REIS DO RISO

(The Golden Age of Comedy). Da Fox. 1957. Produção de Robert Youngson. Coordenação de Albert Helmes. Interpretações de Mack Sennett e Charlie Murray, Billy Bevan, Harry Gribbon, Ben Turpin, Madeleine Hurlock, The Keystone Cops, Stan Laurel e Oliver Hardy, Will Rogers, Andy Clyde, Edgard Kennedy, Harry Langdon, Carole Lombard e Jean Harlow.

Pela apresentação longa do elenco variado de **Os Reis do Riso** procuramos chamar a atenção dos leitores e espectadores para a série de histriônicos do cinema de ontem que pertenceram àquela época do cinema que o título original denomina como a **idade de ouro da comédia.**

De fato, **Os Reis do Riso** é uma risada franca e agradável de ponta a ponta. Nêle estão recordações para os espectadores mais velhos e autênticas descobertas para quem já está cansado com alguns esgares do gênero comédia do cinema atual. Faltam alguns tipos memoráveis, principalmente o teimoso Charles Chaplin que sempre se nega às incorporações, mas nem por êste motivo perde **Os Reis do Riso** seu alto valor. Valor múltiplo: é uma oportunidade de se rir livremente, de se conhecer artistas desaparecidos, de se entender um pouco da evolução do cinema, de se aquilatar o trabalho e a alta classe de quem foi artista no cinema silencioso, de se rever vultos famosos (entre muitos — a dupla Gordo & Magro). E, afinal, o filme (ou o conjunto de curtas metragens que constituem o filme) é tão engraçado e faz rir tanto que tem lugar, com razão, a pergunta retórica de Moniz Viana: por que a comédia americana é hoje um gênero pràticamente perdido?

Cotação moral: Para todos.

O CONTEÚDO MORAL DE UMA PELÍCULA É CONDIÇÃO INTRÍNSECA PARA QUE A OBRA CINEMATOGRÁFICA ALCANCE DIGNIDADE ARTÍSTICA.

COTAÇÃO MORAL

Os critérios de cotação moral adotados em A TÔRRE DE MARFIM deverão obedecer às seguintes interpretações:

PARA TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

MENOS PARA CRIANÇAS — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

PARA ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

PARA ADULTOS COM RESERVA — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuímos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

BAIONETAS DE AÇO

(Steel Bayonets). Produção inglêsa. Dir. Michael Carreras. Com Leo Genn, Kieron Moore e outros.

Cenas da última guerra mundial no norte da Africa fazem fundo ao roteiro seguido por êste filme que tem qualidades artísticas relevantes no que concerne ao trabalho fotográfico e ao "suspense" que consegue dar a muitas cenas.

A crueldade e o realismo da carnificina dos campos de batalha fazem o espetáculo impróprio para crianças.

Cotação moral: Menos para crianças.



Ponto alto na programação cinematográfica de Maio, Bravos e Covardes, filme de tese levantará curiosidade e possíveis discussões. Dêle é a cena do clichê acima obtido de um postal gentilmente cedido pela Exibidora Excelsior Ltda

Um bom filme para público esclarecido:

BRAVOS E COVARDES

(Haie und kleine Fische). Produção alemã de 1957. Dir. Frank Wisbar. Fot. Gunther Haase. Mús. Hans Martins Majewski. Com Hansjorg Felmy, Horst Frank, Thomas Braut, Ernst J. Reinhold, Sabine Bethamann, Mady Rahl, Wolfgang Preiss, Sigfried Lowitz e outros.

Aí temos uma obra que faz ressurgir, de certa forma, o desaparecido cinema alemão. Tudo aquilo que é alemão num filme se encontra nesta produção.

O enrêdo é em grande parte rodado em ambiente marítimo, pois que narra as peripécias de um grupo de cadetes novos da marinha alemã em manobras de um submarino na última guerra. Aqui e ali aparecem alguns cortes em que são apresentadas cenas realmente bélicas. Algumas escalas do barco submersível são oportunidades para o aparecimento de cenas em terra e com intérpretes, também, do sexo feminino.

Em sua matéria argumental, "Haie und kleine Fische" que se traduz "o tubarão e os pequenos peixes" não é nenhum documentário sôbre a fauna aquática. O tubarão logo é identificado pelo drama amargo dos pequenos peixes que são mesmo o brinquedo preferido pelos tubarões. Em suma, nota-se no fundo de **Bravos e Covardes** a preocupação em marcar o conflito tão comum entre o patriotismo e o falso patriotismo, entre o idealismo e a "obrigação de ser idealista", em

têrmos definidos: entre o soldado alemão e o soldado nazista.

A técnica surpreendente de **Bravos e Covardes** reedita uma das características do tradicional cinema alemão — o expressionismo. Disto resulta uma seqüência de "close-ups" (lamentàvelmente prejudicados pela pouca clareza da fotografia) já conhecida de quem teve a oportunidade de ver **O Último Ato**.

A par de tal característica, **Bravos e Covardes** conta ainda com a objetividade impressionante de sua narrativa, do que resulta uma análise marcante e bem estudada do material de fundo, a análise das causas do "último ato", da auto-destruição de um povo minado pelos excessos de uma camarilha.

Cumpre, ainda, frisar a interpretação dos papéis centrais. Lembramos a interpretação de Wolfgang Preiss, entre outras, no papel impar do comandante do submarino.

E, sublinhando as cenas e seus pormenores, aparece um comentário musical altamente sugestivo, em que há um aproveitamento estudado de sons para objetivar certas determinações, fortalecendo e realçando, assim, a narração.

Com tantas qualidades argumentais e técnicas, **Bravos e Covardes** apresenta, entretanto, sugestivos senões morais, devido à apresentação de certas atitudes pouco recomendáveis e altamente insinuantes da tripulação do submarino nas escalas. São pequenos trechos que vieram prejudicar a total aceitação da obra. Mas, mesmo sendo pequenos, são suficientemente amorais. É por êste motivo, que não pode ser compreendida (mais uma "enésima" vez) a equipe de "funcionários" da Censura Oficial com a solução: até 10 anos. O filme, até mesmo pelo enrêdo, é espetáculo para público amadurecido.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

O QUE OS PAIS DESCONHECEM

(Blue Jeans). Produção americana. Dir. Philip Dunne. Com Carol Lynley, Brandon de Wilde, Warren Berlinger, Marsha Hunt e outros.

O espectador adulto realmente preocupado com os problemas sociais e psicológicos da falida educação tradicionalista (cheia de mistérios e segredos) assistirá com interêsse "Blue Jeans". Seu tema central é a distância criada pelo citado tradicionalismo entre dois jovens quase pais (indevidamente) e seus próprios pais. Dêste tema central provêm várias pequenas incursões em temas correlatos: comodismo social, desorientação da juventude, desamparo da juventude, irresponsabilidade paterna. Apesar de, em quase todo seu entrecho, haver uma descambada sofrível para o melodrama, êste filme tem qualidades bem marcadas em sua técnica — decoração, fotografia e fundo musical, a par de boa interpretação de Carol Lynley, a mocinha do enrêdo.

Moralmente, a obra não consegue atingir a perfeição devido a certas lacunas que resultam num desfêcho final incompleto apesar de gostosamente agradável.

Nossa opinião é que, se o Cinema bem orientado se aproveitasse mais dêstes temas, talvez se pudesse fazer mais para um sem número de lares, em que a vida dos pais longe está de se incomodar com a vida dos filhos e com os reais problemas de sua juventude impetuosa e sempre ameaçada.

Cotação moral — Para adultos.

Tecidos bons e baratos ?

Não se esqueçam

só nas

CASAS PERNAMBUCANAS

Rua Halfeld, 642

Marechal Deodoro, 175

(Em frente ao antigo ponto)

QUATRO PISTOLEIROS E UM HOMEM

(Hell Canyon Outlaws). Republic. 1957. Dir. Paul Landres. Com Dale Robertson, Brian Keith, Rossana Rory e outros.

"Western" que apresenta o contraste de uma cidade do oeste, Coldridge, sob a chefia e tutela de um bom xerife e de seu ajudante e sob a ameaça de bandidos e desordeiros na ausência daqueles dois homens da lei. É natural que não sendo um "western" diferente (como alguns que têm aparecido) *Quatro Pistoleiros e um Homem* apresenta a mocinhada comum ao gênero. Mas, afinal, a interpretação chega a satisfazer, servindo o filme como passatempo.

Moralmente, reedita as violências próprias do gênero, donde a sua

Cotação moral: Menos para crianças.

★

DESEJO

(Desire urder the Elms). Paramount. 1958. Dir. Delbert Mann. Com Sophia Loren, Anthony Perkins e outros.

Baseado numa peça teatral de Eugene O'Neil, DESEJO não se afasta do original quanto ao fundo e quanto à sua adequação cinematográfica. Quanto a esta, porque em vários pontos sobra teatro e falta cinema pois a maioria dos diálogos foi conservada na íntegra, o que prejudica a linguagem cinematográfica que é a da imagem. Quanto ao fundo, também, porque há uma série negra de crimes injustificáveis que retratam os desmandos morais em pessoas nas quais não se deu o autor do original o trabalho de procurar alguma réstea de qualidades morais ou esperanças de melhor comportamento.

Pelo motivo apresentado, o filme não pode ser espetáculo para qualquer público, andando bem a censura em reservá-lo para maiores de dezoito anos.

Cotação moral: Prejudicial.

SOB O SIGNO DO SEXO

(The Best of Everything). 1959. Da Fox. Dir. Jean Negulesco. Com Hope Lange, Stephen Boyd, Suzy Parker, Martha Hyer, Louis Jourdan, Joan Crawford e outros.

Pretende o filme apresentar os problemas da mulher, chamada moderna, que trabalha fora de casa e não tem oportunidade de namôro sério mas apenas é vítima de aventureiros.

Um filme bem arranjado e reluzente, segundo Otávio Bonfim, mas falso e sem conteúdo, com o que concordamos. Primeiramente, há uma falha técnica marcante — excesso de personagens contra o comodismo do espectador comum. A mais dêste senão técnico acrescenta-se um fundo mal trabalhado com enrêdo difícil.

E quanto à parte moral? Não há dúvida que esta tem o seu lado bom, que é o despertar a atenção do público para alguns problemas que nem sempre são considerados. Mas, a solução (se é que chega a ser apresentada) não convence, visto que há uma preocupação exagerada em apresentar a realidade do que resulta uma apreciação muito pessimista da sociedade atual que, afinal, aparece como um mal para o qual não há qualquer remédio. Será o filme de Rousseau?

Cotação moral — Para adultos, com reservas.

★

NOS DEGRAUS DA GLÓRIA

(Slim Carter). Filme americano de 1957. Dir. Richard Barlett. Com Jack Mahoney, Julie Adams, Tim Hovey e outros.

Comédia regular que poderá agradar a qualquer público, mas principalmente ao público infantil, "SLIM CARTER" narra as peripécias de um menino que vence num concurso de publicidade cinematográfica, obtendo por prêmio a estadia de um mês na casa de seu artista preferido.

Há um cuidado cênico bem pronunciado, com fotografias em côres bem cuidadas. O comentário musical possue momentos de bela feitura.

Nada há para se objetar no plano moral.

Cotação moral: Para todos.

SÓ FICOU A SAUDADE

(Kings go forth). Filme americano de 1958. Dir. Delmer Davis. Com Frank Sinatra, Tony Curtis, Natalie Wood e outros.

O triângulo amoroso central – Sinatra, Curtis, Natalie – é em miniatura o grande triângulo que o filme pretende analisar mas talvez nem chega a fazer – preconceito, racismo e guerra. Em tais vértices se baseia o enrêdo que tem cenários diversos e alternados, ora no "front", ora na Riviera, etc.

Como tópicos artísticos excluem-se alguns momentos de boa fotografia de Daniel L. Fapp e o comentário musical de Elmer Bernstein. A direção é convencional, pois o que faz um filme (no sentido comercial, que é o do presente) são os artistas centrais (devido aos "fans-clubs") e o projeto de seu argumento (sempre exaltado na publicidade comercial). Não é preciso cuidar dos outros aspectos e é só esperar encher a bôlsa.

Não pode ser visto por adolescentes devido ao assunto e a algumas leviandades de um dos personagens centrais.

Cotação moral: Para adultos.

*

DEVOÇÃO DE MULHER

(A Woman's Devotion). Produção americana de 1956. Dir. Paul Henreid. Com Ralph Meeker, Janice Rule e outros.

Mais uma vez aparece o caso dos ex-combatentes psicopatas que, devido a algum incidente, contraíram neuroses mais ou menos graves. Junto ao ex-combatente neurótico que se dedica à pintura está sua mulher numa dedicação ímpar, mas, também, num desatino declarado.

Tècnicamente, conta o filme com bons momentos de fotografia e com um comentário musical bem feito. Mas é só. O seu ritmo é lento de modo geral.

Na parte moral, apresenta restrições pela delicadeza do argumento e por uma que outra cena sugestiva.

Cotação moral: Para adultos.

A MAJA DESNUDA

(The Naked Maja). Metro. 1958. Dir. Henry Koster. Com Ava Gardner, Anthony Franciosa, Amadeo Nazzari e outros.

O pintor Goya numa história fortemente romanceada é apresentado aos leigos em pintura, por meio dêste filme que, a título de publicidade (escandalosa) tem por mesmo título o de uma de suas telas.

Artisticamente, o filme não consegue fugir e escapar ao dramalhão em que pouco ou nada se fica conhecendo da obra e da personalidade de Goya. Salva-se ,apenas, a interpretação de Ava Gardner.

Moralmente, há o lugar comunissimo de desculpar os desnivelamentos morais dos artistas com sua inspiração. Além disso cenas fortemente sensuais e a apresentação ingênuamente errada de um tribunal da Inquisição tornam o filme restrito.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

*

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação
livros religiosos
bons romances
artigos para presentes
artigos religiosos, para altares e igrejas.

Galeria Central, 7

Fone 5978 — Juiz de Fora

James Dean na berlinda...

Assim Caminha a Humanidade

(Giant). Produção americana distribuída pela Warner. Dir. George Stevens. Com Elisabeth Taylor, Rock Hudson, James Dean, Mercedes Mc Cambridge, Carrol Baker e outros. Música de Dimitri Tiomkim. 198 minutos de projeção.

Não sabemos ao certo onde está George Stevens de **Gunga Din**, **Pecado Original**, **A Vida de um Sonho**, **Os Brutos também amam**, **Um Lugar ao Sol**. O que tem aparecido últimamente está cada vez mais distanciado daquele outro. É o caso, inclusive, dêste **Giant**.

A obra original de Edna Ferber poderia já ser mais valorosa e positiva. Quis ou pretendeu a autora apresentar a oposição diametral entre a velha economia agrária do Texas e a revolucionária industrialização moderna baseada no produto (petróleo) que fêz daquele estado um dos mais importantes e ricos dos Estados Unidos. Mas Edna Ferber ficou na pretensão. Sua obra agravou-se decididamente em incontido melodrama, logo após as primeiras passagens do roteiro, perdendo-se assim grande parte argumental muito mais rica. George Stevens, lembrando-se de que os americanos (norte) de vez em quando gostam de passar algumas horas nas salas de projeção, cons-



Elisabeth Taylor e James Dean num só filme.
Que mais desejará o respeitável "fan-club" de ambos?
Clichê de uma fotografia cedida pela Companhia Central de Diversões.

truiu uma obra "massuda" que procurou retratar os pontos centrais da obra original. Não é que **Assim caminha a Humanidade** (título verdadeiramente ingênuo e até meio gosado) seja um filme sem qualidades. Estas existem e podemos citá-las; algumas sequências bem feitas (caça à rapôsa, descoberta do petróleo pelo empregado Jett (James Dean) apresentação da casa da planície logo no início, contraste das crianças chorando diante do peru assado, preparação retórica de Jett diante da sala vazia e sem ouvintes), além destas sequências, há em todo o filme a preocupação pela fotografia e seu colorido — o que foi, também, um mérito de William C. Mellor auxiliar técnico desta parte. Além destas qualidades artísticas e técnicas, há o lado moral bem positivo em que se apresenta a compreensão mútua como solução às divergências conjugais, ressaltando-se ainda a personalidade moral do marido ante a volubilidade aventureira do empregado apaixonado pela patrôa. Até a discreção com que são apresentadas cenas de intimidade conjugal é um valor de alta moralidade a favor do filme.

O que não convence em **Giant**, entretanto, é a interpretação. Excetuando Rock Hudson que, declaradamente, errou a vocação, o elenco contava com uma Elisabeth Taylor que não é apenas uma artista bonita mas também capaz de dramaticidade (**O Caminho dos Elefantes**). Contava, ainda, o filme com um James Dean que não é apenas o "bonitinho" de uns tantos quantos "fans-clubs" mas também um real talento interpretativo (**Vidas Amargas, Juventude Transviada**), apesar de alguns tiques e lugares comuns que poderiam ser evitados com o tempo (se ainda interpretasse por mais tempo). Ora, bom artista interpretando mal é culpa do diretor.

Disto tudo que dissemos, resulta **Giant** um filme bàsicamente monótono.

Sobra-lhe, entretanto, o elogio da publicidade e o "disse-que-disse" dos "fans-clubs": **a última interpretação de James Dean.**

Cotação moral: Menos para crianças.

UMA DÍVIDA DE AMOR

(Hound-Dog Man). Da Fox. Dir. Don Siegel. Com Fabian, Carol Lynley, Stwart Whitmann, Arthur O'Connell e outros.

Enrêdo bem trabalhadosinho de modo a possibilitar alguns rompantes do pequeno ídolo Fabian e, é claro, algumas canções do mesmo. Um ambiente típico de fazenda norte-americana com todo mundo bem vestido e não poucas vistosas camisas de xadrês. Cães de estimação, terra muito fértil, nenhum contratempo, alguns tombos de cavalo, caçadas. Afinal, o filme é sôbre o ambiente típico de fazenda norte-americana. É claro, com o Fabian cantando sempre.

Nenhuma restrição moral a fazer. Filme para quem quiser assistir.

Cotação moral: Para todos.

FÚRIA BÁRBARA

(Giovanni dalle Bande Nere). Produção italiana. Elenco: Vittorio Gassman, Ana Maria Ferrero e outros.

Tendo por enrêdo as aventuras vividas e romanceadas de um grupo de pessoas durante a guerra que os italianos sustentaram no século XVI contra os invasores alemães e francêses, o presente filme apresenta recursos técnicos bem notáveis que não são comuns ao gênero bélico (principalmente, medieval e moderna) nos filmes italianos. Há uma boa presença da côr como recurso.

Moralmente, não pode esta produção ser liberada a qualquer público. Nela aparecem cenas de luta, invasão de cidades e aldeias, violação de propriedades e pessoas que podem impressionar a um espectador comum. O desconhecimento do ambiente histórico em que se deram as supostas cenas, poderá levar espectadores menos bem formados e instruídos a conclusões errôneas.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

O Mordomo e a Dama

(The Admirable Crichton). Produção inglêsa distribuida pela Colúmbia. Dir. Lewis Gilbert. Com Kenneth Moore, Diane Cilento, Cecil Parker, Sally Ann Howes, Martita Hunt, Peter Graves e outros.

Baseado na peça de James M. Barrie que dá nome ao original, **O Mordomo e a Dama** é mais ou menos uma transposição fiel daquela peça que se resumiu em criticar algumas injunções e preconceitos da casta nobreza britânica, como também alguns exagêros dos ditos "nobres liberais" que se desmandavam em absurdos igualitários.

O enrêdo é simples versando em tôrno dos contratempos de um grupo de náufragos, de classe social diversa, numa ilha deserta. O convívio assim forçado entre homens e mulheres de classe social diferente e pouco mais ou menos despidos é apresentado com uma discreção surpreendente não só na peça original, como ainda na adaptação cinematográfica, o que é exceção. Em outras mãos, talvez resultasse alguma venda de nudismo. O que interessava ao autor Barrie e interessou também a Lewis Gilbert, o diretor do filme, foi a parte social, psicológica, humana. É lamentável, entretanto, que não tenha conseguido fazer obra mais que artificial. A comicidade rica do original redundou um tanto monótona dado às medidas muito exatas das cenas que fazem o espectador prever a cena seguinte, o que é penoso e enfadonho.

Em suma, **O Mordomo e a Dama** é um filme que tem alguns méritos, como a fidelidade ao original, a exploração de um tema sempre atual, a relevância de moralidade apesar de circunstâncias ocasionalmente contrárias. Mas, visto sob o ponto de produção cinematográfica, não passa de uma obra que não faria falta alguma.

A Censura Oficial errou em cotar para menores de 14 anos. A indumentária, ainda que não explorada, é suficiente para reservar o filme para adultos.

Cotação moral: Para adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Av. dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Av. dos Andradas, 23 — Fone 4888



AS PERNAS DE DOLORES

(Die Beine von Dolores). Produção alemã de 1957. Dir. Geza von Cziffra. Com Germaine Damar, Claus Biederstadt e outros.

Artistas, em grande maioria desconhecidos para nós, aparecem neste meio musical e muito comédia alemão, que tem por enrêdo básico os complicações de uma jovem que trabalhava num clube noturno enganando seus pais que a julgavam enfermeira.

O enrêdo é levado com certa maestria com boa imaginação cenográfica e notável agilidade. Há momentos de boa comédia e alguns números musicais bons.

Moralmente, devem ser feitas sérias restrições à leviandade que interpreta e desculpa certas atitudes, como também à imodéstia insinuante de certos trajes, além de bailados sugestivos. Não é nem para qualquer público.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

O MORCÊGO

(El Vampiro). Produção mexicana. Dir. Fernando Mendez. Com Abel Salazar, Ariadne Welter, Carmen Montejo e outros.

Mais uma vez a lenda dos homens vampiros volta às telas. Desta vez em versão mexicana.

Um vampiro dominando um homem transforma fantàsticamente a vida tranquila de uma aldeia mexicana. Horrores e terrores se sucedem até que é encontrada uma solução satisfatória.

Em tôda a linha do filme, há uma fotografia estudada em carregar nos contrastes para maior sugestividade das cenas. A interpretação, entretanto, não é muito convincente.

O vampiro pode ser tomado como um símbolo do mal ou como a figura diabólica concretizada. A vitória sôbre o vampiro com a cruz é portanto positiva em seu sentido moral. Os horrores e as fantasmagorias do enrêdo, entretanto, não podem liberar o espetáculo para qualquer público.

Cotação moral: Para adultos.

Um espetáculo:

SINFONIA DOURADA

(Symphonie in Gold). Produção alemã de 1958. Dir. Franz Antel. Com Joachim Fuchsberger, Germaine Dalmar, Gunther Philip, Hans Moser e outros.

Não há muita preocupação por enrêdo em SYMPHONIE IN GOLD. O que interessa no caso é a apresentação de uma eximia companhia vienense de artistas patinadores no gêlo. E está claro: o resultado é satisfatório como espetáculo musical e coreográfico realmente bonito e digno de ser apreciado. Por êste motivo, quem gosta de musicais no gêlo, como foi aquêle lindo DER BUNTE TRAUM (SONHO COLORIDO), não perca a oportunidade que se apresenta agora. E, por falar em côres, também neste SYMPHONIE IN GOLD há uma dosagem bem pensada da mesma que concorre bastante para a beleza de conjunto das cenas.

Cotação Moral — Para todos.

TUDO PELO TEU AMOR

(This Happy Feeling). Universal-International. Dir. Blacke Edwards. Com Debbie Reynolds, Curt Jurgens, John Saxon e outros.

Colaborando para aumentar de mais uma a série de mediocridades da história do cinema, TUDO PELO TEU AMOR é um filme artisticamente nulo, com seu enrêdo fabricado a marteladas de aprendiz repleto de chavões e soluções para lá de "manjadas", com seus intérpretes soltos totalmente, sem qualquer orientação do diretor que brilha pela ausência, com suas concessões controversíveis a tôda espécie de público, enfim.

O amor impossível por um artista velho despertado numa jovem, a repulsa do artista, a intromissão de um rapaz em meio à trama – eis o resumo.

Moralmente, insinuações, diálogos sugestivos e quejandos, apesar da linha geral positiva e do desfêcho bem pensado.

Cotação moral: Para adultos.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

Mais uma das Sociais:

ÍDOLO DE CRISTAL

(The Beloved Infidel). Da Fox. 1959. Dir. Henry King. Com Gregory Peck, Deborah Kerr e outros.

Baseado no livro de Sheilah Graham e Gerold Frank, êste filme pretende narrar a vida do conhecido escritor F. Scott Fitzgerald. Entretanto, narra uma parte desta mesma vida. A parte em que Sheilah Graham aparece. Portanto, se é a parte em que uma colecionadora de mexericos e "disse-me-disse" da sociedade "society" aparece, é uma parte bem fraca.

Inicialmente, há o êrro na imagem de Fitzgerald aqui apresentada. Cronista social, paga para esclarecer escândalos e segredinhos, Sheilah Graham sempre marcou seus escritos com a mediocridade da sua sub-estatura intelectual pois que esta viveu sempre de mediocridades. Ora, justamente com esta forma de ver e pensar (?!), é que Sheilah Graham procurou encarar o escritor Scott Fitzgerald. Vai aí, portanto, o primeiro êrro dêste filme: basear-se num julgamento feito sôbre um escritor por uma sub-escritora.

Ademais, poder-se-ia esperar que a versão cinematográfica corrigisse, ainda que em parte, o original em que se baseia. Mas tal não aconteceu. O claudicante Henry King, apesar de seu artesanato primitivo e de sua linguagem cinematográfica pouco ou nada fluente, acertou num ponto: escolheu dois artistas centrais que, por exclusiva conta dos mesmos (pois que do diretor não podiam receber nada mesmo...), encarnam os papéis que Sheilah Graham quis impingir em seu livro. Assim, Deborah Kerr, no papel da própria Sheilah Graham, com a "performance" que lhe é própria, parece mesmo ser uma última tábua de salvação em sua honradez, dignidade, inteligência etc. (qualidades que a escritora Sheilah Graham, sem qualquer cerimônia, se arroga a supremacia de possuir em alto quilate, na sua pretensa auto-biografia em que fala de Fitzgerald). De outro lado, Gregory Peck parece mesmo, na maestria com que interpreta alguns grandes "pileques", ser o falso Fitzgerald, trivial e decadente, necessitado de amparo (que amparo!?), como apresenta a mesma Sheilah.

Concluímos pois: a falsidade do original foi bem traduzida.

Que esperar do quadro na ordem moral. Além dêste defeito básico — falta de verdade — êle está mais do que rebocado com os matizes tão caros aos cronistas sociais de baixa categoria (o caso de Sheilah Graham e, — por que não? — dessa atual Louella Parsons, tão estúpida quanto incompetente). Desta forma desfilam um sem número de situações arranjadas e não bem explicadas, atitudes grotescas e pouco acreditáveis. Enfim, desfila o manjar predileto dos que apreciam remexer a roupa suja da vida alheia.

Não é difícil deduzir nossa apreciação moral. Trata-se de um filme imperfeito, tôlo e vazio que bem retrata a tolice e o vazio da pseudo-mentalidade de quase todos os cronistas sociais metidos em mexericos altos ou baixos.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

Mais um "Suspense":

INTRIGA INTERNACIONAL

(North by Northwest). Metro Dir. Alfred Hitchcock. Com Cary Grant, Eve Marie Saint, James Mason e outros.

Especialista cinematográfico do "suspense", Alfred Hitchcock aborda, novamente, em "NORTH BY NORTHWEST" êste seu autêntico filão de ouro com o fim exclusivo de demonstrar como se constrói uma trama fácil mas que cause emoção dentro do gênero policial.

É porque o filme pertence ao gênero policial, que não convém nem um pouco adiantar qualquer coisa de seu enrêdo. Apenas podemos nos dar o direito de comentar, ainda que ligeiramente que Hitchcock repete nesta produção um sem número de lugares comuns às produções anteriores, inclusive seu aparecimento em cena (como sempre casual e sem determinação alguma). Nem por êste motivo, porém, perde o filme seu interêsse. Concluímos mesmo que continua seu diretor a merecer o título "o rei do Suspense".

Moralmente, dado o tom meio avançado de algumas situações comuns no gênero policial (desfile de tipos curiosamente marginais) não pode o filme em questão ser liberado ao público em geral, cabendo-lhe a

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

AVISO

Procurando acelerar a preparação e pronta publicação do presente número não pudemos esperar as programações dos cinemas São Mateus e Rex. Lembrem-se os interessados, entretanto, de que a programação destas duas salas corresponde a uma rèprise do que é primeiramente apresentado nos cinemas do centro da cidade pertencentes à Companhia Central de Diversões.

★

COMO MATAR UM TIO RICO

(How to murder a rich Uncle). Produção inglêsa. 1958. Dir. Patrick Nigel. Com Charles Coburn, Nigel Patrick, Wendy Hiller e outros.

Mais uma comédia britânica que pretende basear o riso à custa de cadáveres vítimas da astúcia de... Tudo no enrêdo, por mais contraditório que pareça tem por único intúito e finalidade o divertimento e o riso. Por êste motivo, o habituado ao cinema, em muitos pontos se lembra do notável QUINTETO DA MORTE. Pois, afinal, certos recursos humorísticos são bisados.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

FÚRIA DE CONFLITOS

(Ça, va Barder). Filme francês com Eddie Constantine, May Britt e outros.

De cinema nada tem, de enrêdo pouquíssimo. O que sobra ao filme é exploração comercial de certa clientela inescrupulosa que certamente fará fila a não ser que ainda seja mudada a programação. No mais, já temos na cidade uma sala de projeções conhecida em apresentar de tudo para tais espectadores do que concluímos que as salas da Companhia Central de Diversões não estão nada desejosas de receberem a frequência de tais indivíduos. Fiquem no seu lugar.

Cotação moral: Condenado.

O SEGRÊDO DAS JÓIAS

(Asphalt Jungle). Metro. 1950. Dir. John Huston. Com Sterling Hayden, Louis Calhern, Jean Hagen, Marilyn Monroe e outros.

Um assalto a uma joalheria por uma "gang" em que forma, entre outros, o filho de um fazendeiro (figura central), a divisão do roubo e as consequências que se apresentam, eis em resumo as bases de enrêdo desta película.

O trabalho artístico é louvável, pela ambientação perfeita que se faz da cena, com uma objetividade impressionante, não faltando em nada uma forte dose de psicologia bem adequada e humana.

Apesar de dar um tom positivo, com a punição dos criminosos, já pelo próprio crime, não é espetáculo para crianças e adolescentes. Nem mesmo para qualquer público adulto mas sem formação. Donde a nossa

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

E DEUS CRIOU A MULHER

(Et Dieu crea la Femme). Produção francesa. 1956. Dir. Roger Vadim. Com Brigitte Bardot, Curd Jorgens e outros.

Nossa revista que não é e nunca foi exclusivista, vendo apenas a parte moral dos filmes (como pretendem alguns mal entendedores), mas que comenta antes de sua cotação moral o que há de artístico e técnico em cada filme. Nossa revista, pois, nada comenta sôbre arte, técnica ou senões morais no presente filme e abre assim uma exceção proposital.

Mas, sinceramente, nossa revista espera que em respeito às famílias de Juiz de Fora, em respeito às suas próprias famílias, às suas espôsas e às suas filhas, os responsáveis pela Companhia Central de Diversões que, já de outras vêzes, honraram seus nomes com atitudes leais e honestas, não concordarão, de forma alguma, com a exibição dêsse filme, apesar de já ter sido programado. Maior prejuízo não será o material e sim o moral, o familiar, o educacional, o social enfim.

Com a palavra e a ação os diretores da Companhia Central de Diversões!

Será que vão empanar o brilho do mês das Mães ou vão dedicar às Mães a delicada homenagem do respeito, da sinceridade e da pureza?!

COMEÇOU COM UM BEIJO

(It started with a Kiss). Metro. Dir. George Marshall. Com Glenn Ford, Debbie Reynolds, Eva Gabor, Gustavo Rojo e outros.

No cenário belo e inequívoco da velha terra de Espanha corre o enrêdo dêste filme em que, mais uma vez, aparecem um mesmo diretor com um mesmo ator principal, respectivamente George Marshall e Glenn Ford. Claro está que não se trata aqui daquele mesmo George Marshall e Glenn Ford tão bem feito que presenciamos em "Imitation General" (General de Imitação), nem mesmo ao "The Sheapman" (O Irresistível Forasteiro). "It started with a Kiss" é bem uma realização inferior àquelas. Sobram-lhe, entretanto, boas e inegáveis qualidades — uma formidável interpretação de Debbie Reynolds como excelente comediante, um desempenho sempre perfeito de Glenn Ford e, ainda, bela e artística fotografia (não desacreditamos que o cenário natural da terra espanhola muito ajudou), fotografia esta que foi bem aproveitada num bom tratamento de colorido pelo "metrocolor", enquadrada em cinemascópio.

A trama argumental da comédia é comum, pode-se dizer. Um militar em licença, por fôrça de circunstâncias, conhece e se enamora de uma jovem "vedette" com a qual vem a se casar; de um casamento precipitado (namôro num dia e casamento no dia seguinte) sobrevêm desavenças, incompreensões etc. que na boa e tradicional dosagem da comédia cinematográfica acabam em nada, a contento de algumas cabecinhas vazias que não se conformariam com outro desfêcho.

Apesar de, contando com um enrêdo fraco, conter o filme inegáveis méritos artísticos e técnicos, contudo no que concerne à moralidade, longe está de poder ser liberado a qualquer público, por incrível que pareça.

Com efeito. Primeiro: assuntos de relevância na vida matrimonial são tratados da forma mais conformista e, (o que é mal) leviana possível. As desavenças mesmas são apresentadas em estilo burlesco. Depois: segundo o que se vem notando, ao invés de o cinema americano reagir positivamente ao cinema europeu (notadamente o francês) vem fazendo um trabalho negativo moralmente: procura reeditar os lugares comuns no que o cinema europeu tem de inaceitável; assim se explicam a apresentação do sexo como simples e exclusivo atrativo, o enxêrto de diálogos incisivos em meio às situações diversas dos enrêdos, a auto-afirmação da mulher para uma liberdade escrava — a liberdade de seguir a leviandade do mundo, da moda e da sociedade comodista dos conformistas e sensualistas.

Assim, muito embora louvemos a parte artística de **Começou com um Beijo**, discordamos inteiramente com o filme no que de mal pode trazer quanto à sua carência de princípios retos de sã moral.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

No EXCÉLSIOR

1	Sob o Signo do Sexo (pág. 10)	*Para adultos com reservas*
2	Coluna da Morte	*Para adultos*
4	O que os pais desconhecem (pág. 9)	*Para adultos*
6	Sinfonia Dourada (pág. 16)	*Para todos*
9	Bravos e Covardes (pág. 8)	*Para adultos com reservas*
11	Uma Dívida de Amor (pág. 13)	*Para todos*
13	Viagem ao Centro da Terra (pág. 6)	*Para todos*
16	Alma de Bandeirante	*?*
18	Devoção de Mulher (pág. 11)	*Para adultos*
20	Ídolo de Cristal (pág. 17)	*Para adultos com reservas*
23	Quatro Pistoleiros e Um Homem (pág. 10)	*Menos para crianças*
25	Os Reis do Rizo (pág. 7)	*Para todos*
27	O Lago Encantado	*Para adultos*
30	Floresta Ensanguentada	*?*

ORIENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Filmes do Mês

Maio — Juiz de Fora

No Central

2	Os Irmãos Karamazov (pág. 4)	*Prejudicial*
4	Desejo (pág. 10)	*Prejudicial*
6	Fogo em Maracaibo (pág. 6)	*Para adultos*
9	Punhos de Bravo	*Para adultos*
11	O Mordomo e a Dama (pág. 14)	*Para adultos*
13	Assim Caminha a Humanidade (pág. 12)	*Menos para crianças*
20	Começou com um Beijo (pág. 19)	*Para adultos com reservas*
23	Dominó Kidd, o Vingador	*Para adultos com reservas*
25	E Deus creou a Mulher (pág. 18)	*Condenado*
31	O Morcêgo (pág. 15)	*Para adultos*

No Pálace

3	Recordar é Viver (pág. 5)	*Para adultos*
5	Intriga Internacional (pág. 17)	*Para adultos com reservas*
12	Desnuda-te Lucrécia	?
14	Tudo pelo teu Amor (pág. 16)	*Para adultos*
17	A Família Trapp (pág. 4)	*Para todos*
19	Como matar um tio rico (pág. 18)	*Menos para crianças*
21	A Maja Desnuda (pág. 11)	*Para adultos com reservas*
24	O Segrêdo das Jóias (pág. 18)	*Para adultos com reservas*
26	Sissi, a Imperatriz (pág. 4)	*Para todos*
28	Baionetas de Aço (pág. 7)	*Menos para crianças*
31	Rapto ao Sol	?

No São Luiz

3	Turbilhão de Paixões (pág. 4)	*Para adultos com reservas*
5	As Pernas de Dolores (pág. 15)	*Para adultos com reservas*
7	Nos Degraus da Glória (pág. 10)	*Para todos*
10	Fúria Bárbara (pág. 13)	*Para adultos com reservas*
12	Marcados pela Violência (pág. 4)	*Para adultos*
14	Carnaval no Fôgo	*Prejudicial*
17	Casanova, amante sublime (pág. 5)	*Condenado*
19	Só ficou a Saudade (pág. 11)	*Para adultos*
21	Vôo para Hong Kong (pág. 6)	*Para adultos com reservas*
24	A Princêsa das Canárias (pág. 4)	*Menos para crianças*
26	Em cada coração uma saudade (pág. 5)	*Para todos*
28	Dominó Kidd, o Vingador	*Para adultos com reservas*
31	Fúria de Conflitos (pág. 18)	*Condenado*

Saiba gostar de Cinema lendo

A Tôrre de Martim

À VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350
LAR CATÓLICO — GALERIA CENTRAL, 7
"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75



Ano XI
N.º 80

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

~~Maio~~ Junho de 1960 — Juiz de Fora — Minas

Cr$ 5,00

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:
Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:
José Francisco Simões

SECRETÁRIO:
Ronaldo Barral de Senna

★

Enderêço:
Rua Halfeld, 1179
Caixa Postal 160
Fone: 1249
JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:
(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA
Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO
Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Lewis Milestone especializou-se nos filmes de guerra; apresentando o seu lado de drama humano. Seu filme, "Os Bravos Morrem de Pé", estrelado pelo experiente Gregory Peck, é um dos sucessos dêste mês.

AVISO

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TÔRRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir:

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais" O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Commercio e Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte.
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

Caso lançarmos mão de outras fontes de consulta, nomearemos as mesmas oportunamente.

A DIRETORIA

Editorial

Continuando, de certa forma, as palavras e a exposição de nosso número de maio p.p., queremos na oportunidade dêste número resolver algumas dúvidas que por acaso (sabemos que com certeza e de fato) podem aparecer.

Uma primeira dúvida: Se não proibem, por que motivo colocam cotações rigorosas no fim das críticas? Resposta: cotação não é proibição. Cada um dos leitores é livre de seguir ou não nossas cotações morais. E' claro que sem se esquecer de sua própria responsabilidade em seguilas ou não, dado que elas são, apenas, um aviso à sua consciência.

Segunda dúvida: Ler a revista é se proibir os espetáculos.

Resposta: Serão todos, por acaso? De resto, a Censura Oficial que, nem sempre acerta, proibe a assistência de espetáculos a determinadas parcelas do público. E esta proibe mesmo. Porque o fiscal do Juizado de Menores não deixa entrar Por enquanto, ainda não temos fiscais.

Terceira dúvida: Como pode a revista baixar cotação rigorosa para filmes sem qualquer cena imoral? Resposta: Piores que as cenas, muitas vêzes, são as idéias. Pode, também, acontecer o contrário — filme com certa liberdade nos trajes mas sem qualquer tendência imoral, neste caso já não será tão rigorosa a cotação. Assim foi o caso, para citarmos dois exemplos, de "Sinfonia Dourada" e de "Adão e Eva". O primeiro filme é mais um musical que um drama e a liberdade de trajes do mesmo, além de não ofender o pudor (porque não tem malicia), não traz qualquer contra-indicação moral, pois está sendo usada no ambiente aevido. Em "Adão e Eva" há a ambientação da cena e a par desta autenticidade deve-se louvar a plataforma bem elevada em que se manteve o filme que, afinal, justamnte porque não era o que alguns pensavam, foi vaiado em várias salas de projeção ao ser exibido.

★

AGRADECIMENTO

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

Maria Schell, duas vêzes:

TUA PARA SEMPRE

(Bis Wir Uns Wiederseh'n). Filme alemão de 1956. Dir. Gustav Ucicky. Com Maria Schell, O. W. Fischer e outros.

Apesar do elenco que apresenta alguma nota de propaganda, não passa o filme de um melodrama comum, que pode ser assistido por um espectador não muito exigente, com algum agrado.

Um romance entre uma jovem doente e um perseguido pela polícia marca o fundo argumental de todo o melodrama. A direção trabalhou, entretanto, muito bem. Há um aproveitamento consciencioso das reais qualidades dos intérpretes centrais. E, os intérpretes, de seu lado, mostram, mais uma vez suas eximias atribuições de bons artistas de notória fama. A par, destas qualidades técnicas e artísticas, tem o filme ainda uma fotografia muito bem dosada em que a paisagem singular da Suiça é aproveitada ótimamente.

Assunto um pouco elevado, devido a certas cenas delicadas, o filme não pode ser liberado a qualquer público. A união ilícita dos dois personagens centrais, o romantismo exagerado levam-nos à cotação moral dada.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

UM ROSTO NA NOITE

(Notti Bianche). Filme italiano de 1957. Dir. Luchino Visconti. Com Maria Schell, Jean Marais, Marcello Mastroiani e outros.

Mais uma vez, o triângulo amoroso: uma jovem e dois rapazes.

Luchino Visconti, diretor de méritos, soube criar um ambiente de sonho neste seu filme, sem, contudo, conseguir penetrar no sentido intimo da obra de Dostoiewski, da qual é adaptado o romance aqui apresentado. Uma fotografia estudada dá grande realce às cenas e valor ao todo. Não se pode aceitar como idêntica a de outras produções a interpretação de Maria Schell – está inferior, infelizmente. Jean Marais, aos poucos, vai trilhando o caminho comum dos esgares, trejeitos e declamações que marcam o fim da carreira artística de alguns valores cinematográficos.

Moralmente, o filme é prejudicado por duas cenas bem marcantes vividas em ambiente pouco recomendável. É de se lamentar, pois a mensagem que traz a obra, em seu conjunto, é aproveitável e positiva.

Cotação moral: Para adultos.

★

Documentem-se os interessados:

O ENIGMA DO ESPAÇO

(Unidentifield Flying Objets). Dir. Winston Jones.

Trata-se de um documentário muito bem feito sôbre tudo o que vem acontecendo nos últimos quinze ou vinte anos, com relação a objetos espaciais não identificados, sua aparição e o contacto que tiveram os habitantes da Terra com os mesmos.

A curiosidade do presente filme reside, exatamente, em não ser uma engazopada de ficções baseadas em relatos reais. O filme é a exposição documentada, ùnicamente, de fatos acontecidos, estudados e comprovados. Por êste motivo, não apenas os aficionados do assunto se sentirão em casa, mas o público em geral sentirá sua atenção despertada e prêsa pelo grande assunto científico da atualidade.

Cotação moral — Para todos.

Vale a pena ver:

UM SONHO IMPOSSíVEL

(A Dog of Flanders). Da Fox. Dir. James B. Clark. Com David Ladd, Donald Crisp, Theodore Bikel e outros.

Qualquer público, infantil, juvenil, adulto, exigente ou não, assistirá com interêsse e apreciará, também A DOG OF FLANDERS. Aliás, o título original, apesar de seu sentido, não foi mal representado pelo novo título recebido no Brasil. De fato, o pequeno herói apresentado pelo filme passa por várias peripécias até realizar aquilo que parecia ser um "sonho impossível".

Vamos, logo, às qualidades do filme: linguagem simples e real; ótima fotografia numa boa apresentação da cidade da Antuérpia em fins do século XIX e, também, numa boa apresentação da vida do campo; interpretação única de Donald Crisp e de Theodore Bikel, a par de uma atuação sem artificialismo do pequeno David Ladd. O próprio cachorro não deixa de ser uma atração.

Cotação moral — Para todos.

★

SISSI E SEU DESTINO

(Sissi Schicksaljahre Einer Konigin). UFA. 1957. Dir. Ernst Marischka. Com Romy Schneider, Karl Heinz Bohm, Magda Schneider e outros.

Terceiro episódio da série SISSI. Desta vez enfrenta a jovem imperatriz alguns contratempos de uma doença que a leva a viver algum tempo longe do marido e do filho, como também, de um mau acolhimento numa visita oficial à Itália junto com o imperador.

Novamente, quadros luxuosos, o encanto ingênuo de Romy e alguns dia-a-dia de sua vida. Muito longe de História e mais próprio de fadas.

Cotação moral — Para todos.

Para os pais:

UM ESTRANHO EM MEUS BRAÇOS

(Stranger in my Arms). Universal-International. 1958. Dir. Helmut Kautner. Com Jeff Chanler, June Alysson, Mary Astor, Sandra Dee, Charles Coburn, Conrad Nagel e outros.

Vários problemas e dramas morais são apresentados neste filme de valor e teor instrutivo para os pais em geral. Conta o mesmo com a interpretação muito boa de Mary Astor e de Sandra Dee, sendo apresentado em ritmo variado, o que faz com que o espectador tenha a atenção sempre em interêsse, malgrado alguns diálogos mal aparelhados.

Os erros educacionais apresentados pelo filme são o motivo de torná-lo reservado, apenas, a público adulto. Crianças e jovens, sérios ou não, poderiam ser levados, fàcilmente, à crítica dos próprios educadores por meio de comparações com as atitudes (anormais) apresentadas pelo enrêdo.

Cotação moral: Para adultos.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

O MORCÊGO

(El Vampiro). Produção mexicana. Dir. Fernando Mendez. Com Abel Salazar, Ariadne Welter, Carmen Montejo e outros.

Mais uma vez a lenda dos homens vampiros volta às telas. Desta vez em versão mexicana.

Um vampiro dominando um homem transforma fantàsticamente a vida tranquila de uma aldeia mexicana. Horrores e terrores se sucedem até que é encontrada uma solução satisfatória.

Em tôda a linha do filme, há uma fotografia estudada em carregar nos contrastes para maior sugestividade das cenas. A interpretação, entretanto, não é muito convincente.

O vampiro pode ser tomado como um simbolo do mal ou como a figura diabólica concretizada. A vitória sôbre o vampiro com a cruz é portanto positiva em seu sentido moral. Os horrores e as fantasmagorias do enrêdo, entretanto, não podem liberar o espetáculo para qualquer público.

Cotação moral — Para adultos.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

NANÁ

(Nana). Produção ítalo-francesa de 1956. Dir. Christian Jacques. Com Charles Boyer, Martine Carol, Elisa Cegani e outros.

O romance nada recomendável de Emile Zola serviu para a obra homônima de Christian Jacques, possivelmente falto de inspiração e, mais que isso, de vergonha e outras qualidades comuns até aos índios, pois expôs deslavadamente sua então espôsa (para êles casamento é contrato a prazo) ao achincalhe dessas filas bobas de inqualificáveis que pagam um ingresso qualquer para ver tão sòmente o que é matéria, pois falta espírito à obra.

Transcrevemos, trechos de comentaristas do Rio de Janeiro, a seguir:

J. S.: "**Nana** não é um filme. É uma ária de ópera para uma cantora fraquíssima que só a interpreta porque é mulher do empresário. Tudo serve de pano de fundo para Martine Carol e, também, tudo é desperdiçado por uma atriz que não tem fôrça para ultrapassar o nível das "Carolines" ou das "Lucrécias" em versão Christian Jacques. Mulher bonita, Martine Carol é completamente vazia de conteúdo artístico."

Otávio Bomfim: "**Nana** é um filme dirigido por Christian Jacques, cujo trabalho é apenas razoável, não correspondendo à espectativa."

Portanto, concluímos, já se sabe por que motivo haverá fila.

Cotação moral: Condenado.

★

OS MISERÁVEIS

(Les Misérables). Pathé. 1958. Dir. Jean Paul Le Chamois. Com Jean Gabin, Bernard Blier, Danièle Delorme, Silvia Montfort e outros.

Novamente (em nona versão) o entrecho de Victor Hugo volta às salas de projeção. Desta vez, compreendido melhor. Pois, Jean Paul Le Chamois compreendendo ser difícil fazer entender hoje o espírito da obra de Hugo, simplificou-a numa adaptação. Contou o filme, também, com interpretação razoável.

Caridade, amor ao próximo — eis duas partes bem positivas do filme. Pecam reservas para crianças algumas cenas de miséria social.

Cotação moral — Menos para crianças.

Não percam !

OS SENHORES DA SELVA

(Lords of the Forest ou Masters of the Congo Jungle). Da Fox.

Aí está um esplêndido documentário que agradará muito o público em geral, particularmente, porém, ao mundo estudantil e aos oficcionados do saber que, já sabemos, nunca ocupa lugar.

A própria **Fundação Científica Internacional Belga** financiou a filmagem dêste documentário que tem por ambiente argumental a vida das florestas congolêsas. Mas a obra não é apenas uma reportagem de visualizações estanques. Houve uma intenção louvável de penetrar ao sentido geográfico e humano do assunto, apresentando-se, assim, a afinidade grande que existe entre o meio-ambiente e a vida – vegetal, animal ou humana.

Para o êxito surpreendente de **Senhores da Selva**, na parte técnica, colaboraram duas grandes presenças – a da fotografia e seu tratamento de côr e a da adequação de sons naturais (como linha musical ou sonora) às cenas apresentadas.

O que se notou em salas de projeção de outras cidades, certamente, se repetirá, também, em Juiz de Fora: mesmo o grande público que, em geral, não aceita com facilidade o gênero documentário, por ser pesado para sua compreensão, assiste com interêsse e respeito a exibição dêste **Masters of the Congo Jungle** tal a arte (sempre universal) em que está fundamentado.

Cotação moral: Para todos.

★

NO LIMIAR DO INFERNO

Da Fox. Com Dolores Michaels, Patricia Owens e outros.

O filme aborda um tema pesado que não pode ser liberado a qualquer público, no que concerne à parte moral. Trata de alguns fatos comuns às ocupações militares nas guerras – sedução, violência, venda da virtude em troca de subsistência, etc.

Alguma qualidade técnica pode ser notada na produção que, desta maneira, escapa ao comum de seu gênero.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

COTAÇÃO MORAL

Os critérios de cotação moral adotados em A TÔRRE DE MARFIM deverão obedecer às seguintes interpretações:

PARA TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

MENOS PARA CRIANÇAS — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

PARA ADULTOS – Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

PARA ADULTOS COM RESERVA — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuímos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

ÊSTE SARGENTO É DE MORTE

Filme americano da Warner Bros.

Várias peripécias de dois amigos em fardas no serviço militar tecem a trama de comédia dêste filme. Poucas sequências realmente cinematográficas. No mais, é teatro filmado, com carregação nos efeitos cômicos. Algumas brincadeiras entre os militares podem impressionar.

Cotação moral — Menos para crianças.



Uma das cenas do filme de Vincent Donahue, feito em boa técnica e com bons intérpretes.

POR UM POUCO DE AMOR

(Lonelyhearts). Filme americano de 1958. Dir. Vincent Donahue. Com Montgomery Clift, Robert Ryan, Myrna Loy, Dolores Hart e outros.

Um rapaz esperançoso trabalhando numa secção de consultas sentimentais de um jornal se vê envolvido num "caso" em que a veracidade de uma consulta é constatada por êle. O diretor do jornal, entretanto, é cínico e descrente da humanidade, o que não abala a firmeza de convicção do rapaz. Eis o resumo que se pode dar do assunto de **Lonelyhearts.**

O filme conta com ótimas qualidades: imagens bem estudadas, sucessão de imagens bem dosada, ritmo vivo e que foge sempre ao enfadonho e choramingas do melodrama, boa fotografia, interpretação segura. Dadas estas qualidades, o filme consegue manter o interêsse pela história que narra.

É de se lamentar que um filme artisticamente bem feito inclúa alguns senões bem graves – falhas morais graves e adultério, sem qualquer desaprovação, são apresentados ao público. Ora, sala de projeção, segundo o que se sabe, é de livre acesso, observados a censura oficial (falha aqui) e o pagamento do ingresso. E depois ? Será que alguém assume a responsabilidade dêste "depois" ?

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

(Some Like it Hot.) Produção americana de 1958. Dir. Billy Wilder. Com Tony Curtis, Jack Lemon, Marilyn Monroe. Pat O'Brien e outros.

Dois músicos sem emprêgo, disfarçados em roupas femininas, saem em jornada artística com uma orquestra feminina. Dêste tema central, Billy Wilder tira tôda a fábrica de situações cômicas ou burlescas do filme.

Sobrou, sem dúvida, a boa técnica de Wilder, neste filme em que novamente abordou seu assunto preferido – a comédia. Há aqui, entretanto, uma diferença bem grande, ao compararmos o filme com outros do mesmo diretor, em que a comédia era dosada em têrmos genuínos, sem a descambada para a inverossimilhança de várias situações antes burlescas que próprias de comédia autêntica.

O assunto, devebos frisar – perigoso, deu margem, como é compreensível, a uma série de tiradas pouco recomendáveis: impotência sexual, situações equívocas, diálogos berrantes, cenas de amorosidade exagerada, roupas íntimas ou insinuantes, etc., etc. Só mesmo o tom de comédia salvou a malícia de muitas cenas. Mesmo assim, que nos desculpem, mas a nossa cotação moral não pode ser relapsa.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

★

RENEGANDO MEU SANGUE

(Run of the Arrow). RKO. Dir. Samuel Fuller. Com Rod Steiger e outros.

Mais um filme a tratar do tema "western" em função de um outro – a guerra de Secessão. Desta vez, parece ter havido mais cuidado. O resultado foi um filme pictórico em que se nota um aproveitamento inteligente do cenário agreste do oeste, junto com uma inspiração boa que se põe a vista em várias sequências. Infelizmente, parece que o papel que interpreta Rod Steiger não lhe é muito próprio, o mesmo se dizendo do de Sarita Montiel. Os artistas coadjuvantes vão bem. Algumas violências restringem.

Cotação moral: Para adultos.

ILHA SANGRENTA

(The Camp of the Blood Island). Filme americano de 1957. Dir. Val Guest. Com Carl Mohner, André Morell, Edward Underdown e outros.

Filme sôbre a guerra no Pacífico. Americano x Japoneses, campo de concentração, separação, racismos, etc. Boa parte técnica.

Lamentamos a exibição dêste filme numa época em que a discriminação racial vem ceifando vidas na África do Sul (notòriamente) e em muitos lugares (veladamente). Apresentamos, a seguir, o que disseram alguns comentaristas, cujas palavras aprovamos:

Sérgio Barreto em **"O Globo"**: "É doloroso assistir à utilização de recursos tão bons para servir a uma causa de ódio e destruição entre os homens. Tudo corre num clima de ódio racial, de franco incitamento contra o Japão, como se êste país ainda estivesse em guerra com o Ocidente."

J. S.: "Situa-se **Ilha Sangrenta** entre os raríssimos filmes de discriminação racial, a mais baixa forma de sentimento humano, que deveria sofrer punição, num mundo já bastante conturbado e sob a ameaça de uma guerra total."

Nada acrescentamos ao parecer dos dois críticos cinematográficos, apenas, frisando nossa

Cotação moral: Para adultos.

★

FÚRIA BURLESCA

(The Rage of Burlesque). Dir. Albert Vox. Com Lillian White e outros.

Lamentável exibição de um espetáculo sórdido. É dos tais espetáculos próprios para se conhecerem alguns tipos que se postam à fila da bilheteria. Que nos desculpem, mas algumas vêzes costumamos gastar o tempo pensando na responsabilidade de quem produz, dirige, interpreta e, também, exibe tais atentados aos bons costumes. Será que existe ainda o Decreto-Lei nº 2848 do Código Penal Brasileiro? Os interessados procurem o cap. VI, artigos 233/234. Vale a pena ler, a título de esclarecimento.

Cotação moral: Condenado.

Cinema Nacional:

Paixão de Gaúcho

Brasil Filmes. Dir. George Walter Durst. Com Alberto Ruschel, Victor Merinow, Lima Barreto, Carmen Joya Morales, Ana Candida e outros.

Baseado no romance O GAÚCHO de José de Alencar, o trabalho de George Walter Durst chega a agradar satisfatòriamente, devido a umas revelações que apresenta ao espectador acostumado a confundir filme nacional com "chanchada".

De fato, antes de tudo, PAIXÃO DE GAÚCHO tem uma ótima fotografia. Clara e límpida, explora principalmente os aspectos de exterior, não desagradando, entretanto, em algumas apresentações de interiores.

Alberto Ruschel não desagrada em sua interpretação, o mesmo valendo dizer, em parte, quanto ao trabalho de Victor Merinow. Os papéis femininos é que não foram satisfatòriamente interpretados, o que não chega a destoar do conjunto.

Sem ser a perfeição, contudo, PAIXÃO DE GAÚCHO mostra uma grande melhoria e indica as reais possibilidades do cinema nacional.

Tratando-se de um drama vivido durante a Revolução Farroupilha e porque apresenta algumas violências praticadas na mesma, reserva-se o espetáculo a um público mais esclarecido e amadurecido.

Cotação moral — Para adultos.



Em evidência as possibiliaddes do cinema nacional graças a uma boa direção de G. W. Durst.

TIMBUCTU

(Timbuctu). Imperial. 1958. Dir. Jack Tourneur. Com Victor Mature, Yvone de Carlo e outros.

Numa reedição de lugares comunissimos e muito "manjados", TIMBUCTU pretende apresentar uma face dos grandes problemas da Africa Francesa. Rebelião nativa, repressão dos oficiais (tradicionais) da França e grandes heroismos do "mocinho" que conquista, sòzinho, a situação tôda.

A par desta mediocridade (só agradável a um público pouco exigente) TIMBUCTU reedita uma falha comum às grandes produções americanas em que sobra técnica (como é o caso presente), a saber: o diretor, preocupado com a técnica, montagem, contrastes, ação, etc., se esquece completamente, do ponto importante da interpretação. Resultado: Victor Mature, Yvone de Carlo – artistas de certas qualidades – são desperdiçados em favor da inoperosidade da direção. Largados sòzinhos falam e desenvolvem papéis decorados.

Moralmente, TIMBUCTU encerra uma outra reedição de lugares comuns: a figura feminina central é casada mas se apaixona livremente pelo "mocinho", mentiras, traições e desonestidades não são pesados quando autorizados pela posição do "mocinho" que, na sua simpatia (? !) procura encobrir tudo. Além destas falhas, ainda: violências, brutalidades em lutas.

Cotação moral: Para adultos.

★

ENTARDECER SANGRENTO

(Decision at Sundown). Filme americano de 1957. Dir. Budd Boetlicher. Com Randolph Scott e outros.

Randolph Scott e o "western" são duas figuras inseparáveis. Mas, também, mal ajustadas. Reaparecem neste filme em tôrno de um tema central meio psicológico: um "mocinho" atrapalhado com problemas sérios a resolver. Não há dúvida que os problemas centrais são fonte de um drama que poderia ser bem trançado, mas que não se vê em **Decision at Sundown.** O que aparece é uma confusão mal aparelhada que incluindo cenas de violência e idéias certas e erradas de mistura, só traz confusão.

Cotação moral: Para adultos.

DE VENTO EM PÔPA

Produção da Atlântida. Dir. Carlos Manga. Com Oscarito, Cyl Farney, Doris Monteiro, Sônia Mamed, Margot Louro, Zezé Macedo e outros.

A presente comédia musical avulta um pouco entre as comédias musicais do cinema nacional (falem mal, mas falem de mim...). Com efeito chega a ter técnica e um pouco de gôsto, o que já é uma boa reforma ou novidade. Além desta qualidade, **De Vento em Pôpa** é limpo. Claro que não inteiramente. Ainda aparecem os diálogos dúbios (donde nossa cotação), mas em comparação com o vulgarismo de produções anteriores, a limpeza feita nas idéias de enrêdo foi bem grande.

Não sairá logrado, de todo, quem assistir mais um desfile do cinema nacional que pode fazer muito se fôr bem dirigido. Não é o caso da direção ausente de Carlos Manga. Mas a "política" lhe concedeu um prêmio pelo filme.

Cotação moral: Menos para crianças.

★

CHUVA DE BALAS

(Gunsight Ridge). Filme americano de 1958. Dir. Francis Lyon. Com Joel Mc Crea, Mark Stevens e outros.

Mais um "western" focalizando a coragem de um investigador contra um bando de salteadores. Feitura normal. Só chega a agradar aos que apreciam o gênero.

Cotação moral: Para todos.

★

ÉPOCA SEM LEI

(Wilde Heritage). Produção americana. Dir. Charles Haas. Com Will Rogers Junior e Maureen O'Sullivan e outros.

Corrida para o oeste e defesa de alguma parte desta terra de promissão. Não passa dêsse batido tema a pretensão de **Wild Heritage.** Rotineiro e mediocre, é um filme sem nenhuma importância. Só para os que gostam do "bang-bang", de qualquer jeito, poderá trazer diversão.

Cotação moral: Menos para crianças.

ANA DE BROOKLYN

(Anna di Brooklyn). Produção italiana. 1958. Dir. Carlo Listricati. Com Gina Lollobrigida, Vittorio de Sica, Amadeo Nazzari, Dale Robertson, Peppino de Filippo e outros.

Não há dúvida que houve boa intenção em fazer rir e em divertir ao se fazer Anna di Brooklyn. Já pelos espalhafatosos artistas, representando bem o fogoso povo italiano; já pelas situações inesperadas e cômicas, sem precedentes em outros filmes as mais das vêzes; já pelo próprio enrêdo – a volta de uma viúva rica da América para sua aldeia natal na Itália, os seus pretendentes e a sua escolha. Tudo isto em conjunto é agradável passatempo e faria rir sem qualquer, repulsa. Pois, afinal, a contextura do filme é boa, não obstante alguns ligeiros senões técnicos.

Entretanto, vão que vão vários senões morais neste filme supervisionado por De Sica. Primeiro, o mais grave, as atitudes do Padre, interpretado pelo mesmo De Sica. O padre de Anna di Brooklyn é uma figura deprimente para qualquer espírito sério e respeitador, mesmo não católico mas sincero. Um palhaço a mais num picadeiro, um humano excessivo que se mistura com tôdas as mesquinharias, mexericos e cochichos de uma aldeia. Uma caricatura excessiva. Não. Haja limites. Em Dom Camilo êles foram ótimamente respeitados. Houve ali mais sublimidade.

Outro senão grave é o abuso de Gina. Ainda mais quando a vemos neste filme mais artista que nunca. Êste abuso é lamentável. Vicia mais uma série de espectadores desorientados. Provoca inversões de valores imperdoáveis. Afinal, se as mocinhas andam por aí do jeito que andam... Ninguém pode sinceramente negar a influência das artistas de cinema neste ponto. A imitação é velha mania. E as consequências...

De modo que muito apesar de concordarmos com boas qualidades desta produção italiana, contudo não podemos liberar sua assistência ao público juvenil, pois que mesmo aos adultos sinceros e bem intencionados a maior parte das gracinhas e situações cômicas do filme fazem rir daquele jeito tão conhecido e incômodo – com um nó na garganta, com o receio de se estar fazendo concessões em demasia a um espetáculo que fere em algo precioso para nós.

Cotação moral: Para adultos.

O MISTÉRIO DAS CAVEIRAS

(The Four Skulls of Jonathan Drake). Filme americano. Dir. Edward L. Cahn. Com Edward Franz, Valerie French, Henry Daniel e outros.

O gênero "horror" é próprio a êste filme que tem a qualidade básica de seu gênero — o "suspense".

Tudo gira em tôrno de algumas mortes supostamente praticadas pelos Jivaros, indígenas americanos conhecidos como "caçadores de cabeças".

E' claro que o tipo de enrêdo e o seu desenvolvimento bem feito não podem ser presenciados pelo público infantil e juvenil fàcilmente impressionáveis por assuntos desta natureza. Não hesitamos em apresentar a

Cotação moral — Para adultos.

★

UM HOMEM CONTRA O DESTINO

(Cast a Long Shadow). United Artists. 1959. Dir. Thomas Carr. Com Audie Murphy, Terry Moore e outros.

Francamente, trata-se de uma impressionante mediocridade só aceitável a quem não se importa em perder tempo. Apesar de um elenco não desprezível, a direção do filme atrapalhou (ao que parece) as possibilidades cênicas dos artistas. Resultado: um conjunto inexpressivo e tôlo.

Moralmente, repete as violências do "western" (seu gênero), não deixando bem explicadas certas atitudes.

Cotação moral: Para adultos.

★

VOU TE CONTÁ

Filme nacional. 1957. Dir. Alfredo Palácios. Com Pagano Sobrinho, Maria Duval, Milton Ribeiro e outros.

Uma cópia de programas de rádio e de televisão. Anedotas, músicas carnavalescas, situações ambíguas, linguagem de sentido dúbio e às vêzes obcena. Afinal, parece que o cinema nacional já caiu em sua mediocridade e anda procurando reagir. Esperemos dias melhores.

Cotação moral: Para adultos.

Sayonara



Marlon Brando e Miyoshi Umeki em cena num filme que será do grande público, mas também do gôsto do público exigente.

(Sayonara). Warner Bros. 1958. Dir. Joshua Logan. Com Marlon Brando, Patricia Owens, Miyoshi Umeki, Miiko Taka, Ricardo Montalban, Martha Scott, Red Buttons e outros.

SAYONARA quer dizer ADEUS. A fita é uma apresentação dos problemas criados com as idéias fechadas da discriminação racial, pois narra o romance de um oficial americano (Marlon Brando) com uma japonêsa (Miyoshi Umeki).

Vários são os méritos dêste filme: magnifica fotografia, belas paisagens, interiores de rara atração, apresentação de costumes tipicos e estranhos do Japão, interpretação boa de Miyoshi Umeki, ritmo sempre vivo e interessante, enrêdo agradável em sua boa e feliz dosagem; moralmente há que se apreciar o tom positivo que formaliza o assunto, apesar de não totalmente claro. Sofrem reserva, infelizmente, alguns senões.

SAYONARA será muito apreciado, ao que julgamos, quer pela sua parte argumental (o romance, sempre impossivel ou dificil), quer pela sua parte artistica (baseada na mensagem perfeita da fotografia), quer pelo seu valor como documentário (apresentação de costumes, interiores e aspectos da vida japonêsa).

Não fôsse o suicidio apresentado, ainda que disfarçadamente, a par de sugestões de ligações ilícitas, sua cotação moral poderia ser livre.

Cotação moral — Para adultos.

CLAMOR DE VINGANÇA

(Windom's Way). Rank. Dir. Ronald Neame. Com Peter Finch, Mary Ure, Natasha Parry, Robert Fleming e outros.

Segundo o que apuramos, foi esta película rodada na Malásia, o que é uma oportunidade de se conhecer realmente o ambiente de vida daquela região. O argumento que dá título ao filme (na versão portuguêsa) é a revolta de nativos trabalhadores nos arrozais contra as suas condições de vida muito precárias. Um médico inglês da localidade, sempre respeitado, procura intervir, não conseguindo logo seu intento, devido a problemas domésticos não resolvidos.

Filme que prende a atenção do espectador dado o seu tom de sinceridade sem rebuços, agradará aos aficcionados pelos problemas dos povos agricultores do Extremo Oriente. Seu tema não é para público juvenil, pois traz violências em seu desenvolvimento.

Cotação moral: Para adultos.

DESFORRA FATAL

(The Hard Man). Filme americano de 1957. Dir. George Sherman. Com Guy Madison, Robert Burton, Valerie French e outros.

Parece que George Sherman teve intenção de copiar **Os Brutos também Amam**. O enrêdo, as sequências, o ambiente os tipos se repetem aqui. Há a chegada de um forasteiro, pouco ou nada conhecido, a um lugar com a missão secreta de conhecer os motivos que levaram um seu amigo a se transformar em um "fora da lei"; encontros intempestivos ou não do herói com homens que esbarram o seu caminho de procura, etc. A cópia, caso admitida, não foi bem feita. **Desforra Fatal** não tem a ver com a técnica, a interpretação e a mensagem moral de **Shane**. É apenas mais um tiroteio, um concurso de sôco, uma correria no oeste americano. Até o vilão (Lorne Greene), figura sempre bem apresentada em filmes do gênero, está fraca.

Cotação moral: Para adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Av. dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Av. dos Andradas, 23 — Fone 4888



QUE DEUS NÃO O PERMITA

(Que Dios no lo permita). Produção mexicana. Dir. Tulio Demicheli. Com Silvia Pinal, Jorge Martinez de Moyos, Raul Ramirez e outros.

Novamente, o caso comum do melodrama dramalhão. Casamento de mulher muito virtuosa ?! com um vilão. (Por que se casaram ?) Depois o marido e a mulher se separam, sem que o marido conceda divórcio. Vem o mocinho que sempre amara a heroína em silêncio (?!). Adultério. Pedido de divórcio. Concessão do divórcio.

Afinal, será que o sentimentalismo desculpa os desmandos ? Não. O filme, apesar de ter algumas poucas qualidades técnicas, falha completamente em sua parte moral. Nem mesmo chega a convencer.

Cotação moral — Para adultos, com reservas.

A TÔRRE DO PRAZER

(La Tour de Nesle). Art. Dir. Abel Gance. Com Pierre Brasseur, Silvana Pampanini e outros.

Aqui neste filme há um "golpe" desleal já usado em outras produções. Ajuntaram-se um diretor de fama e méritos (Abel Gance), um elenco razoável (Pierre Brasseur, entre outros), a propaganda mal orientada em tôrno de certo tipo de beleza (Silvana Pampanini) e o verniz fino de falsa história das obras de Dumas. Desta fórmula resultou uma boa fachada, capaz de enganar ao público sério e de chamar o "tal" público. Pois, de fato, as andanças de Margarida de Borgonha são reeditadas em sua crueza e nenhuma vergonha. Para que, afinal ? Para arranjar assuntos para as colunas eróticas e policiais ? A contradição repetida merece o nome de burrice.

Cotação moral: Condenado.

MEU REINO, MINHA VIDA

(Campbell's Kingdom). Filme inglês de 1958. Dir. Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Stanley Baker, Barbara Murray e outros.

Um rapaz inglês herda de seu avô uma propriedade no Canadá e vai para a mesma fazer usofruto devido, particularmente nas explorações de petróleo ali já iniciadas. Atrás desta linha central vem se desenrolar tôda a história do filme.

A produção conta com um dos sucessos de bilheteria da Inglaterra, Dirk Bogarde, o que de certa forma lhe conquista certa simpatia do público em geral. Além desta boa participação no elenco, conta a fita com um tom de aventura que a torna aceitável como diversão regular, podendo agradar a qualquer tipo de público como um bom passa-tempo, além de ser um documentário, para os estudiosos do assunto, sôbre a vida no Canadá, na região junto às Montanhas Rochosas.

Algumas passagens impedem a liberação do espetáculo para todos.

Cotação moral — Menos para crianças.

AQUI SÓ CABEM OS BRAVOS

(Darby's Rangers). Warner. Dir. William Wellman. Com James Carner, Etchika Choureau, Jack Warden, Edward Byrnes e outros.

Um filme de guerra, ou de circunstâncias próprias à guerra, em que há uma sequência incontável de "pequenos casos de amor" entre soldados americanos dos "comandos" e moças de cidades italianas por êles ocupadas.

O filme possue dinamismo nas cenas unicamente quanto às idéias, o que poderá levar o espectador comum a julgá-lo lento. Não o é, entretanto. Tem pontos, na parte moral, que devem ser louvados: solidariedade entre soldados e oficiais, desprendimento pessoal, etc. Mas encerra amoralidades que não podem ser liberadas à apreciação de qualquer público, mesmo sendo adulto.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

EDUARDO VIVIANI

Perdeu a cidade de Juiz de Fora no mês de maio p. p., uma de suas figuras mais queridas.

"A Tôrre de Marfim" quer se associar ao luto de muitos pela perda irreparável daquele que foi um batalhador na causa da boa imprensa, além de excelente homem e cidadão, como ainda bom amigo.

Receba êle a justa e digna recompensa de seus méritos.

Editôra "Lar Católico"

Caixa Postal, 73 — Juiz de Fora (MG)

Para as novenas do Sagrado Coração de Jesus:

Motetes Sacros (10) de Braun	70,00
Harpa de Sião (letra)	40,00
Harpa de Sião (música, brochado)	90,00
Harpa de Sião (música, encadernado)	120,00
Magnificat (devocionário completo)	80,00
Caminho do céu (para crianças)	20,00
Caminho do céu (encadernação melhor)	30,00
Almas Vítimas	30,00
Cavaleiro da Eucaristia (Cruzados)	15,00

Coleção "PRESENÇA":

Presença de Cristo (1º volume: Evangelhos)	80,00
Presença de Cristo (2º volume: Epístolas)	120,00
Presença de Maria	90,00

Para Os Srs. Vigários:

Livros de Batizados	200,00
Caixas para sacristia	150,00
Manual de Coroinha	no prelo
Missalzinho	no prelo
Missa de Nossa Senhora de Fátima (3 vozes): partitura	80,00
partes	20,00
Missa Nossa Senhora do Rosário (Braun)	no prelo

Pedidos à Editôra "Lar Católico" — Caixa Postal 73 — Juiz de Fora (MG).

O Filme da Capa:

Mais um clássico de guerra!

"Os Bravos Morrem de Pé"

(Pork Chop Hill). United Artists. 1959. Dir. Lewis Milestone. Com Gregory Peck, Harry Guardino, George Peppard e outros.

Valerá a pena tomar uma posição sem qualquer importância estratégica às vésperas da assinatura (já conhecida e esperada) de um armisticio (o de Pan-Mun-Jom)? Valerá a pena? Para que lutar ainda? Por que guerrear?

Lewis Milestone, que se dedicou ao estudo da parte intima do homem que toma parte nas guerras, esmerou-se, novamente, em apresentar ao público êste mesmo drama. Um estudo muito bem feito, sem muitas palavras e com imagens expressivas e belas, foi o que resultou da intenção do conhecido diretor. A par desta boa qualidade, contou o filme com uma fotografia que soube valorizar a linha geral da obra e, também, contou com a interpretação segura do veterano Gregory Peck.

Não hesitamos em prever um grande sucesso entre as apreciações do público com a exibição dêste "clássico de guerra".

Agradará a qualquer público, particularmente ao público que aprecia o bom Cinema — fato que ocorre nesta produção. Por que a Censura Oficial proibiu até 18 anos? Anda atrapalhada esta secção do funcionalismo federal!

Cotação moral — Menos para crianças.

A ESPADA DE ROBIN HOOD

(Men of Sherwood Forest). Filme inglês de 1957. Dir. Val Guest. Com Don Taylor e outros.

Novamente, as aventuras do conhecido cavaleiro da floresta de Sherwood, notável e lendário (em parte) espadachim do tempo de Ricardo, Coração de Leão. Um filme de aventuras, correrias, vitória do bem sôbre o mal. No meio disto, atenuadas pelo conjunto, algúmas idéias meio estranhas e a apresentação pouco respeitosa de uma autoridade religiosa.

Cotação moral: Para todos.

PASSADO QUE ENVERGONHA

(Graft and Corruption). Colúmbia. Com Dennis O'Keefe e outros.

Filme despretencioso, apresenta um drama que não chega a interessar suficientemente. O espectador comum, entretanto, não se sentirá mal servido. Alguns senões da parte moral da vida dos personagens não são justificados ou explicados suficientemente. Acertou a Censura com o "18 anos".

Cotação moral: Para adultos.

AVISO

Procurando acelerar a preparação e pronta publicação do presente número não pudemos esperar as programações dos cinemas São Mateus e Rex. Lembrem-se os interessados, entretanto, de que a programação destas duas salas corresponde a uma rèprise do que é primeiramente apresentado nos cinemas do centro da cidade pertencentes à Companhia Central de Diversões.

★ ★ ★

No EXCELSIOR:

1 —	Tua para Sempre (pág. 4)	*Para adultos com reservas*
3 —	A Espada de Robin Hood (pág. 18)	*Para todos*
6 —	Os Senhores da Selva (pág. 7)	*Para todos*
8 —	Quanto mais quente melhor (pág. 9)	*Para adultos com reservas*
13 —	Timbuctu (pág. 11)	*Para adultos*
17 —	No Limiar do Inferno (pág. 7)	*Para adultos com reservas*
20 —	O Mistério das Caveiras (pág. 12)	*Para adultos*
22 —	Um Sonho Impossível (pág. 5)	*Para todos*
24 —	Os Bravos Morrem de Pé (pág. 18)	*Menos para crianças*
27 —	Um Homem contra o Destino (pág. 12)..	*Para adultos*
29 —	Por um Pouco de Amor (pág. 8)	*Para adultos com reservas*

★ ★ ★ ★ ★

Saiba gostar de Cinema lendo

A Tôrre de Martim

A VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — GALERIA CENTRAL, 7

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

ORIENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Filmes do Mês

Junho — Juiz de Fora

NO CENTRAL

1	O Morcego (pág. 6)	*Para adultos*
3	Um Estranho em meus Braços (pág. 5)	*Para adultos*
6	Mohawk	*Para adultos com reservas*
8	Passado que envergonha (pág. 18)	*Para adultos*
10	De Vento em Pôpa (pág. 11)	*Menos para crianças*
15	Aqui Só Cabem os Bravos (pág. 16)	*Para adultos com reservas*
17	Entardecer Sangrento (pág. 11)	*Para adultos*
19	Clamor de Vingança (pág. 14)	*Para adultos*
22	O Cabaré da Perdição	?
24	Ilha Sangrenta (pág. 9)	*Para adultos*
26	Desforra Fatal (pág. 14)	*Para adultos*
29	Êsse Sargento é de Morte (pág. 7)	*Menos para crianças*

NO PÁLACE

2	No Labirinto do Vício	*Para adultos com reservas*
4	Sayonara (pág. 13)	*Para adultos*
11	Meu Reino, Minha Vida (pág. 16)	*Menos para crianças*
14	Anna de Brooklyn (pág. 12)	*Para adultos*
16	Um Rosto na Noite (pág. 4)	*Para adultos*
18	Naná (pág. 6)	*Condenado*
21	Paixão de Gaúcho (pág. 10)	*Para adultos*
23	Sissi e Seu Destino (pág. 5)	*Para todos*
25	Os Miseráveis (pág. 6)	*Menos para crianças*
30	Que Deus não permita (pág. 15)	*Para adultos com reservas*

NO SÃO LUIZ

2	Enigma do Espaço (pág. 4)	*Para todos*
4	A Tôrre do Prazer (pág. 15)	*Condenado*
7	Renegando meu Sangue (pág. 9)	*Para adultos*
9	Caprichos da Vida	*Para adultos*
11	Época sem Lei (pág. 11)	*Menos para crianças*
14	Chuva de Balas (pág. 11)	*Para todos*
16	Loucos Perigosos	?
19	Entardecer Sangrento (pág. 11)	*Para adultos*
22	Naná (pág. 6)	*Condenado*
24	Vou te Contá (pág. 12)	*Para adultos*
26	Ilha Sangrenta (pág. 9)	*Para adultos*
29	Fúria Burlesca (pág. 9)	*Condenado*



Ano XI
N.º 81

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Julho de 1960 — Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:

José Francisco Simões

FICHÁRIO :

Candidatos a Irmãos Coadjutores da S. V. D.

★

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179

Caixa Postal 160

Fone: 1249

JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:

(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA

Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO

Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Filme de grande público, tendo feito sucesso em outras cidades, LA VIOLETERA atrairá a atenção e agradará o espectador de Juiz de Fora.

Aviso

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TÔRRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir :

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais : O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte).
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

Caso lançarmos mãos de outras fontes de consulta, nomearemos as mesmas oportunamente.

A DIRETORIA

Editorial

Na programação dêste mês de julho há altos e baixos. Entretanto, é uma programação razoável, sem muitas "bombas" e com alguns filmes bons e, mesmo, que não devem ser perdidos.

E' dificil escolher o melhor dos melhores. A dar valor, ùnicamente, a arte pura, "Em Busca do Ouro" seria o primeiro, é claro, logo seguido de "Cidade Nua". No primeiro, aparece a obra de um gênio do Cinema. No segundo seguimos os primeiros passos de uma autoridade atual desta arte. Mas um e outro filme não são, isto é sabido de sobra, assunto do grande público. Êste público, que faz a renda de uma sala de projeção, é o povo que vai aos cinemas da cidade para se divertir, para passar as horas de lazer, para encher o enfadonho das horas de sobra. Por êste mesmo motivo, não quer ter trabalho de análise, de reflexão. Reclama alguma coisa mastigada e digerida. Portanto, nada de problemas sociais ou de purismos.

Assim, quem fará a bilheteria será talvez um "La Violetera" ou "Um Anjo desceu em Brooklyn" — filmes que, ao gôsto dêste público, não deixam entretanto de possuir seu lado positivo como realização cinematográfica.

Um documentário, certamente, despertará a atenção de muitos, particularmente da colônia alemã e de seus aficcionados — "O Processo de Nurenberg". Obra bem feita, sem qualquer interêsse subjetivo, valoriza muito a programação do Cine Excelsior.

"Drama na Página Um", "A Última Caminhada" e "Quero Viver", pouco tempo depois da execução demasiadamente discutida de Chesman, terão forte frequência, pois todos (particularmente, o último) apresentam o cenário das prisões — espera de sentenciados à pena capital. "Quero Viver", em vários pontos, é um documentário sôbre o processo da câmara de gás.

"Rio do Arroz Sangrento", ""Um Crime por Dia", "Dilema do Médico", "A Ponte do Destino" sobressaem do conjunto programado pela Companhia Central de Diversões, se bem que em plano inferior a "Cidade Nua", quanto à técnica, e a "La Violetera" e a "Um Anjo desceu em Brooklyn", quanto à aceitação.

Salvo uma ou outra passagem, nos outros filmes, o que sobra é o assunto da gente sem muita exigência que vai ao Cinema porque vai. Infelizmente, é bom frisar, sem qualquer orientação prévia. Um campo aberto ao nosso trabalho, que aos poucos vai sendo ocupado.

★

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

O Processo de Nurenberg

(Der Nurenberg Prozess). Continent-Pathé. 1958. Dir. Felix von Podmanitzky. Roteiro de J. Heydecker e Johannes Leeb. Adaptação do livro de Podmanitzky e comentário falado pelos roteiristas. Música de Rudolph Perak. Narração em português por Heron Domingues.

Valioso documentário histórico, esta realização de Felix von Podmanitzky toma por base a reportagem cinematográfica das sessões do Tribunal de Nurenberg, em que foram julgados os líderes nazistas após a última guerra mundial. Tôda a montagem de fatos autênticos filmados e pertencentes a um imenso arquivo de guerra de vários países é feita sôbre a sequência do julgamento, procurando dar uma explicação à matéria penal do processo.

Observa-se, do conjunto, uma elogiável honestidade e atitude objetiva. São, mesmo evitadas as polêmicas. O documentário, tão sòmente, apresenta os fatos (nenhum preparado em estúdio, mas todos reais) e deixa ao espectador a parte essencial do longo processo.

Dada a objetividade e a preocupação pela realidade, do silêncio e da apresentação sem reservas ou retoques das cenas desprende-se uma fôrça contagiante que emociona vivamente o espectador.

Claro está ser o filme, de si mesmo, assunto para público esclarecido. Acidentalmente, ainda, inclue cenas de horror muito realistas que só poderiam impressionar e fazer mal a pessoas sem formação e, principalmente, a crianças e adolescentes. Desta vez acertou bem a Censura Oficial, com a proibição do espetáculo para menores de 18 anos.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

Recordando:

LANCEIROS DA ÍNDIA

(The Lives of a Bengal Lancer). Com Gary Cooper, Guy Standing, C. Aubrey Smith, Douglas Dumbrille, Kathleen Burke, J. Carrol Naish, Akim Tamiroff e outros.

Êste filme pode servir de documentário histórico sôbre o cinema americano pois já tem mais de vinte anos de idade. E' uma oportunidade de ver o Gary Cooper de alguns anos atrás e o veterano Akim Tamiroff (do elenco, são os dois únicos que ainda são conhecidos) às voltas na fronteira da India em aventuras tipo *Beau Gest* e *Gunga Din* — menas, é claro — inferiores àquelas.

Heroismos e aspectos positivos. Brutalidades, assassinatos, traições.

A mistura já era feita naqueles anos passados. Os três últimos ingredientes mencionados reservam o espetáculo.

Cotação moral — Menos para crianças.

O PRISIONEIRO DE ZENDA

(The Prisoner of Zenda). Metro. Dir. Richard Thorpe. Com Stewart Granger, Deborah Kerr, James Mason e outros.

Mais uma vez, terá o público oportunidade de seguir com certa "torcida" as incriveis aventuras em que se mete um cidadão inglês num reino imaginário da Europa Central, em fins do século passado, quando é coroado o monarca dêste reino.

Sem grande conteúdo, além da história, o filme conta com uma suntuosidade de cenários acompanhada de uma partitura musical de Alfred Newmann bem a propósito e valorizada pela fotografia de Joseph Ruttemberg.

Um filme para o grande público. Serve como diversão. Não é assunto para público exigente.

Moralmente, alguns inconvenientes da história, como violências e a figura equivoca de uma dama da côrte, reservam a película.

Cotação moral — Menos para crianças.

O Filme da Capa:

LA VIOLETERA

(La Violetera). Produção espanhola distribuida pela Condor Films.

Dir. Luiz Cesar Amadori. Com Sara Montiel, Raf Vallone, Frank Villar e outros.

Não convém publicar o enrêdo dêste filme. Tudo nêle é imaginoso e açucarado, ao gôsto do grande público, mas, por êste mesmo motivo, é melhor ver o desenrolar dêste musical dramatizado do que saber de entrada o mesmo.

Não deixa de ter o filme suas qualidades técnicas — boa fotografia, um belo colorido, interpretação feliz de Sarita Montiel. As canções se sucedem a propósito ou não mas sempre são bem escolhidas e belas. Os lugares comuns respondem pelo sentimentalismo tipo "tradicional" da obra. E, afinal, há movimento e ritmo, o que faz com que a atenção do espectador fique prêsa.

Um filme para o grande público, como afirmamos, e para qualquer público.

Cotação moral — Para todos.

★

O DILEMA DO MÉDICO

(The Doctor's Dilemma). Produção inglêsa distribuida pela Metro. Dir. Anthony Asquith. Com Dirk Bogarde, Leslie Caron, John Robinson, Robert Morlay e outros. Fotografia de Robert Krasker e Música de Joseph Kosma.

O original de Bernard Shaw foi tema para êste formidável filme de Anthony Asquith. Não convém apresentar o resumo do enrêdo.

Tècnicamente, o filme contou com um ritmo baseado na análise bem feita do caráter dos principais personagens. Tal análise, sem dúvida, foi perfeita graças à interpretação segura dos atôres. A fotografia de Krasker comprovou, mais uma vez, a competência dêste veterano.

O tom negativo com que é apresentada a vida profissional do médico e o ambiente de sua família reservam o filme para público de formação.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

Vale a pena ver:

CIDADE NUA

(The Naked City). Filme americano. Dir. Jules Dassin. Com Barry Fitzgerard, Howard Duff, Dorothy Hart e outros.

Jules Dassin, levando o estritamente necessário, foi para a rua filmar as principais cenas de **The Naked City** em que mostra com o realismo e a naturalidade mais que impressionantes a história simples de um bairro pobre da tentacular Nova Iorque. O que pretendeu o diretor e conseguiu foi a apresentação da vida pura e simplesmente, sem qualquer retoque, em sua horrenda realidade Feito em 1948, o filme guardou sua validez até agora, após mais de dez anos, dada a fôrça criadora de seu realizador.

Os responsáveis pagam pelas suas faltas o que é moral. Entretanto, a apresentação às claras de certos problemas torna o filme impróprio para público ainda não amadurecido.

Cotação moral: Para adultos.

★

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

O DISCÍPULO DO DIABO

(The Devil's Disciple). United Artists 1959. Dir. Guy Hamilton. Com Kirk Douglas, Burt Lancaster, Lawrence Olivier, Janette Scott e outros.

Baseado numa peça de Bernard Shaw, talvez, seja melhor se considerado isoladamente como que sem original anterior. De fato, no que diz respeito à adaptação cinematográfica daquela peça, **O Discípulo do Diabo** não é nada elogiável, em muitos pontos. De resto, a mudança de meio de expressão artística não é coisa fácil. No caso de adaptação de obras de Shaw, só houve realmente bem feita uma — **Pigmaleão** e aceitável **Dilema do Médico.**

A adaptação dêste filme, como qualidade, só possui a de se ter conservado fiel à característica do autor, em seu espírito de crítica e ironia fina.

Salvou o filme, esplêndidamente, a atuação dos quatro intérpretes principais, particularmente dos masculinos. A reconstituição histórica não é decepcionante, mas já foi melhor em filmes de mesma ambientação.

Em resumo, com várias qualidades isoladas, deixa um pouco a desejar.

Cotação moral: Menos para crianças.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

OS AMANTES DE MAYERLING

(Kronprinz. Rudolf's letzte Liebe) Filme alemão de 1956. Dir. Rudolf Jugert. Com Rudolf Prack, Christiane Horbiger e outros.

Focalizando alguns aspectos dramáticos da vida do Príncipe Rodolfo, filho do Imperador Francisco José da Áustria, *Amantes de Mayerling* chega a ser tècnicamente um filme aceitável dado o seu diálogo curto e expressivo e, sem dúvida, à sua bem cuidada fotografia. Mas a interpretação não esteve à altura de tais recursos técnicos. De resto, faltou também, de cima, da parte diretiva, preocupação pelo lado psicológico dos personagens. Parece que Rudolf Jugert quis fazer algumas concessões ao público, particularmente ao público patrício. Assim, apresentou o mundo das valsas de Strauss e da vida sem muita responsabilidade. Foram defeitos do filme, mas do agrado do público. O mesmo, foi feito na série SISSI de Ernst Marischka. Muita música e encenação, nada de profundo. Mas o grande público é que faz lucro...

Moralmente, apresenta o filme o inconveniente de apresentar o romance ilícito do jovem príncipe com simpatia e sem qualquer discreção.

Cotação moral — Para adultos.

*

A MULHER DO SÉCULO

(Auntie Mame). Warner. 1959. Dir. Morton Dacosta. Com Rosalind Russel, Forrest Tucker, Coral Browne, Fred Clark e outros.

A história movimentada de tia Mame é seguida em seu enrêdo inteiramente. Disto resulta um ranço muito forte de teatro filmado com uma arritmia monótona. Não é comédia, como deveria ser. O valor do filme é salvo pelo aparatoso tecnicismo dos cenários que teve lá seu bom gôsto.

Alguns diálogos são impróprios para o público ainda em formação, como também as insinuações de algumas sequências do enrêdo.

Cotação moral: Para adultos.

BOM DIA TRISTEZA

(Bonjour Tristesse). Colúmbia. 1959. Dir. Otto Preminger. Com Deborah Kerr, David Niven, Jean Seberg, Mylene Demongeot e outros.

A história imaginada de Françoise Sagan com tôda sua morbidez e taciturnidade é levada à tela por Otto Preminger dirigindo o seu achado para a confecção de Joana D'Arc — Jean Seberg.

Não resumimos a história porque seu conteúdo é deprimente e não faria bem a uma grande parte de nossos leitores. Apenas apontamos ao público que quiser ver o filme os motivos de nossa cotação moral abaixo aposta — sensualidade, luxúria e sem-vergonhice dos personagens, atitudes pessimistas e nada de construtivo, parecendo mesmo o elogio à tristeza o único recurso admissível. Será que pode ser bom um espetáculo em que a protagonista principal nem sabe dar louvores ao novo dia que surge, mas apenas babujar nojentamente "bom dia tristeza"? Onde está a juventude e sua pujança?

O bom trabalho artístico sob a segura direção de Preminger dá valor parcial ao filme. Parcial, bem entendido, porque o conteúdo atrapalha e impede a aceitação total da obra. Não é para qualquer público, muito pelo contrário.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

*

RIFLE DE QUINZE TIROS

(Fort Dobbs). Filme americano de 1957. Dir. Gordon Douglas. Com Clint Walker, Virginia Mayo e outros.

O diretor dêste "western" tem o mérito de ser bom narrador, o que deu qualidade ao seu filme. Disto resultou um ritmo cerrado em todo o conjunto. Ajudando estas qualidades centrais, apresenta-se uma boa técnica de montagem e fotografia. E' pena que a interpretação não esteve à altura.

O tom de seriedade e de moralidade substancial dá um aspecto positivo ao conjunto, mas algumas violências acidentais reservam o espetáculo.

Cotação moral — Menos para crianças.

COTAÇÃO MORAL

Os critérios de cotação moral adotados em A TÔRRE DE MARFIM deverão obedecer às seguintes interpretações:

PARA TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

MENOS PARA CRIANÇAS — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

PARA ADULTOS – Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

PARA ADULTOS COM RESERVA — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuimos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

A MULHER QUE COMPROU A MORTE

Policial estrelado por Alan Ladd, Carolyn Jones, Diane Brewster e outros, não despertará muito interêsse entre o público exigente. É bem fraco em seu gênero, tirando ao espectador a sensação característico do "suspense". Em resumo – a história de um pintor cuja espôsa foi assassinada.

Alguns inconvenientes reservam o filme Cotação moral: Menos para criança.



Da simplicidade de um conto conseguiu Ladislau Vadja reunir matéria para um belo filme, do qual é a cena acima, em que aparecem o menino Pablito Calvo e o veterano Peter Ustinov.

★

Um anjo desceu em Brooklyn

(Un Angel pasó por Brooklyn). Produção ítalo-espanhola dirigida por Ladislau Vadja. Com Pablito Calvo, Peter Ustinov e outros.

O conselho aposto por um fabulista latino no prólogo de seus livros — *lembre-se de que nós brincamos com histórias ficticias* —, deve ser lembrado de entrada a todo o que se resolve a ver *Un Angel pasó por Brookly*.

De fato, o que vale em todo o enrêdo dêste filme é o símbolo e sua mensagem. Entender o símbolo e apreender o sentido e âmbito da mensagem fica inteiramente a cargo do espectador. Pois, em tôda sua linha, a produção só apresenta, sem se preocupar em orientar o julgamento do público.

Não vamos contar aqui o enrêdo dêste filme. Poderia perder parte de seu valor. Mas, com segurança, convidamos a todo público em geral a ver esta bela página de Ladislao Vadja, o descobridor da arte interpretativa de Pablito Calvo e, também, da beleza singela que reside na simplicidade e na candura de um conto qualquer para crianças, irreal, sem dúvida, mas divertido, elevado e significativo, pois consegue *mover o riso e orientar a vida* como pretendia o fabulista Fedro, já citado.

Espetáculo atraente, agradável e educativo.

Cotação moral — Para todos. Recomendável.

QUERO VIVER

(I want to live). Produção americana de 1959. Dir. Robert Wise. Com Susan Hayward, Simon Oakland, Virginia Vincent e outros.

A intenção clara da história que serve de enrêdo ao filme é levantar a opinião pública e seu interêsse para a pena de morte e sua viabilidade. Uma mulher é condenada a ser executada na câmara de gás por um crime insuficientemente comprovado.

Tudo é mostrado no filme de forma a revoltar o espectador contra a medida judicial, inclusive a câmara de gás com seus recursos técnicos. Tudo leva a uma atitude de forte expectativa, particularmente nos últimos momentos. Para a forte expressão das cenas muito contribuiu a ótima interpertação de Susan Hayward, a ótima fotografia e o comentário musical de grandes efeitos, a cargo de John Mandel.

A Censura Oficial fêz bem, óbvio está, em proibir o espetáculo para menores de 18 anos. Além da forte impressão que deixa no mais pacato dos espectadores, apresenta elementos negativos do caráter e da vida da protagonosta sem qualquer julgamento. É assunto para público esclarecido.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

*

OS COVARDES TAMBÉM AMAM

(Retour de Manivelle). Produção francesa de 1958. Dir. Denys de la Patellière. Com Daniel Gélin, Michele Morgan, Peter Van Eick e outros.

Drama que envolve três personagens centrais — uma mulher, seu marido e um intruso. Tudo gira em tôrno da sordidez e cinismo dos personagens centrais. Suicídio, crimes, falsidade, tudo tentando mascarar o êrro. Enfim, o prato preferido por alguns diretores franceses, que faz com que o público mal informado julgue ser o Cinema da França incapaz de obras honestas.

Cotação moral: Prejudicial.

NOITE DE LUA MINGUANTE

(Night of the Quarter Moon). Produção americana distribuída pela Metro. Dir. Hugo Haas. Com Julie London, John Drew Barrymore, Agnes Moorehead, Anna Kashfi, Nat-King-Cole e outros.

Mais uma produção americana procura fazer propaganda contra as notícias da segregação racial existente nos Estados Unidos da América do Norte. Pode o filme ser uma propaganda contra a apregoada democracia de Tio Sam, também, pois que não se preocupa em apresentar os aspectos positivos dêste complicado problema racial. Algumas atitudes são até humilhantes e certamente irão chocar o brasileiro acostumado a uma convivência normal com os elementos de mais diversas origens raciais escuras ou não.

Não conseguiu o diretor se salvar à tentação do melodrama e, em vários momentos tem que levantar o nivel do roteiro. Ajudou-o, quanto a isto, a interpretação bem acertada.

Os aspectos do problema racial apresentados, liberdades exageradas entre noivos não deixam que nossa cotação moral abra o espetáculo a qualquer público, pois que é para público adulto e de formação.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

*

EM BUSCA DO AMOR

(Schrei nach Liebe). Produção alemã dirigida por Kurt Steinweunder. Com Edith Praguer, Maria Els, Heinz Moss e outros.

Quatro histórias independentes apresentam romances chocantes em cenas pouco recomendáveis e, o que é pior, sem qualquer otimismo ou realidade — é só desgraça, decepção, desilusão, desdita e desespêro. Assim também, nem o público desocupado que entra nas salas de projeção sem saber por que, consegue ser atendido. Os cortes, mal feitos, estão fora do alcance do espectador médio. Falta matéria argumental — as histórias são tôlas. Falta forma cinematográfica — suspira-se aflitivamente pelo desfêcho de cada história que custa a passar.

Cotação moral — Prejudicial.

Divirtam-se e aprendam:

Em Busca do Ouro

(The Golden Rush). Dir. Charles Chaplin. Com Charles Chaplin, Georgia Hale e outros.

A reapresentação desta obra de Chaplin trazendo para os espectadores a pessoa ímpar de "Carlitos" e a sua mensagem, é digna de todo o elogio.

Não se pode ao certo determinar o que de melhor há no filme — todo êle é bem feito, de princípio ao fim. Se o espectador atual, acostumado a receber o filme em forma facilitada pelos recursos técnicos, se incomoda um pouco no começo com o retrocesso a que se vê obrigado por esta produção antiga, contudo, logo se acostuma a esta

De fato, a poesia e a beleza íntima dos filmes de Chaplin, por assim dizer, venceram a barreira do tempo — são atuais hoje como ontem, são apreciáveis numa sala de projeção confortável e de linhas arrojadas como já foram outrora nos salões frequentados por qualquer um que apreciasse o Cinema ou, então, gostasse de ouvir o conjunto musical que procurava acompanhar as cenas. Nesta reapresentação, a voz de Chaplin faz a narrativa.

Divirtam-se a valer e aprendam muita coisa em **The Golden Rush.**

Cotação moral: Para todos.



Um dos muitos momentos de perfeita comicidade do filme de Chaplin que, num conceito estrito, pode ser considerado obra perfeita.

NINGUÉM ME AMA

(La Mafia del Crimen). Produção mexicana. Dir. Julio Braccho. Com Laura Hidalgo, Julian Soler e outros.

Há muito que Juiz de Fora estava à proteção de xaropes mexicanos como o que pode ser tomado por quem assiste LA MAFIA DEL CRIMEN. E' para variar.

Um médico se mistura com uma quadrilha internacional de aliviadores do alheio e passa a participar da mesma. Conhece uma cantora de clube noturno e se mistura em outra atrapalhada. Tudo se sucede misturado. Cenas de quadrilha e cenas de buate. Misturada de português e castelhano é também a canção com pouco ritmo de samba-canção "*Ninguém me ama*". Afinal, o título teve sua justificativa; num pedacinho aparece lá um do repertório de Nora Ney. Mas não é cantado pela intérprete nacional. O massacre ficou a cargo de outrem.

No meio desta mistura, estão misturadas cenas de violência, angulações pouco decorosas, suicídio, homicídio, etc. etc.

Bem acordada a Censura Oficial apos a proibição para menores de 18 anos.

Quem quiser estudar um dos lados pitorescos da falta de gôsto do cinema mexicano, terá ótima oportunidade.

Cotação moral — Para adultos, com reservas.

✶

AGUENTA O ROJÃO

Filme nacional. Dir. Watson Macedo. Com Zé Trindade e outros.

Comédia sustentada com músicas e canções sertanejas festejando o casamento da filha de um fazendeiro. Afinal, por incrível que pareça, a moralidade é respeitada, apesar de grosseira malícia de alguns diálogos. O humorismo está ausente. Tudo se reduz no jeitão de Zé Trindade.

Cotação moral: Menos para crianças.

BANCANDO A AMA SÊCA

(Rock-a-bye baby). Paramount, 1958. Dir. Frank Tashlin. Com Jerry Lewis, Marilyn Maxwell e outros.

Comédia bem feita segundo os padrões do comercialismo e da bilheteria. Tudo gira em tôrno das peripécias de um rapaz do interior que aceita o encargo de cuidar dos filhos de uma atriz de fama em Hollywood.

Conjunto irregular e pura diversão que tem seus momentos de forte comicidade.

A ingenuidade é o nivel geral da obra, mas pedem reservas algumas pitadas de malicia.

Cotação moral — Menos para crianças.

✶

QUANDO EXPLODEM AS PAIXÕES

(Never so Few). Produção americana distribuída pela Metro. Dir. John Sturgess. Com Frank Sinatra, Gina Lollobrigida, Paul Henreid, Peter Lawford e outros.

Num drama de guerra, vemos a história de um capitão americano comandante de guerrilhas contra os japonêses. Sua ida a Calcutá, em busca de auxílios, promove seu encontro com uma refugiada meio misteriosa. Novos combates, baixa do comandante ao hospital e o fim mais que arquitetado que o público pode exigir.

O estilo geral é bem batido, apesar de alguns momentos de cinema melhor. O primeiro filme de Gina em Hollywood mostra que é de fato o primeiro — a atriz está mal dirigida, sua interpretação pouco se evidencia e, tècnicamente, a equipe de assistência deu um público testemunho de que não soube maquilar a nova candidata.

O comandante americano mata um amigo ferido para abreviar seus sofrimentos, várias violências se sucedem nos combates. Na área fora de combate, ligações ilícitas são apresentadas sem qualquer restrição. Isto não é justo. Um público qualquer (e o filme é de grande público) pode sofrer influência ideológica desta matéria. Por êste motivo, julgamos razoável a nossa

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ

(Salomon and Sheba). United Artists. Dir. King Vidor. Com Yul Brynner, Gina Lollobrigida, George Sanders, Marisa Pavan e outros.

Os fatos relacionados na Biblia, suavemente adaptados, são assunto dêste filme que tem titulo original **Salomon and Sheba** mas pouco traz sôbre ambos.

Um roteiro de lugares comuns e cheio de chavões, aqui e ali consegue escapar ao vulgar graças a algumas reconstituições históricas bem feitas, imagens bem delineadas e a utilização de efeitos especiais. A excelente fotografia de Frederick Young garante o pouco de artistico que a obra tem.

O grande defeito do filme é a falsidade gritante do argumento, baseada numa insistência exagerada e despropositai sôbre dois ângulos, apenas, da personalidade de Salomão – seus amôres e suas guerras. Do que resulta, necessàriamente, o espirito religioso profundo totalmente desvirtuado e substituido por um verniz muito fino de falsa religiosidade.

Juntamente com êste defeito argumental, peca o filme com a inclusão dêsse paradíssimo e inexpressivo Yul Brynner "há vários anos empacado na tela como o burro dos burros do cinema" segundo a crítica do Correio da Manhã. Parece que a falta de interpretação do substituto mal achado de Tyrone Power (que morreu durante a filmagem desta produção), contaminou Gina Lollobrigida, que aparece mais inexpressiva do que nunca, talvez confiante em sua participação antes plástica do que interpretativa.

A falsidade do enrêdo, a parcialidade na apresentação do rei de Israel, e erotismo doentio e algumas coreografias pouco decentes levam-nos à

Cotação moral: Para adultos com reservas.

★

CORSÁRIO DA MEIA LUA

(Il Corsaro della Mezza Luna). Produção italiana, dirigida por G. M. Scotese. Com John Derek, Inge Schoener, Gianna Maria Canale e outros.

A "turcaria" sôlta no Mediterrâneo nem sempre foi o ambiente próprio dos grandes filmes. Menos ainda quando se trata do cinema italiano.

O mocinho neste filme supera a imaginação de qualquer espectador entusiasmado tal sua valentia, esperteza, destreza, etc. etc. Tudo para dar no finzinho daquele jeito tão esperado.

Um pouquinho de reconstituição histórica é o que sobrou de valor.

Moralmente, são reeditadas as violências e os vestuários imodestos aparecem para chamar qualquer público mal acostumado.

Cotação moral — Para adultos.

★

FÚRIA DE CONFLITOS

(Ça, va Barder). Filme francês com Eddie Constantine, May Britt e outros.

Pouco enrêdo e nada de cinema. Muita exploração comercial de certa clientela que fará fila. Por que será que êste filme foi programado em maio (não sabemos se foi exibido) e volta ao cartaz novamente? Se foi exibido, basta uma falha pública só de se exibir tal carniça para certos urubús. Se não foi exibido daquela vez, era de se esperar que o tempo (velho conselheiro) corrigisse a grosseria da programação anterior. Já afirmamos uma vez: ambiente mal frequentado devido a filmes imorais já existe um na cidade e todo mundo sabe qual é. Será que a Companhia Central de Diversões não se importa com o tipo de espectador que tem acesso a suas salas ? ! Esperem o resultado...

Cotação moral — Condenado.

Rio do Arroz Sangrento



Anne Mechard e Daniel Gelin foram os artistas escolhidos por Marcel Camus para êste bom filme que veremos neste mês.

(Mort en Fraude). Produção francesa de 1957. Dir. Marcel Camus. Com Daniel Gélin, Anne Mechard, Jacques Chancel e outros.

Procurando escapar de uma perseguição, um jovem francês se refugia numa pequena aldeia da Indo-China, então devastada pela guerra. A condição de vida dos habitantes da aldeia, em quase total miséria, atrái a atenção e comove o herói, que se dispõe a encontrar lenitivos ou soluções para os problemas. Em seu trabalho, encontra aí em meio ao povo o seu romance e amor.

A história tem seu ritmo natural e êste, apesar de lento algumas vêzes, prende a atenção do espectador. O grande valor está na direção da câmera com rara habilidade. O Vietnam aparece, como que num documentário, sem complicar o enrêdo. A interpretação central é bem feita. O ambiente foi bem planejado e se sustenta por vêzes numa partitura baseada no folclore indo-chinês.

Lamentamos, muito mesmo, a inclusão de uma pequena cena (para satisfação única de certo público) no conjunto do enrêdo. Não fôsse êsse inconveniente e a ligação ilícita dos personagens, ainda que tratada com discreção, o filme poderia ser liberado em escala mais ampla. Pois, sem dúvida, a par de suas qualidades técnicas, situa-se numa esfera humana de rara pureza de sentimentos, servindo mesmo de um convite fundamentado à paz.

Cotação moral — Para adultos.

Um bom filme:

PONTE DO DESTINO

(Across the Bridge). Pinewood distribuído pela Rank. 1957. Dir. Ken Annakin. Com Rod Steiger, Marla Landi, e outros.

Tudo gira no enrêdo em tôrno das peripécias de um homem de negócios ilícitos numa fuga mal sucedida.

A obra tem uma narrativa bem viva que consegue dominar o interêsse do público. Êste, desta forma, consegue acompanhar o filme na análise psicológica que faz do personagem principal à base de recursos cinematográficos expressivos.

O filme está bem fundamentado num humanismo sadio e de valor. Seu assunto, não obstante ser espetáculo moralizado, não é da compreensão infantil.

Cotação moral — Menos para crianças.

GARRAS DA CORRUPÇÃO

(Damn Citizen). Filme americano distribuído pela Universal-International e dirigido por Robert Gordon. Elenco: Keith Andes Maggie Hayes, Gene Evans e outros.

Uma obra interessante pelo seu argumento e conteúdo e que, certamente, possibilitará a qualquer espectador momentos de atenção e atitudes emocionantes.

Faz-se nesta produção uma espécie de documentário histórico do que foi a vida do crime no Estado de Louisianna no sul dos Estados Unidos Norte-Americanos num passado não muito remoto. A fotografia de Ellis W. Carter, bem chã, dura e sem retoques artísticos contribuiu para o tom de documentário da obra que procura tirar dramaticidade dos fatos sem, entretanto, amoldá-los a outro critério estranho.

É de fato êste Damn Citizen um filme de interêsse que agradará na certa o público em geral e, também, o público exigente e acostumado ao bom Cinema. Seu assunto não é para crianças.

Cotação moral: Menos para crianças.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



Não percam !

UM CRIME POR DIA

(Gideon of Scotland Yard). Columbia. 1957. Dir. John Ford. Com Jack Hawkins, Anna Masey, Andrew Ray, Cyril Cusack e outros.

John Ford, um dos grandes na galeria dos autênticos diretores cinematográficos, deixando seu tema predileto ("western") dedica seu humorismo e sua espirituosidade a apreciar a vida dos policiais com seus casos e dificuldades diárias. O filme tem qualidades reais e, nem mesmo, não deixa de ter uma ponta expressiva de humor inglês.

Espetáculo artístico e moralizante, é êste filme um elogio a todo homem que cumpre fielmente o seu dever.

Cotação moral — Menos para crianças.

O REI DA ZONA

(Never Steal Anything Small). Universal-International. 1958. Dir. Charles Lederer. Com James Cagney, Shirley Jones, Roger Smith e outros.

Glorificação do roubo, da chantagem e da corrupção. Um líder de estivadores do pôrto de Nova Iorque consegue vencer na eleição para presidente da Confederação dos Sindicatos. Isto, ùnicamente, por meios ilícitos e injustos. Aliás seu hino de propaganda é o do título do filme no original **"Never steal anything small" — Nunca roube qualquer coisa pequena.** Ainda bem que a Censura Oficial estêve acordada e cotou o filme como impróprio para menores de 18 anos. De resto, além do roubo, aprova o filme o divórcio.

Do ponto de vista artístico, pouco tem o filme. Talvez seja bom passatempo aos aficionados da política sindicalista. Ao público comum não atrai.

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

O LAGO ENCANTADO

(Die Fischerin vom Bodensee). Export Film. 1956. Dir. Haral Reinerl. Com Marianne Hold, Gerhard Riedmann e outros.

Romance de uma bela e pobre pescadora dos Alpes com um jovem de família rica contrária ao seu afeto.

Narração fluente e sem grandes novidades. Os diálogos são um pouco cansativos. O colorido e as belas paisagens valorizadas pela boa fotografia são uma qualidade artística indubitável. De resto, tudo se passa na Suíça.

Uma cena de sedução e união ilícita (antes do casamento) tornam o filme impróprio para menores. É lamentável, pois, fora êstes aspectos, seria merecedor de cotação benigna.

Cotação moral: Para adultos.

★

DE FOLGA PARA AMAR

(The Perfect Furlough). Produção americana de 1958. Dir. Blake Edwards. Com Tony Curtis, Janet Leigh, Linda Cristal, Keenan Wynn e outros.

Alguns dias de folga de dois americanos em Paris são assunto para uma comédia bem divertida quase sempre baseada em sua comicidade na diferença sentimental das linguas e nacionalidades. Lamenta-se, porém, a malícia.

Interpretativamente, o filme é de Tony Curtis em sua grande massa.

As outras interpretações não destoam, entretanto.

Cotação moral — Para adultos.

★

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

Um presente às crianças:

UM CONTO DE FADAS

(Snowfire). Produção americana de 1958. Distribuição da Allied.

Se é conto de fadas, claro que o filme é para crianças. Em boa hora, pois, a Companhia Central de Diversões se lembrou das crianças programando êste filme bem interessante. O Juizado de Menores de São Paulo, atendendo ao claro excepcional aberto por esta produção, permitiu a entrada de menores a partir de três anos nas salas de projeção em que foi programado.

Cotação moral: Para todos.

★

DRAMA NA PÁGINA UM

(The Story on Page One). Fox. 1959. Dir. Clifford Odets. Com Anthony Franciosa, Gig Young, Rita Hayworth, Katherine Equare e outros.

Um filme que pretende mostrar um drama de primeira página. Resta saber de que tipo de jornal.

Tudo gira em tôrno do julgamento de uma mulher e de um homem implicados na morte do marido da acusada. A obra, longe de se preocupar com os fundamentos judiciais, estende-se de preferência pelo lado humano do drama. Há duas presenças que salvam o filme do anonimato: bom elenco, linguagem cinematográfica. Falta, entretanto, o que seria o triunfo da obra: o "suspense". Desde os primeiros momentos, qualquer espectador já conhece a sentença dêsse julgamento.

Os acusados são sinceros e assumem inteiramente a responsabilidade de seus atos, apresentando dêles vivo remorso. Moralmente, apesar destas qualidades, o filme tem o inconveniente de mostrar com certo jeito as faltas dos acusados de modo a cercá-los de simpatia, o que pode levar um público pouco esclarecido a conclusões precipitadas e errôneas. Daí nossa

Cotação moral: Para adultos, com reservas.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação

livros religiosos

bons romances

artigos para presentes

artigos religiosos, para altares e igrejas.

Galeria Central, 7

Fone 5978 — Juiz de Fora

★

TORTURA DO DESEJO

Produção japonêsa dirigida por Toshio Shimura.

Lamentável exibição do que não é o cinema japonês. Êste cinema é artístico, particularmente quanto à fotografia, o que não há no filme. O povo japonês é moralizado em sua moralidade natural, entretanto, o filme pretende lançar sensacionalismo quanto a um costume tradicional e comum do Japão: o da aparência externa das moças que se empregam na pesca de pérolas. Falta, além do mais, história e ritmo ao filme. Não se compreende tal falta numa obra da mesma nacionalidade que o movimentado e empolgante Sete Samurais.

Conclusão melancólica de nossa crítica: apresentação irreal e lamentável.

Cotação moral: Prejudicial.

Interessante e curioso:

SEREIA DO MAR VERMELHO

(Africa sotto il mare). Filme italiano de 1953. Dir. Giovanni Roccardi. Com Steve Barcalay, Sophia Loren, Umberd Malnati, Ibrahim Ahmed e outros.

Um romance pouco explorado é pretexto para se fazer um quase documentário do fundo do mar Vermelho. Espetáculo interessante e curioso sem dúvida alguma.

Cotação moral: Para todos.

★

NA ÚLTIMA CAMINHADA

(The Last Mile). Produção americana de 1959. Dir. Howard W. Koch. Com Mickey Rooney, Alan Bunce e outros.

Candidatos à cadeira elétrica, para matar o tempo, contam suas histórias (seria melhor não contá-las) e, por uma dessas coincidências só possíveis em filmes, conseguem fugir às grades.

A primeira parte, mais construtiva e de fundo teatral, cansa o espectador com sua narração arrastada e o diálogo excessivo e pouco expressivo. A segunda parte é calamitosa. Nunca a violência dominou por tanto tempo seguido um filme. Infelizmente, sem qualquer adequação. Choca o espectador (e, afinal, a Censura soube entender isto) mas não tem qualquer fôrça interior. Com esta falha, o filme é mesmo um libelo a favor da pena de morte, pois os desmandos dos prisioneiros sentenciados até justificam sua condenação à pena capital.

Espetáculo desta forma não pode ser liberado a qualquer público, nem mesmo adulto. Quando muito, é assistível por quem possua formação e deixe de lado o bom gôsto.

Cotação moral: Para adultos com reservas.

TORTURA DE DUAS ALMAS

(Ai Margini della Metropoli). Filme italiano. 1953. Dir. Carlo Lizzani. Com Michel Jourdan, Giulietta Massina, Massimo Girotti e outros.

Filme policial de categoria comum. Tudo se resume em apresentar as providências para esclarecer um crime de um acusado que se diz inocente. Boa construção e bom ritmo de narração.

Moralmente, tem lados positivos mas apresenta ambientes pouco recomendáveis.

Cotação moral: Para adultos.

★

QUATRO DE COPAS

(Cuatro de Copas). Produção mexicana distribuída pela Columbia e dirigida por Tulio Demichelli. Elenco: Libertad Lamarque, Miguel Aceres Mejia, Raul Ramirez e outros.

Sentimentalismo, canções, algum humorismo, pouca novidade, romance e Libertad Lamarque às ordens para os seus fans. Mais uma comédia musical e mais um filme apto para algumas canções interpretadas pela boa voz.

Cotação moral — Para todos.

★

AVISO

Procurando acelerar a preparação e pronta publicação do presente número não pudemos esperar as programações dos cinemas São Mateus e Rex. Lembrem-se os interessados, entretanto, de que a programação destas duas salas corresponde a uma rèprise do que é primeiramente apresentado nos cinemas do centro da cidade pertencentes à Companhia Central de Diversões.

Agradecemos, mui especialmente, a gentileza com que vemos sendo atendidos pelos Srs. Gerentes das Companhias Exibidoras locais. E' graças a esta gentileza e boa vontade que vimos conseguindo apresentar material ilustrativo sempre atualizado, obtido das fotos de propaganda que nos são cedidas.

★ ★ ★

No EXCELSIOR:

1	Em Busca do Ouro (pág. 12)	*Para todos*
4	O Processo de Nuremberg (pág. 4)	*Para adultos com reservas*
6	Tortura de Duas Almas (pág. 18)	*Para adultos*
8	Drama na Página Um (pág. 17)	*Para adultos com reservas*
11	Salomão e a Rainha de Sabá (pág. 12) ..	*Para adultos com reservas*
18	Homem até o Fim	*Para adultos*
20	A Mulher que comprou a Morte (pág. 7)	*Menos para crianças*
22	O Lago Encantado (pág. 16)	*Para adultos*
25	A Última Caminhada (pág. 18)	*Para adultos com reservas*
27	Um filme ainda não programado	
28	Quero Viver (pág. 9)	*Para adultos com reservas*
29	O Discípulo do Diabo (pág. 6)	*Menos para crianças.*

★ ★ ★ ★ ★

Saiba gostar de Cinema lendo

A Tôrre de Marfim

A VENDA NA AGENCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATOLICO — GALERIA CENTRAL, 7

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Julho — Juiz de Fora

NO CENTRAL

1	— O Rei da Zona (pág. 15)	*Para adultos com reservas*
4	— Viva o Amor	*Menos para crianças*
6	— La Violetera (pág. 5)	*Para todos*
15	— Aguenta o Rojão (pág. 11)	*Menos para crianças*
18	— Rifle de Quinze Tiros (pág. 7)	*Menos para crianças*
20	— O Prisioneiro de Zenda (pág. 4)	*Menos para crianças*
22	— Bancando a Ama-Sêca (pág. 11)	*Menos para crianças*
27	— Aqui estão os Aguilares	*Para todos*
29	— Quando Explodem as Paixões (pág. 11)	*Para adultos com reservas*

NO PÁLACE

2	— Bom Dia, Tristeza (pág. 7)	*Para adultos com reservas*
7	— Dança, Mulheres e Música	*Para todos*
9	— A Mulher do Século (pág. 6)	*Para adultos*
12	— Ninguém me Ama (pág. 11)	*Para adultos com reservas*
14	— O Rio do Arroz Sangrento (pág. 13)	*Para adultos*
16	— De Folga para Amar (pág. 16)	*Para adultos com reservas*
19	— Noite de Lua Minguante (pág. 9)	*Para adultos com reservas*
21	— A Tortura do Desejo (pág. 17)	*Prejudicial*
23	— O Dilema do Médico (pág. 5)	*Para adultos com reservas*
26	— Um Anjo desceu em Brooklyn (pág. 8)	*Para todos*
30	— Um Crime por Dia (pág. 15)	*Menos para crianças*

NO SÃO LUIZ

2	— A Ponte do Destino (pág. 14)	*Menos para crianças*
5	— O Corsário da Meia-Lua (pág. 12)	*Para adultos*
7	— Em Busca do Amor (pág. 9)	*Prejudicial*
9	— Quatro de Copas (pág. 18)	*Para todos*
12	— Fúria de Conflitos (pág. 12)	*Condenado*
14	— Garras da Corrupção (pág. 14)	*Menos para crianças*
16	— Cidade Núa (pág. 5)	*Para adultos*
19	— O Rio do Arroz Sangrento (pág. 13)	*Para adultos*
21	— No Reino das Fadas (pág. 17)	*Para todos*
23	— Falta um para Vingar	*Menos para crianças*
26	— A Sereia do Mar Vermelho (pág. 18)	*Para todos*
28	— Os Amantes de Mayerling (pág. 6)	*Para adultos*
30	— Lanceiros da Índia (pág. 4)	*Menos para crianças*

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.258, onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.



Ano XI
N.º 82

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Agôsto de 1960 — Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:

José Francisco Simões

FICHARIO :

Candidatos a Irmãos Missionários da S. V. D.

★

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179

Caixa Postal 160

Fone: 1249

JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:

(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA

Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO

Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Ellie Lamberti, uma escolha acertada para uma interpretação perfeita, é um dos motivos da excelência do filme grego A MULHER DE NEGRO.

AVISO

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TÔRRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir :

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais : O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte).
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

★

Agradecemos a gentileza do "DIARIO MERCANTIL" que, em sua edição de 24 de junho, teceu gracioso comentário sôbre o número de julho p. p. aconselhando, ainda, aos leitores a utilização de nossa revista.

EDITORIAL

A programação do mês de agôsto em Juiz de Fora, poderia ser considerada, caracteristicamente, como uma programação de rèprises. Com efeito, a simples leitura da mesma dará ao espectador assiduo esta idéia. Há, entretanto, alguns filmes em primeira apresentação, dos quais, alguns bons.

O que poderiamos chamar O FILME DO MÊS, como acontece muitas vêzes, não é obra apreciável pelo grande pùblico — referimo-nos ao filme lançado pela Companhia Central de Diversões, A MULHER DE NEGRO. A beleza desta produção situa a mesma fora de qualquer comparação com outras boas peliculas programadas. Vale a pena como passatempo valioso e como oportunidade de se conhecer arte cinematográfica.

O HOMEM ERRADO, possivelmente, atrairá mais atenção do frequentador assiduo, sem desgostar (muito pelo contrário) o espectador exigente. Obra magistral de Alfred Hitchcock, situa seu diretor, definitivamente, entre os grandes cineastas, reforçando, ainda, seu titulo conhecido de "MESTRE DO SUSPENSE".

Dois filmes, em segunda apresentação, merecem destaque especial: O PARAISO ROUBADO e GUERRA E PAZ. O primeiro, pela alta esfera espiritual em que se situa e pela interpretação impar de Annie Rosar; o segundo, por tudo aquilo que faz, do mesmo, uma obra grandiosa do Cinema e, de seu diretor, King Vidor, um mestre consumado da sétima arte.

NAVIO DA MORTE e AFUNDEM O BISMARCK serão dois filmes da Exibidora Excelsior que agradarão, o mesmo podendo ser dito de DA TERRA NASCEM OS HOMENS e de A CASA DAS TRÊS MENINAS, programados pela mesma companhia.

Bons filmes em programação pela Companhia Central de Diversões, que merecem menção especial: O ESTRANHO CASO DO CONDE, um filme feito para o talento interpretativo de Alec Guinness; O PIRATA SANGRENTO, comédia divertida com Burt Lancaster em papel ainda não visto; GALANTE E SANGUINÁRIO, um "western" de enrêdo interessante e que mostra progressos reais neste gênero; ANGÚSTIA DE UM PECADO, drama de fundo moral aceitável, não obstante vários senões técnicos.

Êste, estritamente, o panorama cinematográfico para o mês de agôsto, com várias apresentações em segunda vez, mas com filmes novos interessantes e, mesmo excepcionais (A MULHER DE NEGRO e O HOMEM ERRADO), e com algumas rèprises justificáveis (PARAISO ROUBADO, GUERRA E PAZ, DA TERRA NASCEM OS HOMENS, A CASA DAS TRÊS MENINAS e ANGÚSTIA DE UM PECADO).

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que nolo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

O Filme da Capa:

A Mulher de Negro

Produção grega, dirigida por Michael Cacoyannis. Com Dimitri Horn, Ellie Lamberti, Georges Foundas e outros.

Um grande filme que evidencia a arte e a técnica apurada do cinema grego.

Neo-realismo grego é o que pode ser dito dêste filme dirigido e idealizado em seu argumento por Michael Cacoyannis. Tudo é feito de forma a dar ao espectador a noção exata do ambiente. Mas, além dêste aspecto fundamental, **A Mulher de Negro** tem como característica técnica indiscutível uma perfeita montagem, revelando um perfeito conhecedor do terreno, além de habilidoso artista.

O enrêdo, não revelável em tôda sua trama a bem do interêsse pela narrativa, gira em tôrno de um amor juvenil entre um excursionista em férias na ilha de Hydra e a filha adolescente de uma viúva.

A interpretação de Ellie Lamberti, no papel de Marina (a mulher sempre de prêto), é extraordinária e tôda cheia da ansiosa tristeza que seu papel contém. Ellie Lamberti consegue lágrima e riso mais profundos, independentes das conhecidas contrações faciais. Os outros intérpretes rendem esplêndidamente nas mãos de Cacoyannis, não se podendo falar de graus de perfeição, fora a exceção aberta por Ellie Lamberti.

Dois concursos técnicos outorgam ao cineasta grego seu êxito em **A Mulher de Negro** — o da fotografia e o da música.

A fotografia é de primeira qualidade oferecendo belas imagens e demonstrando o senso artístico de Walter Lassaly, seu responsável. A partitura musical típica e em execução de "gouzoukis" apenas, traz qualquer reminiscência de **Brinquedo Proibido**, dado seu tom de tristeza. Argyris Kounadis, seu autor, contribuiu para que esta parte fôsse também um dos pontos fortes do filme.

Claro está que o filme é mais designado à chamada elite cinematográfica, mas o belo é universal. Assim sendo, todos apreciarão.

Pelas cenas violentas e pelo próprio assunto não é espetáculo para critérios não amadurecidos.

Cotação moral: Adultos.

DOMíNIO DO TERROR

(Portland Expose). Produção americana de 1958. Dir. Harold Schuster. Com Edward Brins, Carolyn Graig, Virginia Gregg e outros.

Pretendendo ser uma ajuda social à atitude combativa norte-americana contra a delinquência juvenil, o filme não passa dessa pretensão.

Tudo se resume em mostrar, nas cenas bem chocantes, a sordidez e a degeneração de uma quadrilha de extorsionistas. Ora, todo êste conjunto dá apenas um aspecto negativo, comprometido e derrotista que mascara mal um certo grande interêsse comercial (indiscutível e bem claro) na produção da película.

Numa época em que o crime progride assustadoramente (o crime frio e premeditado, com todos os requintes da técnica) mostrar uma quadrilha como a do filme é até temerário.

Cotação moral — Adultos com reservas.

RASTROS DO ESPAÇO

(The Monolith Monsters). Universal-International. Dir. John Sherwood. Com Grant Williams, Lola Albright e outros.

Mais um da série "ficção científica". Agradará, possivelmente, aos apreciadores do gênero. Pois, de modo geral, observa-se que o grande público ainda não despertou para o interêsse de tais obras. A ignorância de elementos básicos da Física e da Astronomia impossibilita o grande público de compreender alguns pontos básicos no enrêdo de qualquer "science-fiction", acarretando, consequentemente, ou o riso de zombaria ou ironia (forma simples de criticar um assunto desconhecido) ou o pouco caso, o desinterêsse mesmo.

Assim, até o momento, sòmente os melhores "science-fiction" conseguiram mover o público a que nos referimos. O presente filme, por exemplo, é de outra classificação, sòmente aos apreciadores dêste gênero.

O assunto não é para público infantil, fàcilmente impressionável.

Cotação moral: Adolescentes.

DEFENSORES DA FRONTEIRA

(Fort Bowie). Produção americana. Dir. Howard Koch. Com Ben Johnson, Jean Harrison, Kent Taylor e outros.

Um "western" que aborda a variação do tema central muito comum ao gênero, a saber — trabalho dos homens do oeste, compreensivos e humanitários, em realizar a paz com os indígenas, apesar do antagonismo e da imprudência de outros menos esclarecidos, como é o caso do major que domina o Fort Bowie nesta história.

Tem o filme boa técnica, mas sem se distinguir. E' mais um "western", apenas. Vale por mero passatempo.

O fundo moral, fortemente positivo em seu conjunto, contudo, contém dois senões que impedem uma liberação total do espetáculo — cenas de violência e comportamento do papel feminino.

Cotação moral — Adolescentes.

★

A ÚLTIMA CANÇÃO

(El ultimo cuplé). Produção mexicana de 1957. Dir. Juan Orduna. Com Sarita Montiel, Armando Calvo, Enrique Vera e outros. Eastmancolor.

Quem viu Sarita Montiel em LA VIOLETERA ficará decepcionado se assistir a êste EL ULTIMO CUPLÉ. Falta arte e sobra exploração comercial. Ora, Cinema não é música bonita, não são bailados, não são canções bonitas, não é vistoso guarda-roupa, não é décor interessante. E' mais que isto. Pode ser tudo isto, mas em linguagem realmente cinematográfica, o que equivale a dizer, artística. Amontoado ou mistura são outra coisa.

O enrêdo convencional aos números musicais narra o aparecimento, a fama e o declínio de uma grande cantora popular espanhola. Entram nêle aspectos pouco recomendáveis da vida artística e da vida particular da cantora. Cenas apresentadas com certa simpatia e um certo abuso de detalhes fotográficos são outros inconvenientes que reservam o espetáculo.

Cotação moral — Adultos com reservas.

MONPTI

(Monpti). Produção alemã de 1957. Dir. Helmut Kautner. Com Romy Schneider, Horst Buchholz, Maria Lane, Boy Gobert e outros. Agfacolor.

Produção cinematográfica que encerra um conflito que nunca deveria haver – entre o belo e o imoral. Pois, artisticamente, possui o filme qualidades indiscutíveis (boa adaptação cinematográfica, narrativa fluente, ambientação esmerada, bons desempenhos), mas seu fundo moral é negativo (ligação de amor livre, apresentação de desvios no comportamento moral masculino, crueza de diálogos e de cenas).

Assim sendo, só podemos lamentar a reexibição de tal espetáculo, pela inadequação em que se coloca o mesmo com referência à mentalidade do público médio que vai às salas de projeção. Mesmo a pessoas adultas e de formação pode trazer prejuízo moral.

Cotação moral: Prejudicial.

JOALHERIA

Windsor

PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

ASFALTO

(Asphalte). Produção francesa de 1959. Dir. Harvé Bromberg. Com Massimo Girotti Françoise Arnoul, Jean Paul Vigno, Marcel Bozzuffi, Georges Rivière e outros.

Ainda que em narrativa cheia de pequenos impossíveis, Asphalte parte de um argumento original em que uma órfã meio pobre casada com rico industrial, ao rever um antigo amigo, sente saudades do antigo meio em que vivia e às escondidas volta ao mesmo.

O principal valor do filme está em mostrar muito bem a diferença entre os dois meios sociais. Nisto é ajudado pela boa fotografia, sempre estudada em suas focalizações oportunas e exatas.

Moralmente, não tem a produção inconvenientes graves. Poderia parecer infidelidade ou falta de confiança no marido a saída furtiva de Nicole (a heroína) para visitar seu antigo meio. Talvez seja antes uma leviandade, ainda mais quando observamos que o enrêdo valoriza, justamente, a amizade, o respeito e a fidelidade conjugal. O público juvenil não será bem servido, moralmente, devido a algumas cenas de violência e a alguns detalhes mais próprios para a compreensão de pessoas adultas.

Cotação moral: Adultos.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

AFUNDEM O BISMARCK

(Sink the Bismarck). Produção inglêsa de 1960. Dir. Lewis Gilbert. Com Kenneth More, Dana Wynther, Carl Mohner, Laurence Naismith, Geoffrey Keen e outros.

Narrando em estilo de semi-documentário a aventura do grande encouraçado alemão **Bismarck** afundado pela marinha inglêsa na Segunda Guerra Mundial. Aparece mesmo, antes dos letreiros do filme propriamente, um cine-jornal em que se vê o lançamento ao mar do vaso de guerra com a presença do próprio Adolf Hitler no pôrto de Hamburgo.

De forma que o conjunto do filme é interessante, pois que até o último momento o espectador é levado pela narrativa a seguir o roteiro e a aventura do encouraçado alemão. A ambientação psicológica é bem a propósito e em nenhum momento falta ação ao conjunto. Como característica nacional da produção, está presente a sobriedade britânica.

Alguns pontos são fictícios – o planejamento interpretado por Kenneth More na sala do almirantado, a presença de insinuação romancesca de Dana Wynther e outros – sem contudo tirar bastante autenticidade à obra. Afinal? Por que os inglêses conseguiram afundar o Bismarck? É uma pergunta antiga que o filme não responde nem insinua.

O ambiente dramático em excesso de algumas passagens reserva o filme a público não impressionável fàcilmente.

Cotação moral: Adolescentes.

★

SERENATA DOS CANHÕES

(Pezzo, capopezzo e capitano). Produção italiana de 1958. Dir. Wolfgang Staudte. Com Vittorio de Sica, Folco Lulli, Ingmar Zeisberg, Helene Remy e outros. Ferraniacolor.

Com um canhão que se vê obrigado a transportar, um comandante procura realizar um ato heróico, afundando um navio inglês. O filme, muito mal dirigido, explora um humorismo superficial. Não convence. De resto, é lamentável o desperdício feito no mesmo filme da capacidade interpretativa de De Sica. Uma bombinha a mais. Nada além disso.

Cotação moral — Todos.

O NAVIO DA MORTE

(Das Totenschiff). Produção da UFA. 1959. Dir. Georg Tessler. Com Horst Buchholz, Elke Sommer, Mario Adorf, Helmut Schmid e outros.

Esta produção alemã baseada num romance de B. Traven procura mostrar o drama de um jovem marinheiro que, perdidos os documentos e o navio em que era 1º pilôto, vê-se obrigado a trabalhar como ajudante de foguista num cargueiro bem ruim, onde a brutalidade da tripulação torna a vida inqualificável.

O ritmo da narração, em todo seu conjunto, é violento e duro em seu clima dramático, favorecido por composições bem dirigidas e auxiliado pela partitura musical de Holland Kovak bastante sugestiva. Desagrada em parte, apenas, quando repete a exploração da brutalidade.

A violência geral que envolve a narrativa, a desqualificação das figuras centrais do enrêdo, a introdução de algumas cenas de mau ambiente, o fatalismo do argumento são inconvenientes graves que tornam o filme restrito.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

A CLANDESTINA

(Stowaway Girl). Paramount. Dir. Guy Hamilton. Com Trevor Howard, Pedro Armendariz, Elsa Martinelli e outros.

Abordando um argumento muito fácil para concessões a certo público, Guy Hamilton realizou obra bem folhetinesca em Stowaway Girl. Tudo se resume, no enrêdo, na remoção de uma jovem da América do Sul para a Inglaterra, a bordo de um cargueiro inglês de tripulação exclusivamente masculina. Ora essa, isto já é abusar da sobriedade inglêsa.

O drama, que poderia ter um valor bem maior, perde esta oportunidade, com a exploração das referidas concessões comerciais, e seu inevitável "triângulo amoroso" tem a (também inevitável) solução num desfêcho convencional, meio ingênuo e pouco ou nada convincente.

Em resumo: usando um elenco internacional de certo pêso, Guy Hamilton perdeu muitas oportunidades por pensar mais em bilheteria que em realização honesta e artística. Não passa de um exibicionismo grotesco.

Cotação moral: Prejudicial.

COTAÇÃO MORAL

TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

ADOLESCENTES — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

ADULTOS COM RESERVAS — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuimos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

"A TÔRRE DE MARFIM" agradece reconhecidamente o trabalho e a dedicação com que, Professôres e Educadores de vários colégios da cidade, vêm ajudando a propagação da leitura sôbre Cinema entre a juventude estudantil. Graças a êste trabalho precioso e a esta dedicação abnegada, o interêsse da classe estudantil pela revista tem aumentado muito, sendo disto testemunho a tiragem crescente a cada novo número, exigida pelas circunstâncias. Esperamos contar sempre com êste apoio, que, além de ajuda, mostra uma grande amizade e, mais que isto, uma compreensão exata do significado de uma orientação cinematográfica, obra de reais méritos educativos.

O HOMEM ERRADO



(The Wrong Man). Produção americana distribuída pela Warner Bros. 1956. Dir. Alfred Hitchcock. Argumento: Maxwell Anderson e Angus MacPrail. Fotografia: Robert Burks. Música: Bernard Herrmann. Com: Henry Fonda, Vera Miles, Anthony Quayle, Harold J. Stone, Charles Cooper, John Heldabrand, Esther Minciotti, Doreen Lang, Laurinda Barret e outros.

Baseando-se num fato realmente acontecido com um cidadão norte-americano, de nome Emmanuel Balestrero, que foi acusado de assaltante, Alfred Hitchcock consagra-se definitivamente como o "mestre do Suspense" neste The Wrong Man que pode ser considerado o melhor filme de sua carreira como diretor até agora.

A estrutura dêste filme é nova. "Desejei fazer o contrário dos filmes nos quais se segue o Homem que investiga e trabalha para tirar um inocente da prisão. Meu filme é construido do ponto de vista do prisioneiro". Assim declarou o próprio Hitchcock à publicidade.

As qualidades técnicas irrefutáveis são: domínio excepcional do cinemascópio em prêto-e-branco com um uso perfeito da tela larga, funcionamento expressivo do plano de detalhe (mãos crispadas ao contrabaixo, p. ex.), localização da câmera no meio da ação e tratamento subjetivo dos momentos exatos (entradas de Balestrero — Henry Fonda — nas lojas).

O acabamento musical de O Homem Errado tem forte dose de originalidade e sugestão, em se tratando de um filme que versa sôbre a figura de um contrabaixista (o acusado Emmanuel Balestrero).

Nota importante do filme de Hitchcock é sua preocupação em mostrar o poder da oração, apresentando Balestrero orando em pontos angustiantes de seu processo. Define, assim, inequivocamente, a catolicidade de Hitchcock, sendo ainda uma fita que, sem ser religiosa, mostra a religiosidade de um homem.

Atente-se ainda para a montagem perfeita, para as sequências memoráveis que marcam os pontos fundamentais do enrêdo e o jôgo de contrastes e sugestões (bem ao gôsto de Hitchcock) que levam o espectador a descansar com a hilaridade dos mesmos, de forma a suportar melhor o "crescendo", sempre em desenvolvimento, da tensão que o desenrolar da trama comunica à platéia.

No desfêcho de **The Wrong Man** reside outro mérito de Hitchcock que conseguiu evitar hàbilmente o lugar tão comum do "happy-end" para lançar uma de suas inovações sempre originais e que ainda mais comprovam a autenticidade de sua obra que, tôda ela, provém de sua vitalidade criadora.

A interpretação dêste filme contribuiu para seu êxito. Aliás, é do conhecimento dos apreciadores de Hitchcock, ser a escolha dos intérpretes para seus filmes sempre acertada. Basta recordarmos a figura de James Stewart em **Janelas Indiscretas** e em **O Homem que sabia demais**, e a presença de Grace Kelly em **Janelas Indiscretas** ou em **Ladrão de Casaca**, como também a de O. E. Hasse em **Tortura do Silêncio**. No presente filme, o diretor inglês mostra mais uma vez o acêrto de suas escolhas. De seu lado, Henry Fonda como Emmanuel Balestrero, tem uma atuação perfeita, sendo difícil encontrar, no exame de tôda sua filmografia, outra maior. Vera Miles e os demais atuam com sobriedade e acêrto.

Em resumo, citamos duas apreciações sôbre o filme:

"Hitchcock, não obstante a sobriedade que se impôs, realizou um filme visualmente extraordinário, fascinante e, interiormente, um dos mais vivos de sua carreira, o mais comovente, talvez". (Moniz Viana).

"Do ponto de vista moral, êste filme é obrigatório para os católicos e para tôdas as pessoas que têm fé na humanidade". (Massote S. J.).

Cotação moral: Adolescentes.

★

PETER VOSS, O LADRÃO DE MILHÕES

(Peter Voss, der Millionendieb). Produção da UFA. 1958. Dir. Wolfgang Becker. Com O. W. Fischer, Ingrid Adree, Walter Giller, Mara Lane, Margitt Saad e outros. Eastmancolor.

Uma comédia de aventuras, tendo como figura central um aventureiro que, para ajudar um banqueiro seu amigo, realiza uma simulação de roubo. Segue-se sua perseguição por um detetive particular e sua consequente jornada proposital (para dar valor ao filme) por vários países do Antigo e do Novo Continente, inclusive pelo Brasil.

Apesar de querer ser comédia, o filme, quando muito, é uma apresentação turística de algumas cidades célebres. É divertimento agradável neste particular, desagradando pròpriamente como cinematografia.

Malícia e sensualidade de algumas passagens reservam o espetáculo.

Cotação moral: Adultos.

★

PEQUENO POR FORA

Produção nacional de Lívio Bruni, 1959. Com Walter D'Ávila, Hélio Colona, Nancy Wanderley, Meio Quilo e outros. Dir. Aloísio T. Carvalho.

Com a finalidade de conseguir uma pensão de um tio rico, um casal anuncia ao mesmo o nascimento próximo de um filho. Mas, algum tempo depois, vê-se atrapalhado o casal ao ser noticiado pelo mesmo tio de sua passagem pelo Rio de Janeiro. Um anão de circo é contratado às pressas para fazer às vêzes do falso filho. Daí, sobrevém o resto.

Com uma trama central bem primitiva, como a que os leitores poderão supor, o filme é ainda mais primitivo. Deixamos de nos estender muito em sugestões próprias, citando apenas as alheias. O bonequinho de Otávio Bonfim, em "O Globo", ficou "fora de fôco" e o comentarista justifica esta ausência com os seguintes adjetivos sôbre o filme: "acintoso, desonesto, grosseiro, grotesco, idiota, inescusável, insignificante, imprudente, maléfico, medíocre, obsceno, ordinário, e ridículo".

O Serviço de Informações Cinematográficas diz: "Um argumento primário, um roteiro primaríssimo e uma direção incapaz fazem hora e meia de espetáculo sofrível sob todos os aspectos. Falsa comicidade.

A malícia, os diálogos grosseiros e um personagem ridículo com mania religiosa são senões graves no filme que impõem justa reserva.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

AMANTES E LADRÕES

(Assassins et Voleurs). Produção francêsa. Dir. Sacha Guitry. Com Jean Poiret, Michel Serrault, Magali Noel, Clement Duhor e outros.

Pretendendo ser uma sátira dos personagens e métodos dos filmes policiais, esta comédia mereceu bem a Censura (impróprio até 18 anos), em parte, pois que seu conteúdo e seu ambiente geral é de amoralidade abjeta suficiente para uma cotação bem mais rigorosa. Deslizes morais bem graves são apresentados sem qualquer justificativa ou correção. Salva a culpabilidade da obra o tom cômico em que foi feita.

Cotação moral: Condenado.

NOITES DE FOLIES-BERGERE

(Enigme au Folies-Bergère). Produção francêsa de 1958. Dir. Jean Mitry. Com Bella Darvi, Frank Villard, Yvonne Menard, Jean Tissier e outros.

Filme policial que apresenta as andanças da polícia parisiense para investigar as causas do assassinato de um homem que é morto, exatamente, ao telefonar para a polícia. Entre muitas pessoas envolvidas no caso pelo comissário de polícia figuram algumas dançarinas do Folies-Bergère, descambando o filme para a apresentação de números desta casa noturna de diversões.

Do todo surge uma história sem muito interêsse, sem o "suspense" necessário (e que deve ser característico) ao gênero policial, sem unidade de narração. Parece mesmo, que o filme é mero pretexto para apresentar cenas imorais, que o tornam espetáculo impróprio a qualquer pessoa séria e cônscia de sua própria dignidade.

Cotação moral: Condenado.

★

TUMULTO DE PAIXÕES

(Passion of the Wilderness). Co-produção americana, alemã e brasileira. Dir. Zygmunt Sulistrowski. Com John Sutton, Richard Olizar, Gina Aubert, Celeneh Costa, Eugênio Carlos e outros. Eastmancolor.

Não há dúvida alguma em que o Cinema atual só poderá subsistir, exceção feita (em alguns casos) ao cinema norte-americano, se for adotada a forma da co-produção. O progresso da técnica e da arte cinematográfica atual exclue, em quase todos os casos, a possibilidade de êxitos autônomos e restritos a uma única origem nacional. Assim, quase todos os filmes produzidos recentemente na Europa e na América do Norte são co-produções. Já vimos muitas franco-italianas, teuto-italianas, anglo-francesas, franco-espanholas ou franco-portuguêsas. Mas, abrir o Cinema brasileiro suas portas a Marcel Camus em 1958 (apesar dos senões daquela produção) e abrir êste mesmo Cinema brasileiro as suas portas a um tal Zygmunt Sulistrowski para realizar aqui um enrêdo sem qualquer coerência numa produção falsa é ridículo, é desonesto, é expor-se à mediocridade.

Moralmente, impõem reservas cenas torpemente sensuais e a apresentação dos indígenas em sua nudez natural. E o empreguinho público da Censura ganhou gorjeta para colar impróprio até 14 anos, apenas.

Cotação moral — Adultos.

★

A DOUTÔRA É MUITO VIVA

Filme nacional dirigido por Ferenc Ferete. Com Eliana, Francisco Negrão e outros.

Comédia com uma história desenrolada em poucas horas, trata das aperturas de uma advogada que simula ser outra pessoa, com a finalidade de melhor defesa de uma cliente em caso de desquite.

Situações falsas e inconsistências, que afetam sua qualidade técnica e sua finalidade de divertir, fazem do filme mais uma visão desanimadora do nosso cinema. Eliana, até o momento, não convenceu ninguém. É fraca como intérprete, sendo lenta em mudanças de atitude e de expressão.

Malícia, irreverência, grosseria, diálogos ambíguos — enfim — os lugares comuns de alguns filmes nacionais, tornam o espetáculo impróprio.

Cotação moral: Prejudicial.

★

O LAGO ENCANTADO

(Die Fischerin vom Bodensee). Export Film. 1956. Dir. Haral Reinerl. Com Marianne Hold, Gerhard Riedmann e outros. Eastmancolor.

Romance de uma bela e pobre pescadora dos Alpes com um jovem de família rica, contrária ao seu afeto.

Narração fluente e sem grandes novidades. Os diálogos são um pouco cansativos. O colorido e as belas paisagens valorizadas pela boa fotografia são uma qualidade artística indubitável. De resto, tudo se passa na Suíça.

Uma cena de sedução e a união ilícita (antes do casamento) tornam o filme impróprio para menores. É lamentável, pois, fora êstes aspectos, seria merecedor de cotação benigna.

Cotação moral: Adultos.

O PARAÍSO ROUBADO

(Der Veruntreute Himmel). Produção da UFA. 1958. Dir. Ernst Marischka. Com Annie Rosar, Hans, Holt, Victor de Kowa, Vilma Degescher e outros. Agfacolor.

Uma senhora de fé profunda mas mal orientada, pretende comprar o céu. Para tanto, envia tôdas suas economias para seu sobrinho que mandou para o seminário, forçando a vocação. Com o tempo, os acontecimentos tomam rumo diferente do esperado pela velha senhora. Arrependida, ao se cientificar do seu engano, vai a Roma em espírito de penitência, reencontrando assim a paz.

Em linhas gerais, é esta o trama central dêste filme que foi baseado em obra homônima (no original) de Franz Werfel. Apesar de descambar para aspectos secundários (principalmente na primeira metade), comprometendo ainda a unidade da narrativa com diálogos excessivos e retoque demasiado das imagens, o filme resulta num todo aceitável artisticamente, graças à interpretação singular de Annie Rosar no papel da senhora Teta Linek. Documentàriamente, traz inclusa uma cena autêntica de uma audiência pública de Pio XII, o que muito valoriza o filme.

A reprovação do egoismo religioso e a indicação dos perigos de uma fé mal orientada dão à obra uma tonalidade fortemente afirmativa que não é abalada por uma ou outra irreverência e por um pouco de sentimentalismo.

Em resumo, uma reapresentação da Exibidora Excelsior que merece os melhores elogios e que atrairá a atenção de muitos aficionados do Cinema, exigentes ou não.

Cotação moral: Todos.

★

GALANTE E SANGUINÁRIO

(3.10 to Yuma). Columbia. Dir. Delmer Daves. Com Glenn Ford, Van Heflin, Felicia Farr, Henry Jones e outros. Fot. Charles Laughton Jr.

Aparece neste filme alguma coisa que nos faz lembrar **Conspiração do Silêncio**, se bem que o enrêdo e as situações sejam diversas. Trata-se, exatamente, de um episódio em que um ranchêiro assiste imóvel a uma série de injustiças sem tomar qualquer atitude, o que compromete sua aceitação social, servindo para ser tomado por um covarde e timorato. Aos poucos, de "suspense" em "suspense" (nota muito característica a êste "western") a história satisfaz a justa curiosidade e as dúvidas fundamentais do espectador sôbre o dito ranchêiro.

O interêsse do espectador, a princípio talvez, julgando o filme como enfadonho, cresce a tal ponto que ninguém será capaz de mostrar pouco caso, no decorrer das cenas que vão se sucedendo, com o decorrer da projeção. Há uma preocupação em deixar os grandes planos e focalizar mais os próprios personagens, o que traz uma carga de humanidade e espiritualidade ao "western" (talvez, indicando progresso neste gênero). Mesmo assim não faltam belas tomadas fotográficas (uma qualidade do filme bem notória) de grande plano, realçando a beleza das paisagens.

A interpretação tem seus pontos máximos em Gleen Ford e Van Heflin, muito vigorosos e definidos em seus papéis. Entre os coadjuvantes, merecem citação Richard Jaeckel (auxiliar imediato do chefe da quadrilha) e Henry Jones (boa máscara de um bravo bêbedo). Felicia Farr apenas encanta, sem muitas oportunidades de interpretação.

Exaltando o civismo, a coragem e a honestidade, o filme ganha valor moral raro no gênero em que se classifica. Entretanto, estão presentes as violências e brutalidades além de assassinatos bem cruéis.

Cotação moral: Adultos.

★

ALMAS MACULADAS

(The Tarnished Angels). Universal-International. 1958. Dir. Douglas Sirk. Com Rock Hudson, Robert Stack, Dorothy Malone, Jack Garson e outros.

História parcialmente gozada, dado seu improvisamento sem grande imaginação. THE TARNISEHD ANGELS versa sôbre um triângulo amoroso entre um aviador perito em evoluções, sua mulher e um jornalista. Fim docinho de forma a agradar quem foi ver Rock Hudson — o "tal". Valor cinematográfico mediocre.

A conduta moralmente inaceitável do triângulo amoroso é agravada por tentar justificação. Além disso, diálogos crûs e cenas românticas exageradas levam-nos à seguinte

Cotação moral — Adultos com reservas.

ANGÚSTIA DE UM PECADO

(Angustia de un segredo). Produção argentina. Dir. Enrique Carreras. Adap. do original "Creo en Dios" de De La Parra e R. Salinas. Com Carlos Estrada, Mercedes Carrera, Santiago Arrieta e outros.

Alfred Hitchcock há alguns anos apresentou um trabalho razoável em "I CONFESS" (TORTURA DO SILÊNCIO) mostrando o martírio mudo de um sacerdote que não se salva das acusações que lhe são feitas ou das suspeitas que lhe caem em obediência ao sagrado e ímpar segrêdo da Confissão. Na obra do diretor inglês havia bastante Cinema e muito de "suspense" (sua característica).

Enrique Carreras dirige, com tons francamente diversos e numa armação ingênua por vêzes, uma outra película sôbre o mesmo tema — "ANGUSTIA DE UN SEGREDO".

Se artisticamente, no que concerne à técnica, o filme é fraco em comparação à obra de Hitchcock, todavia algumas qualidades terminadas de seu fundo moral tornam-no aceitável — firmeza e espírito de fé do sacerdote, compreensão, espiritualidade, disponibilidade. Parece, porém, que não houve um assistente eclesiástico (necessário no caso) para ajudar Carreras em questões doutrinárias. O grande público apreciará ingênuamente o todo, mas a alguns possivelmente darão que pensar alguns pontos do enrêdo mal definidos. Quem tiver dúvidas, esclareça-se com pessoa competente.

Cotação moral — Todos.

★

PISTOLEIRO BOSSA NOVA

Produção nacional. Herbert Richers. 1960. Dir. Victor Lima. Com Ankito, Grande Otelo, Renata Fronzi, e outros.

Um cidadão qualquer, acometido de forte esgotamento nervoso, procura desesperadamente um lugar repousante e vai encontrá-lo, segundo suas suposições, numa cidadezinha denominada "Desespêro". Mas, acontece o imprevisto – neste lugar de repouso há um seu sósia que é pistoleiro de grande fama. O resto, todos podem prever.

A história que dá fundo ao filme produzido por Herbert Richers não tem qualquer originalidade e muito menos ainda sua forma cinematográfica. Acertadamente, alguém comentou que de bossa nova o filme não tem nada. O que vemos nêle é a velha bossa do cinema brasileiro quando mal orientado – uma pancadaria de mau gôsto.

Se não bastasse a ausência de valor artístico e técnico ao filme, associa-se, ainda, àquela, outra ausência – a do valor moral – como sempre acompanhada de outra ausência – a da Censura Oficial que cotou o filme para 5 anos (cinco). Finalmente, grosserias, briga corpo-a-corpo entre mulheres, falsa idéia do amor, trajes sumários, apresentação desrespeitosa de uma autoridade não são inconvenientes para menores e adultos mal formados?

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

DA TERRA NASCEM OS HOMENS

(The Big Country). Produção americana de 1958. Dir. William Wyler. Com Gregory Peck, Jean Simons, Caroll Baker, Charlton Heston e outros. Technicolor.

Um filme bastante longo mas que, mostrando com côres fortes e realistas a mentalidade de uma época da difícil conquista do oeste norte-americano, num bom estudo de personalidades, com bom elenco e com uma fotografia sempre a fundamentar e sublinhar os momentos de maior emoção, não desagrada por sua duração excessiva.

O enrêdo todo gira em tôrno da chegada ao oeste de um jovem, cujos valores não são a fôrça física e as armas, e que vem para se casar com a filha de um fazendeiro famoso e abastado. Mal compreendido por todos, inclusive pela noiva, o herói enfrenta opressão imprevisível. Grande tensão em muitas cenas.

As cenas impressionantes, o orgulho e a brutalidade que só se anulam ou se acalmam raras vêzes, impossibilitam a aceitação do filme para qualquer espectador, donde a nossa

Cotação moral: Adultos.

Guerra e Paz



(War and Peace). Produção italiana de Ponti De Laurentis. 1956. Dir. King Vidor Novela histórica baseada no romance homônimo de Tolstoi. Roteiro de Mario Camerini, Mario Soldati e outros. Fotografia em Vistavision de Aldo Tonti e Jack Cardiff. Technicolor com som estereofônico. Elenco: Audrey Hepburn (Natascha), Mel Ferrer (Andrés), Henry Fonda (Pedro), Herbert Lom (Napoleão), Anna Maria Ferrero, John Mills May Britt, Vittorio Gassman, Anita Ekberg e outros. 210 minutos de duração.

Construído em forma de suntuosidade e de espetáculo grandioso, Guerra e Paz não é apenas um filme de grandes recursos técnicos, é ainda um filme de cunho artístico responsabilidade exclusiva de seu diretor — King Vidor.

Sabemos que o filme deu bastante trabalho em sua confecção e, para ilustrar um pouco os leitores, arrolamos adiante algumas notas curiosas sôbre o mesmo:

— Da primeira condensação apresentada por King Vidor aos produtores, foi tirada muita coisa, pois sua duração não era "comercial". O filme, na primeira feitura, deveria durar seis horas e vinte minutos.

— 165 militares franceses foram contratados para dar assistência técnica nos pontos que a requeriam, particularmente no que toca às batalhas napolcônicas de Austerlitz Borodino e Beresina.

— Para a filmagem das cenas da batalha de Beresina, foi necessária a construção de tôda uma vila para abrigar as onze mil pessoas e os três mil cavalos que tomaram parte nas cenas. O chefe dos cinegrafistas, Cardiff manteve dez câmeras trabalhando simultâneamente.

— Para atender às exigências das pesquizas feitas sôbre o período napoleônico, a confecção das fardas manteve ocupados durante meio ano noventa alfaiates. Tôda uma fábrica de botões, na Suíça, trabalhou para atender em tempo uma encomenda de cem mil botões para uniformes.

— O máximo: foi necessário fazer uma nova fundição de canhões em modelos antigos, para o filme, pois os únicos exemplares existentes dos canhões do período napoleônico acham-se zelosamente guardados em museus.

— Custo aproximado do total da produção: seis milhões de dólares.

Por êstes dados, que lembram Cecil Blount De Mille, poderá o leitor imaginar o que seja Guerra e Paz.

Não se equivoque, entretanto. Não é apenas espetáculo. Primeiramente teve o filme o mérito de conservar o espírito da obra de Tolstoi. Depois, conta com uma construção de roteiro exemplar e com uma adaptação cinematográfica à altura de um artista. A humanidade dos personagens não se perdeu em meio ao aparatoso da obra e é possível receber as mensagens de conteúdo humano e social que as obras do romancista e do cineasta trazem.

Um filme, em resumo, que, agradável a todos, não deixa em nada de satisfazer o público exigente. Muito pelo contrário.

Cotação moral: Adolescentes.

QUANDO EXPLODEM AS PAIXÕES

(Never so Few). Produção americana. Dir. John Sturgess. Com Frank Sinatra, Gina Lollobrigida, Paul Henreid, Peter Lawford e outros. Metrocolor.

Num drama de guerra, vemos a história de um capitão americano comandante de guerrilhas contra os japonêses. Sua ida a Calcutá, em busca de auxílios, promove seu encontro com uma refugiada meio misteriosa. Novos combates, baixa do comandante ao hospital e o fim mais que arquitetado que o público pode exigir.

O estilo geral é bem batido, apesar de alguns momentos de cinema melhor. O primeiro filme de Gina em Hollywood mostra que é de fato o primeiro – a atriz está mal dirigida, sua interpretação pouco se evidencia e, tècnicamente, a equipe de assistência deu um público testemunho de que não soube maquilar a nova candidata.

O comandante americano mata um amigo ferido para abreviar seus sofrimentos, várias violências se sucedem nos combates. Na área fora de combate, ligações ilícitas são apresentadas sem qualquer restrição. Isto não é justo .Um público qualquer (e o filme é de grande público) pode sofrer influência ideológica desta matéria. Por êste motivo, julgamos razoável a nossa

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

QUEM SABE... SABE !

Filme nacional dirigido (?), por Luis de Barros. Com Violeta Ferraz, Catalano, Francisco Dantas e outros.

Um pai não quer que seu filho se case com uma loura protegida por uma cartomante — eis, em resumo, a história que o filme narra em situações dúbias.

Improvisação, displicência, pouco caso são lugar-comum na carreira de Luís de Barros. E o são, também, neste filme. Moralmente, desce ao grotesco e rude. Picaretagem, apenas.

Cotação moral — Prejudicial.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



O ZORRO DE PARIS

(Der Fuchs von Paris). Produção alemã de 1957. Dir. Paul May. Com Martin Held, Hardy Kruger, Marianne Koch, Michel Auclair e outros.

Filme que versa sôbre uma parte da última guerra, quando alguns generais alemães em Paris ocupada procuram desviar a estratégia de Hitler simulando ser a mesma do conhecimento dos franceses. Sobrevêm imprevistos que mudam o curso da pretendida tentativa.

Firmando-se como um filme de espionagem, deixa DER FUCHS VON PARIS de ser Cinema quando abusa em demasia dos diálogos, tornando-se mais Teatro. Assim, apesar do bom desempenho do elenco, o filme tem fluência em sua história, mas não se identifica nas imagens que deveria apresentar.

O assunto é do âmbito da atenção adulta. O público juvenil nem entenderá bem a trama do filme. Além desta inconveniência natural, possue esta realização alemã três notas que a reservam a uma parte do público, quanto a sua aceitação moral — o suicídio como solução, cena amorosa exageradamente apresentada, pequeno entrecho filmado num cabaré.

Cotação moral — Adultos.

★

BARRAGEM AO VÍCIO

(Le Rouge est mis). Produção francêsa. Dir. Gilles Grangier. Com Jean Gabin, Annie Girardot, Lino Ventura, Paul Frankeur e outros.

Filme sôbre "gangsters" reeditando as fórmulas costumeiras. Melodrama policial, dirigido sem inspiração, e que se constitui em espetáculo maçante.

Diálogos e cenas reservam o filme, de se, um assunto para público amadurecido.

Cotação moral — Adultos com reservas.

A DEUSA

(The Goddess). Produção americana de 1957. Dir. John Cromwell. Com Kim Stanley, Lloyd Bridges, Steve Hill, Betty Holland, Burt Brinkerhoff e outros. Technicolor.

A vida de uma jovem que procurou ser estrêla de cinema em Hollywood é relatada neste celulóide.

Cabe à interpretação o mérito principal neste filme, destacando-se particularmente Kim Stanley como a heroína da história e Betty Holland no papel de sua mãe.

O exagêro da história desta menina criada sem carinho, numa cidade pobre, da sua desesperada luta pelo estrelato, num ambiente de intelectualismo, carregado de diálogos intermináveis e monólogos traz um artificialismo geral que tira, no ambiente pessimista em que se desenrola o filme, tôda a movimentação requerida e, mais ainda, a dose de verossimilhança requerida para tornar o espetáculo aceitável a um espectador médio. Em Nasce uma Estrêla um roteiro bem melhor, baseado em mesmo itinerário, trouxe para as telas uma produção mais vigorosa e sem o tom de falsidade indiscutível de The Goddess.

Senões graves, do ponto de vista moral, referentes à vida desregrada da heroína quando artista de Hollywood, além de diálogos crus, impossibilitam cotação moral benigna

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

OS JOVENS NÃO CHORAM

(The Young dont' Cry). Produção americana da Colúmbia. 1957. Dir. Alfred L. Werker .Com Sal Mineo, James Whitmore, J. Carrol Naish, Gene Lyons e outros.

Volta à tela em Juiz de Fora êste filme de Alfred Werker que pretende mostrar um determinado tipo de adolescente – o do orfanato, com suas várias modalidades: o ambicioso, o golpista, o bonzinho. Ao lado desta apresentação, lança uma outra – a fuga de um dos prisioneiros que trabalham num terreno vizinho ao orfanato. Quer fazer um paralelo.

Todos os personagens falam demais, sem convencer. O filme é monótono, excluída em parte, a cena da fuga do prisioneiro, que traz alguma novidade ao conjunto.

Violências e uma cena sentimental que pode ser mal compreendida por adolescentes, reservam o filme a público adulto.

Cotação moral: Adultos.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

MADEMOISELLE PIGALLE

(Mademoiselle Pigalle). Produção francêsa. Dir. Michel Boisrond. Com Brigitte Bardot, Jean Bretonnière, Françoise Fabian Raymond Bussières, Mischa Auer e outros Colorido.

Um filme para Brigitte Bardot e com Brigitte Bardot. Não passa de uma apresentação da artista referida. É claro que se trata de produção comercial. Seu diretor, entretanto, surpreende em vários pontos os espectadores mais avisados, pois que parece mesmo estar deslocado. Consegue fazer alguma coisa como realização artística, apesar da inaptidão de Brigitte como intérprete. Assim na idealização de alguns "ballets" baseados no sub-consciente do personagem sonâmbulo, na fotografia entrosada surpreendentemente com a côr, revela-se Boisrond um diretor de futuro (é êste seu primeiro filme sendo tido o citado cineasta como discípulo de René Clair). Mas a interpretação atrapalha o trabalho do diretor. Só mesmo Raymond Bussières, sempre um bom cômico salva o elenco.

Apesar da exploração comercial, dada a leveza do conjunto, o espetáculo recebe cotação mais benigna, possivelmente, que a esperada por certos jovens que acusam nossa revista de exagerada etc.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

O PIRATA SANGRENTO

(The Crimson Pirate). Produção americana de 1952. Dir. Robert Siodmak. Com Burt Lancaster, Nick Cravat, Eva Bartok e outros. Technicolor.

Comédia de capa e espada, girando em tôrno de um pirata nas Antilhas às voltas com aventuras incríveis, tudo pelo amor de uma jovem.

Ritmo acelerado, colorido e fotografia apreciáveis, atmosfera cômicamente irônica, interpretação correta contribuem para tornar o espetáculo suficientemente agradável como passatempo, ainda que não possua valor realmente artístico. Parece ter encontrado Burt Lancaster seu verdadeiro lugar no filme de aventuras.

O Bem vence o Mal. Os defeitos dos personagens são eliminados no decorrer da história. Mas às crianças, talvez, não faça muito bem.

Cotação moral: Adolescentes.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação

livros religiosos

bons romances

artigos para presentes

artigos religiosos, para altares e igrejas.

Rua Halfeld, 619

Fone 5978 — Juiz de Fora

A NOITE DO DEMÔNIO

(The Curse of the Demon). Produção anglo-americana. 1957. Dir. Jacques Tourneur. Com Dana Andrews, Peggy Cummins e outros.

Abordando o gênero terror, o filme versa sôbre o demônio e sôbre a delicada e perigosa investigação de um americano sôbre um misterioso culto chefiado por estranho individuo em Londres.

Filme de "suspense" e horror. Boa direção e interpretação.

Lamentàvelmente, além de impróprio pelo gênero que explora, o filme ainda é mais inconveniente, ainda, ao lançar confusão em idéias religiosas, parecendo, mesmo, cripto-espírita. Já chegam os "comentários dos Santos Evangelhos" nos programas radiofônicos de domingo. Mais confusão gera mais ignorância.

Cotação moral — Adultos com reservas.

CHRISTINE

(Christine). Produção franco-germânica. Dir. Pierre Gaspard Huit. Com Romy Schneider, Micheline Presle, Alain Delon, Fernand Ledoux, Jean Claude Brial e outros. Eastmancolor.

Baseado em novela de Arthur Schnitzler, o filme se coloca no grupo dos melodramas de grande público, mas também, no grupo dos filmes de aceitação geral que concorrem para o mau exemplo e para a influência maléfica em muitas cabeças ôcas e pouco firmes.

Narra o romance de um jovem oficial com uma jovem de origem humilde, romance êste que não pode se concretizar devido a uma ligação amorosa anterior ao romance por parte do oficial e à descoberta da mesma pela mocinha. O desfêcho tipo dramalhão é também do gôsto de certo público folhetinesco.

Quando muito o filme serve como passatempo para um público indulgente. Mas preferimos outros passatempos melhores. Êste é deprimente. Nêle vemos, primeiramente um ambiente de falsidade com o amor livre apresentado com certa simpatia. Além disto, encerra o filme em tôda sua linha a mesma inversão de valores que a obra original — emoções e sentimentos desenfreados, sem qualquer vestígio de reflexão ou prudência. Por último, o epílogo, mal esclarecido, pretende deixar dúvida sôbre se foi acidente ou suicídio voluntário a cena final. Mas, tudo traz ambiente para a segunda hipótese. Mais uma falha grave do ponto de vista moral.

Portanto, apesar de contar com um elenco de primeira e ser relativamente bem feito, **Christine** não pode ser aceito como espetáculo construtivo. Seus inconvenientes são graves e forçam a nossa

Cotação moral: Prejudicial.

★

O ESTRANHO CASO DO CONDE

(The Capegoat). Filme inglês. Dir. Robert Hamer. Com Alec Guinness, Bette Davis, Nicole Maurey, Irene Worth e outros.

Um professor inglês é confundido com nobre da França (Alec Guinness em papel duplo) do que resultam estranhas aventuras. Êste em resumo o argumento dêste drama policial que traz ingredientes próprios ao sóbrio e fundamentado cinema inglês.

Direção esplêndida, cenários exteriores filmados no sul da França de raro encanto, interpretação perfeita (particularmente a de Alec Guinness com todo aquêle seu talento cênico), justificam uma cotação fortemente favorável ao filme, no seu lado artístico, apesar do desfêcho fora de comparação com o enrêdo, devido ao seu caráter de inverossimilhança.

Situações moralmente delicadas não poderiam ser julgadas convenientemente por um público juvenil, donde a reserva do filme a adultos.

Cotação moral: Adultos.

★

MOCIDADE PERVERSA

(The Young Captives). Produção americana. Dir. Irvin Kershner. Com Steven Marlo Luana Patten, Tom Selden e outros.

Um casal em lua-de-mel é abordado por um estranho que, em má situação, se aproveita desta companhia para transpor a fronteira do México.

Situando-se no gênero policial, **Mocidade Perversa** é um filme bem feito e responsável que, mais uma vez, focaliza a mocidade perplexa e incompreendida dos nossos dias (sempre foi assim). O mérito do filme reside na interpretação a cargo de novatos (bons estreantes) e na boa narração que o torna absorvente e fascinante.

O assunto que traz à tona é mais da compreensão amadurecida, pelo que a Censura Oficial acertou em cotá-lo impróprio até 18 anos.

Cotação moral: Adultos.

★

A CASA DAS TRÊS MENINAS

(Das Dreimaedlerhaus). Produção da UFA. 1958. Dir. Ernst Marischka. Com Karlheinz Boehm, Gustav Knuth, Magda Schneider, Ewald Balser e outros. Agfacolor.

Focalizando uma passagem romanceada da vida do compositor Schubert, **A Casa das Três Meninas** é um filme do gênero opereta que nos delicia com a boa música do citado mestre e chega mesmo a agradar em seu tom singelo e despretencioso, apesar de falho cinematogràficamente, devido à sua falta de definição como opereta ou como cinema, sua monotonia e sua má cenarização. Só mesmo a música e a interpretação razoável salvam o filme.

O enrêdo é algo melancólico, mas fixa sentimentos positivos, ao exaltar uma boa amizade e a discreção e lealdade entre amigos. Algumas passagens da vida excessivamente livre dos artistas não chegam a prejudicar.

Cotação moral: Todos.

ELAS PREFEREM O MAMBO

(Ces dames preferent le mambo). Produção francesa. Dir. Bernard Borderie. Com Eddie Constantine, Pascale Robert, Veronique Zuber, Lise Bourdin e outros.

O título dêste filme parece ser de musical de ritmos nativistas rodado em algum ponto da América Central. Nada disso. Trata-se de um policial em que é apresentada complicada história de tráfico de entorpecentes. Personagens esquisitos, principalmente os femininos, de conduta leviana e indefinida, violências, etc.

Não traz o filme nenhuma novidade no lado técnico. Vários lugares comuns justificam uma apreciação artística negativa.

Os inconvenientes graves do lado moral impossibilitam sua aceitação.

Cotação moral: Prejudicial.

NA ROTA DOS PROSCRITOS

(Ride a Crooked Trail). Universal-International. 1958. Dir. Jesse Hibbs. Com Audie Murphy, Gia Scala, Walter Mattau, Henry Silva, Joanna Moore, Eddie Little e outros. Eastmancolor.

Um criminoso se dirige a uma cidade do oeste para assaltar o banco local. Mas, seu plano não se realiza e se transforma de maneira bem estranha. Daí surge tudo o que vai relatado neste "western".

Rotineiro e agradável apenas aos apreciadores do gênero (com certa indulgência), **Ride a Crooked Trail** nada traz de novo, Um "bang-bang" a mais, apenas. Com as violências costumeiras. Assunto impróprio a adolescentes.

Cotação moral: Adultos.

★ ★ ★

No EXCELSIOR:

1	A Terceira Voz	*Adolescentes*
3	Pistoleiro Bossa Nova (pág. 12)	*Adultos com reservas*
8	A Mulher que comprou a Morte	*Adultos*
10	O Navio da Morte (pág. 7)	*Adultos com reservas*
12	O Lago Encantado (pág. 10)	*Adultos*
15	O Paraíso Roubado (pág. 11)	*Todos*
16	Peter Voss, o Ladrão de Milhões (pág. 9)	*Adultos*
17	A Casa das Três Meninas (pág. 18)	*Todos*
18	Monpti (pág. 5)	*Prejudicial*
19	Afundem o Bismarck (pág. 6)	*Adolescentes*
22	Defensores da Fronteira (pág. 5)	*Adolescentes*
24	Serenata dos Canhões (pág. 6)	*Todos*
26	Tumulto de Paixões (pág. 10)	*Adultos*
29	O Zorro de Paris (pág. 15)	*Adultos*
31	Da Terra nascem os Homens (pág. 12)	*Adultos*

★ ★ ★ ★ ★

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — Rua Halfeld, 619

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Agôsto — Juiz de Fora

NO CENTRAL

1	Noites no Folies Bergère (pág. 10)	*Condenado*
3	Pequeno por Fora (pág. 9)	*Adultos com reservas*
5	O Homem Errado (pág. 8)	*Adolescentes*
8	Caminhos Ásperos	*Todos*
10	O Estranho Caso do Conde (pág. 18)	*Adultos*
12	Na Rota dos Proscritos (pág. 19)	*Adultos*
15	Os Jovens não Choram (pág. 16)	*Adultos*
17	O Pirata Sangrento (pág. 17)	*Adolescentes*
19	Tarzan, o Filho das Selvas	*Adolescentes*
22	Rastros do Espaço (pág. 4)	*Adolescentes*
24	Asfalto (pág. 6)	*Adultos*
26	Dominó Kidd, o Vingador	*Adultos com reservas*
29	Galante e Sanguinário (pág. 11)	*Adultos*
31	Assassinos em Liberdade	?

NO PÁLACE

2	A Clandestina (pág. 7)	*Prejudicial*
4	Christine (pág. 18)	*Prejudicial*
11	Elas Preferem o Mambo (pág. 19)	*Prejudicial*
13	A Deusa (pág. 16)	*Adultos com reservas*
16	Mocidade Perversa (pág. 18)	*Adultos*
18	Amantes e Ladrões (pág. 9)	*Condenado*
20	Mademoiselle Pigalle (pág. 17)	*Adultos com reservas*
23	A Doutora é muito Viva (pág. 10)	*Prejudicial*
25	A Mulher de Negro (pág. 4)	*Adultos*
27	Quando Explodem as Paixões (pág. 14)	*Adultos com reservas*
30	Guerra e Paz (pág. 13)	*Adolescentes*

NO SÃO LUIZ

2	Domínio do Terror (pág. 4)	*Adultos com reservas*
4	A Última Canção (pág. 5)	*Adultos com reservas*
6	Pequeno por Fora (pág. 9)	*Adultos com reservas*
9	Quem Sabe... Sabe ! (pág. 14)	*Prejudicial*
11	Almas Maculadas (pág. 11)	*Adultos com reservas*
13	A Noite do Demônio (pág. 17)	*Adultos com reservas*
16	Na Rota dos Proscritos (pág. 19)	*Adultos*
18	Pelo Sangue dos Nossos Irmãos	*Adolescentes*
20	Pirata Sangrento (pág. 17)	*Adolescentes*
23	Barragem ao Vício (pág. 15)	*Adultos com reservas*
26	Angústia de um Pecado (pág. 12)	*Todos*
28	Dominó Kidd, o Vingador	*Adultos com reservas*
31	Filme a ser programado	

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.258, onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.



Ano XI
N.º 83

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Setembro de 1960 — Juiz de Fora — Minc

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:

José Francisco Simões

FICHARIO :

Candidatos a Irmãos Missionários da S. V. D.

★

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179

Caixa Postal 160

Fone: 1249

JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:

(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA

Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO

Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Cena importante do filme tão comentado de Cecil Blount De Mille: OS DEZ MANDAMENTOS.

AVISO

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TÔRRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir :

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais : O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte).
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

★

Agradecemos de modo muito especial a recomendação feita pela revista "O Pequeno Missionário" em favor desta publicação. Tal recomendação graciosa e espontânea demonstra altruísmo desinteressado e vontade clara de trabalhar por uma causa comum, a orientação da infância e da adolescência, um escôpo a que não se furta a finalidade primordial de nossa revista.

EDITORIAL

O mês de setembro traz ao espectador de Juiz de Fora uma programação bem variada, com altos e baixos, mas sem grandes produções cinematográficas.

OS DEZ MANDAMENTOS (se fôr confirmada sua programação) atrairá a atenção de muitos e do conhecido grande-público. Não é, todavia, a obra de valor artístico que mais se destaca. Outros filmes, artisticamente, colocam-se em plano muito superior.

QUADRILHA MALDITA, no Excelsior, parece ser o melhor, sob êste aspecto. Apesar de suas objeções do ponto de vista moral, que nos levam à colação que lhe foi dada, o filme reúne qualidades técnicas e artísticas indiscutíveis que o destacam dos demais.

A GRANDE CAÇADA será o documentário interessante que prenderá a atenção de qualquer espectador, mesmo do exigente, além de despertar a curiosidade de muitos e servir de ilustração e erudição.

Filmes que podem ser considerados agradáveis, servindo como bom programa de diversão e passatempo, sem contudo serem excelentes, não faltam. Assim se apresentam: A VÉSPERA DA MORTE, bem enquadrado no gênero "western"; SCAMPOLO, um passeio agradável pelas belezas turísticas de Ischia; EU ENTERRO OS VIVOS, um policial diferente e com aspectos psicológicos; CAPRICHOS DE MULHER, uma comédia agradável e leve; LUTANDO SÓ PELA GLÓRIA, obra sôbre a guerra que mostra o talento artístico de seu diretor William Wellman; BATALHA DE BRAVOS, outro filme sôbre guerra com a sobriedade inglêsa característica e apresentando momentos submarinos curiosos; QUANDO O AMOR É PECADO, um drama delicado e tocante a cargo de bons intérpretes; OS SETE LADRÕES, comédia policial bem feita; RESSURREIÇÃO, sequência de aventuras de certo interêsse.

Para A TORRE DE MARFIM, entretanto, o mês de setembro tem um significado especial. Entramos em nosso novo ano de existência. E' com satisfação que vemos o trabalho realizado, desde a primeira forma, quando a revista era mimiografada. Olhamos, também, para o futuro e pensamos no que pode ser feito ainda, de forma a melhorar mais nossa publicação.

Na passagem de nosso aniversário, queremos agradecer profundamente a todos os que vêm colaborando com nossa revista. Aos que já a redigiram, aos que a propagaram e ainda propagam, aos que trabalharam e ainda trabalham em sua confecção, aos que facilitam sua publicação em tempo oportuno, a todos, enfim, a quem A TORRE DE MARFIM deve compreensão e cooperação.

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

ACONTECEU EM VENEZA

(Sait-on-jamais). Francês. 1958. Dir. Roger Vadim. Com Françoise Arnoul, Christian Marquant, Robert Hossein e outros. Eastmancolor.

Com um enrêdo de imoralidade pouco vista, impossível mesmo de ser, até mesmo, sugerido, SAIT-ON-JAMAIS, narra um drama passional nocivo e prejudicial a qualquer espectador. Roger Vadim preocupou-se em condimentar o conjunto com cenas acidentais totalmente dispensáveis. Bastava o "grosseirão" do tema e do enrêdo.

Apesar de alguma qualidade técnica, a história meio confusa não consegue prender a atenção do espectador.

Cotação moral: Prejudicial.

★

O PREÇO DA VITÓRIA

Nacional. Dir. Oswaldo Lebre Sampaio. Com Maria Dilnah, Mauricio Morey, Yolanda Gobbis, Jacira Sampaio e outros.

Qual o preço exato de uma vitória no futebol. Oswaldo Lebre Sampaio escreveu e formulou cinematogràficamente a resposta a esta pergunta, narrando os altos e baixos de um jovem que se torna componente de uma equipe de futebol detentora do título máximo no campeonato mundial.

Um filme de boa fotografia (Hugo Lombardi), com um enrêdo e argumento originais mal aproveitados — eis o resumo de O PREÇO DA VITÓRIA. Desta forma, sobrou ao filme uma lentidão enervante e um amontoado de cenas que não convencem, sendo, mesmo, ridículas. Do ponto de vista esportivo, as falhas são imperdoáveis. As grandes partidas são autênticas "peladas".

Focalizando atos pouco recomendáveis, o filme tornou-se impróprio para adolescentes, apesar da reação positiva do jovem jogador de futebol.

Cotação moral — Adultos.

MEUS DOIS CARINHOS

(Pal Joey). Americano. 1957. Dir. George Sidney. Com Frank Sinatra, Rita Hayworth, Kim Novak e outros. Technicolor.

Narrando as aventuras de um ex-sentenciado, que se vale de suas aptidões artísticas, para recomeçar a vida em São Francisco, PAL JOEY realiza perfeitamente sua linha cinematográfica, firmando-se como espetáculo vivo, leve, bem montado e que foge a lugares comuns a enredos semelhantes ao seu.

O ex-sentenciado exita entre duas propostas e duas escolhas – uma jovem simples e uma viúva rica, conhecida de outros tempos. O filme tem o lado positivo de mostrar o triunfo do verdadeiro amor e o abandono de aventuras fáceis pela seriedade de vida. Mas, o comercialismo esteve presente à produção, pelo que não faltam cenas e atitudes sensuais, redução de trajes e focalização de ambientes pouco recomendáveis. Não se justifica, de forma alguma, a cotação "livre" da Censura Oficial.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

BATALHA DE BRAVOS

(The Silent Enemy). Inglês. 1958. Dir. William Fairchild. Com Laurence Harvey, Down Adams, Michael Craig e outros.

O tenente Crabb a frente de um grupo de "homens-rãs" foi encarregado de desarticular o movimento dos italianos que, na última guerra mundial atrapalharam bastante a operação naval no Mediterrâneo com as célebres minas de efeito retardado que eram postas sob os cascos dos navios, principalmente no estreito de Gibraltar. Portanto, uma aventura submarina.

Apesar de indefinido quanto à cinematografia, o filme é de enrêdo interessante e bem desenvolvido, prendendo bem a atenção do espectador. Não aproveita, entretanto, o lado dramático da história. É mais esportivo.

Do ponto de vista moral, merece restrição uma que outra cena de guerra mais impressionável.

Cotação moral: Adolescentes.

Vale a pena:

A GRANDE CAÇADA

(The Big Hunt). Americano. Dir. George Sherwood. Colorido.

Documentário de longa metragem sôbre caçadas a animais de grande porte realizado por George Sherwood e Ellis Dungan, THE BIG HUNT prenderá a atenção do espectador comum ou exigente, dado o conjunto de novidades e aspectos desconhecidos que traz e apresenta. As caçadas nas selvas quase virgens, os perigos que elas encerram, os animais soltos em sua selvageria natural, as artimanhas usadas pelos nativos — tudo isto é interessante e desperta a curiosidade de qualquer público. É um bom passatempo e é instrutivo. O filme apresenta, fora do campo das caçadas, uma cerimônia suntuosa (que os hindus denominam "Desserah") relacionada com elefantes. Enfim, o filme traz ao espectador os segredos das florestas e os costumes curiosos de povos orientais.

Cotação moral: Todos.

★

OS PALADINOS DE FRANÇA

(Orlando e Paladini de Francia). Italiano. Dir. Pietro Francisci. Com Rick Battaglia, Lorella de Luca e outros. Eastmancolor.

Baseando-se no fundo histórico das Cruzadas e valendo-se de poemas (Canção de Rolando, Orlando Enamorado. Orlando Furioso), o filme narra trepidantes aventuras de destemidos cavaleiros feudais num mundo de sonho ou de realidade – de acôrdo com o que o espectador julgar. Lutas e Amôres, Aventuras e ingenuidades (muito próprias aos filmes dêste gênero).

O movimento, a leveza, o acabamento das vestes e dos cenários são pontos indiscutíveis a afirmar qualidades do filme.

Moralmente aceitável para qualquer público, apesar de alguns pontos não muito positivos.

Cotação moral: Todos.

A CHAVE SECRETA

(Subway in the Sky). Inglês. Dir. Muriel Box. Com Van Johnson, Hildegarde Neff e outros.

Trata-se de um policial a mais, sem grandes novidades no gênero. Extraído de uma peça teatral de Ian Main, *Subway in te Sky* relata as aventuras de um oficial americano que se esconde para fugir às acusações de mercado-negro e assassinato, até que consiga provar sua inocência.

Sem interpretação à altura, sem "suspense", sem novidade, o filme não passa de um policial rotineiro e sem brilho para os indulgentes apreciadores do gênero.

O ambiente focalizado pelo filme, em sua amoralidade, encerra atitudes e passagens não liberáveis a adolescentes.

Cotação moral: Adultos.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

VINGANÇA DE MULHER

(Les Bijoutiers du Clair de Lune). Francês. Dir. Roger Vadim. Com Brigitte Bardot, Alida Valli e outros.

O amor (?) de uma adolescente e de um fugitivo e a tensão crescente da procura do herói pela polícia até um desfêcho trágico. Em resumo – eis o argumento e o enrêdo de **Les Bijoutiers du Clair de Lune.**

Há alguma qualidade no filme, do ponto de vista técnico e artístico. Neste particular, enquadramos a fotografia e a música. Mas a base e o laço constante do enrêdo que devem ser os intérpretes, fracassa. Excetua-se, quando muito, a interpretação de Alida Valli. Assim, o conjunto ganha um aspecto geral de falsidade que é cada vez mais inevitável.

Do ponto de vista moral, apresenta o filme matéria para justas restrições: falsa concepção do amor, generalizações ilógicas, amoralidade de cenas e situações, exploração "comercial" de Brigitte Bardot. Filme que não edifica, nem constrói. Estraga, desmancha e corrompe. Não chega a ter qualidades que anulem seu lado pernicioso.

Cotação moral: Condenado.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

OS SETE LADRÕES

(Seven Thieves). Fox. Dir. Henry Hathaway. Com Edward G. Robinson, Rod Steiger, Joan Collins, Eli Wallach, Alexander Scourby e outros.

Um cientista desacreditado arquiteta um assalto realmente fabuloso — roubar o Cassino Monte Carlo da Riviera. O enrêdo é a pura narrativa da planificação e da execução do assalto.

O filme tem pontos altos e positivos em seu aspecto artístico e técnico: um bom elenco firme em seus papéis, uma fotografia exata (Sam Leavitt), uma nota que não poderia faltar ao gênero policial — no caso, comédia policial — "suspense", e, mesmo, um tom de originalidade em seu enrêdo e no próprio argumento que distinguem a obra de outras. Portanto, sob êste aspecto é um passatempo e uma realização que se enquadra no gôsto do estudioso do Cinema.

O ambiente, o tipo dos personagens, certos trajes, entretanto, reservam a película para um público adulto e amadurecido.

Cotação moral: Adultos, com reservas.

★

OS TRÊS RECRUTAS

Nacional. Dir. Eurides Ramos. Com Ankito, Colé, Myriam Teresa e outros.

Comédia despretenciosa, versa o filme de Eurides Ramos sôbre as peripécias de três recrutas que não querem se submeter, mas que acabam prestando um grande serviço a todo o regimento.

Uma história, que poderia dar coisa muito superior, não foi aproveitada, resultando num filme quase monótono, sem qualquer mérito artístico.

Nenhuma objeção do ponto de vista moral.

Cotação moral: Todos.

CAPRICHOS DE MULHER

(Nata di Marzo). Franco-Italiano. 1957. Dir. Antônio Pietrangeli. Com Jacqueline Sassard, Gabriele Ferzetti, Mario Valdemarin, Tina de Mola e outros.

Uma comédia conjugal abordando as incompreensões e desavenças entre um marido sizudo de 30 anos e sua jovem espôsa ainda adolescente. A diferença de temperamentos e de idades se responsabiliza por uma série de cenas e diálogos que se sucedem dando enrêdo ao filme, num todo vivo e leve.

Salvando-se pela boa interpretação e pelo tom de ironia bem dosado, o filme consegue agradar, apesar dos diálogos longos.

Moralmente, apresenta a realidade do importante que é a preparação para o casamento, mostrando ainda qual o verdadeiro sentido da vida conjugal. Não uma mudança acidental na existência, mas a adoção de um novo estado, cujo fio de felicidade não suporta caprichos individuais mas compreensão mútua.

Detalhes da vida conjugal e equívocos sôbre ligações anteriores ao casamento, reservam o filme a público adulto. A Censura Oficial, faltosa e incompetente, julgou ser espetáculo próprio a qualquer público. Mais uma!

Cotação moral — Adultos.

★

A INDISCRETA

(Indiscret). Americano. Dir. Stanley Donen. Com Cary Grant, Ingrid Bergman, Cecil Parker, Phyllis Calvert, David Kossoff e outros. Technicolor.

Uma atriz do teatro britânico, que vive só, aceita o amor que um funcionário do govêrno lhe oferece, apesar da restrição de ser o mesmo casado e sem possibilidade de conseguir divórcio. Tudo corre bem até o ponto em que o galã é transferido para um estágio em Nova Iorque. Além disso, a atriz vem a saber que fôra enganada, pois o funcionário é solteiro. Por que? Não será melhor responder à altura? O resto, fica por conta de um fim bem convencional.

Firmando-se como comédia, o filme tem alguns lances de comicidade graças à presença de Cary Grant. Já o mesmo não pode ser dito de Ingrid Bergman, numa interpretação óca e vazia, quanto o enrêdo do filme. Parece que a preocupação do diretor era arranjar qualquer coisa para os dois fazerem, bem ou mal. Pois o resto ficaria por livre conta da fama e da propaganda em tôrno dos intérpretes. Assim, o filme é fútil, em seu enrêdo e em sua mal mascarada intenção de fazer alarde de propaganda e conseguir bilheteria, a fôrça de nomes célebres.

Moralmente, tem sérios deslises. O amor da atriz (apesar de enganada) e a posição estranha e injusta do funcionário. Leviandade tendenciosa, em resumo, apesar do tratamento cômico.

Cotação moral: Adultos com reservas.

COTAÇÃO MORAL

TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

ADOLESCENTES — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

ADULTOS COM RESERVAS — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuímos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.



A QUADRILHA MALDITA

(Day of the Outlaw). Americano. Dir. Andre De Toth. Com Robert Ryan, Burl Ives, Tina Louise, Alan Marschall, Nehemiah Persoff e outros. Fot. Russel Harlam.

Em Bitters, no pene-planalto do velho Wyoming, tem cenário o início de sequências dramáticas, de que é narrador êste filme de Andre De Toth. O velho vaqueiro (Ryan) sofre o conhecido sentimento de ciúme por um seu vizinho (Alan Marschall) que vivia com sua pretendida (Tina Louise). A coisa está para se resolver à velha moda do oeste, quando a pacata cidadezinha é invadida por um bandido (Burl Ives) e seus capangas, que passam a atemorizar a população com um sem número de ameaças. Mesmo que queira, a QUADRILHA MALDITA não pode prosseguir caminho. Dois impedimentos: uma bala encravada no peito do chefe e a barreira de neve nas passagens das montanhas. Feita a extração da bala, aparece o momento do corajoso, do "mocinho". Êste é o vaqueiro (Ryan) que se compromete a levar o bando por uma passagem pouco usada e conhecida. E' quando se inicia uma verdadeira "descida ao inferno", numa caminhada lenta e angustiante até um ponto "x" que é o segrêdo final de tôda a trama do argumento.

Com uma fôrça dramática indiscutível, num clima de expectativa e de rara tensão, o filme de Andre De Toth prende o espectador atento à tela e firmado num emaranhado de hipóteses e suposições sôbre o que se seguirá. A ambientação das cenas é perfeita, dando uma sugestão estudada da dureza e da agressividade áspera da história. Como outro grande valor, tem o filme notável interpretação.

Do conjunto, resulta um filme vigoroso e que agrada o espectador comum, mas também satisfaz o espectador exigente que vê em DAY OF THE OUTLAW um drama cinematogràficamente bem feito e convincente.

Do ponto de vista moral, o filme é bruto e cruel em seus diálogos, na pintura de instintos e em seu clima de sensualidade. E' obra para público adulto de formação sólida.

Cotação moral — Adultos com reservas.

★

SÓ FICOU A SAUDADE

(Kings go Forth). Americano. 1958. Dir. Delmer Davis. Com Frank Sinatra, Tony Curtis, Natalie Wood e outros.

Dois norte-americanos de formação, personalidade e ambientação diferente se encontram e vivem juntos os momentos da campanha aliada no sul da França, durante a última guerra mundial. Neste lugar vêm a conhecer uma jovem pela qual, ambos, se apaixonam. Firma-se o triângulo amoroso. Mas, para os filhos de um país em que há racismo, surge sério obstáculo — a jovem que amam é uma "pinky" (branca de ascendência negra). Assim, as bases do drama.

Contando com um elenco relativamente dócil, Delmer Davis procurou fazer alguma coisa que pudesse se arvorar em drama anti-racista. Não o consegue, entretanto. Realiza, apenas, uma boa análise do caráter e da personalidade dos personagens centrais de sua trama. O jôgo, mesmo, o drama racial é prejudicado pela inconsistência de algumas fases e pela ocasional falsidade de outras. Da mesma forma, não consegue o diretor atingir outros temas de pêso — a guerra e o próprio amor.

Assim, como simples anotação de fatos em sua simples exterioridade, o filme KINGS GO FORTH resulta em obra inexpressiva e de valor cinematográfico duvidoso quando não falho. Talvez, o maior defeito tenha sido a simplificação exagerada da trama. O problema que aborda é de ordem mais complexa. Como simples diversão, a um público pouco exigente, o filme serve como sugestão.

O assunto abordado, a leviandade de um dos protagonistas, um gesto de desespêro tornam a obra inconveniente para adolescentes.

Cotação moral — Adultos.

TRÊS ALMAS DANADAS

(The three outlaws). Americano, Dir. Sam Newfield. Com Neville Brand, Allan Hale e outros.

Um "western" a mais, sem trazer qualquer novidade no gênero. Um bando de "fora da lei" resolve por um fim às suas mal-andanças, mas deposita o resultado dos roubos num banco de uma cidadezinha do México. No caminho de tal propósito, entretanto, é assaltado por outro bando. Tudo volta à estaca zero, com a desistência de "conversão" do Bando Bravio, até que a Lei consiga pôr mão nêle.

Tudo atropelado e sem grande interêsse, vai o filme rastejando até o fim, num sem número de lugares comuns, com suas correrias, emboscadas, etc.

Moralmente, além de reeditar as violências, sugere a idéia fatalista da impossibilidade de reforma em certos casos.

Cotação moral: Adultos.

★

A VÉSPERA DA MORTE

(The Gunfight at Dodge City). Americano. Dir. Joseph Newman. Com Joel Mc-Crea, Nancy Gates, Julie Adams e outros. Colorido.

Um "western" que traz a história já conhecida de uma cidadezinha qualquer do oeste. Nela domina ponderadamente um "sheriff" até o dia que presta um serviço a velho amigo, o suficiente para ser deposto e deixar sua posição governativa, à qual se candidata novamente, à mercê da cobiça de um antigo "sheriff", de maus antecedentes. Segue-se o batido duelo de meio de rua. Tudo acaba na velha versão do oeste, quando em "western" de segunda.

Caracterização mal feita do mocinho, desenvolvimento meio claudicante e com movimentação razoável. Não chega a desapontar o apreciador do gênero.

Uma cena fàcilmente eliminável, violências são pontos de restrição do espetáculo para público adolescente.

Cotação moral: Adultos.

OS DEZ MANDAMENTOS



(The Ten Commandments). Americano. 1956. Dir. Cecil Blount De Mille. Fot. Loyal Griggs e outros. Música de Elmer Bernstein. Com Charlton Heston, Yul Bryner, Anne Baxter, Edward G. Robinson, Yvonne de Carlo, Debra Paget, John Derek e outros. 210 minutos de duração. Technicolor.

A história de Moisés, desde seu nascimento até a entrada do povo de Israel na Terra Prometida, é o assunto e o enrêdo dêste tão comentado filme de Blount De Mille.

A técnica andou bem cuidada na obra e não escaparam ao célebre diretor quaisquer detalhes históricos. Tudo recebeu um tratamento e um preparo especial, nada foi esquecido, no que concerne à parte externa. A penetração nos caracteres, entretanto, está ausente. É a falha fundamental do filme. Não houve preocupação, ao que parece, em lançar um drama bíblico, e sim, uma cena bíblica, ou várias cenas bíblicas. A nota do filme é a movimentação, o espetacular, o contingente enorme de figurantes, os truques especiais. A mensagem, a religiosidade, a unção estão ausentes.

Entretanto, THE TEN COMMANDMENTS é um filme de mérito. Filme de mérito, do ponto de vista técnico, pelo trabalho de montagem que significa e pelo ousado objetivo a que se entregou seu diretor. Filme de mérito, ainda mesmo sob o aspecto do seu fundo, pela atmosfera bíblica que consegue criar e pela ilustração ímpar que traz ao público, fornecendo-lhe subsídios para a compreensão dos grandes fatos que relata.

Chamamos a atenção dos pais e educadores para a duração excessiva da produção, no sentido de ser ela a única possível objeção à assistência do filme.

Cotação moral: Todos. Mais próprio para ADOLESCENTES.

EU ENTERRO OS VIVOS

(I bury the living). Americano. Dir. Albert Brand. Fot. Frederick Gately. Com Richard Boone, Theodore Bikel, Peggy Maurer, Howard Smith, Herb Anderson e outros.

A planta geral de localização dos túmulos de um cemitério tem para indicar os túmulos já ocupados, alfinetes pretos, e, os reservados, alfinetes brancos. Até aí, nada de novo. Mas, o administrador fica surprêso um dia, quando começa a observar que enganos simples na marcação dos túmulos na planta são seguidos da realidade — túmulos reservados passam a ocupados logo após o engano inconsciente cometido na demarcação da planta. Segue-se a vontade de experimentar propositalmente. Novas surprêsas. Intervenção da polícia. Afinal, por que as coisas eram assim?

Êste policial foi feito com bastante "suspense", indicando bom trabalho da direção. O expressionismo de muitas cenas tem sua explicação na boa fotografia do filme. Quanto ao enrêdo, apresenta o filme a falha de não deixar esclarecidos alguns pontos no desfêcho. O mistério continua depois do fim, o que não se justifica, nem é agradável para o espectador impressionável.

O teor do filme e o lançamento de elementos sobrenaturais sem muita dosagem e oportunidade tornam a película restrita a público adulto.

Cotação moral: Adultos.

★

A MULHER E O FANTOCHE

(La Femme et le Pantin). Francês. Dir. Julien Duvivier. Com Brigitte Bardot, Antonio Vilar, Dario Moreno, Espanita Cortez, Jess Han e outros. Eastmancolor.

A história da paixão de um rico criador de touros da Espanha pela filha de um escritor francês exilado e pobre é o tema central dêste filme de Duvivier, extraído do romance de Pierre Louys.

Falta valor cinematográfico à narrativa. A nulidade controlada pela direção, bem falha. Por outro lado, nota-se uma falsa e fraca montagem das cenas que nada convence.

Afinal, o que sobra em *La Femme et le Pantin* é o grotesco, o impudente, o medíocre e o indigesto, segundo a expressão de Otávio Bomfim. Do ponto de vista da moralidade, há ainda uma inversão de valores imperdoável — o mero desejo instintivo e desregrado é tido como amor puro e verdadeiro. Ora essa!

Filme abjeto moralmente e mal construído em sua forma cinematográfica, apenas serve de pretexto à propaganda sensacionalista. Um filme "comercial", não há dúvida. Mas, pela mercadoria se conhece o mercador.

Cotação moral: Condenado.



Cecil Blount De Mille, galvanizou a atenção de grandes públicos com suas bem montadas reconstituições históricas.

QUANDO O AMOR É PECADO

(Die Ratten). Filme alemão. Dir. Robert Siodmak. Com Maria Schell, Curd Jurgens e outros.

A entrega do filho pela mãe, seguida de arrependimento, é fato muito comum na vida real e na literatura. É abordado, também, no Cinema. O filme de Siodmak trata, exatamente, dêste caso, em estilo expressionista, cheio de detalhes, em situações complexas e delicadas.

O elenco funciona admiràvelmente e a fotografia leva grande parte do possível mérito da película, particularmente na exploração de efeitos de sombra e luz muito próprios à atmosfera dramática que o argumento requer. Um filme que, de fato, mostra o que pode a união de argumento e técnica quando bem dirigidos — realização de Robert Siodmak.

O espectador de *Die Ratten* deve ser necessàriamente maduro, visto que o assunto abordado é sério e encerra dolorosa lição moral, além de receber um tratamento de delicadeza e equilíbrio inatingíveis por um público sem a necessária madureza de espírito.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

LÁGRIMAS DO TRIUNFO

(Jeanne Eagles). Americano. Dir. George Sidney. Com Kim Novak, Jeff Chandler, Agnes Morehead e outros.

Jeanne Eagles foi uma jovem do interior que chegou ao trampolim da fama ràpidamente. Mas, dissabores em sua vida particular, desgostos, falta de madureza levaram-na ao uso do álcool e ao consumo de entorpecentes. Os escândalos se sucederam até que a Broadway vedou sua entrada. Propostas de casamento não foram bem estudadas e ela acabou deixando um possível bom casamento por uma união que lhe aumentou as atribulações. De queda em queda, de cabeçada em cabeçada, a tresloucada e escandalosa atriz acabou mal sua vida. Eis a história de Jeanne Eagles e o resumo de **Lágrimas do Triunfo.**

Apesar do esfôrço de Sidney em algumas poucas cenas, o conjunto cái e não se levanta da mediocridade fora aquêles momentos. Culpa exclusiva da interpretação sofrível de Kim Novak e de Jeff Chandler. O filme, entretanto, vem reeditando um lugar comum – tem feito bilheteria à base dos nomes dos artistas (hoje, no fim de sua fama, cedendo lugar a novos nomes). Portanto, mais uma peça que os produtores pregam ao grande público.

Moralmente, há muita coisa a objetar neste filme. Sensacionalismo, intenção clara de desculpar os desmandos da heroína, atitudes grotescas e condenáveis focalizadas com simpatia ou curiosidade. Mesmo para um público adulto isto tudo é forte e pode não fazer bem, sem qualquer dúvida. Por êste motivo, mais uma vez, levantamos nosso protesto contra o empreguismo público da Censura Oficial que julgou o filme impróprio só para menores de 14 anos. Será contrato com a publicidade das Companhias Produtoras? Parece, parece!

Cotação moral: Adultos com reservas

★

OLHOS NEGROS

(Petersburger Nachte). Alemão. 1958. Dir. Paul Martin. Com Johanna von Koczian, Ivan Desny, Edwald Balser, Claus Biederstaed e outros. Música de Michel Michelet. Eastmancolor.

Num ambiente .minuciosamente descrito (São Petersburgo por volta de 1900) surge a história de PETERSBURGER NACHTE – o amor de uma jovem por um rapaz mal conhecido e a preocupação do pai da heroína em não deixar sua filha sofrer, mas sempre ser feliz. Sequências mudam o rumo dos acontecimentos e trazem desfêcho curioso à trama argumental.

Modesta criação, sem grandes lances, OLHOS NEGROS parece pretender apenas o lugar de um passatempo. Não pode, entretanto, receber "in totum" tal direito. Isto, devido às sérias restrições morais que contém. Os ambientes que focaliza e algumas atitudes que encara com mal velada simpatia, além de um clima irreal, são objeções graves à sua aceitação para qualquer público.

Cotação moral: Adultos com reservas.

RESSURREIÇÃO



(Auferstehung). Ítalo-franco-alemão. 1958. Dir. Rolf Hansen. Com Horst Bucholz, Miriam Bru, Gabrielle Dorziat, Rudolph Romberg e outros. Eastmancolor.

Baseado no romance homônimo de Tolstoi, RESSURREIÇÃO narra a conhecida história do jovem príncipe Dimitri que procura corrigir um passo errado da adolescência (desencaminhamento de uma jovem) ao reconhecer as consequências possíveis do seu ato na sentença e execução de um tribunal.

Imbuído de sentimentalismo e de tragédia, o filme procura seguir a linha mestra de Tolstoi, sem, contudo, alcançar a profundidade do autor, rumando para sequências românticas ou trágicas sem grande penetração e convencendo pouco. Interpretação razoável e certa técnica salvam o filme. A atração maior, sem dúvida, está no enrêdo, bem arquitetado em seu original e numa atmosfera de aventura que sempre agrada o público. A pouca penetração, entretanto, não deixa que êste mesmo público chegue à mensagem de Tolstoi, à "ressurreição".

Contando com elementos positivos — beleza de alma do personagem feminino que perdoa, retidão de caráter do príncipe ao reconhecer e procurar a reparação do mal cometido — o filme torna-se impróprio ao focalizar desnecessàriamente algumas passagens da vida da heroína antes de seu julgamento.

Cotação moral: Adultos.

Um bom filme sôbre a guerra:

LUTANDO Só PELA GLóRIA

(Lafayette Escadrille). Americano. 1958. Dir. William Wellman. Com Tab Hunter, Etchika Choureau, Marcel Dalio, Bill Wellman Jr., Jody McCrea, Dennis Devine e outros.

Focalizando aventuras na França, durante a última guerra mundial, o presente filme de William Wellman narra o que foram os dias de treinamento dos aviadores da "Lafayette Escadrille" como também, os dias de ação, em defêsa dos aliados.

Feito com certa técnica, o filme possue passagens que denotam a presença de boa direção. Dentre elas, ressaltem-se duas: a da luta de um desertor (logo após desertar) com um soldado alemão, e a cena de sequência em que são apresentados um a um, no alojamento, os jovens futuros pilotos e heróis. Sentimentalismo e humorismo se misturam em meio à trama. Do conjunto observa-se mais um filme *sôbre a guerra*, fugindo àquela linha muito comum antigamente de meros enxertos de documentários do "front".

Do ponto de vista moral, LAFAYETTE ESCADRILLE encerra algumas passagens que não estão ao alcance da compreensão juvenil, podendo por êste motivo ser prejudicial sua assistência por adolescentes.

Cotação moral — Adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



MÚSICA INOLVIDÁVEL

(Musica de Siempre). Mexicano. Dir. Tito Davison. Com Yma Sumac, Edith Piaff, Tin-Tan, Libertad Lamarque e outros. Eastmancolor.

E' difícil a um produtor cinematográfico dar nexo a vários quadros musicais. O filme, então, apresenta os tais quadros musicais. E fica nisso.

Se há musicais mal construídos, êste supera qualquer um, pois nem foi construído. Em todo caso, o "enrêdo" inicial justificou o desconexo das outras sequências. Teria sido melhor, entretanto, explicar que o filme foi feito para o fan-club. O da peruana Yma Sumac (que salva a obra, com algumas canções regionais), o da francesa Edith Piaff, o da argentina Libertad Lamarque, o da portuguêsa Amália Rodrigues. Mas, agora, já temos televisão em Juiz de Fora e os musicais de T—V nos apanham até em casa. Que perseguição!

Em todo caso, fique a postos o fan-club. Vai cantar a sua voz preferida.

Moralmente, o filme é revista musical com seus inconvenientes.

Cotação moral — Adultos.

O CONTEÚDO MORAL DE UMA PELÍCULA É CONDIÇÃO INTRÍNSECA PARA QUE A OBRA CINEMATOGRÁFICA ALCANCE DIGNIDADE ARTÍSTICA.

Turismo em Ischia:

SCAMPOLO

(Scampolo). Alemão. 1958. Dir. Alfred Weideman. Com Romy Schneider, Paul Hubschmid, Eva-Maria Melneke e outros. Fot. Bruno Mondi.

Uma órfã muito alegre e jovial trabalha como guia de turistas na ilha de Ischia e neste mister é encontrada por um engenheiro, também moço, que logo fica prêso de sua simpatia. O enrêdo segue de forma costumeira.

Sem qualidades próprias da direção, o valor do filme reside mais na exploração das belezas naturais da ilha de Ischia (trabalho bem feito por Bruno Mondi). Ainda como ponto de atração, há a presença de Romy Schneider. Espetáculo meio cômico, meio romântico, bem enquadrável no gênero de comédia sentimental.

Quanto à parte moral, SCAMPOLO tem lados positivos, como a atitude honesta de Scampolo (a órfã). Algumas passagens de diálogo, entretanto, como também uma ligação sentimental ilícita contra-indicam o filme para adolescentes.

Cotação moral: Adultos.

★

REVOLTA DOS GLADIADORES

(Rivolta dei Gladiatori). Italiano. Dir. Vittorio Cottafavi. Com Georges Marchall, Gianna Maria Canale, Ettore Manni e outros. Eastmancolor.

Os gladiadores da Armênia, sob ocupação romana, revoltam-se e Roma envia o pro-cônsul Marcus, o Numídio, para resolver o caso. Romances, intrigas e batalhas. Vitórias e casamentos.

Falta quase tudo a êste filme de técnica elementar. O próprio roteiro é falso. As violências e a crueldade nos suplícios estão na onda.

Cotação moral: Adultos.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora
Minas

A MORAL DO CINEMA COMERCIAL

Escrevia o crítico E. S. Madden: "O cinema tem uma sua moral...: mas não se trata de moral compreendida no sentido cristão, mas de uma estranha mistura de princípios tomados de empréstimo às mais disparatadas doutrinas e reduzidos à função de normas comuns, a serem observadas na realização dos filmes: Eis algumas das mais significativas: 1) – Os direitos do homem, segundo Hollywood, são essencialmente: direito à vida, à liberdade, à felicidade, a qual vem quase sempre expressa sob a forma de um prazer sensível; 2) – É necessário sermos democráticos e tolerantes em matéria de religião e de raça; 3) – A religião é muitas vêzes forma de superstição ou um sucedâneo sentimental; 4) – Quando o protagonista demonstra amor para com o próximo, não é necessário que êle ame a Deus e creia n'Êle; 5) – O bem estar é desejável, o sucesso essencial; 6) – Para u'a mulher, o fascínio é a coisa mais importante da vida; 7) – A maternidade é um fato estupendo, conquanto se observe a maior moderação; 8) – As crianças são amáveis e oferecem distração e ajuda em casa, sempre que não sejam numerosas; 9) – As famílias numerosas são toleradas apenas para os filmes veristas e em poucos outros casos; 10) – O divórcio é a solução lógica de um casamento infeliz; é inconcebível continuar a vida conjugal, quando venha a faltar o amor; 11) – O senso do dever, o amor pátrio e a dedicação à família são virtudes louváveis, mas não devem formar obstáculo à consecução da felicidade individual; 12) – Pode-se faltar ao respeito, para com os próprios semelhantes, mas é necessário mostrar-se extremamente amável para com os animais...

E o crítico conclui, indicando um meio de luta:

A verdadeira e própria imoralidade é fàcilmente perceptível nos filmes e todo o crítico sério católico pode alertar o público contra êste gênero de filmes, em verdade pouco numerosos, relativamente. Mas há que no entanto, gradativamente e quase imperceptivelmente minam pela base os pressupostos fundamentos da nossa Religião e da nossa Moral, constantemente apresentando e exaltando esquemas de vida inspirada em falsos princípios ideológicos e morais. Para neutralizar a cilada latente em tais filmes não há outro meio: educar os espectadores, desenvolver seu sentimento crítico, de tal forma que êles, no decorrer da representação, assumam uma atitude positivamente crítica, e não, como acontece em geral, negativamente receptiva. – (Em Rivista del Cinematógrafo 1959 – Nº 8–10 – pág. 33).

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação
livros religiosos
bons romances
artigos para presentes
artigos religiosos, para altares e igrejas.

Rua Halfeld, 619

Fone 5978 — Juiz de Fora

"CINE-CLUBE" – uma associação dedicada ao estudo do Cinema, com sessões cinematográficas comentadas por um relator e seguidas de debates. Qual sua opinião, leitor? Voltaremos ao assunto, em breve. Mas, guarde o nome: "CINE-CLUBE".

★

CIGANA ESPANHOLA

(Spanish Affair). Americano. Dir. Donald Siegel. Com Carmen Sevilla, Richard Hiley e outros. Technicolor.

Rivalidades, por amor a uma cigana, entre dois homens levam o espectador a acompanhar motivos folclóricos da Espanha. Enrêdo convencional, portanto.

Contando com boa direção e atuação perfeita dos intérpretes, o filme se destaca, também, pelo belo trabalho fotográfico a côres.

Alguns aspectos do drama e vestuário inconveniente reservam o filme.

Cotação moral: Adolescentes.

★

AS POSSUíDAS

(Lees Possedées). Francês. Dir. Charles Brabant. Com Raff Vallone, Madeleine Robinson, Magali Noel e outros.

Drama psicológico vivido em local meio têrmo por três mulheres e um forasteiro. Ambientação de paixões e instintos irrefreiados.

Tècnicamente, apresenta o filme certo atavio teatral, mas destaca-se do comum pelos excelentes momentos de fotografia e por apreciável precisão nos detalhes. Além destas qualidades, foi montado de forma a comunicar ao espectador a tensão psicológica indispensável ao ambiente.

A imoralidade de sugestões, entre-linhas e cenas é chocante. Um filme escabroso, em suma, quanto ao assunto e ao meio que focaliza. Apesar da técnica estudada, não pode merecer recomendação.

Cotação Moral: Condenado.

AMOR SEM ILUSÃO

(Liebe ohne Ilusion). Alemão. Dir. Erich Engel. Com Curd Jurgens, Hildemarie Hatheyer, Ernst Schroeder e outros.

Dentro do infalível triângulo amoroso, trata o filme de um tema bastante sério, relacionado com determinada intervenção cirúrgica, condenada pela moral cristã.

Num clima de acentuado desacêrto doméstico, surgem as falhas graves dos três personagens que, por fim, se redimem das próprias culpas.

Um diálogo entre dois cirurgiões revela conceitos inexatos sôbre a maternidade e os direitos do nascituro. Há uma relativa discrição nas cenas. Os adultos bem formados saberão julgá-lo.

Cotação Moral: Adultos com reservas.

★

PÁRIAS DA VIDA

(Voice in the Mirror). Americano. Dir. Harry Keller. Com Richard Egan, Julie London, Arthur O'Connel e outros.

O drama do alcoolismo volta a ser focalizado pelo Cinema neste filme sério e que consegue convencer, pelo cuidado e delicadeza com que versa sôbre a chaga moral.

Um alcoólatra por desespêro e angústia, ao se redimir e curar do vício, leva sua felicidade a outros conhecidos e amigos que padeciam da mesma miséria.

Um filme, em suma, que pode ser recomendado a adolescentes e adultos.

Cotação moral: Adolescentes.

ATENÇÃO

Os leitores poderão encontrar, talvez, grandes mudanças na programação dos cinemas Central, Pálace e São Luís, durante o mês de setembro. Tudo está ligado a um atraso havido na confirmação dos filmes programados pelas Companhias Distribuidoras. O Gerente da Companhia Central de Diversões, com sua boa vontade característica, procurou atender no que lhe foi possível. Mas, a revista não podia sair atrasada. Assim, alguns filmes ficaram sem comentário e a própria programação, talvez sofra alterações. Que nos desculpem os leitores. Esperamos mais sorte no próximo mês.

★ ★ ★

No EXCELSIOR:

1 — Só Ficou a Saudade (pág. 8) .... *Adultos*

2 — A Quadrilha Maldita (pág. 8) ..... *Adultos com reservas*

5 — Quando o Amor é Pecado (pág. 12) ..... *Adultos com reservas*

9 — Os Sete Ladrões (pág. 6) .. .. *Adultos com reservas*

12 — A Chave Secreta (pág. 5) .. .. *Adultos*

14 — A Mulher e o Fantoche (pág. 11) ..... *Condenado*

19 — A Véspera da Morte (pág. 9) .... *Adultos*

23 — Scampolo (pág. 16) .... *Adultos*

26 — Eu Enterro os Vivos (pág. 11) .... *Adultos*

28 — Filme a ser programado ....

★ ★ ★ ★ ★

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — RUA HALFELD, 619

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Setembro — Juiz de Fora

NO CENTRAL

1	A Revolta dos Gladiadores (pág. 16)	*Adultos*
5	Um Homem de Coragem	*Adolescentes*
7	Aconteceu em Veneza (pág. 4)	*Prejudicial*
9	Vingança de Mulher (pág. 6)	*Condenado*
12	A Grande Caçada (pág. 5)	*Todos*
14	O Prêço da Vitória (pág. 4)	*Adultos*
16	Ressurreição (pág. 13)	*Adultos*
21	Música Inolvidável (pág. 15)	*Adultos*
23	Quando Explodem as Paixões	*Adultos com reservas*
26	O Ataque Vem do Polo	?
28	Caprichos de Mulher (pág. 7)	*Adultos*
30	No Mundo da Lua	*Todos*

NO PÁLACE

6	Olhos Negros (pág. 12)	*Adultos com reservas*
10	Indiscreta (pág. 7)	*Adultos com reservas*
15	Amôr Sem Ilusão (pág. 18)	*Adultos com reservas*
17	Meus Dois Carinhos (pág. 4)	*Adultos com reservas*
20	As Possuidas (pág. 18)	*Condenado*
24	Lágrimas de Triunfo (pág. 12)	*Adultos com reservas*
29	Lutando só pela Glória (pág. 14)	*Adultos*

NO SÃO LUIZ

1	Galante e Sanguinário	*Adultos*
3	Aliança de Aço	*Adultos*
6	Os Paladinos de França (pág. 5)	*Todos*
8	A Cigana Espanhola (pág. 18)	*Adultos com reservas*
10	Um Homem de Coragem	*Adolescentes*
13	Ao Calor da Música	?
15	Os Três Recrutas (pág. 6)	*Todos*
17	Párias da Vida (pág. 18)	*Adolescentes*
20	Três Almas Danadas (pág. 8)	*Adultos*
22	O Segrêdo da Serra Dourada	*Adultos*
24	Batalha de Bravos (pág. 4)	*Adolescentes*
27	Melodia Imortal	*Adolescentes*
30	Areias Ardentes	*Adultos*

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.258, onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.



Ano XI
N.º 84

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Outubro de 1960 — Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:
Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:
José Francisco Simões

FICHÁRIO :
Candidatos a Irmãos Missionários da S. V. D.

★

Enderêço:
Rua Halfeld, 1179
Caixa Postal 160
Fone: 1249
JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:
(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA
Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO
Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

John Wayne e Constance Towers numa cena de MARCHA DE HERÓIS, filme realizado pelo experimentado gênio de John Ford.

AVISO

Os comentários e as cotações morais dos filmes em aprêço em cada número de A TÔRRE DE MARFIM, não são de nossa inteira autoria em sua totalidade. Consultamos, à confecção da revista, um bom fichário de que dispomos e no qual se acham classificadas diversas opiniões e muitos artigos sôbre os filmes que vão sendo exibidos em outras cidades que gozam prioridade neste particular com relação a Juiz de Fora.

Desta forma, o que fazemos de cada vez é uma fusão de tais crônicas, exceto o caso de já têrmos presenciado o filme anteriormente. Julgamos, assim, inoportuno citar após cada comentário as fontes consultadas. Para esclarecimento dos leitores e por consideração às mencionadas fontes a quem, não resta dúvida, muito devemos, enumerâmo-las a seguir :

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais : O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte).
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

★

MATAR OU CORRER

Nacional. Dir. Carlos Manga. Com Oscarito e outros.

Comédia que procura parodiar o "western" de nome parecido (Matar ou Morrer), esta produção da Atlântida que conta com a interpretação de Oscarito consegue ter alguns bons momentos. O conjunto, entretanto, não passa de regular. Violências e algumas cenas de dança reservam o espetáculo.

Cotação moral: Adolescentes.

EDITORIAL

Quais os filmes em programação no mês de outubro que merecem destaque especial?

A ÁRVORE DOS ENFORCADOS e MARCHA DE HERÓIS (capa) se apresentam como os dois melhores filmes de outubro. O primeiro, um "western", reúne em boa proporção e qualidade todos os elementos característicos à produção bem feita do gênero em que se enquadra. MARCHA DE HERÓIS, antes de qualquer outra coisa, é um filme dirigido por John Ford e interpretado por John Wayne, sendo ainda uma feliz incursão do diretor irlandês no campo fecundo da Guerra de Secessão dos EE. UU.

Mas, outros filmes, ainda que em plano inferior, merecem destaque.

HOMENS EM FÚRIA, drama racial dirigido pelo talento de Robert Wise, apresenta boas qualidades como: "suspense", boa narrativa, fotografia perfeita, interpretação excelente e fundo musical bem apropriado.

SEM TALENTO PARA MATAR, uma comédia gozadíssima, agradará muito aos frequentadores do Cine Pálace, sendo mais uma comédia (COMEÇOU COM UM BEIJO) que reúne dois intérpretes que se sentem à vontade neste gênero: Glenn Ford e Debbie Reynolds.

O SEGRÊDO DE SUA VIDA, no gênero policial, tem enrêdo interessante, boa narrativa, acabamento bem determinado, "crescendo" e ótima interpretação de Betsy Palmer.

JACQUELINE constituirá um agradável passatempo, firmando-se com boas qualidades, dentre as quais a presença de Johanna von Koczian, uma boa promessa do cinema europeu.

VIOLÊNCIA CONTRA VIOLÊNCIA e CILADA DENTRO DA NOITE são um bom programa para pais e educadores.

TRAGÉDIA EM UM ESPÉLHO, falho sob aspectos diversos, inclusive o moral, não deixa de ser um filme interessante para público de formação sólida, devido a tema que aborda e a boas interpretações que reúne.

Volta à cidade em programação comum o comentado filme de Cecil Blount De Mille, OS DEZ MANDAMENTOS. Espetáculo grandioso que leva qualquer espectador àquela atmosfera e a aquêle ambiente da Bíblia, em cenas bem preparadas, que reconstituem o clima próprio do grande drama histórico, humano e divino do povo hebreu em seu caminho para a Terra Prometida.

A todos os leitores, "bom proveito" com a programação de outubro.

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES e da EXIBIDORA EXCELSIOR entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos Srs. Gerentes.

A DIRETORIA

O SEGRÊDO DE SUA VIDA

(The True Story of Lynn Stuart). Americano. 1957. Dir. Lewis Seiler. Com Betsy Palmer, Jack Lord, Barry Atwater e outros.

Um policial em que é narrada uma história verídica — a de uma dona de casa que se oferece à Polícia para resolver o caso de um bando de traficantes de cocaína. De tal fato, parte o enrêdo para a sequência de várias aventuras de real "suspense" que prendem a atenção do espectador.

A qualidade primordial de THE TRUE STORY OF LYNN STUART, sem dúvida, é a interpretação de Betsy Palmer. Outros pontos altos do filme são sua história mesma, sua gradação de "suspense" em "suspense" até atingir um climax e o bom estilo documentário em que é narrado o enrêdo.

O assunto não é do alcance e da compreensão do público infantil e adolescente.

Cotação moral: Adultos.

★

A CASA DOS SETE GAVIÕES

(The House of the Seven Hawks). Americano. 1959. Dir. Richard Thorpe. Com Robert Taylor, Nicole Maurey, Linda Christian e outros. Fot. Ted Scaife.

O capitão de um barco, por ter aceito a realização de um contrabando, se envolve num caso momentoso de roubo de jóias. Tudo aparece, então, à tona e o herói se vê às voltas com marginais e com a Polícia.

O defeito que impede a aceitação total dêste filme, de resto, excelente, é o seu argumento. Num policial não se compreende falta de interêsse, o que ocorre ao espectador de A Casa dos Sete Gaviões, especialmente na parte final do filme, em que a atenção e o interêsse deveriam estar presos ao máximo. O motivo desta falta de interêsse está na escolha de vários lugares comuns e de soluções fáceis, o que não convence, tornando o espetáculo quase ridículo. É pena, como comentávamos, pois que o filme tem alguns pontos significativos: interpretação (Robert Taylor e Linda Christian) e boa fotografia, documentando com simplicidade e pureza alguns locais autênticos e atraentes da Inglaterra e da Holanda.

O ambiente em que decorre o filme não é honesto, tendo a película o defeito moral de apresentar com simpatia situações moralmente reprováveis.

Cotação moral: Adultos.

NOITES DE BRUMA

(Gas-Oil). Francês. 1957. Dir. Gilles Grangier. Com Jean Gabin, Jeanne Moreau e outros.

Um chofer de caminhão é vítima de uma suspeita de um bando de criminosos que o perseguem. Tudo tem motivo porque o chofer atropelara um cadáver na estrada e, como os criminosos soubessem que esta vítima levava muito dinheiro consigo, julgam que o chofer tenha se apoderado do mesmo.

Falta uma boa construção a Gas-Oil, pois, apesar de se enquadrar no gênero policial, a película não tem qualquer "suspense", decorrendo o enrêdo numa monotonia injustificável. O pior é que o enrêdo está mal apresentado, faltando-lhe clareza o que leva o espectador a confusões inoportunas.

O filme não se preocupa em reprovar certa relação sentimental, apresentando-a mesmo, com certa indulgência. Algumas sequências, por outro lado, podem prejudicar adolescentes e mesmo adultos sem formação. Daí nossa

Cotação moral: Adultos, com reservas.

★

SEM TALENTO PARA MATAR

(The Gazebo). Americano. 1959. Dir. George Marshall. Com Glenn Ford, Debbie Reynolds e outros.

Uma comédia bem engraçada e divertida é êste **Sem Talento para Matar** que, certamente, ficará no comentário de muitos espectadores no mês de outubro. A história que dá enrêdo ao filme é bem rica sob o aspecto da comédia. Um escritor de peças de mistério para a televisão, ao ser explorado por um chantagista, resolve eliminá-lo por uma das formas que arquiteta em suas peças. Mas o resultado se volta contra o herói, pois o mistério acaba confundindo-o de tal maneira que a coisa passa do mistério para o cômico, tais as aperturas em que se mete o escritor.

Está claro que a qualidade de **The Gazebo** se firma, particularmente, na interpretação de Glenn Ford (muito próprio para certos papéis cômicos) que conquista quase sòzinho os méritos do filme.

Alguns assuntos de certa seriedade são atenuados pelo aspecto cômico da história. Mas, assim mesmo, o filme deve ser reservado a adolescentes, visto conter alguns diálogos sugestivos e, também, pela apresentação do motivo da chantagem.

Cotação moral: Adolescentes.

A NAVE DOS HOMENS PERDIDOS

(Washi To Taka). Japonês. Dir. Umeji Inoue. Com Yujiro Ishihara, Rentaro Mikuni, Ruriko Asaoka, Yumeji Tsukioka e outros. Eastmancolor.

Policial que narra um drama a bordo de um navio mercante, cuja tripulação está sobressaltada com o assassínio do maquinista. Várias suspeitas se entrecruzam. Um personagem feminino, viajando clandestinamente, fornece a pista segura para deslindamento do caso.

Sem muito "suspense", o filme desperdiça uma série de oportunidades boas para o gênero que trata. Chega a ser um pouco monótono devido ao acúmulo de personagens. O que tira o filme do anonimato, sem dúvida, é a fotografia e a precisão de alguns detalhes.

O ambiente do cargueiro não é moralmente bom, pois que diálogos e atitudes crúas se sucedem, podendo impressionar adolescentes. Tem, todavia, o filme no aspecto moral tons positivos: lealdade, regeneração, amizade.

Cotação moral: Adultos.

★

JACQUELINE

(Jacqueline). Alemão. 1959. Dir. Wolfgang Liebeneiner. Com Johanna von Koczian, Walter Reyer, Goetz George e outros.

Liebeneiner dirige sem muita originalidade um filme, em que conhecemos a história singela de uma cantora, que, desconhecendo a verdadeira identidade de um célebre teatrólogo que se lhe apresenta como rapaz pobre, procura protegê-lo. O tempo e circunstâncias se encarregam de dar às claras a verdade. Briga. Mas, já nascera o amor.

Comédia de certa qualidade, apesar do defeito apontado na sua direção, JACQUELINE pode ser um bom programa de diversão a qualquer espectador. Tem passagens agradáveis e conta com a interpretação desembaraçada de Johanna von Koczian. Johanna, uma artista que vem se firmando em sua carreira, é capaz de interpretações mais difíceis. As que já fêz, tôdas leves, foram exatas. Sua simpatia, provàvelmente, a fará, dentro em breve, disputar o primeiro pôsto com Romy Schneider no "fan-club" do cinema europeu e alemão.

Filme aceitável, em seu aspecto moral.

Cotação moral: Todos.

O ENGRAXATE

(El Bolero de Raquel). Mexicano. 1957. Dir. Miguel Delgado. Com Cantinflas. Manola Saavedra, Paquito Fernandez e outros. Eastmancolor.

Um filme com Mario Moreno Cantinflas é o que qualquer produtora mexicana gosta de falar com bôca cheia. E, de fato, Cantinflas quer dar a entender, após vários filmes, que pode ser motivo de orgulho para uma produção, pois intérprete bem que êle é. Talvez, ainda não tenha sido bem dirigido e aproveitado. **El Bolero de Raquel** se encarrega de arranjar um enrêdo de padrinho que toma conta de afilhado, enquanto a comadre está de viagem. Mas tudo é mero pretexto para conseguir algumas situações cômicas, em que possa haver ambiente para as conhecidas "tiradas" de Cantinflas. Está presente no filme a boa fotografia de Figueroa, um dos grandes nomes da arte da câmera no cinema mundial.

Algumas passagens são suficientemente livres para restringir o espetáculo a público adulto (piadas de mau gôsto, cenas e trajes inconvenientes).

Cotação moral: Adultos.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

TRAGÉDIA EM UM ESPÊLHO

(Crak in the Mirror). Americano. 1960. Dir. Richard Fleischer. Fot. William C. Mellor. Com Orson Welles, Juliette Greco, Bradford Dillman e outros.

Num bairro operário de Paris, o capataz de uma construção é hóspede de uma mulher que mantém outros laços de conhecimento com êle. Entretanto, para se livrar de sua companhia, a hospedeira incita um rapaz, também de seus conhecimentos, a praticar o homicídio contra seu hóspede, o capataz. O crime é praticado pelos dois, e só aparece à luz da publicidade, quando é encontrado o corpo do capataz totalmente desfigurado. Promove-se o julgamento dos culpados. Quais são os advogados? Dois homens que vivem problemas paralelos. Um, da elite, defende a causa do rapaz. Êle mantém laços idênticos de conhecimento com uma figura feminina da alta roda, que, por sua vez, está ligada pelos mesmos laços ao assistente do advogado. E é êste assistente que se encarrega da defesa da mulher da pensão. Dá-se aí a "intelectualização" de um segundo homicídio, visando a morte do advogado de nomeada e arquitetado pelo seu assistente e pela mulher da alta sociedade.

Um enrêdo, de trama tão intrincada, apenas serve de base ao tema que o filme procura abordar: a incidência dos mesmos dramas em classes sociais diferentes. Mas, procurando dar uma entrosagem maior aos dois casos, Richard Fleischer escolheu três artistas, apenas, para interpretar os seis papéis. Orson Welles é o capataz e o advogado de fama. Bradford Dillman é o rapaz do bairro pobre e o assistente do advogado. Juliette Greco é a hospedeira e a mulher da alta roda. E os três intérpretes conseguem, relativamente, a tradução protagonizada dos duplos personagens que, (cada um), representam. O filme, entretanto, não chega a agradar o espectador. O principal motivo dêste fato é a facilidade com que Fleischer organizou, logo de entrada, a primeira história, com detalhes que não ocasionam suposições mas que sugerem, de pronto, o desfêcho da trama, até mesmo em seus últimos arremates. Assim, a segunda história perde motivos de interêsse e, apenas, consegue do espectador a permanência com o fim de confirmar suas hipóteses com os fatos. A simplificação, portanto, resultou numa obra inexpressiva, apesar dos bons intérpretes com que contou.

Do ponto de vista moral, o filme encerra obstáculos graves à sua aceitação a qualquer público. O enrêdo, o tema, as sugestões, as cenas (algumas, por demais, repisadas) são inconvenientes graves para um público pouco amadurecido.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

PÉ NA TÁBUA

Nacional. 1958. Dir. Victor Lima. Com Ankito, Grande Otelo e outros.

Um chofer e um trocador de um lotação procuram emprêgo num estúdio cinematográfico e o filme, com seu roteiro quase infantil e seus intérpretes soltos sem qualquer tutela de direção, se encarrega de amontoar um conjunto de quadros e cenas cômicas.

Há uma certa mania no cinema nacional de ajuntar sempre um pouco de malícia na receita dos doces de "abacaxi". É o motivo de nossa

Cotação moral: Adolescentes.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

CARAVANA DE HERÓIS

(Violent Road). Americano. 1958. Dir. Howard Koch. Com Briand Keith, Dick Foran, Efren Zimbalist Jr. e outros.

Uma companhia de transportes procura choferes para transportar explosivos e daí surge uma aventura e um enrêdo para o filme.

Quase copiado em sua linha geral de enrêdo do Salário do Mêdo, o filme de Howard Koch está, entretanto, bem fora de comparação, pois não pode apresentar em nenhum momento aquêle ótimo de tensão que é a qualidade do filme. Fraco e de pouco interêsse contando mesmo com um desfêcho convencional e fora de lógica ou expectativa.

Alguma cena mais impressionante poderá não fazer bem a crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

★

HOMENS EM FÚRIA

(Odds Against Tomorrow). Americano. Dir. Robert Wise. Fot. Paul Midwall. Músico: John Lewis .Com Harry Belafonte, Robert Ryan, Shelley Winters, Gloria Grahame e outros.

Três homens colocam-se a campo para executar um hábil plano de assalto a um banco: Burk, Slater e Johnny. O primeiro é um policial fracassado e os outros dois guardam negras lembranças de seus passados, vividos no crime ou no jôgo. A execução do plano se encarrega de lançar o enrêdo do filme, procurando pontilhar cenas e frases em que se resume a sua mensagem – igualdade das raças.

Robert Wise, diretor de grandes recursos e méritos, apresenta em **Homens em Fúria** mais uma bela criação, mostrando ao espectador o que é cinema autêntico. As qualidades de seu filme poderiam se resumir nas seguintes causas: uma fotografia bem feita, sugestiva cortina musical, precisão de detalhes, suspense bem orientado, interpretação perfeita e, é claro, boa direção. Concluindo, pois, um filme de se apreciar, do ponto de vista artístico e técnico, sendo lição de cinema bem feito.

O enrêdo com sua ambientação de crime, violências e cenas escabrosas e o próprio assunto racial do filme não o liberam como espetáculo para qualquer público. Apesar do ponto crítico construtivo e do aspecto positivo em que se firma, **Homens em Fúria** é filme para público esclarecido.

Cotação moral: Adultos com reservas.

COTAÇÃO MORAL

TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

ADOLESCENTES — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

ADULTOS COM RESERVAS — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuímos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

AS MIL E UMA NOITES

(Las Mil y Una Noches). Mexicano. Dir. F. Cortez. Com Tin Tan e outros.

Um enrêdo tipicamente de paródia, conta a história de um condenado à morte que engambela o sultão, atrazando a execução da sentença, enquanto narra contos e mais contos. O desfêcho, naturalmente, é o que todos esperam.

Sem imaginação e sem classe de paródia, o filme é mais chanchada que qualquer outra coisa. Salva-o do anonimato algum cuidado técnico com que foi feito.

São repetidas as bobagens das paródias mexicanas e os trajes pouco decentes são usados, novamente, nesta falseada de contos orientais.

Cotação moral: Adultos.



A ÁRVORE DOS ENFORCADOS

(The Hanging Tree). Americano. 1958. Dir. Delmer Daves. Fot. Ted McCord, Mús. Max Steiner. Com Gary Cooper, Maria Schell, Karl Malden, George C. Scott, Karl Swenson, Virginia Gregg, John Diekers, King Donovan, Ben Piazza e outros. Technicolor.

Um "western" do tipo tradicional e fiel vem à tela em THE HANGING TREE. Logo de inicio, aparece o clássico cavaleiro estranho que chega, com o cavalo a passo lento, a uma aldeia qualquer do oeste fabuloso. Lembrando, em parte, OS BRUTOS TAMBEM AMAM, o caminhar do cavalo é cadenciado numa balada (fundo musical de muitos momentos no filme) que narra a história de uma árvore fantástica usada para enforcar malfeitores. Declaramos que o filme lembra, em parte, a obra magistral de Georges Stevens (SHANE), porque o cavaleiro solitário que aparece não é um foragido qualquer da justiça – é um médico. Montar casa e consultório e arranjar clientela é o objetivo único do herói. Mas, o enrêdo se encarrega, em seu desenrolar, de apresentar situações novas que nos dão a conhecer tão estranha figura (quase quixotesca), por algumas "cortadas" oportunas em que se relembra o seu passado. É quando, de cena em cena, começa a crescer e ganhar vulto aquilo que pode ser chamado de AMBIENTE DE "WESTERN". Aliás, a trama de A ARVORE DOS ENFORCADOS é tirada de um conto de Dorothy M. Johnson, que, segundo a crítica norte-americana, conseguiu nos seus contos sôbre o oeste mostrar o Oeste autêntico, sem o romantismo de outros e com a aspereza que lhe era própria nos velhos tempos do pioneirismo.

Este excelente trabalho de Delmer Daves, numa apresentação clássica do gênero mais apreciado pelo público norte-americano, conta com várias qualidades e não poucos detalhes que foram base e motivo da boa classe em que se situa a obra. Primeiramente a história. Se, apenas, sugerimos o enrêdo do filme, foi justamente porque em sua descoberta está uma das belezas e um dos atrativos do mesmo. Mas, aos roteiristas Wendell Mayes e Halstead Welles, que deram forma cinematográfica ao enrêdo cabe o mérito de não o terem perdido e de terem encontrado a forma cinematográfica devida, a da imagem. Esta, a imagem, foi hàbilmente trabalhada pela fotografia de Ted McCord, constituindo-se

em um dos pontos altos da obra. Outra qualidade de THE HANGING TREE é sua interpretação. É de primeira classe. Gary Cooper, John Diekers e George Scott (médico, parceiro de jôgo e curandeiro – no enrêdo) estão corretos em seus desempenhos. Os demais participantes do elenco, ainda que não da mesma forma, interpretam com segurança. Max Steiner com seu acompanhamento musical é responsável, também, pelo mérito desta obra. O aproveitamento que faz da balada inicial e os lances melódicos pessoais sublinham fielmente as diversas cenas. Anotamos, aqui, alguns nomes importantes, no referente à interessante balada cujo título é o mesmo do filme em seu original: lêtra de Maek David, música de Jerry Livingston e interpretação de Marty Robbins.

Concluindo, levamos um convite ao espectador amadurecido que aprecia o bom cinema, particularmente ao apreciador dos bons "western", no sentido de que não percam esta bela obra de Delmer Daves.

A Censura Oficial acertou em determinar o "impróprio até 18 anos". O filme contém senões morais para adolescentes, fàcilmente impressionáveis. Entre outros, clima de violência, cenas muito crúas (a do enforcamento, por exemplo), comportamentos irrefreados e alguns diálogos expressivos em demasia.

Cotação moral: Adultos.

★

O MONSTRO DE NOVA IORQUE

(The Colossus of New York). Americano. 1959. Dir. Eugene Lorie. Com Ross Martin, Mala Powers, Charles Herber e outros.

Filme de ficção científica em que um cirurgião afamado procura ressuscitar o cérebro de seu filho, falecido num desastre, transplantando esta parte do corpo para o de um "robot" de contrôle remoto. Tudo se seguiria "normalmente" se não ocorressem fatos imprevistos (mais inauditos que o enrêdo até aqui visto).

Dentre os "science-fiction", O MONSTRO DE NOVA IORQUE tem um certo destaque por se apresentar cinematogràficamente razoável, apesar de não esquecer o grande público em algumas concessões que lhe faz. Uma boa fotografia de John Warren e um acompanhamento musical de Van Cleeve. Quanto ao enrêdo... Ora essa! O filme de ficção científica não liga para isso!

Uma certa fantasia pode levar a conclusões inexatas sôbre a vida.

Cotação moral: Adolescentes.

ATIRAR PARA MATAR

(Gun the Man Down). Americano. Dir. Andrew E. MacLaglen. Com James Arness, Angie Dickison e outros.

Um "western" de linhas modestas, sem grande auxílio em sua produção e com intérpretes sem nome notório. Neste ponto, saiu prejudicado, pois seu diretor, Maclaglen, mostra bons princípios na arte cinematográfica, tendo sido ajudado neste particular pela boa participação de William Clothier, na fotografia.

O enrêdo, um pouco pobre, conta a história da perseguição a um grupo de bandoleiros que assaltara um banco e levara, em sua fuga, uma jovem como refém. Tudo é feito para chegar ao encalço dos malfeitores, é claro, dando chance à argúcia, valentia, habilidade e vitória do "mocinho".

Do ponto de vista moral, GUN THE MAN DOWN apresenta os inconvenientes do gênero que aborda: violência, sentimento de vingança, falso conceito de justiça etc.

Cotação moral: Adolescentes.

★

A HORA FINAL

(On the Beach). Americano. 1959. Dir. Stanley Kramer. Com Gregory Peck, Ava Gardner, Fred Astaire, Anthony Perkins, Donna Anderson e outros.

Baseando-se num livro de Nevil Shute, **On the Beach** narra em estilo de ficção científica o que seria o fim do mundo, após uma guerra atômica, em 1964, quando tôda a Terra estivesse contaminada pelas massas radioativas. No último reduto de vida, Melbourne, passa-se a "hora final" de uns poucos sobreviventes.

Construído em atmosfera densa e dramática, o filme, em seu gênero, atinge bastante perfeição. Afirmam bem sua qualidade a interpretação firme dos papéis centrais e a fotografia bem feita de Giuseppi Rotunno.

Do ponto de vista moral, cabe ao filme **Hora Final** o indiscutível mérito de levar aos responsáveis pelo destino das nações uma sólida mensagem de alerta sôbre a temeridade de uma guerra em nossos dias. Entretanto, apresenta a produção duas falhas bem graves: aceitação do suicídio como a solução única ante a destruição do mundo e, o que é pior, a completa ausência da idéia do sobrenatural. São fortes motivos para restrição mais rigorosa.

Cotação moral: Adultos com reservas.

OS DEZ MANDAMENTOS

(The Ten Commandments). Americano. 1956. Dir. Cecil Blount De Mille. Fot. Loyal Grigs e outros. Música de Elmer Bernstein. Com Charlton Heston, Yul Bryner, Anne Baxter, Edward G. Robinson. Yvone de Carlo, Debra Paget, John Derek e outros. 210 minutos de duração. Technicolor.

A história de Moisés, desde seu nascimento até a entrada do povo de Israel na Terra Prometida, é o assunto e o enrêdo dêste tão comentado filme de Blount De Mille.

A técnica andou bem cuidada na obra e não escaparam ao célebre diretor quaisquer detalhes históricos. Tudo recebeu um tratamento e um preparo especial, nada foi esquecido, no que concerne à parte externa. A penetração nos caracteres, entretanto, está ausente. É a falha fundamental do filme. Não houve preocupação, ao que parece, em lançar um drama bíblico, e sim, uma cena bíblica, ou várias cenas bíblicas. A nota do filme é a movimentação, o espetacular, o contingente enorme de figurantes, os truques especiais. A mensagem, a religiosidade, a unção estão ausentes.

Entretanto, The Ten Commandments é um filme de mérito. Filme de mérito, do ponto de vista técnico, pelo trabalho de montagem que significa e pelo ousado objetivo a que se entregou seu diretor. Filme de mérito, ainda mesmo sob o aspecto do seu fundo, pela atmosfera bíblica que consegue criar e pela ilustração ímpar que traz ao público, fornecendo-lhe subsídios para a compreensão dos grandes fatos que relata.

Chamamos a atenção dos pais e educadores para a duração excessiva da produção, no sentido de ser ela a única possível objeção à assistência do filme.

Cotação moral: Todos. Mais próprio para Adolescentes.

★

A GATA

(La Chatte). Francês. 1958. Dir. Henri Decoin. Fot. Pierre Montazel. Mús. Joseph Kosma. Com Françoise Arnoul, Bernard Blier, Bernard Wicki, Kurt Meisel e outros.

Este drama de espionagens, com ambiente em Paris, durante a última guerra mundial, apresenta-nos os trabalhos da Gestapo em aprisionar Cora, agente da Resistência Francêsa, que, de tão esperta e eximia na arte de surripiar documentos e dados importantes, é apelidade de "gata", possuindo mesmo, a conformação dos olhos (Françoise Arnoul) algo semelhante com a dos felinos. Tudo é feito em seu encalço, dando assunto para o enrêdo que, por ser de filme de espionagem, perde a graça, se apresentado em seus detalhes, sequências e desfêcho.

O diretor Henri Decoin, sem dúvida, é dos bons que a França pode apresentar. Entretanto, cedeu, ao que parece, a uma tentação comercial (talvez, coagido pelo "homem do dinheiro", o produtor). Assim, deixando de lado um assunto bom e bastante rico para a forma cinematográfica, descambou para análise dos personagens do drama. Afinal, esta análise possibilitou-lhe o trunfo de bilheteria — a análise, também, do aspecto "comercial" da "gata". Françoise Arnoul, intérprete de classe comprovada, novamente, é explorada (sem qualquer necessidade e a qualquer pretexto). Salvou a derrocada a boa fotografia de Montazel e o trabalho de Kosma na cortina musical (muito interessante o aproveitamento de silvos nas cenas mais tensas). A cena final, sem dúvida, contrasta com o conjunto, porque conseguiu ser um todo perfeito.

Com o defeito apontado, na apreciação artística do filme, o leitor já terá concluído quanto aos inconvenientes morais da película: cenas e atmosfera bastante tendenciosas. Há um ambiente geral de sadismo e de amoralidade. Com êstes defeitos morais, o filme perdeu, mesmo, sua objetividade — apresentando um ambiente convencional e irreal dos serviços de espionagem.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

CILADA DENTRO DA NOITE

(That Night). Americano. 1957. Dir. John Newland. Com John Bed, Augusta Dabney e outros.

Filme de recursos modestos mas que foi bem feito, abordando com bastante vigor um drama familiar: a crise de harmonia e de paz do lar causada por excesso de confôrto material (lance de psicologia assás interessante).

Sóbrio e sério, John Newland consegue realizar uma obra de interêsse e de utilidade prática para educadores e pais, a quem o filme fará bem, sem dúvida.

Seu assunto e algumas cenas avançadas levam-nos à seguinte

Cotação moral: Adultos.

A FÚRIA DOS HOMENS MAUS

(The Party Crashers). Americano. Dir. Bernard Girard. Com Mark Damon, Bobby Driscol, Gary Gray, Connie Stevens, Francis Farmer e outros.

Um bando de jovens, sem educação e de mau comportamento, tem o hábito de atrapalhar festas de forma a não serem notados. Assim, de aventura em aventura, colocam em perigo moral e, mesmo, físico muita gente, até que um acontecimento grave alerta autoridades, pais e filhos.

Apesar de técnica razoável, contando, mesmo, com intérpretes novos que, de certa forma, prometem, o filme não tem muitos atrativos para o espectador, devido a sua pouca originalidade em explorar, da mesma forma que outros congêneres, o assunto "juventude transviada".

Constituindo-se em crítica construtiva, o filme, entretanto, se diferencia de muitos que, apresentam o problema de forma sensacionalista, sem sugerir soluções. Assim, cabe a THE PARTY CRASHERS um lugar de certo destaque. Aliás, o filme procura, ainda, analisar o drama que, cada um dos componentes da "gang" juvenil, carrega consigo. São valores reais que, entretanto, não podem ser motivo de liberação do espetáculo a qualquer público. O assunto abordado, a ambientação de muitas cenas e o perigo do mau exemplo levam-nos à cotação moral adotada.

Cotação moral: Adultos.

★

ARDIL DIABÓLICO

(Vicious Circle). Inglês. 1957. Dir. Gerald Thomas. Com John Mills, Noelle Middleton, Derk Farr e outros.

Um médico é acusado de criminoso e, diante de várias pistas que parecem conduzir a esta certeza, a Scotland Yard põe-se em campo para investigar o caso. Em resumo, pois, um policial inglês, de trama bem feita, com alguns bons momentos de Cinema (fotografia de Otto Heller) e que não decepciona o apreciador do gênero, nem mesmo, o espectador comum ou exigente, apesar de não ser a perfeição.

O ambiente abordado pelo enrêdo é de nível moral razoável. É ponto de séria reserva, entretanto, a apresentação dúbia de um par de noivos. A chantagem livre e não corrigida é outro inconveniente grave.

Cotação moral: Adultos.

À SOMBRA DA GUILHOTINA

(A Tale of Two Cities). Inglês. 1958. Dir. Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Dorothy Tutin, Cecil Parker, Christopher Lee e outros. Fot. Ernest Stewart. Mús. Richard Addinsell.

Num drama com algum fundo histórico, vemos a história de uma jovem que se casa com um membro de uma família, que perseguira em outra época seu pai, sendo responsável pela reclusão do mesmo no cárcere por algum tempo. Em meio à Revolução Francesa, o drama toma destinos imprevistos, conduzindo a história ao seu desfêcho.

O enrêdo de A TALE OF TWO CITIES é tirado do romance de Charles Dickens, e, por êste mesmo motivo, não consegue, em sua forma cinematográfica, reconstituir um sem número de detalhes e situações, pois, tal reconstituição implicaria num alongamento da película. Como consequências, alguns hiatos do roteirista do filme (Clarke) ficam mal compreendidos por quem desconhece a novela de Dickens. Por outro lado, acontece em À SOMBRA DA GUILHOTINA o que se verifica em adaptações de novelas de certa classe: o principal, que é a caracterização dos personagens, não chega a ser feito, resultando o filme num enrêdo em que se sucedem fatos, sem muitas incursões no campo das mensagens que o mesmo possa conter. Como boas qualidades, podem ser citadas a fotografia e a música.

Moralmente, é preciso fazer uma restrição ao filme, no que se refere à opressão e ao ambiente de violência em que se passa a história. Julgamos mais seguro reservar o espetáculo para adultos.

Cotação moral: Adultos.

★

ESTAÇÃO DO AMOR

(Summer Love). Americano. 1957. Dir. Charles Haas. Com John Saxon, John Wilder, Judy Meredith e outros.

Numa colônia de férias para jovens, desenrolam-se vários acontecimentos em forma de musical, com muitas canções e números de orquestra. No meio do musical há também passagens sentimentais.

Sem qualquer cuidado especial que o distinga, Estação do Amor é um filme feito sob medida para conseguir bilheteria, leve, sem grandes análises, puramente adocicado para entreter qualquer público, particularmente o público do cinema.

Cotação moral: Todos.

ANA LUCASTA

(Anna Lucasta). Americano. 1958. Dir. Arnold Laven. Com Eartha Kitt, Sammy Davis Jr., Rex Ingram, Henry Scott, Frederick O'Neal e outros.

Philip Yordan escreveu uma peça contando o caso de uma tal Ana, de vida pouco edificante, que chegara a esta situação, talvez, por ter sido expulsa de sua casa pelo pai. Pessoas da família procuram recuperá-la moral e socialmente. Mas o pai, em seu ódio irrefreado, é sério obstáculo à felicidade da filha.

O mesmo Philip Yordan responsabilizou-se pelo roteiro do filme dirigido (?) por Arnold Laven. É claro que, como acontece muitas vêzes, sobrou teatro e faltou forma cinematográfica. Apenas, em algumas descambadas para um melodrama mal formado, o filme consegue alguma vida autêntica. E, afinal, não fôsse a participação de um elenco de mérito (na maioria de intérpretes negros), o filme perderia o interêsse do espectador. A fotografia de Lucien Ballard e a partitura musical de Elmer Bernstein favoreceram, em parte, algum sucesso que a obra obteve.

Moralmente, está claro, o filme aborda assunto e ambientação de gravidade e delicadeza suficientes para restringir o espetáculo a público adulto. Andou certo a Censura Oficial com a nota "impróprio até 18 anos". Fora a natureza mesma do fundo argumental, há para se objetar uma certa indeterminação geral de passagens e pontos críticos do drama: afinal, qual o motivo do comportamento estranho do pai de Ana Lucasta? Os motivos religiosos apontados chegam a ser explicados e compreensíveis? São pontos básicos que o filme (e, também, a obra teatral) não esclarece. Cotamos, apenas, "adultos", porque, em síntese e em tese o filme é construtivo, como crítica positiva, inserindo doutrinação acertada.

Cotação moral: Adultos.

★

SUPLÍCIO DE UMA PAIXÃO

(Herrscher ohne Krone). Alemão. 1956. Dir. Harald Braun. Com O. W. Fischer, Horst Bucholz, Odile Versois e outros. Agfacolor.

Um rei está ameaçado de perder o trono, devido a uma campanha oposicionista que o acusa de louco. Struensee (figura histórica) é chamado para tratar do paciente (pois, havia certa razão na acusação dos oposicionistas). E, afinal, as coisas melhoram bem para o rei Christian (não é preciso explicar que o reino é o da Dinamarca), pois as melhoras vão se confirmando sempre mais. A rainha Juliane, que comandava antes a política do palácio, madrasta que era de Christian, vê sua autoridade diminuir, pois o soberano, dominado pela personalidade do médico, passa a agir com energia até então desconhecida. Surge, entretanto, o contratempo — o triângulo amoroso. Caroline-Mathilde, a jovem espôsa de Christian, traindo o amor e o trono, se entrega a uma aventura com o Dr. Struensee, do que sobrevirão consequências imprevistas.

A narrativa, apesar de aceitável, não consegue tirar o filme da futilidade da sua história. Técnica e artisticamente, HERRSCHER OHNE KRONE pouco apresenta de bom. Quando muito, alguns bons momentos de fotografia (Goeran Strindberg) e alguma interpretação de O. W. Fischer, pois Odile Versois e Bucholz não chegam a se firmar em seus desempenhos.

Moralmente, a película apresenta sérios inconvenientes — adultério mostrado com simpatia e justificado pela falsa idéia do amor, precisão de detalhes na apresentação do "caso" entre a rainha e o médico. De qualquer forma, o filme escapa de uma cotação mais rigorosa, porque mostra a convicção do próprio êrro por parte do médico. Não é assunto, entretanto, para qualquer público.

Cotação moral: Adultos, com reservas.

★

DESFORRA FATAL

(The Hard Man). — Americano. 1957. Dir. George Sherman. Com Guy Madison, Valerie French e outros. Technicolor.

O "western" pode apresentar bem ou mal uma história. Depende do modo como o faz, e, é claro, do diretor, dos intérpretes etc. Aqui, não houve nada disso. A história tradicional do cavaleiro solitário que quer abandonar as armas, sem poder fazê-lo devido às provocações de alguns bandidos ou engraçadinhos mal encarados, é desperdiçada em 80 minutos de "western" de segunda ou terceira categoria. Mal construído, monótono, mal ambientado (quase que só em interiores — pouco mostra do oeste), interpretação falha, diálogos ingênuos e mal feitos.

Talvez o apreciador de "bang-bang" não se sinta bem ao ver THE HARD MAN, pois o filme é uma ofensa ao bom gôsto. Moralmente, explora em excesso a linha da violência, merecendo restrição.

Cotação moral: Adultos.

MARCHA DE HERÓIS

(The Horse Soldiers). Americano. 1959. Dir. John Ford. Fot. William Clothier, Música: David Buttolph. Adaptação do romance de Harold Sinclair. Com John Wayne, William Holden, Constance Towers, Althea Gibson, Hoot Gibson, Anna Lee, Russel Simpson e outros. Color LeLuxe.

O Coronel Marlow, nortista, é responsável pela marcha de uma tropa de cavalaria e pela conquista de uma cidadezinha, durante a Guerra da Secessão nos Estados Unidos da América do Norte. Não é seguro deixar no caminho por onde passam uma jovem sulista, que poderia levar a notícia dêste avanço de cavalaria aos seus aliados. Por êste motivo, o coronel Marlow aprisiona a jovem fazendeira, levando-a com a tropa. Na longa caminhada, todavia, surgem ocasiões em que, a pouco e pouco, vão se revelando qualidades ou defeitos de todos os componentes do destacamento, pondo fim a antigas incompreensões e dando rumos novos à trama inicial.

Com o espantoso número de 120 filmes, John Ford reserva para si mesmo o direito de ser invulnerável como diretor em todos êles, tal sua maestria técnica e, mais que isto, sua rara inspiração artística. Um velho irlandês que se dedicou ao "western" norte-americano como poucos, John Ford, poucas vêzes, voltou aos quadros de sua terra natal (The Informer, The Quiet Man). Por outro lado, nunca se esqueceu de seus compatriotas. Muito pelo contrário. O elenco e, mesmo, a assistência técnica de seus filmes poderiam ser chamados de "pequenas colônias irlandêsas". (Talvez, por êste motivo, William Holden apareça meio apagado no meio dos intérpretes dêste filme: falta de ambientação, sem dúvida.) O que John Ford, entretanto, até o momento, não explorou foi a temática da Guerra Civil. De resto, um assunto bem justificável para quem buscou no "western" quase tôdas as obras, pois ambos os temas se confundem. Daí, a inclusão de alguns cortes de Guerra Civil em alguns "westerns" do diretor (Rastro de Ódio, O Sol brilha na Imensidade). Em MARCHA DE HERÓIS, entretanto, temos Guerra Civil com alguns cortes de "western".

Estão presentes neste filme de John Ford algumas de suas características básicas: humorismo fino, valorização do humano, sentimento, imagens perfeitas, elenco fiel, precisão e consistência. Está presente em THE HORSE SOLDIERS, também, uma velha dupla: o diretor John Ford e seu intérprete preferido – John Wayne. Aliás, a apresentação do filme chama a atenção para êste ponto: enquanto são projetados seus primeiros metros, aparece sòmente a silhueta de uma cavalaria em marcha vagarosa; mas, bruscamente, é focalizado John Wayne, em meio à tropa, e, no mesmo instante, o letreiro sublinha: "directed by John Ford". Até aí houve precisão.



MARCHA DE HERÓIS tem algumas contra-indicações no seu lado moral, devido a algumas cenas de guerra que podem impressionar. De resto, é um filme puro com valorização de virtudes humanas, particularmente, a coragem e a lealdade.

Recomendar a assistência de MARCHA DE HERÓIS aos leitores é uma necessidade e um prazer para nossa revista. Vale a pena como divertimento agradável e como lição de bom cinema. Bom proveito!

Cotação moral: Adolescentes.

O PEQUENO GÊNIO

(Bobbikins). Inglês. 1959. Dir. Robert Day. Com Max Bygraves, Shirley Jones, Steven Stocker e outros.

Uma comédia de humor puramente britânico é apresentada de forma imperfeita em **Bobbikins.** Em resumo, seu enrêdo trata das artimanhas de uma criancinha que procura melhorar a situação financeira de seu pai (de modo bem raro). Tudo começa no dia em que a criança passa a conhecer Sir Jason, o chanceler das finanças, tornando-se seu amigo (apesar da idade). Tôdas as informações confidenciadas chegadas diàriamente ao chanceler, ouvidas por Bobbikins (a criança), são transmitidas ao pai que, sòmente comprando ações das firmas que seriam beneficiadas, passa a ser motivo de assombro para os grandes homens de negócio. Tôda polícia secreta ou aberta é insuficiente para descobrir a fórmula mágica. De repente, entretanto, as coisas mudam, estùpidamente, para o contrário oposto. O mago do mundo dos negócios passa a cometer autênticas "mancadas". Por que? O enrêdo se encarrega de explicá-lo ao espectador.

Cinematogràficamente. **O Pequeno Gênio** é obra medíocre. Seu valor reside no enrêdo insólito e curioso e nos diálogos (ricos em humorismo e crítica). Afinal, devido à dublagem dos dizeres gozadíssimos que atribue os mesmos a Bobbikins, seu intérprete, Steven Stocker, acaba por levar tôda a simpatia do espectador. De resto, a sua atuação é de relativa qualidade, apesar de sua idade e de seu tamanho.

Filme que só pretende divertir, **O Pequeno Gênio** não chega a decepcionar, apesar de suas falhas técnicas bem notórias, sendo a maior – a falta de um bom diretor, mais rico de imaginação, que aproveitasse mais o que o original tem de humor, comédia e crítica.

Um bom filme, moralmente.

Cotação moral: Todos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



CABEÇA SATÂNICA

(The Thing That Could'nt Die). Americano. 1958. Dir. Will Cowan. Com Andra Martin, William Reynolds, Carolyn Kearney e outros.

Êste filme "de horror" conta uma história absurda de uma cabeça de um criminoso decapitado há muitos anos (séc. XVI) que, a todo aquêle que olhasse, transformava em escravo, porque o dono desta cabeça, quando em vida, vendera sua alma ao demônio. É claro que, sendo descoberta a tal cabeça, não demora a ocasião de alguns desastrados receberem seu olhar. É a conta para o enrêdo passar a mais absurdo ainda. A coisa fica feia mesmo é quando se descobre o resto do corpo do tal criminoso, pois aí o filme sai do ridículo em que se situou até então para entrar no imbecil.

Filme medíocre sob o aspecto artístico e técnico, contém grave inconveniente quanto a seu aspecto moral — idéias absurdas e clima irreal de fatos sobrenaturais.

Cotação moral: Adultos.

JORNADA TÉTRICA

(Wind across the Everglades). Americano. 1958. Dir. Nicholas Ray. Com Burl Ives, Christopher Plummer, Gypsy Rose Lee e outros. Warnercolor.

Drama de aventuras rodado em quase sua totalidade nos pântanos dos arredores de Miami, relatando a história de um cientista empregado em afastar dêste local um bando de aproveitadores que ameaçavam exterminar a fauna daquela região. Aventuras e aventuras se sucedem, sem muito nexo, dando pouca consistência à narrativa que não se preocupa em analisar os personagens.

Uma qualidade inegável do filme é sua fotografia (Joseph Brun). Entretanto, tal qualidade está isolada, pois o filme é mal aparelhado em seu todo.

Violência e primitivismo de atitudes são impedimentos fortes à aceitação total desta película. Positivamente, Jornada Tétrica tem o bom lado de defender a natureza contra a mão dos devastadores: esta a sua mensagem, contida na história que aborda.

Cotação moral: Adultos.

VAI QUE É MOLE

Nacional. 1960. Dir. J. B. Tanko. Com Ankito, Grande Otelo, Renata Fronzi, Renato Restier e outros .

A regeneração pretendida por dois ladrões, que procuram se desligar de sua quadrilha, é o enrêdo dêste filme produzido por Herbert Richers.

Mal dirigido e numa monotonia doentia, apesar das oportunidades oferecidas pela história, êste filme comprova, outra vez, que Herbert Richers, ou não pode, ou não quer produzir obra de valor cinematográfico, Ainda não viu que o cinema pode ser bom negócio. Vê nêle, apenas, uma feira onde vende seus abacaxis. Afinal de contas, gente de gôsto duvidoso sempre há. Mas o crime de Richers é muito maior que o do mau gôsto de seus espectadores. Seu crime é, exatamente, satisfazer e cultivar êsse gôsto.

Apesar da idéia central da regeneração dos dois ladrões, a película não está isenta de incovenientes morais. Êstes, todavia, são pouco declarados devido ao tom de comédia do enrêdo. Mas, assim mesmo, não nos permitem cotação moral benigna. Ainda mais quando deparamos com a apresentação pouco ou mal esclarecida de assuntos religiosos.

Cotação moral: Adultos.

★

O AMOR PODE SER VENENO

(Liebe kann wie Gift sein). Alemão. Dir. Veit Karlan. Com Sabina Sesselmann, Willy Birgel, Joachim Fuchsberger, Paul Kinger e outros.

Uma jovem é vítima de má companhia, devido a sua ingenuidade. Seu pai não aceita a realidade dos fatos e a falta do amparo paterno leva a protagonista a péssimos caminhos, dos quais se torna difícil, mais tarde, desviar.

O filme não tem mérito de realce, apesar de algum cuidado técnico. Seu tom de melodrama mal aparelhado, prejudicou muito o conjunto.

Apesar de querer ser construtivo, mostrando as consequências de um mau passo e da falta de compreensão, o filme atende a interêsses "comerciais" em cenas totalmente dispensáveis, que nos levam à

Cotação moral: Prejudicial.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora — Minas

MACABRO

(Macabre). Americano. 1957. Dir. William Castle. Com William Prince, Jim Backus, Jacqueline Scott e outros.

Filme da série "horror" que apresenta a história de um estranho Dr. Barret responsável por duas mortes. Quando sua filha desaparece misteriosamente, sem deixar qualquer pista de procura, começam a se dar fatos inexplicáveis. Aumenta de tensão em tensão a trama até o final elucidativo.

A fotografia de Carl Guthrie, talvez tenha um pouco de mérito. Pois, conseguiu salvar alguma coisa da ambição de William Castle, que pretendeu fazer um filme "de horror", mas só conseguiu realizar alguns momentos de diversão fácil, sem grandes lances e sem a profundeza dos clássicos no gênero. Falta "crescendo" à trama.

Apesar do ridículo de muitas sequências, o filme impressionaria, certamente um espectador juvenil, pelo que julgamos mais conveniente a sua restrição para um público amadurecido, supondo-se que seja normal e equilibrado.

Cotação moral: Adultos.

★

UM RIO SE MANCHA DE SANGUE

(El Trueno entre las Hojas). Argentino. Com Isabel Sarli, Armando Pó. Andres Laszlo, Ernesto Baez e outros.

O filme argentino **El Trueno entre las Hojas** se preocupa em resolver assuntos de fundo social, sem deixar, entretanto, de dar a entender um fundo político. Tudo se resume na apresentação de situações e estados de coisas que reclamam justas medidas de reforma, no mundo social hodierno.

Entretanto, o filme é negativo e inaceitável, até mesmo do ponto de vista técnico, ao frisar com exagêro os desmandos sociais ou jurídicos, apresentando alguns tipos excepcionais em desenfreada brutalidade e com tendências violentas, como se tais exceções fôssem base para discussão de reformas e emendas. Calcando repetidamente em cenas e atitudes crúas, o filme forma um ambiente sombrio e derrotista, que lhe tira os meios de se fundar em crítica construtiva e lhe impossibilita a aceitação como espetáculo a públicos heterogêneos e não preparados, como são os de qualquer sala pública de exibição cinematográfica. É filme para estudo, talvez, não porém para exibição livre.

Cotação moral: Condenado.

★

O MUNDO EM SEUS BRAÇOS

(World in his Arms). Americano. Dir. Raoul Walsh. Com Gregory Peck, Anthony Quinn, Ann Blyth e outros. Tecnicolor.

Tudo se resume, nesta re-apresentação, em relatar as aventuras de um caçador e vendedor de peles, que é encarregado de levar até o Alaska uma condessa russa. Surge o amor entre os dois, mas o enrêdo em seu desenrolar traz outros rumos à história.

O filme não passa de uma série de aventuras, sem ter narrativa mais profunda. Todo o valor ou atrativo que o filme pode ter reside nos nomes do elenco, trunfo muito valioso para chamar o grande público e a atenção do público desavisado. Entretanto, o filme se resume na atuação de um elenco de primeira num filme de segunda classe.

Certas aventuras amorosas e o tipo meio agitado do herói pedem restrição.

Cotação moral: Adultos.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação

livros religiosos

bons romances

artigos para presentes

artigos religiosos, para altares e igrejas.

Rua Halfeld, 619

Fone 5978 — Juiz de Fora

UMA ATITUDE LOUVÁVEL

O Colégio Machado Sobrinho, desta cidade de Juiz de Fora, causou-nos justa admiração com seu interêsse pela leitura e divulgação de nossos comentários sôbre filmes. Foram nomeados alguns alunos pelo Prof. Menezes para se encarregarem da distribuição da revista e êste trabalho de equipe apresentou resultado positivo, visto que um grande número de exemplares foi adquirido pelos colegiais daquele estabelecimento no mês de setembro, o primeiro mês em que "A Tôrre de Marfim" foi levada àquela conhecida casa de educação. Muito obrigado Prof. Menezes! Parabéns Machadenses!

A ODISSÉIA DO OESTE

(Westward to the Wagon). Americano. 1957. Dir. William Beaudine. Com Pier Parker, Kathleen Crowley e outros.

Uma produção de Walt Disney, dirigida com certa classe por William Beaudine.

Tudo se resume na história de uma caravana de pioneiros americanos em 1840. O caminhar da caravana implica na inevitável passagem por regiões habitadas pelos peles-vermelhas.

O filme tem pontos de interêsse em seu enrêdo, mas é mais dedicado a público infantil. Predomina o elenco infantil, branco ou índio. O próprio enrêdo e os ensinamentos que contém destinam o filme às crianças.

Cotação moral: Todos.

★

VIOLÊNCIA CONTRA VIOLÊNCIA

(The Violaters). Americano. Dir. John Newland. Com Arthur O'Connel, Nancy Malone, Fred Beir e outros.

Filme sério e dramático, que aborda o lado psicológico de um inspetor de costumes que procura resolver alguns complexos e casos de jovens deslocados na sociedade, na família ou em si mesmos. Tudo isto consegue com bastante sobriedade e evitando com louvável segurança qualquer descambada para o melodrama e o pieguismo. Filme vigoroso e construtivo que fará bem a pais e educadores, se observado com atenção. Sua finalidade é mostrar a responsabilidade que pode ter o lar nos desajustamentos da juventude.

O assunto do filme não é para crianças e jovens. É filme para adultos.

Cotação moral: Adultos.

UMA PEQUENA DO BARULHO

(Kathy O'). Americano. 1958. Dir. Jack Seher. Com Patty Mc Cormak, Dan Duryea e outros. Colorido.

Tudo se resume em contar e comprovar a história que ensina ser melhor às crianças ficar em casa. Aqui, no filme, a criança que sai de casa e se prejudica é uma estrelinha cinematográfica.

O filme é bem fútil, sem qualqur qualidade razoável. Uma obra sofrível, sem dúvida.

Moralmente, pede reserva a apresentação bem detalhada de uma anulação de casamento, seguida de outra união. Além disto, sobra futilidade ao conjunto.

Cotação moral: Adultos.

★

A FLÔR DO PÂNTANO

(Tammy and the Machelor). Americano. Dir. Joseph Pevney. Com Debbie Reynolds, Leslie Niesen, Walter Brenan e outros. Technicolor.

Uma mocinha que conhecia bem passagens da Bíblia, aprendidas com seu avô, por circunstâncias que o enrêdo apresenta, vai morar na casa de alguns sulistas meio arruinados, onde consegue vitalidade a tôda esta gente.

O filme faz rir, pelas situações que contém em seu enrêdo, mas sem conseguir satisfazer plenamente. É bem vazio e fraco. Falta-lhe originalidade. O que o salvou do anonimato, sem dúvida, foi a interpretação de Debbie.

Uma que outra cena e alguns diálogos restringem o espetáculo.

Cotação moral: Adolescentes.

A "Tipografia do Lar Católico", com sua larga experiência, está apta a realizar qualquer trabalho de impressão ou encadernação.

Rua Halfeld, 1179 — Caixa Postal 73 — JUIZ DE FORA.

NO EXCELSIOR:

1	— A Hora Final (pág. 9)	*Adultos com reservas*
3	— Atirar para Matar (pág. 9)	*Adolescentes*
5	— Um Rio se Mancha de Sangue (pág. 17)	*Condenado*
7	— Homens em Fúria (pág. 7)	*Adultos com reservas*
10	— A Nave dos Homens Perdidos (pág. 5)	*Adultos*
12	— Marcha de Heróis (pág. 13)	*Adolescentes*
17	— Ana Lucasta (pág. 12)	*Adultos*
19	— O Pequeno Gênio (pág. 14)	*Todos*
21	— Tragédia em um Espêlho (pág. 6)	*Adultos com reservas*
24	— Ardil Diabólico (pág. 11)	*Adultos*
26	— Vai que é Mole (pág. 16)	*Adultos*
31	— Jacqueline (pág. 5)	*Todos*

★ ★ ★ ★ ★

CINE POPULAR:

"A Tôrre de Marfim" recebeu com alegria a grata comunicação do Snr. Edson Mascarenhas sôbre uma nova fase de atividade do conhecido "Cine Popular". Escolhido para o pôsto de Gerente naquele Cinema, o Snr. Edson Mascarenhas, que já tem mostrado seu esfôrço e seus dotes pessoais no campo da exibição cinematográfica, junto ao "Cine Excelsior", declarou ser de seu interêsse e plano melhorar a programação mensal do "Cine Popular" e oferecer às pessoas da cidade um ambiente agradável naquela sala de projeções. Acrescentou, ainda, que fará questão de entregar a esta revista a programação prevista para cada mês (a partir do de novembro), de modo que sejam os filmes ali programados comentados e cotados por êste boletim informativo.

★ ★ ★

CINE-CLUBE

Associação cultural de estudos sôbre a arte cinematográfica.

No ambiente do Cine-Clube, o associado tem oportunidade de entrar em conhecimento do Cinema em si mesmo, sua organização, seus postos administrativos. Conhece, também, o mais importante: como é feito um filme, no traçado de seu enrêdo, na sua própria filmagem das cenas, no seu tratamento musical, nos seus recursos técnicos e nos chamados "truques cinematográficos".

O associado de um Cine-Clube aprende a julgar um filme, sabendo nêle distinguir perfeitamente a parte artística, da técnica e da moral e em cada uma delas, distinguir o assunto fundamental de sua forma cinematográfica.

Quem pertence a um Cine-Clube tem oportunidade de assistir a filmes considerados excelentes, do ponto de vista cinematológico, pela crítica universal.

Em cada reunião de um Cine-Clube, seu associado tem ocasião de assistir um bom filme e trocar idéias sôbre o mesmo, aprendendo Cinema e arte cinematográfica na prática, entrando em contacto com o verdadeiro "Mundo do Cinema".

Que julga o leitor? É ou não é interessante a idéia do Cine-Clube?
Em próximos números, trataremos de outros aspectos dêste assunto. Aguarde!

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — RUA HALFELD, 619

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Outubro — Juiz de Fora

NO CENTRAL

3	À Sombra da Guilhotina (pág. 11)	*Adultos*
5	O Monstro de Nova Iorque (pág. 9)	*Adolescentes*
7	A Árvore dos Enforcados (pág. 8)	*Adultos*
12	A Gata (pág. 10)	*Adultos com reservas*
14	A Casa dos Sete Gaviões (pág. 4)	*Adultos*
20	Mensagem do Planêta Desconhecido	*Adolescentes*
21	O Engraxate (pág. 5)	*Adultos*
26	A Vinte Milhões de Léguas da Terra	*Adolescentes*
28	Pé na Tábua (pág. 6)	*Adolescentes*
31	As Mil e Uma Noites (pág. 7)	*Adultos*

NO PÁLACE

1	Sem Talento para Matar (pág. 4)	*Adolescentes*
6	O Amor Pode ser Veneno (pág. 16)	*Prejudicial*
8	Suplício de Uma Paixão (pág. 12)	*Adultos com reservas*
11	Estação do Amor (pág. 11)	*Todos*
13	O Segrêdo de Sua Vida (pág. 4)	*Adultos*
15	O Mundo em Seus Braços (pág. 17)	*Adultos*
18	Jornada Tétrica (pág. 15)	*Adultos*
20	Cabeça Satânica (pág. 15)	*Adultos*
21	Os Dez Mandamentos (pág. 10)	*Adolescentes*

NO SÃO LUIZ

1	Flôr do Pântano (pág. 18)	*Adolescentes*
4	Desfôrra Fatal (pág. 12)	*Adultos*
6	Caravana de Heróis (pág. 7)	*Adolescentes*
8	À Sombra da Guilhotina (pág. 11)	*Adultos*
11	Macabro (pág. 17)	*Adultos*
13	Noites de Bruma (pág. 4)	*Adultos com reservas*
15	Matar ou Correr (pág. 2)	*Adolescentes*
18	Odisséia do Oeste (pág. 18)	*Todos*
20	Violência contra Violência (pág. 18)	*Adultos*
22	Uma Pequena do Barulho (pág. 18)	*Adultos*
25	Fúria dos Jovens Maus (pág. 11)	*Adultos*
27	Cilada dentro da Noite (pág. 10)	*Adultos*
29	A Vinte Milhões de Léguas da Terra	*Adolescentes*

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.258, onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.



Ano XI
N.º 85

A Tôrre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Novembro de 1960 — Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TÔRRE DE MARFIM

DIRETOR:

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE:

José Francisco Simões

FICHARIO :

Candidatos a Irmãos Missionários da S. V. D.

★

Enderêço:

Rua Halfeld, 1179

Caixa Postal 160

Fone: 1249

JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL:

(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA

Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO

Exemplar Cr$ 6,00

★

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Uma das cenas da poesia cinematográfica "O BALÃO VERMELHO", "short" que acompanha o filme "SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO", em programação no Cine Popular.

FONTES CONSULTADAS

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais: O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cinema (Belo Horizonte).
* Revista da UPC (União de Propagandistas Católicos) Belo Horizonte.

★

CALIFÓRNIA

(California). Americano. Dir. John Farrow. Com Ray Milland, Barry Fitzgerald, Barbara Stanwinck e outros.

Este filme é de 1947. Portanto, tem duplo valor histórico. O primeiro é que êle narra alguns episódios das lutas que antecederam à elevação da Califórnia à categoria de Estado. O segundo valor histórico, corresponde à história do cinema, pois sendo o filme de 1947, pode o espectador observar algumas coisas interessantes, entre elas: Barry Fitzgerald, êsse impagável irlandês que faz pouco tempo parou de brilhar no firmamento cinematográfico; Barbara Stanwick aos 40 "aninhos", pois a "menina", segundo as mais sérias biografias data de 1907; Ray Milland bem novinho, com seus 42 anos, etc., etc.

As circunstâncias de um romance e algumas cenas de violência são obstáculo a uma cotação moral benigna. Donde nossa

Cotação moral: Adultos.

★

FRUTOS DA VIOLÊNCIA

(Rumbe on the Dock). Americano. Dir. Fred Sears. Com James Darren, Laurie Caroll e outros.

Preocupando-se superficialmente com o problema da delinquência juvenil nos EE. UU., o filme cai no mesmo chavão de outros congêneres: apresenta problemas sem dar solução ou arranjando "finzinhos" especiais.

Tôda a ambientação é de violência e crime juvenil, aspecto bem inconveniente.

Cotação moral: Adultos.

EDITORIAL

Com uma programação um pouco fraca, o mês de novembro, nas várias salas exibidoras da cidade não conta com grandes novidades. Basta dizer que os três melhores filmes são três reapresentações.

SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO (acompanhado do "short" O BALÃO VERMELHO) é o ponto alto da programação. Um belo filme, sem dúvida, que agrada plenamente, enquanto que o "short" é um autêntico poema cinematográfico.

O HOMEM ERRADO, filme vigoroso de Hitchcock, e PAIXÃO DOS FORTES, trabalho de classe de John Ford: constituem ambos boas reapresentações que merecem ser apreciadas novamente, sendo de inteiro e seguro agrado de qualquer público.

Em plano bom, situam-se outros filmes, se bem que não comparáveis aos três primeiros.

AMARGO TRIUNFO, num estudo interessante sôbre a guerra e a vida militar, satisfaz como filme e como mensagem; PASSADO QUE CONDENA, uma reapresentação, tem seus momentos de bom cinema, ainda que sua tese seja sacudida por uma série de contradições, tornando o espetáculo "prejudicial". OS DEZ MANDAMENTOS, ainda em programação no Cine Pálace, oferece oportunidade a quem ainda não o viu.

Três comédias interessantes: JACQUELINE, TOUREIROS e AS GEMEAS DO ZILLERTAL.

AS GEMEAS DO ZILLERTAL tem beleza fotográfica (filmado no Tirol) e momentos de agradável passatempo, pelos tons cômicos e pelos costumes regionais que apresenta. TOUREIROS é uma "tourada" das muitas da dupla inesquecivel Gordo e Magro que volta a ser exibido para fazer rir e matar as saudades. JACQUELINE, ainda em programação no Cine Excelsior, é uma comédia interessante e uma oportunidade de se ver a graça especial da principal intérprete.

*

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES, da EXIBIDORA EXCELSIOR e da EMPRÊSA CINE-TEATRAL JUIZ DE FORA, entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos srs. Gerentes.

Neste número de novembro, a nossa revista faz um agradecimento muito especial a três Professôres da cidade que vêm se dedicando à divulgação de "A Tôrre de Marfim". São êles: Padre Leopoldo, propagandista da revista no Curso Científico do Colégio Cristo Redentor; Prof. Miranda, responsável pela distribuição dêste boletim informativo entre os alunos do Ginásio São Luís; Prof. Adário, que levou a orientação cinematográfica ao conhecimento dos alunos da Escola de Aprendizagem do Senai. Aos três, nosso muito obrigado!

As Gêmeas de Zillertal



(Die Zwillinge von Zillertal). Alemão. 1958. Dir. Harald Reinerl. Com Joachim Fuchsberger, Isa e Jutta Gunther, Karin Dor, Hans Moser e outros. Agfacolor.

Uma comédia musicada interessante que apresenta a história de duas gêmeas tirolêsas, no belo vale do rio Zilier, no sul da Áustria — o conhecido Zillertal. As irmãs gêmeas vivem história de amor e sua semelhança traz equívocos e sequências cômicas. De outro lado, uma baronesa procura resolver seus problemas financeiros com o casamento do filho.

Apesar de ter muito pouco de arte cinematográfica, o filme agrada por dois motivos: o documentário do Zillertal que leva a efeito (boa fotografia de Gunther Grimm), o ambiente alegre que traz ao espectador com os costumes e a música dos tirolêses.

Um espetáculo limpo, salvo uma pequena cena de bailado, poderá ser visto por qualquer público e irá agradar, seguramente, a qualquer espectador. Nossa cotação moral, abaixo referida, supõe a reserva feita àquela cena mencionada.

Cotação moral: Todos.

★

OS DEZ MANDAMENTOS

(The Ten Commandments). Americano. 1956. Dir. De Mille. Com Charlton Heston, Yul Bryner, Anne Baxter e outros. Technicolor. 210 minutos de duração.

Contando a história de Moisés, desde o início até a entrada do povo hebreu na Terra Prometida, o filme procurou com esmerada técnica reconstituir a ambientação externa dos fatos bíblicos que narra. Não há preocupação com o drama bíblico e sim com as cenas bíblicas. Mesmo assim, consegue seu intento de trazer ao espectador a atmosfera bíblica que lhe possibilite a compreensão dos fatos que são relatados no maior livro de todos os tempos.

Cotação moral: Todos. Mais próprio para Adolescentes devido à sua duração.

★

FLÔR DE MAIO

(Flor de Mayo). Mexicano. Dir. Robert Gavaldon. Com Maria Felix, Pedro Armendariz, Jack Palance e outros. Eastmancolor.

Drama de um pescador que duvida da fidelidade de sua espôsa e se desentende com seu amigo pelo mesmo motivo. Assunto muito querido do cinema do México, com tôdas as tonalidades passionais características, tem algum mérito artístico e técnico, devido à boa interpretação dos artistas centrais, apesar de lhes ter faltado direção mais segura e pensada. Do ponto de vista moral, é claro, não se trata de espetáculo para qualquer público. Seu assunto e algumas cenas o impedem.

Cotação moral: Adultos.

PASSADO QUE CONDENA

(La Spiaggia). Italiano. Dir. Alberto Lattuada. Com Raf Vallone, Martine Carol e outros. Ferraniacolor.

Tudo se resume em mostrar o contraste de uma sociedade da Riviera francêsa, totalmente decaída, negando sua aceitação a uma mulher de passado falho e duvidoso, regenerada, entretanto.

Firmando com exagêro e insistência os aspectos negativos da sociedade veranista, o filme traz uma descrição pessimista que impede o contraste perfeito, pois, afinal, não se pode compreender as sequências finais em que Anamaria procura acolhimento nesta sociedade que a desprezou. Para que e por que? Não era regenerada? Não era a sociedade a decaída? O tom de vingança e o prazer superficial da mesma não convencem nem fundamentam boa conclusão. Foi uma falha de Lattuada, sem dúvida.

Cotação moral: Prejudicial, (devido ao realismo de algumas cenas e ao pessimismo geral da história).

★

O MAGO

(El Mago). Mexicano. Dir. M. Delgado. Com Cantinflas e outros.

Um filme de enrêdo fraco feito para dar oportunidade a Cantinflas de repetir seus conhecidos recursos cômicos. A realização, entretanto é medíocre e falha sob vários aspectos. Moralmente, é de se reprovar a inclusão de malícia e situações ambíguas com diálogos sugestivos.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

O LADRÃO DE CADÁVERES

(El Ladron de Cadaveres). Mexicano. Dir. Fernando Mendez. Com Columba Dominguez e outros.

Misturando policial, "horror" e "science-fiction", o filme de Mendez volta ao tema explorado da transplantação do cérebro de macacos para o homem. Imaginoso, mas fracota, nem se discute.

Com uma técnica razoável, algum "suspense" e boa linha de interêsse, o filme agrada ao espectador que aprecia o tipo de filme e assunto.

O tema e as cenas de horror contraindicam o filme para jovens.

Cotação moral: Adultos.

OS HERÓIS ESTÃO CANSADOS

(Les Héros sont Fatigués). Francês. 1956. Dir. Yves Ciampi. Com Yves Montand, Maria Felix, Jean Servais, Curd Juergens e outros.

Aventuras de ex-combatentes, um francês e um alemão, no interior da Africa, de encontro com outros personagens brancos, de nacionalidades diversas, e negros.

Procurando fazer uma análise do drama de cada personagem, Ciampi consegue em parte seu intento, na ambientação das várias situações e do drama, mas fica longe da interiorização do drama nos personagens, base de todo o enrêdo. Assim, sobra ao filme plasticidade, cenarização, fotografia. Falta análise de personalidades. E, por êste motivo, falta drama completo. O conjunto resulta quase numa farsa.

Moralmente, o filme de Ciampi não está limpo. Pelo contrário, inclue passagens sugestivas e explora Maria Felix a título de bilheteria. Cenas e diálogos, atitudes e violências levam-nos a uma cotação rigorosa.

Cotação moral: Prejudicial.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

VENEZA, A LUA E VOCÊ

(Venezia, la Luna e Tu). Italiano. Dir. Dino Risi. Com Marisa Allasio, Alberto Sordi, Inge Schoener e outros. Eastmancolor.

Tudo se resume nas atrapalhadas de um noivo às vésperas do casamento, às voltas com duas turistas americanas (o noivo é gondoleiro em Veneza), que o assediam das mais diversas formas. Afinal, o moço dá uma deixa para as fãs e tudo se complica ao chegarem os fatos ao conhecimento da noiva.

Feito sem muito cuidado, o filme de Dino Risi é um filme de Alberto Sordi e de suas graças histriônicas. Além disto não consegue ir a obra, pois o que o filme tem é a presença de intérpretes bons apesar da direção (o caso de Sordi, principalmente). A fotografia aproveitou bem alguns aspectos e cenários naturais da bela cidade do Adriático, visto que a cena, quase tôda se passa nos canais de um de seus bairros.

Moralmente, o filme não está limpo de sérios senões. Brincadeiras com assuntos sérios, leviandade de noivos às vésperas do casamento, exploração ignóbil de cenas equívocas, etc. são suficientes para uma cotação moral rigorosa.

Cotação moral: Adultos com reservas.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

TUDO LEGAL

Nacional. 1960. Dir. Victor Lima. Com Ronald Golias, Jô Soares, Marina Marcel, Jaime Costa, Paulo Araújo, Nely Martins e outros.

Dois biscateiros malandros, sem qualquer advertência, são bandeados para uma quadrilha de contrabandistas e até se livrarem dos mal entendidos e má situação enchem o tempo com caricaturas, gracinhas e momices pouco ou nada a propósito.

Se o produtor não fôsse Herbert Richers, talvez o filme seria melhor. Mas, ao Snr. Richers só interessa bilheteria, independentemente do conceito que o espectador avisado e cuidadoso faça de seus filmes. Assim, reedita em **Tudo Legal** sua técnica na fabricação de "caça-níqueis". Primeiramente, contrata Ronald Golias, o cômico do momento, e atrapalha o início de sua carreira cinematográfica (pois, foi o primeiro desempenho de Golias no cinema), com uma história mal feita, com chance a se repetirem não sei quantos trejeiros cômicos

Não concordamos com a "censura livre". Há exploração de sensualidade e coleção de piadas grosseiras ou de sentido ambíguo. O mau gôsto, do ponto de vista moral, é forte inconveniência, também.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

ESCUDO ROMANO

(Nel Segno di Roma). Ítalo franco-alemão 1958. Dir. Guido Brignone. Com Anita Ekberg, Georges Marchal, Jacques Sernas, Gino Cervi e outros. Technicolor.

Luta entre Roma e a rainha Zenóbia de Palmira, ex-aliada dos Romanos.

Com bons artistas, mal dirigidos, o filme ganha mais vulto é na movimentação: combates, lutas, espetáculos, encontro de sentimentos, etc.

A crueldade de algumas sequências, certos trajes sugestivos e atitudes pouco decentes de uma dança são motivo de restrição, mesmo para público adulto.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

AVISO AOS NAVEGANTES

Nacional. Com Oscarito, Grande Otelo e outros.

Reapresentação injustificável. Sem qualquer valor cinematográfico, sem mesmo qualquer nexo ou enrêdo, o filme não passa de uma pequena grande droga. Moralmente, passagens de diálogo e vestuário inconveniente obrigam restrições.

Cotação moral: Adultos.

O DIREITO DE SER FELIZ

(Home Before Dark). Americano. 1958. Dir. Mervyn Le Roy. Com Jean Simmons, Dan O'Herlihy, Rhonda Fleming, Efrem Zimbalist e outros.

Uma espôsa que não recebe compreensão nem amor de seu marido, passa a desconfiar do mesmo, julgando-o enamorado de sua irmã de criação. O modo irritante do tratamento da madrasta leva a jovem espôsa a uma crise nervosa. E' tentada a cura. Ao voltar curada, entretanto, tudo encontra no mesmo estado. Novos dissabores levam-na a decisões extremas.

Querendo fazer propaganda fácil e simpática do divórcio, o filme erra ao apresentar uma exceção para base de uma lei. Ou a lei é para todos ou haverá uma lei para cada uma pessoa, não é Eilen Bassing (responsável pelo romance original) ? Do ponto de vista do filme, nota-se nêle uma lamentável perda de oportunidades, quanto à atuação de Jean Simmons, que consegue salvar muitos momentos da monotonia do conjunto da obra. De fato, o diretor não soube aproveitar êste trunfo. Jean Simmons entrou para salvar o que já estava perdido.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

UMA VIDA EM PERIGO

(Girl on the Run). Americano. 1958. Dir. Richard L. Bare. Com Efrem Zimbalist, Erin, O'Brien, Shepperd Strudwick, Edward Byrnes e outros.

Filme policial razoável que agradará, certamente, o apreciador do gênero, sem desgostar o público em geral. Narra as vicissitudes por que passa uma pessoa, testemunha de um crime, até se livrar da influência dos criminosos que ficaram impunes.

Numa narrativa de bom ritmo, em ligeiro "crescendo" e com vários momentos de "suspense", o filme se desenrola numa boa interpretação dos papéis centrais. Faltou, apenas, uma análise mais profunda dos personagens da trama, o que trouxe certa inconsistência à história.

Não fôsse o crime e seu ambiente, o filme seria liberável moralmente a todos.

Cotação moral: Adolescentes.

COTAÇÃO MORAL

TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

ADOLESCENTES — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

ADULTOS COM RESERVAS — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuímos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

AUDÁCIA A JATO

(High Flight). Inglês. 1958. Dir. John Gilling. Com Ray Milland, Bernard Lee. Kenneth Haigh e outros. Technicolor.

Novamente terá o espectador oportunidade de ver o ambiente militar (aqui, da aeronáutica) com os tipos característicos: sargento autoritário, recruta inexperiente, recruta esforçado, etc. De entremeado, algumas fotografias de evoluções com aparelhos de vários tipos.

Espetáculo agradável e sem pretensões maiores que a de mostrar com clareza o que é uma escola de aviadores, onde, apesar de pequenos casos isolados e compreensíveis, há lealdade, confiança e fraternidade.

Cotação moral: Todos.



SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO

(Si tous les Gars du Monde). Francês. 1956. Dir. Christian Jacque. Com André Valmy, Jean Gaven, Georges Poujoudly e outros.

Narrado em estilo de documentário ou crônica, aparece o caso de alguns pescadores do mar do Norte que, em alto mar e entregues aos seus afazeres, começam a ser vitimados por doença fatal. O único recurso é o rádio. Estabelece-se uma cadeia de fraternidade pelo rádio que providencia auxílio aos homens do mar.

Muito bem construído, SI TOUS LES GARS DU MONDE é um belo filme de ponta a ponta. Bela fotografia, roteiro bem feito, enrêdo que prende a atenção e convida o espectador a uma "torcida" pela vitória do bem, interpretação fiel.

O grande mérito de SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO é a mensagem de seu conjunto: a união de todos os homens do mundo para sua própria salvação. É mesmo emocionante assistir à coragem e à dedicação com que pessoas de lugares diversos e que nem se conhecem pessoalmente mas, apenas pela voz, nos rádios, se entregam a salvar a vida de pessoas também desconhecidas no longínquo Mar do Norte, sem pensar em raça, país, nação, relações diplomáticas e comodismos.

É o tipo do filme que agrada e que traz ao espectador, no final, uma rara sensação de que o próximo necessita de sua ajuda, seja êle qual fôr.

Um filme recomendável ao público em geral, excetuadas as crianças que não têm, certamente, compreensão ao alcance de várias passagens.

Cotação moral: Adolescentes. Recomendável ao público em geral.

OBS.“ O filme SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO é precedido de outra jóia singular do bom Cinema Francês: O BALÃO VERMELHO de Albert Lamorisse. Trata-se de autêntica poesia em forma cinematográfica. Esperamos que o Cine Popular receba dos distribuidores também o complemento citado para exibir ao público.

QUARTEL NÃO É HOTEL

(Wake me when it's Over). Americano. 1960. Dir. Mervyn Le Roy. Com Ernie Kovacs, Dick Shaw, Jack Warden, Moore e outros. Technicolor.

História de um grupo de soldados americanos numa pequena ilha japonêsa do Pacífico. Para evitar o tédio que toma conta de tudo, um soldado resolve construir um hotel com o material danificado pela guerra. A título de propaganda para atrair turistas, deitam a correr o boato de que há uma fonte de águas termais no local, capaz de grandes efeitos para o organismo. Mas, o caso já havia chegado a Washington...

Um argumento bem interessante, em outras mãos daria comédia engraçada e perfeita. Alguma hilaridade de **Quartel não é Hotel** reside na história mesma, antes que em sua adaptação cinematográfica, bastante mal feita.

Moralmente, o filme frisa demais o lado material da vida, acentuando em demasia a busca do confôrto, o sentimento de insatisfação e a falta de programa e ideal. Tais idéias podem ser prejudiciais, criando uma ambientação errônea na compreensão do espectador menos avisado. O tom de comédia, sem dúvida, atenua esta falha grave do filme.

Cotação moral: Adultos.

★

E O SANGUE SEMEOU A TERRA

(Bend of the River). Americano. 1951. Dir. Anthony Mann. Com James Stewart, Arthur Kennedy, Julie Adams e outros. Tecnicolor.

Levar um grupo qualquer de imigrantes pelo território despovoado do oeste, no caso do filme o Oregon, foi o momento de heroísmo, valentia e coragem de muitos guias que a história do pioneirismo norte-americano registrou em seus capítulos. E o Cinema, volta e meia, procura mostrar um pouco do que tenha sido isto. E' o caso de E O SANGUE SEMEOU A TERRA. Entretanto, sem grandes valores, excetuada a boa interpretação de James Stewart, pois, no mais, são repetidos muitos lugares comuns do gênero.

Uma que outra violência tornam o filme impróprio para crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

O MÉDICO VAMPIRO

(The Man who turned to Stone). Americano. Com Victor Jay, Ann Doran e outros.

O filme pretende ser "de horror", mas fica na pretensão, apenas.

Ficção científica é uma coisa, filme "de horror" é outra coisa, mas nenhuma dos dois gêneros tem que haver com êsse **Médico Vampiro**, autêntico surto de imaginação descontrolada. As idéias errôneas e o ambiente de terror reservam o filme a público esclarecido.

Cotação moral: Adultos.

★

SEDUÇÃO DO MONJE

(Koya No Hijiri – Byakuya No Yojo). Japonês. 1958. Dir. Eisuke Takisawa. Com Yumeji Tsukioka, Ryoji Hayama, Tadashi Kobayashi e outros. Eastmancolor.

Baseado em lendas antigas, **Sedução do Monje** narra a história de um monje cuja seita religiosa lhe impunha a obrigação da castidade e que, ao se perder numa floresta, vai ter à casa de uma bruxa que seduzia todos os que por ali passavam, mudando-os por magia em animais. Mas, apaixonada pelo monje, tenta evitar a ação mágica o que traz outro rumo ao enrêdo.

Contando com um defeito básico – lentidão excessiva, comprometendo o interêsse pela narrativa – o filme de Takisawa consegue algum destaque devido à boa fotografia, bem dosada pela côr (Minoru Yokoyama) e a algumas cenas de poesia inspirada e lirismo especial. Entretanto, concluimos do conjunto, ser um filme bem dirigido no que concerne à análise dos dois personagens.

Moralmente, o filme merece cotação rigorosa porque apresenta algumas cenas fortemente sugestivas com situações delicadas ou mesmo imorais. Como ponto positivo, há a fortaleza de ânimo do monje que não se deixa levar pela sedução.

Cotação moral: Prejudicial.

★

NINGUÉM ME AMA

(La Mafia del Crimen). Mexicano. Dir. Julio Braccho. Com Laura Hidalgo, Julian Soler, J. Martinez de Hoyos e outros.

Um médico se mistura com uma quadrilha internacional de aliviadores do alheio, conhece uma cantora de clube noturno e se mistura em outra atrapalhada. De mistura em mistura, com o samba-canção "Ninguém me Ama", de Nora Ney, misturado, ajuntam-se ainda ao filme violências, focalizações pouco decentes, suicídio, homicídio, etc. Uma autêntica "mexicanada".

Cotação moral: Adultos com reservas.

O HOMEM ERRADO

(The Wrong Man). Americano, 1956. Dir. Alfred Hitchcock. Com Henry Fonda, Vera Miles, Anthony Quayle e outros.

Construído do ponto de vista do prisioneiro, O HOMEM ERRADO é a obra que consagrou, mais uma vez, a carreira de cineasta e de mestre do "suspense" de Alfred Hitchcock, seu diretor. Tudo se resume em apresentar o drama de uma pessoa acusada de assalto, sua reação ao fato e as consequências desta trama.

Tendo pontos altos na fotografia de Robert Burks e na partitura musical de Bernard Herrmann (muito sugestiva), o filme apresenta ainda ótima narrativa e montagem bem feita, permitindo "crescendos" constantes. Sua interpretação, principalmente nos papeis centrais, mostra qualidades dos artistas e, também, o motivo principal do sucesso do filme: a atuação de um Diretor.

Cotação moral: Adolescentes. Devido a emoção e à seriedade de certas cenas.

★

E O ESPETÁCULO CONTINUA

Nacional. Dir. Cajado Filho. Com Eliana, John Hubert, Cyl Farney e outros.

Revista musical filmada, com enrêdo meio arranjado sôbre fatos e equívocos ocorridos nos bastidores do teatro de revistas. Apesar do tom de comédia, fraco em virtude de malícia grotesca, o filme é impróprio porque documenta espetáculos do tipo que aborda, como tema e enrêdo, nada decentes em seu vestuário.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

OS FRENÉTICOS

(Die Fruhreifen). Alemão. 1957. Dir. Josef von Baky. Com Heidi Bruhl, Christian Doermer, Paul Esser, Ilse Furstenberg e outros.

O filme repete o lugar comum da moda: juventude transviada de filhos incompreendidos pelos pais. O assunto atraiu sempre a atenção e o surto comercial de um tal tipo de filmes, levou muitos diretores a explorar êste novo filão.

Em OS FRENÉTICOS, aquêles casos de saída do lar, experiências amargas e recuperação se repetem. Têm entretanto a qualidade moral de não serem carregados em focalizações ousadas, como acontece em outros filmes. Entretanto, o assunto mesmo e certa falta de afirmação quanto ao sacerdote que aparece no enrêdo são pontos que requerem restrição do filme. Valor cinematográfico relativo.

Cotação moral: Adultos.

★

UM DE NÓS MORRERÁ

(The Left Handed Gun). Americano. 1958. Dir. Arthur Penn. Com Paul Newmann, Lita Milan, Hurd Hatfield e outros.

Tudo se resume em apresentar passagens da vida do legendário Billy the Kid, um dêsses "cobras" do oeste norte-americano que, aos tantos anos de idade, já havia matado outros tantos inimigos, excluídos os mexicanos e os índios. Enfim, alto tiroteio, nem mais nem menos.

Sem qualquer novidade e qualidade, **The Left Handed Gun** é um "faroestezinho" a mais, com todos os lados e aspectos convencionais e batidos do "western" de 3.ª categoria para baixo. Quando muito, poderá ser suportado por algum fanático e indulgente apreciador do gênero.

Moralmente, o filme contém sérios inconvenientes pelos aspectos violentos de várias sequências, algumas até de natureza sádica. Fatos injustificáveis.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

JACQUELINE

(Jacqueline). Alemão. 1959. Dir. Wolfgang Liebeneiner. Com Johanna von Koczian, Walter Reyer, Goetz George e outros.

Liebeneiner dirige sem muita originalidade um filme, em que conhecemos a história de uma cantora, que desconhecendo a verdadeira identidade de um célebre teatrólogo que se lhe apresenta como rapaz pobre, procura protegê-lo. O tempo e as circunstâncias se encarregam de dar às claras a verdade. Briga. Mas, já nascera o amor.

Comédia de certa qualidade, apesar do defeito apontado na sua direção. JACQUELINE pode ser um bom programa de diversão a qualquer espectador. Tem passagens agradáveis e conta com a interpretação desembaraçada de Johanna von Koczian, uma artista que vem se firmando em sua carreira.

Filme aceitável, em seu aspecto moral.

Cotação moral: Todos.

MOTIM NO REFORMATÓRIO

(Riot on a Juvenile Prison). Americano. 1959. Dir. Edward L. Cahn. Com Jerome Thor, Marcia Henderson, Scott Marlowe e outros.

As violências sofridas num reformatório levam três jovens a fugir do mesmo, o que é suficiente para que os interessados no problema da deliquência juvenil se preocupem em encontrar formas diferentes no modo de tratar da recuperação de delinquentes jovens, entregando a direção do reformatório a um psicólogo.

Aparecem em **Motim no Reformatório** algumas ingenuidades desconexas, entre elas a pretensão de reunir para reeducação, num mesmo reformatório, rapazes e moças. Ora, ora. Pois, se em colégios mistos (que não são reformatórios) surgem problemas graves com razoável frequência, onde é que está a cabeça dêsse pessoal americano reconhecidamente prático? Cenas sugestivas e violências acabam por impedir cotação livre.

Cotação moral: Adultos.

★

À NOITE SONHAMOS

Americano. Com Cornel Wilde, Merle Oberon, Paul Muni e outros. Colorido.

Reapresentação da vida de Chopin com trechos de diversas composições do músico polonês. Consegue agradar, embora não seja a imagem fiel da realidade. As relações de Chopin com Georges Sand, apresentadas com certa simpatia e sem qualquer censura são motivo de restrição do filme a crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

★

CLAMOR DE VINGANÇA

(Windom's Way). Inglês. Dir. Ronald Neame. Com Peter Finch, Mary Ure, Natasha Parry, Robert Fleming e outros. Eastmancolor.

Esta película rodada na Malásia é uma oportunidade de se conhecer realmente o ambiente de vida daquela região. Trata o filme da revolta de nativos, trabalhadores nos arrozais, contra as suas condições de vida muito precárias. Um médico inglês da região procura resolver o caso, devido, entretanto, a problemas domésticos ainda não resolvidos, não consegue logo seu intento.

O filme prende a atenção do espectador devido à sua sinceridade sem rebuços e, certamente, agradará aos aficcionados pelos problemas dos povos agricultores do Extremo Oriente. Seu tema não é para público juvenil, pois traz violências em seu desenvolvimento.

Cotação moral: Adultos.

A LEVIANA INOCENTE

(Die Halbzarte). Alemão. 1959. Dir. Rolf Thiele. Com Romy Schneider, Carlos Thompson, Magda Schneider, Joseph Meinrad e outros. Agfacolor.

Uma jovem comerciária de aspirações literárias se envereda pelo campo falso da literatura pornográfica e picante, o que lhe traz não poucas amolações.

Mal dirigido, por um diretor que já mostrou ser capaz de obra melhor, **A Leviana Inocente,** quando muito, tem a interpretação de Romy Schneider que, neste filme, mal dirigida, perdeu oportunidades e só conseguiu repetir o que aprendeu ao ser dirigida por Ernst Marishka, o diretor da "série" **Sissi.**

O filme simula moral mas está errado em sua base, quando pretende reafirmar o velho sofisma "o fim justifica os meios", pois as obras literárias da heroina são do tal tipo só para conseguirem êxito, visto que, particularmente, o comportamento da escritora é irrepreensível (é claro, tirando o principal, que é sua imaginação capaz de criar pornografia). Outra idéia errada é a que o filme faz sôbre o julgamento humano – "entre os maus só se vence com o mal". Além dêstes senões graves, o filme procura destacar as imoralidades sugeridas nos livros da jovem escritora.

Cotação moral: Condenado.

★

O HOMEM DO SPUTNIK

Nacional. 1959. Dir. Carlos Manga. Com Oscarito, Cyl Farney, Zézé Macedo, Neide Aparecida, Norma Benguel e outros.

Uma comédia satírica sôbre a hipotética queda de um satélite artificial no quintal de um matuto, no interior do Brasil, o que faz com que nações estrangeiras façam ao "homem do sputnik" as mais variadas ofertas, no intúito de adquirir em troca da aceitação daquelas o satélite sinistrado. Surgem críticas esparsas e algumas idéias, como a que afirma ser o Brasil objeto de troça ou chantagem para as outras nações (o que ainda falta provar, não se dando o filme a êste trabalho).

Apesar de certos aspectos teatrais, o filme tem algum mérito, pois apresenta narrativa bem construída, crítica bem caricaturada e bom ritmo.

O tom de comédia evita males e inconvenientes maiores, mas, assim mesmo, algumas sequências são bem grotescas no seu linguajar ou na sua malícia.

Cotação moral: Adultos com reservas.

FELIZ ANIVERSÁRIO

(Happy Anniversary). Americano. 1959. Dir. David Miller. Com David Niven, Mitzy Gaynor, Carl Reiner, Loring Smith e outros.

Ao completarem 13 anos de casamento, marido e mulher recebem presentes e festejam a data. Mas, excesso de champanha no marido permite confidências indiscretas que dão rumos imprevistos à comédia.

Baseando-se, quase que exclusivamente, na simpatia dos dois intérpretes centrais, **Feliz Aniversário** não se preocupa em explorar outros atrativos no argumento ou em formas cinematográficas. Pelo contrário, com seus diálogos longos, mostra que foi mal adaptado da peça teatral, de que foi extraído.

A falta de seriedade em assuntos referentes ao casamento, alguma malícia excessiva e o grotesco de querer fazer rir com coisas sérias são defeitos graves do filme, em seu aspecto moral que impõem séria reserva.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

SANHA DIABÓLICA

(Curse of the Undead). Americano. 1959. Dir. Edward Dein. Com Eric Fleming, Kathleen Crowley e outros.

Bem, quanto a cinema, SANHA DIABÓLICA está tão longe dêle como Michael Pate, o vampiro, do dia longínquo em que se suicidou, sem morrer de todo. Nem vale a pena comentar os defeitos que pululam no filme. O lamentável mesmo é a mistura do vampirismo com a terra do "bang-bang".

Devido às cenas de horror e a idéias erradas ou levianas sôbre assuntos religiosos, o filme deve ser restrito a público esclarecido.

Cotação moral: Adultos.

★

ALGUÉM HÁ DE MORRER

(Appointment with a Shadow). Americano. 1958. Dir. Richard Carlson. Com George Nader, Joanna Moore, Brian Keith, Virginia Field e outros.

Um drama policial assistível pelo espectador indulgente, narra o caso de um repórter muito dado à bebedeira que, por uma circunstância especial, consegue oportunidade de se rehabilitar perante os leitores e os seus relacionados diretos. Trata-se de fazer a cobertura da prisão de um perigoso bandido. Instalado no telhado de um prédio vizinho, após um "jejum de certos líquidos" durante todo o dia, o repórter consegue fazer seu "furo". Mas, ao terminar o trabalho, descobre um grande engano e um êrro com o qual nem a polícia contou. Segue daí adiante o enrêdo deslindando o caso.

O que falta ao filme de Richard Carlson é exatamente a qualidade básica do policial o "suspense". Em lugar de esconder ou apresentar sem confirmação alguns pontos vitais da trama, o diretor franqueou os fatos ao conhecimento do espectador, o que lhe tira o interêsse pelos outros que se sucedem. A boa interpretação, entretanto, consegue salvar o filme.

Cotação moral: Adolescentes.

★

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

(Some Like it Hot). Americano. 1958. Dir. Billy Wilder. Com Tony Curtis, Jack Lemon, Marilyn Monroe, Pat O'Brien e outros.

Dois músicos sem emprêgo, disfarçados em roupas femininas, saem em jornada artística com uma orquestra de figurantes femininos.

Billy Wilder abordou novamente seu gênero preferido – a comédia – com boa técnica. Falta porém a terminologia autêntica de Wilder. O assunto muito perigoso atraiu o diretor para uma descambada de situações burlescas de pouca profundeza e sem aquela dose fina de ironia e crítica.

Senões morais bem graves impedem aceitação benigna da obra: comentários sôbre comportamentos físicos excepcionais, situações equívocas, diálogos sugestivos, amorosidade exagerada, trajes pouco ou nada convenientes, etc. Apesar do tom de comédia, disfarçando a malícia de muitas passagens, nossa cotação não pode ser relapsa.

Cotação moral: Prejudicial.

★

EXPLORADORES DE BRANCAS

(Brigade des Moeurs). Francês. 1958. Dir. Maurice Boutel. Com Eddie Barclay, Dalila Bob, Martin Jean Tissier e outros.

Numa espécie de documentário, o filme, que pretende ser do gênero policial, apresenta trechos de um processo sôbre uma organização exploradora de mulheres.

Não tendo qualquer qualidade técnica, sendo apenas sucessão de quadros sem nexo, o filme carrega em muitas cenas, que deixam qualquer espectador na dúvida sôbre as intenções verdadeiras da obra: se contra ou a favor (fazendo propaganda) desta chaga social.

O assunto, o texto de vários diálogos, cenas sugestivas ou deprimentes, licenciosidade de costumes, são todos os motivos de uma restrição rigorosa e total.

Cotação moral: Condenado.

PAIXÃO DOS FORTES



(My Darling Clementine). Americano. 1946. Reapresentação. Dir. John Ford. Com Henry Fonda, Victor Mature, Linda Darnell, Cathy Downs, Walter Brennan, Tim Holt, Ward Bond, John Ireland, Grant Withers e outros.

O enrêdo de MY DARLING CLEMENTINE conta, em resumo, a história de um roubo de gado e da morte de um jovem da família Earp. Seus irmãos que, no momento destas ocorrências, estavam na cidade procuram aplicar um castigo aos criminosos. Tudo vai de provocação em provocação até o duelo de Ok Corral, travado entre os irmãos Earp ajudados por Doc Holliday, e os criminosos. Portanto, um "western" com todos os característicos do gênero. Mas, sob a direção de Ford.

John Ford reedita em MY DARLING CLEMENTINE sua apresentação de cineasta consumado, particularmente, de explorador inteligente do gênero "western", seu filão de ouro preferido. Assim, o espectador tem oportunidade de ver neste filme a narrativa perfeita, própria aos filmes fordeanos, tôda pontilhada de grandes momentos de rara poesia, se bem que descansando em fatos e emoções elementares. A isto concorrem dois fatôres: boa composição das cenas e interpretação. Entre as interpretações, despontam como notórias: a de Victor Mature em Doc Holliday (o dono do "saloon"), Henry Fonda em Wyatt Earp, Walter Brennan como o velho Clanton, Ward Bond como Morgan e Tim Holt como James; Cathy Downs como Clementine, meiga e sugestiva. Quanto à composição das cenas, lembramos apenas duas: a inauguração do piso da igreja, seguida da quadrilha típica do oeste e daquele ângulo discreto em que o forte e heróico Wyatt Earp, numa timidez incontrolável não sabe que palavras usar como convite à bela Clementine para sua parceira na dança; a outra, a do tiroteio final òtimamente aproveitada, numa lição a muitos "westerns" de segunda que fazem de momentos como êste mais um atropêlo da descambada de seus roteiros mal construídos.

Recomendar a assistência de PAIXÃO DOS FORTES é um dever e um gôsto especial para nossa revista. Vale a pena como lição de bom cinema e como momento de poesia bem ao natural e bem amoldada ao gênero sempre rico do "western".

Cotação moral: Adolescentes, (devido a algumas lutas muito violentas).

★

JECA TATU

Nacional. Dir. Milton Amaral. Com Mazzaropi, Geny Prado, Nicolau Guzzardi, Robert Duval e outros.

O tipo curioso, extraído da obra de Monteiro Lobato, foi bem caracterizado neste filme, sendo perdido, entretanto, tal mérito pelo roteiro falho, sem a unidade que deve ser essencial a esta parte. Disto resulta um caráter primário e pouco profundo no conjunto da história.

Moralmente, o espetáculo convém a qualquer público.

Cotação moral: Todos.

AMARGO TRIUNFO

(Bitter Victory). Franco-americano. 1957. Dir. Nicholas Ray. Com Curd Jurgens, Richard Burton, Christopher Lee, Ruth Roman, Raymond Pellegrin e outros.

Nicholas Ray apresenta em AMARGO TRIUNFO a história de um episódio da IIª guerra mundial, em que um destacamento aliado (sob comando inglês) teve por incumbência subtrair ao quartel-general do Marechal Rommel, em Bengasi, na Líbia, importantes documentos. Mas o fulcro de tôda a narrativa é a oposição entre dois membros do destacamento: o Capitão Leith (Richard Burton) e o Major Brand (Curd Jurgens). Desta oposição retira Nicholas Ray as idéias e mensagens sôbre a guerra, os exércitos, as ordens de comando e as condecorações. É o contraste entre um subordinado corajoso (Cap. Leith) e um superior covarde e desleal (Maj. Brand).

Muito bem construído, quanto à sua narrativa, BITTER VICTORY agradá bem o espectador (mesmo aquêle que não aprecia "filmes-de-guerra"), pois encerra "suspense" de momento em momento, entusiasmando o público a cada nova sequência e convidando-o a julgamento a cada nova atitude. Se o roteiro é um tanto complexo, entretanto, chegou a ser suficientemente traduzido, para isto tendo ajudado de forma muito especial a boa fotografia (Michel Kalber). O filme conta com momentos impressionantes pela sua perfeição em detalhes. Lembramos, apenas a da execução do prisioneiro ferido, no deserto (trabalhada pelo toque sugestivo do tambor, bem de leve) e, ainda, a cena do contraste do Major Brand com seus bonecos de exercício, na sequência final, quando é feita a "2ª condecoração". De resto, a banda musical (Maurice Le Roux) foi bem apropriada.

O ambiente da guerra com a focalização de problemas de um modo frio e crú são aspectos que requerem compreensão adulta e esclarecida, pelo que reservamos em nossa cotação moral "para adultos" êste filme que tem sua excelência e seus pontos altos de inspiração e cinematografia.

Cotação moral: Adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



TERRA MARAVILHOSA

(The Wonderful Country). Americano. 1959. Dir. Robert Audrey. Com Robert Mitchum, Julie London, Gary Merril, Pedro Armendariz e outros. Technicolor.

História de um pistoleiro americano a serviço de um tiranete mexicano, o filme procura penetrar no lado dramático do "western", mostrando as mudanças que surgem na personalidade do herói, quando é obrigado a se afastar do seu "serviço", por algum tempo, devido a um acidente.

Ainda que fragmentário, o filme de Robert Audrey tem o mérito de sublinhar o meio-ambiente, com boas fotografias de paisagens do oeste, bem valorizadas pelo colorido. Mas, sem dúvida, o principal — análise das pessoas — não há.

Moralmente, **The Wonderful Country** sublinha violências próprias ao gênero e focaliza uma ligação amorosa ilícita, "inda que censurada, logo a seguir, pelo remorso dos culpados.

Cotação moral: Adultos.

COLINAS DA IRA

(Angry Hills). Americano. 1959. Dir. Robert Aldrich. Com Robert Mitchum, Giana Scala, Elizabeth Mueller, Stanley Baker e outros.

O filme procura mostrar o heroismo dos patriotas gregos na última guerra mundial, lançando, ao mesmo tempo, a história de um correspondente americano na Grécia, surpreendido "in loco" pela invasão nazista.

Sem uma narrativa fluente, mas tôda fragmentada em acontecimentos e aspectos secundários e repisados, o filme não consegue explorar com excelência a idéia e o tema que propõe. Como única qualidade, pode ser apontada a fotografia bem estudada de Stephen Dade.

Apesar de aspectos bem positivos, o filme focaliza com naturalidade e crueza cenas de guerra. Além dêste inconveniente, surgem no enrêdo ligações amorosas ilícitas de aspecto pouco decente. Estes os motivos de nossa

Cotação moral: Adultos com reservas.

A VINGANÇA

(La Venganza). Espanhol. 1958. Dir. Juan Antonio Bardem. Com Carmen Sevilla, Raf Vallone, Jorge Mistral e outros. Eastmancolor.

Um homem ao voltar da prisão em que estivera durante 10 anos (condenado injustamente) promete atender ao pedido de sua irmã e se vingar daquele que o fizera ser injustamente condenado. Mas ao passar dos anos, mudam-se os acontecimentos, pela apresentação de circunstâncias, então, imprevisíveis.

Apesar de Mário Pacheco ter se preocupado em fotografar, com seu trabalho de câmera, a região rural da Espanha, dando, assim, ao espectador uma sensação de ambiente e composição de lugar das cenas, o filme não consegue convencer, devido à falta de continuidade e firmeza em sua narrativa e, o que deveria ser fundamental, falta de dramaticidade. Assim, não passa de uma série de cenas e ambientes em que se desenrola uma história cansativa e, sob alguns aspectos, confusa.

A idéia central da vingança, sòzinha, já era para condenar a obra. Entretanto, pelo desenrolar da história o espectador compreende que o filme não é sôbre a vingança mas sôbre outra atitude da alma, o que atenua de muito e até transforma qualquer julgamento. Mesmo assim, nas sequênicas iniciais, há uma ambientação geral de violência e sentimento de ódio. O motivo de sua restrição.

Cotação moral: Adultos.

BROTINHO VENENOSO

(La Môme vert-de-gris). Francês. 1953. Dir. B. Borderie. Com Eddie Constantine, Dominique Willems, Howard Vernon e outros.

Pretendendo ser do gênero policial, o filme é apenas pretensão para mostrar ambientes de rara imoralidade e despudor, frisados de aspectos negativos. Tudo se resume, num enrêdo irreal, em procurar o motivo de três assassinatos. Mas o tratamento cinematográfico ausente e o desempenho irregular tiram qualquer mérito que o filme pudesse ter na sua parte artística e técnica, pois na parte moral, não tem mesmo nenhum.

Cotação moral: Condenado.

★

PECADORAS DE PÔRTO ÁFRICA

(Port Afrique). Francês. Dir. Rudolph Maté. Com Pier Angeli, Phil Carey, Dennis Price, Eugene Dekers e outros.

Drama policial no Marrocos francês, em tôrno da morte da espôsa de um pilôto, considerada como suicídio, segundo algumas provas e como homicídio, segundo outras.

O valor cinematográfico do filme é sofrível, salvando-se, apenas, algumas passagens finais.

Cotação moral: Adultos.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora — Minas

NASCE UM BANDOLEIRO

(Aqui está Heráclito Bernal). Mexicano. Dir. Robert Gavaldon. Com Antonio Aguillar, Edite Peral e outros.

Acontecimentos diversos levam um homem ao ambiente do crime. Não se pode saber se a maldade continuará vencendo a bondade, apesar da interpretação brasileira ter intitulado o filme **Nasce um Bandoleiro,** dando a entender que os capítulos da história de Heráclito Bernal sejam grandes "bandoleiradas".

Por enquanto, neste primeiro capítulo, há pouco cinema e não muita graça.

Pelas violências, o filme não pode ser aceito a qualquer público.

Cotação moral: Adultos.

★

VINGANÇA DE BANDOLEIRO

(El Rayo de Sinaloa). Mexicano. Dir. Roberto Gavaldon. Com Antonio Aguillar, Edite Peral e outros.

Filme de aventuras que conta a história de um homem que chefia um bando de malfeitores, praticando roubos. Como vemos, Heráclito Bernal não se corrigiu.

Roteiro mal construído, muitos diálogos e falta de ritmo trazem ao filme um ambiente geral sofrível que não consegue se manter, apesar mesmo da boa fotografia de Figueroa.

★

UM RIO SE MANCHA DE SANGUE

(El Trueno entre las Hojas). Argentino. Com Isabel Sarli, Armando Pó, Andres Laszlo, Ernesto Baez e outros.

Filme que pretende resolver assuntos de fundo social, apresentando situações e estados de coisas que reclamam justas medidas de reforma.

Não pode ser aceita esta produção argentina como assunto de exibição livre. O argumento e sua apresentação impedem a compreensão de um público heterogêneo e não preparado, como é o de qualquer sala de exibição cinematográfica. Talvez, para estudo, poderia servir o filme, não porém para exibição a qualquer público.

Cotação moral: Condenado.

★

A LUZ DO DESEJO

(La Lumière d'en Face). Francês. 1956. Dir. Georges Lacombe. Com Raymond Pellegrin, Roger Pigaut, Brigitte Bardot, Bernard Blier e outros.

Droma conjugal agravado pela incompetência do marido, para o estado matrimonial. Tema escabroso, sem dúvida, que é fartamente e facilmente explorado com a presença de Brigitte Bardot, numa verdadeira ofensa ao espectador.

Quanto ao filme, está mais do que explicado: indigno de um espectador sério que procure no Cinema diversão agradável ou ilustração das faculdades mentais. Pois o filme é deprimente e leva ao embotamento mental devido à sua grosseria.

Cotação moral: Condenado.

★

CHICO VIOLA NÃO MORREU

Nacional. Dir. Roman Vignoli Barreto. Com Cyl Farney, Inalda, Eva Wilma, Heloisa Helena e outros.

A vida sentimental e os romances de Francisco Alves, o "Chico Viola", são apresentados em ritmo inexpressivo, num enrêdo fraco e por meio de fotografia regular neste filme nacional que conta, ainda, com a interpretação forçada de Cyl Farney. Boa dublagem da voz de Francisco Alves salva o filme do anonimato, agradando aos apreciadores do cantor popular brasileiro tão afamado.

Aspectos da vida particular de Francisco Alves tornam o filme impróprio a espectadores não amadurecidos.

Cotação moral: Adultos.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação

livros religiosos

bons romances

artigos para presentes

artigos religiosos, para altares e igrejas.

Rua Halfeld, 619

Fone 5978 — Juiz de Fora

A MULHER DA SALINA

(La Ragazza della salina). Italiano. Dir. Franz Cap. Com Isabelle Corey, Marcello Mastroiani, Peter Carsten, Jester Naefe, Kay Fisher e outros.

A intenção nítida de Franz Cap foi o público e a finalidade a bilheteria. Só assim podemos compreender êste A MULHER DA SALINA. Pois, o filme tinha bastante assunto em seu enrêdo para ser explorado e trabalhado, no campo social da vida dos trabalhadores de salinas e dos pescadores do Adriático. Isto, todavia, foi desperdiçado. O filme tornou-se, apenas, oportunidade para um melodrama fácil, apresentado sem qualquer inspiração especial, com um tipo bem repetido de mocinho que, à última hora, salva a mocinha de um futuro deshonroso com um gesto nobre e altruistico. Em meio a êsse bocejo todo, algumas mulheres da cercania molham um pouco as roupas no mar e brigam em cenas de um ridículo incrível. Ambientes, cenas e sugestões restringem o filme.

Cotação moral: Adultos.

★

TORRENTE DE PAIXÃO

(Niagara). Americano. Dir. Henry Hathaway. Com Marilyn Monroe, Joseph Cotten, Jean Peters e outros. Colorido.

História banal e nada conveniente de uma paixão, de um ciúme e de um crime. A mulher de um ex-combatente, sem qualquer compostura ou escrúpulo, procura eliminar o marido para poder "arranjar" sua vida como julga melhor. Um casal em lua-de-mel na região do drama (Cataratas do Niagara), sem querer, é envolvido nas complicações.

Tècnicamente, o filme pode ter valor na apresentação de cenas e paisagens naturais da região das cataratas do Niagara. Quanto à apresentação do drama, ela é prejudicada pelo abuso de certas intenções de bilheteria, dada a participação de Marilyn no elenco. O interêsse comercial atrapalhou o artístico.

Não podemos dar uma cotação benigna aos aspectos morais de **Niagara.** A história, algumas cenas e diálogos e a referida exploração impedem gravemente.

Cotação moral: Prejudicial.

O EXPRESSO DA ANDALUZIA

(Il Mondo Sará Nostro). Italiano. 1957. Dir. Rovira Bolleta. Com Jorge Mistral, Marisa de Leza, Mara Berni, Vicente Parra e outros.

Ao saber que o pacote que lhe foi dado para transportar até o correio contém jóias roubados, um homem procura se apoderar da remessa, assaltando o "expresso de Andaluzia" que deveria levar as jóias. O enrêdo mostra o resultado.

Excetuada a atuação de Jorge Mistral, as dos outros artistas não convence e se o filme interessa ao espectador não é por motivo da interpretação mas da narrativa interessante que prende a atenção do público. Uma boa fotografia aproveita bem algumas paisagens da Espanha.

Crimes, ligações ilícitas e algumas danças indecentes reservam o espetáculo.

Cotação moral Adultos com reservas.

★

DUAS MULHERES, DOIS DESTINOS

(Due Orfanelle). Italiano. Dir. Carmine Gallone. Com Alida Valli e outros.

Tudo se resume num drama sôbre a infelicidade de duas órfãs no ambiente da França do século que precedeu a Revolução. Destinos imprevisíveis levam as duas órfãs a situações e vidas penosas.

Cotação moral: Adultos.

★

A BESTA AMADA

(Geliebte Bestie). Alemão. 1958. Dir. A. M. Rabenalt. Com Margit Nunke, Gerhard Riedmann, Willy Birgel e outros. Agfacolor.

Triângulo amoroso num circo não é tema novo. Bem aproveitado, até. Aqui, mal aproveitado, por dois motivos: cinematogràficamente, porque houve preocupação exagerada com o sentimentalismo e com o colorido; moralmente, porque não há normas morais (tudo acontece à vontade, sem resolução nem programa) e a liberdade nos trajes é excessiva.

Cotação moral: Prejudicial.

A "TIPOGRAFIA DO LAR CATÓLICO", com sua larga experiência, está apta a realizar qualquer trabalho de impressão ou encadernação.
Rua Halfeld, 1179 — Caixa Postal 73 — JUIZ DE FORA.

TOUREIROS

Americano. Com Stan Laurel e Oliver Hardy.

A desaparecida dupla "o Gordo e o Magro", que tanto fêz rir muita gente séria, foi escolhida pela programação do Cine Excelsior para fazer rir e matar as saudades neste mês de novembro. TOUREIROS, portanto, é um agradável programa para quem quiser se divertir com as loucuras dos dois cômicos tão conhecidos.

Cotação moral: Todos.

ALUNO E AMANTE

(As Young as We are). Americano. Dir. Bernard Girard. Com Harland, Pippa Scott e outros.

Filme despretencioso que não chega a ser contra-indicável como passatempo, epesar de falhas técnicas que apresenta. Quanto ao seu aspecto moral, excetuadas algumas passagens e certos diálogos, é espetáculo limpo e próprio para adultos.

Cotação moral: Adultos.

★ ★ ★ ★ ★

NO EXCELSIOR

1	Jacqueline (pág. 10)	*Todos*
2	A Besta Amada (pág. 18)	*Prejudicial*
3	A Leviana Inocente (pág. 11)	*Condenado*
4	Terra Maravilhosa (pág. 15)	*Adultos*
7	Um Rio se Mancha de Sangue (pág. 17)	*Condenado*
9	Quartel não é Hotel (pág. 9)	*Adultos*
11	Feliz Aniversário (pág. 12)	*Adultos com reservas*
14	Torrente de Paixão (pág. 18)	*Prejudicial*
16	Toureiros (pág. 19)	*Todos*
18	Jeca Tatu (pág. 13)	*Todos*
21	Motim no Reformatório (pág. 11)	*Adultos*
23	Quanto mais Quente, Melhor (pág. 12)	*Prejudicial*
25	Paixão dos Fortes (pág. 13)	*Adolescentes*
28	Sedução do Monje (pág. 9)	*Prejudicial*
30	Tudo Legal (pág. 6)	*Adultos com reservas*

NO POPULAR

1	Nasce um Bandoleiro (pág. 17)	*Adultos*
2	O Fantasma de Mora Tau	*Adultos*
4	Chico Viola não Morreu (pág. 17)	*Adultos*
7	Se Todos os Homens do Mundo (pág. 8).	*Adolescentes*
9	O Médico Vampiro (pág. 9)	*Adultos*
11	Vingança de Bandoleiro (pág. 17)	*Adultos*
14	A Luz do Desejo (pág. 17)	*Condenado*
16	Frutos da Violência (pág. 2)	*Adultos*
18	Passado que Condena (pág. 5)	*Prejudicial*
19	À Noite Sonhamos (pág. 11)	*Adolescentes*
21	Ninguém me Ama (pág. 9)	*Adultos com reservas*
23	Ronda de Sangue	*Adultos*
25	O Mago (pág. 5)	*Adultos com reservas*
28	Brotinho Venenoso (pág. 16)	*Condenado*
30	Os Heróis estão Cansados (pág. 5)	*Prejudicial*

A Tôrre de Marfim

A VENDA NA AGÊNCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — RUA HALFELD, 619

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Novembro — Juiz de Fora

NO CENTRAL

2	Pecadoras de Pôrto África (pág. 16)	*Adultos*
4	Amargo Triunfo (pág. 14)	*Adultos*
10	Clamor de Vingança (pág. 11)	*Adultos*
11	Escudo Romano (pág. 6)	*Adultos com reservas*
14	Audácia a Jato (pág. 7)	*Todos*
16	Um de Nós Morrerá (pág. 10)	*Adultos com reservas*
18	Colinas da Ira (pág. 15)	*Adultos com reservas*
21	A Mulher da Salina (pág. 18)	*Adultos*
23	E o Sangue Semeou a Terra (pág. 9)	*Adolescentes*
25	O Homem do Sputnik (pág. 11)	*Adultos com reservas*
30	Inferno nas Alturas	*Adultos*

NO PÁLACE

1	Os Dez Mandamentos (pág. 4)	*Adolescentes*
8	Aluno e Amante (pág. 19)	*Adultos*
10	As Gêmeas de Zillertal (pág. 4)	*Todos*
12	E o Espetáculo Continua (pág. 10)	*Adultos com reservas*
15	Flôr de Maio (pág. 4)	*Adultos*
17	Sanha Diabólica (pág. 12)	*Adultos*
19	O Direito de Ser Feliz (pág. 7)	*Adultos com reservas*
22	O Homem Errado (pág. 10)	*Adolescentes*
24	O Expresso de Andaluzia (pág. 18)	*Adultos com reservas*
26	Veneza, a Lua e Você (pág. 6)	*Adultos com reservas*
29	A Vingança (pág. 16)	*Adultos*

NO SÃO LUIZ

1	Califórnia (pág. 2)	*Adultos*
5	Aviso aos Navegantes (pág. 6)	*Adultos*
8	Exploradores de Brancas (pág. 12)	*Condenado*
10	Uma Vida em Perigo (pág. 7)	*Adolescentes*
12	Alguém Há de Morrer (pág. 12)	*Adolescentes*
15	Duas Mulheres, Dois Destinos (pág. 18).	*Adultos*
17	Audácia a Jato (pág. 7)	*Todos*
19	Um de Nós Morrerá (pág. 10)	*Adultos com reservas*
22	Clamor de Vingança (pág. 11)	*Adultos*
24	Os Frenéticos (pág. 10)	*Adultos*
26	E o Sangue Semeou a Terra (pág. 9)	*Adolescentes*
29	Ladrão de Cadáveres (pág. 5)	*Adultos*

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.258, onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.



Ano XI
N.º 86

A Torre de Marfim

Revista de Orientação Cinematográfica

Cr$ 5,00

Dezembro de 1960 — Juiz de Fora — Minas

EXPEDIENTE :

A TORRE DE MARFIM

DIRETOR :

Pe. Adalberto Breuers, SVD.

REDATOR-CHEFE: :

José Francisco Simões

FICHARIO :

Candidatos a Irmãos Missionários da S. V. D.

★

Enderêço :
Rua Halfeld, 1179
Caixa Postal 160
Fone : 1249
JUIZ DE FORA/MG.

★

ASSINATURA ANUAL :
(10 números) Cr$ 50,00

VENDA AVULSA
Exemplar Cr$ 5,00

NÚMERO ATRASADO
Exemplar Cr$ 6,00

Tôda correspondência, inclusive pedidos de assinatura (acompanhados de cheque ou valor declarado), deve vir em nome do Diretor da revista.

★

NOSSA CAPA

Uma bela composição cênica do filme "O PASSADO NÃO PERDOA" em programação no Cinema Excelsior.

FONTES CONSULTADAS

* Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Suplemento Semanal da Revista – Família).
* Boletim Informativo da Ação Católica Brasileira.
* Publicação da Ação Social Diocesana.
* Secções de Cinema dos seguintes jornais : O Diário (Belo Horizonte), O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), Jornal do Dia (Pôrto Alegre).
* Boletim Informativo da OME (Orientação Moral de Espetáculos).
* Revista de Cultura Cinematográfica (Belo Horizonte).
* Revista UPC (Universal Popular de Cinema) Belo Horizonte.

★

O DIREITO DE SER FELIZ

(Home Before Dark). Americano. 1958. Dir. Mervyn Le Roy. Com Jean Simmons, Dan O'Herlihy, Rhonda Fleming, Efrem Zimbalist e outros.

Drama de uma espôsa que não é compreendida pelo marido e que desconfia da fidelidade do mesmo. O tratamento dispensado por sua madrasta acaba por lhe trazer uma crise nervosa que exige internamento imediato para tentativa de cura. O choque que experimenta ao voltar curada e encontrar tudo na mesma, leva-a a resoluções extremas.

Apesar de tentar uma propaganda do divórcio, o filme não consegue, pois a lei é para todos e não pode se basear em casos particulares. Como filme, não consegue a obra se livrar de sua monotonia, apesar da presença de Jean Simmons, bem desperdiçada.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

TRÊS VAGABUNDOS

Nacional. Dir. José Carlos Burle. Com Oscarito, Grande Otelo, Cyl Farney. Ilka Soares e outros.

Peripécias de três vagabundos que ficam na iminência de serem "aproveitados" por um cientista maluco (José Lewgoy). Há uma nota geral de interêsse por assunto melhor e diferente. Enrêdo de certa unidade no roteiro e alguma comicidade na exploração de situações macabras.

Cotação moral: Todos.

"A TÔRRE DE MARFIM", no transcurso da FESTA DE NATAL, deseja a todos os leitores e colaboradores muitas bênçãos de Deus Menino e muita paz e ventura no ANO NOVO que está próximo.



★

EDITORIAL

Até parece terem os responsáveis pelas Companhias Exibidoras da cidade concordado em fazer da programação de dezembro uma programação de comédias. Não que só haja comédia. Mas, há muitas comédias e as melhores são os melhores filmes do mês..

RISOS E MAIS RISOS, coleção de comédias organizada por Robert Youngson, parece ser o melhor filme e a melhor comédia do mês. Mas existem outras que agradarão muito, também. Assim, O REI DOS MÁGICOS, um caso impagável a cargo do talento de Jerry Lewis. Não podemos esquecer, entretanto, uma comédia fina, bem francesa em seus detalhes e ambientações — PAPAI, MAMÃE, A CRIADA E EU, em que se mostram e se satirizam pequenas famílias burguêsas de Paris. Comédias bem boas são, também, INSPETOR GERAL, com Danny Kaye em cena, AS GÊMEAS DE ZILLERTAL, um filme bonito e interessante e O PARCEIRO DE SATANÁS, uma comédia em forma de musical muito bem feita.

Fora do gênero de comédia, conta a programação dêste mês com outros filmes de outros gêneros, que merecem destaque. E' o caso de O PASSADO NÃO PERDOA, um "western" que envereda pelo tema da discriminação racial. Da mesma forma, merece destaque PAIXÃO DE GAÚCHO, um filme nacional que foge de muito ao comum da produção. O mesmo se diga de PEGA LADRÃO, interessante aproveitamento de artistas mirins.

Notamos, ainda, na programação de dezembro dois filmes, se bem que menos bem colados: VINGANÇA DOS PIRATAS, aventuras no mundo da pirataria, e MERCADO PROIBIDO, um estudo social de certo interêsse.

Esperamos que os espectadores aproveitem bem as horas de folga com algumas gargalhadas, pois, afinal de contas, rir não faz mal a ninguém.

Agradecemos sinceramente a valiosa colaboração da COMPANHIA CENTRAL DE DIVERSÕES, da EXIBIDORA EXCELSIOR e da EMPRÊSA CINE-TEATRAL JUIZ DE FORA, entregando-nos os seus programas com antecedência.

Mais uma vez avisamos que não nos responsabilizamos pelo programa. São as Companhias que no-lo dão. Se houver mudanças, são eventuais, e impostas aos srs. Gerentes.



NÃO HÁ MAIOR AMOR

(No c'è amore più grande). Italiano. Dir. G. Gianchini. Com Franco Interlenghi, Antonella Lualdi, Gino Cervi e outros.

Um drama sentimental, que consegue interêsse de quem não aprecia êste tipo de filme, mercê da inclusão de aspectos jurídicos na história que narra. É posta em discussão a validade da maternidade espiritual em contraposição à maternidade física, no intuito de ser deslindado um caso de adoção. Portanto, tema sério e problemas de certo vulto.

O grande público apreciará muito, sem compreender os aspectos judiciários do caso proposto (em parte, errados), mas apesar dêste senão nada sofrerá além de um aumento de idéias confusas a respeito. Aos entendidos o filme causará interêsse e dará motivo de opiniões e teses. Em resumo, tema e filme de certo interêsse. Moralmente, restrito pelo assunto e por situações ilícitas que apresenta, ou deixa suspeitar por várias sugestões.

Cotação moral: Adultos.

AS GÊMEAS DE ZILLERTAL

(Die Zwillinge von Zillertal). Alemão, 1958. Dir. Harald Reinerl. Com Joachim Fuchsberger, Isa e Jutta Gunther, Karin Dor, Hans Moser e outros. Agfacolor.

Uma comédia musicada interessante que apresenta a história de duas gêmeas tirolêsas, no belo vale do rio Ziller, no sul da Áustria — o conhecido Zillertal. As irmãs gêmeas vivem história de amor e sua semelhança traz equívocos e sequências cômicas. De outro lado, uma baronesa procura resolver seus problemas financeiros com o casamento do filho.

Apesar de ter muito pouco de arte cinematográfica, o filme agrada por dois motivos: o documentário que faz do Zillertal (boa fotografia de Gunther Grimm), o ambiente alegre que traz ao espectador com os costumes e a música dos tirolêses.

Um espetáculo limpo, moralmente, salvo pequeno detalhe de um bailado, êste filme agradará em cheio qualquer espectador, podendo ser visto por todos.

Cotação moral: Todos.

★

MERCADO PROIBIDO

(Stakeout on Dope Street). Americano. 1958. Dir. Irvin Kershner. Com Yale Wexler, Jonathan Haze, Morris Miller, Aby Dalton e outros.

Com uma boa fotografia de Mark Jeffrey, o filme mostra a história de três rapazes que procuram passar adiante um contrabando de entorpecentes por êles encontrado, ao invés de entregá-lo à polícia. Em ritmo irregular, o espectador assiste à corrida da polícia e dos contrabandistas donos do "negócio".

Apesar de certo diálogo excessivo de algumas cenas, por êste motivo muito lentas e atrapalhando a continuidade da narrativa, o filme apresenta um conjunto razoàvelmente bom e que não decepciona. Ao contrário, tem vigor e direção em todos seus momentos.

Pugnando por uma idéia certa, o filme não pode ser aceitável, inteiramente, todavia, devido a cenas cruas de violência.

Cotação moral: Adultos.

O PARCEIRO DE SATANÁS

(Damn Yankees). Americano. 1958. Dir. George Abbot e Stanley Doen. Com Tab Hunter, Gwen Verdon, Ray Walston, Russ Brown e outros.

Um musical, apesar do título feito no Brasil, que narra as aperturas em que se mete um fanático do "base-ball" que resolve contratar o próprio Satanás, por meio de um pacto, para jogar no seu time, evitando assim suas contínuas derrotas. Na hora de Satanás cobrar o pacto a coisa fica feia, mas tudo se resolve num musical americano inclusive êste caso.

Bem feito, de bons recursos cinematográficos, o filme tem boas melodias e números de dança estilizada de boa coreografia. Agrada ao apreciador de musicais, sem qualquer dúvida.

Apesar do tom de crítica e de comédia do conjunto, o pacto com o demônio pode trazer confusões e idéias a cabeças infantis ou adolescentes.

Cotação moral: Adultos.

★

RIO VIOLENTO

(Wild River). Americano. 1960. Dir. Elia Kazan. Com Montgomery Clift, Lee Remick, Jo Van Fleet, Albert Sami, James Vesterfield, Jay C. Flippen, Frank Overton e outros. Fot. Ellsworth Fredericks. Color de Luxe.

Narrando a história interessante de uma velha sulista, que é persuadida de tôdas as formas a abandonar sua ilha de longas tradições, de modo a possibilitar o represamento do rio Tenessee em que está situada, o filme de Elia Kazan, graças à fotografia de Ellsworth Fredericks, consegue pintar o ambiente geográfico e social do drama que narra. Mas, a interpretação, com altos e baixos, e principalmente o roteiro mal construído, com alguns desvios muito longos e desnecessários do fio central do tema a que se propõe, não deixam a obra, no seu conjunto, se firmar como realização de mérito. De tôda forma, entretanto, o filme consegue agradar, em grande parte, mercê de certo interêsse pelo argumento, de alguns aspectos do roteiro e da ambientação excelente da fotografia.

Moralmente, a exploração abusiva e desnecessária de sensualismo, além de atrapalhar a parte técnica da obra, quebrando a unidade de seu roteiro, impedem uma aceitação aberta da produção, exigindo uma cotação rigorosa.

Cotação moral: Adultos com reservas.

ELA OU O DIABO

(Sucedió en Mexico). Mexicano. Dir. Ramon Pereda. Com Maria Antonieta Pons e outros. Eastmancolor.

Drama de uma mulher que consegue sobreviver à vergonha social da tentativa de suicídio, mediante alguns retoques plásticos a cargo de um cirurgião, mas que acaba se arruinando, novamente, tomando as mesmas resoluções.

Com muito artificialismo, a história e seu desenvolvimento, estão falhos sob muitos aspectos, principalmente quanto à análise dos personagens e quanto à própria interpretação.

Para absurdo dos absurdos, o caso de uma pessoa que tenta o suicídio duas vêzes é apresentado como muito normal e compreensível e, mesmo, sob o aspecto de uma forma de martírio ou sacrifício voluntário. Ora, ora, até onde pretendem chegar certos filmes com seus argumentos? Assim também, não. O tema, as idéias, cenas sugestivas são mais que impróprios para uma cotação benigna ou favorável.

Cotação moral: Prejudicial.

JOALHERIA



PRESENTES FINOS

HALFELD, 799

JUIZ DE FORA

MASSAGISTA DE MADAME

Nacional. 1959. Dir. Victor Lima. Com Zé Trindade, Renata Fronzi, Costinha, Nancy Wanderley, Aida Campos e outros.

O colunista de um jornal explora os escândalos da alta sociedade, ouvindo tôdas as informações a respeito na profissão de massagista. Situações equívocas e cômicas surgem dêste fato, desorientadas e em forma de amontoado, contrariando o ritmo, a continuidade e o enrêdo que qualquer coisa intitulada filme deve ter.

Interpretação falha, salvando-se Zé Trindade em alguns momentos, o filme valeria pela comicidade. Mas até isto não consegue. Pois explora a comicidade grosseira dos diálogos ambíguos e das piadas de duplo sentido. Além dêstes senões morais que prejudicam a parte técnica e artística do filme, êste está rodeado por um todo licensioso e maldoso, que não consegue esconder a nenhum ingênuo intenções menos nobres de bilheteria a qualquer preço. Um crime autêntico contra a moralidade e o bom gôsto. Um desrespeito ao público, que não é todo do jeito que imaginam alguns "caça-níqueis" do tipo de Herbert Richers.

Cotação moral: Prejudicial.

Livraria Viviani

EDUARDO VIVIANI

LIVRARIA - PAPELARIA

Artigos Escolares, Religiosos, para presentes,

Alfaias e Livros Religiosos

Seção especializada de confecções de molduras em quadros

Galeria Pio X, 75 — Fone 3957

PEGA LADRÃO

Nacional. Dir. Alberto Pieralisi. Com José de Jesus, Francisco Dantas, Claudio McDowell, Carlos Durval, Helba Nogueira e outros.

Um filme que merece lugar de destaque na produção nacional. Seu diretor, Pieralisi, já pode ter sido conhecido (por sua obra) pelos espectadores mais assíduos. Foi o mesmo que dirigiu COMPRADOR DE FAZENDAS, de algum mérito. Em PEGA LADÃO, infelizmente, teve que dirigir uma adaptação de um conto alemão "Emil un die Detektiven". E, desta adaptação, vieram para o filme alguns problemas que, apesar do esfôrço e do talento, não foram resolvidos satisfatòriamente. Assim mesmo, conta a obra com bons momentos de ritmo e interêsse, boa interpretação, naturalidade de alguns intérpretes menores a par de boas cenarizações.

Tudo se resume no enrêdo em contar as peripécias de um menino do interior (Milô) que ao ir de férias ao Rio é roubado em Cr$ 2.500,00, no trem, o que leva a contar o ocorrido a um grupo de garotos, quando já no Rio. Todos se põem no encalço do "batedor de carteiras" e o enrêdo se encarrega de mostrar ao espectador o desfêcho da trama.

O argumento desta produção tem o mérito de realçar o lado bom e o idealismo da infância, motivos de seu destaque quanto à moralidade. Filme razoável que não desagradá, apesar de senões pequenos e grandes.

Cotação moral: Todos.

★

PISTOLEIRO BOSSA NOVA

Nacional. 1960. Dir. Victor Lima. Com Ankito, Grande Otelo, Renata Fronzi e outros.

A história muito simples do filme conta as aperturas de um cidadão que, ao se retirar a uma cidade do interior para repouso, é confundido com um sósia da região, célebre pistoleiro.

Sem grandes novidades para quem conhece o mau cinema brasileiro e as produções de Herbert Richers, o filme não passa de pancadaria de mau gôsto. Cenas bem triviais, grosserias, trajes sumários e apresentação desrespeitosa de uma autoridade não foram vistos pela tradicional "ceguinha paga para não ver", a Censura Oficial, que cotou o filme para 5 anos.

Cotação moral: Adultos com reservas.

Aí VÊM OS CADETES

Nacional. 1959. Dir. Luiz de Barros. Com Adriano Reyes, Agildo Ribeiro, Lilian Fernandes, Sônia Morais, Odilon Azevedo, Alberto Tôrres e outros.

Sem pé nem cabeça. Luiz de Barros, amontoou num roteiro (o nome deveria ser outro) o original que lhe foi apresentado por Van Jafa, que muito se aborreceu com o desfigurado que o pretenso diretor trouxe às suas idéias. Assim é que, nem se sabe por onde analisar o filme, tal seu aglomerado de defeitos. Elementar, muito elementar mesmo. Até como documentário da Academia Militar de Agulhas Negras, cuja vida interna pretendeu apresentar, é falho. Êste filme deveria ter sido processado pelo Exército Nacional, pois traz uma idéia muito melancólica a seu respeito. No entanto, sabe-se que aquêle figurão (ex-dito) da política nacional se sentiu emocionado ao presenciar o filme em sessão especial. Isto comprova que o homem "está em tôdas" mesmo. Estava melhor dizendo.

Cotação moral: Todos.

★

O PASSADO NÃO PERDOA

(The Unforgiven). Americano. 1960 Dir. John Huston. Com Burt Lancaster, Audrey Hepburn, Audie Murphy, John Saxon, Charles Bickford e outros. Technicolor.

Uma família de pioneiros criou uma jovem índia que cresceu inocente de sua verdadeira origem e ascendência. A revelação maldosa do fato, entretanto, traz um tom novo ao ambiente da pacata localidade do oeste e leva a história a rumos diferentes.

Firmando-se nos tons e aspectos do drama social e racial, O PASSADO NÃO PERDOA sob a direção de Huston, conseguiu se firmar num filme de mérito razoável, apesar de se basear numa história sem grandes recursos. Com alguns bons momentos, o filme conta ainda com a boa interpretação de seu elenco, exceção feita a Andrey Hepburn que não mostra muita adaptação ao ambiente e ao tipo de história.

Interessante, apesar de não condizer com os méritos de seu diretor, THE INFORGIVEN poderá ser visto com agrado. Apesar de idéias boas que realiza, algumas violências próprias ao gênero restringem o espetáculo.

Cotação moral: Adolescentes.

COTAÇÃO MORAL

TODOS — Filmes que não oferecem inconvenientes a qualquer público.

ADOLESCENTES — Filmes que contêm algumas restrições para o público infantil (menores de 14 anos), mas são inofensivos para adolescentes.

ADULTOS — Filmes que contêm algumas restrições para o público adolescente (menores de 18 anos), mas são inofensivos para o público adulto.

ADULTOS COM RESERVAS — Filmes que exigem um público adulto esclarecido e de formação, visto apresentarem restrições morais mais ou menos sérias.

PREJUDICIAL — Filmes que trazem prejuízo moral e espiritual para a maioria do público, mesmo adulto.

CONDENADO — Filmes cuja assistência só poderá trazer malefícios a qualquer espécie de público.

(?) ou CENSURA OFICIAL indicam os filmes sôbre os quais não possuimos nenhuma referência. "Livre" significa filme proibido até 5 anos.

AS MEMÓRIAS DO MAJOR THOMPSON

(Les Carnets du Major Thompson). Francês. 1955. Dir. Preston Sturgess. Com Martine Carol, Jack Buchanan e outros.

Preston Sturgess que enveredou pelo gênero da comédia satírica, quando ainda em Hollywood, não teve a mesma sorte ao filmar na França, onde se fixou. Assim, Les Carnets du Major Thompson, apesar de uma comédia divertida criticando o modo de pensar dos ingleses e franceses, satirizando costumes e formas de vida da Europa, não consegue ser um bom filme; falta-lhe melhor adaptação cinematográfica (imagem) do original de Pierre Daninos, falta-lhe unidade de roteiro e continuidade de ritmo. O conjunto, diante disto, resulta razoável, apenas. Cenas um pouco sugestivas são suficientes para uma cotação mais rigorosa.

Cotação moral: Adultos.



RISOS E MAIS RISOS

(When Comedy was King). Americano. Produção de Robert Youngson. 1960. Música de George Steiner. Com Buster Keaton, Gloria Swanson, Charlie Chaplin, Harry Langdon, Stan Laurel e Oliver Hardy, Mabel Normand, Ben Turpin e outros.

Robert Youngson que realizou OS REIS DO RISO, bela montagem de velhas comédias americanas (filme que o público de Juiz de Fora teve oportunidade de apreciar no mês de maio dêste ano), volta a agradar em cheio os espectadores com outra coletânea dos grandes momentos hilariantes do cinema americano no período 1916 a 1928. Novamente, o Cinema Excelsior, com a exibição desta segunda coleção de comédias realizada por Robert Youngson, oferece ao público uma boa oportunidade de rir à melhor maneira e apreciar o valor de alguns inesquecíveis nomes do Cinema, ímpares até o momento em suas características e especialidades histriônicas.

Um bom espetáculo que não deve ser perdido. Momentos de riso e de riso com bom gôsto. Testemunho do tempo QUANDO A COMÉDIA REINAVA.

Cotação moral: Todos.

"*A Tôrre de Marfim*" tem a alegria especial de cumprimentar o Padre Guido Logger, ss. cc., pelo transcurso de suas Bodas de Prata Sacerdotais a 8 de dezembro.

Assistente Eclesiástico do Serviço de Informações Cinematográficas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Padre Guido vem fazendo muito bem na orientação cinematográfica brasileira, como completo entendido do assunto que é, possuindo, mesmo, publicações neste particular e sôbre técnica cinematográfica, e realizando uma série de cursos de cultura de cinema. Nossa revista lhe deve especiais favores e, por êste motivo, lhe deseja as mais escolhidas bênçãos de Deus para seu apostolado e graças particulares para sua vida sacerdotal.

DAVID E BETSABÁ

(David and Bethsheba). Americano. 1951. Dir. Henry King. Com Gregory Peck, Susan Hayward, Raymond Massey, Kieron Moore, James Robertson e outros. Technicolor.

A história do rei e profeta David, com seus altos e baixos, suavemente "torcida" para atender às exigências do grande público e da consequente bilheteria. A "chuva milagrosa" do final está fora de qualquer versão e tradução bíblica.

Apesar de ponderado e discreto, em comparação com outros filmes bíblicos, o filme de Henry King ainda não é obra completa. Os temas bíblicos devem ser tratados com exatidão de forma a que sua exegese não dê margem a falsas interpretações. O defeito principal de David and Bethsheba está em não firmar bem os grandes motivos e em não determinar com segurança a presença da Providência do Creador em tôdas as sequências da história do povo hebreu.

Com momentos bons, o filme agradará razoàvelmente ao espectador médio e pouco exigente. Do ponto de vista moral, entretanto, merece forte e grave restrição. Seu tema e o abuso de certas cenas estão fora do nível de compreensão e formação do público em geral. Donde a nossa

Cotação moral: Adultos com reservas.

★

INSPETOR GERAL

(The Inspector General). Americano. Dir. Henry Koster. Com Danny Kaye, Barbara Bates e outros. Colorido.

Reapresentação de uma comédia muito engraçada de Danny Kaye e que agradará em cheio qualquer público favorito do artista principal. Com momentos cômicos e em parte satíricos, o filme consegue divertir com sua ridicularização de costumes dos tempos napoleônicos.

Cotação moral: Todos.

★

O GRANDE PINTOR

Nacional. Dir. Victor Lima. Com Ankito, Violeta Ferraz e outros.

Tipo do filme feito às pressas, não passa de uma sequência ininterrupta de cópias mal feitas das comédias americanas. Com ritmo fraco e enrêdo desconexo, o filme com tôda a interpretação irregular e batida que tem resulta num conjunto mau e variante do sofrível ao medíocre, não valendo como tema de crítica, pois que lhe está abaixo. Lugares comunissimos de piadas e "quiproquós" restringem o espetáculo a público infantil.

Cotação moral: Adolescentes.

IMITAÇÃO DA VIDA

(Imitation of Life). Americano. 1958. Dir. Douglas Sirk. Com Lana Turner, John Gavin Sandra Dee e outros.

Abordando o tema racista, Douglas Sirk não foge ao seu tom costumeiro de novela sentimental e ao gôsto de platéias lacrimosas. Sem unidade de narrativa, com interpretação pouco segura, o filme não chega a se levantar do sofrível a não ser em alguns momentos.

Sérios defeitos apresenta a película em sua parte moral: dúvidas quanto a problemas educacionais e sua solução e pessimismo quanto à solução do problema racial. O tema e êstes senões restringem o filme.

Cotação moral: Adultos.

★

PAIXÃO DE GAÚCHO

Nacional. Dir. George Walter Durst. Com Alberto Ruschel, Victor Merinow, Lima Barreto, Carmen Joya Morales, Ana Candida e outros.

Um filme bem brasileiro pois que é a adaptação cinematográfica do romance O GAÚCHO de José de Alencar. E como cinema agrada bastante e põe em evidência as possibilidades do cinema nacional, se contar com boa orientação, como a que se nota aqui.

As qualidades básicas desta película são sua ótima fotografia, clara e límpida e muito precisa nos exteriores, não desagradando nas apresentações interiores, sua boa interpretação, quanto aos papéis de Alberto Ruschel e Victor Merinow, mesmo não destoando muito quanto aos desempenhos femininos, sua unidade razoável de narrativa, sem aquela monotonia tão comum aos filmes nacionais do gênero que explora.

Drama vivido na Revolução Farroupilha, contém violências, o que impede uma aceitação total do filme, quanto à moralidade.

Cotação moral: Adultos.

★

A ILHA DO TERROR

(Woodoo Island). Americano. Dir. Reginald le Borg. Com Boris Karloff, Beverly Tyler e outros.

Um cientista que não acreditava em feitiçaria resolveu dar uma volta por uma ilha do Pacífico, popularmente misteriosa. E daí vem o filme, com sua pretensão a "science-fiction". Ficou na pretensão, apenas. Mal dirigido, mal interpretado, sem ritmo e com alguns momentos e situações de enrêdo de rara ingenuidade, não convence ninguém, nem mesmo como cinema.

Cotação moral: Adultos.

Aos nossos caros leitores

"A Tôrre de Marfim", vem neste número de dezembro fazer um agradecimento sincero a todos aquêles que co laboraram, durante todo o ano, que termina, na conquista de seu ideal — a orientação cinematográfica.

Desta forma, sem querer esquecer ninguém, agradece aos que a propagaram por tôda a parte, demonstrando seu interêsse pela mesma causa e ideal. Mas, também, os que a elaboraram (sempre às pressas, como é natural) — linotipistas, ilustradores, paginadores, impressores — merecem especial referência, pois mostraram compreender, igualmente, o alcance da obra a que nossa revista se propõe. Assim, também, procederam os dirigentes da Tipografia do Lar Católico, particularmente os chefes das secções especializadas de composição e impressão.

Que seria, entretanto, do interêsse de nossos leitores, se os Srs. Gerentes e Funcionários das companhias exibidoras da cidade não procurassem entregar com antecedência suas programações? Receberiam a revista com atraso, pois que não haveria espaço de tempo suficiente para ser elaborada de modo a ser expedida antes do início do mês a que se referisse. Êstes nossos grandes amigos, entretanto, se esmeraram em facilitar nosso trabalho e é por êste motivo que levamos a êles nosso agradecimento todo especial. Ao Snr. Luiz Gonzaga Malta da Companhia Central de Diversões, ao Dr. Maurício Aguiar da Exibidora Excelsior Limitada e ao Snr. Edson Mascarenhas desta entidade e da Empreza Cine Teatral Juiz de Fora, Ltda., a responsável pelo Cine Teatro Popular, que nos ampliou o campo de orientação cinematográfica na cidade.

Mas, o nosso agradecimento é, também, endereçado aos nossos leitores, visto que não existiríamos se não fôssemos lidos e se não surgisse desta leitura a idéia de propagação da revista.

A todos êstes, pois, nossos sinceros e profundos agradecimentos.

VOLTEI A SER HOMEM

(Monkey on my Back). Americano. 1957. Dir. André de Toth. Com Cameron Mitchel, Dianne Foster, Paul Richards e outros.

Um ex-campeão de box, combatente em Guadacanal, é acometido de uma forma de malária, o que o leva ao vício dos entorpecentes. O filme se encarrega de mostrar o esfôrço do herói em "voltar a ser homem", largando o vício. Mas o faz sem elevação, aproveitando o tema para uma série de concessões de ordem comercial. Salva-o, moralmente, a idéia básica positiva da vontade enérgica de deixar o vício (herói) e do amor desinteressado e compreensivo (sua espôsa).

Com interpretação razoável, o filme se distinguiria mais, não fôssem alguns lugares muito comuns ao gênero e argumento que aborda.

Alguns momentos e a situação pouco esclarecida da espôsa do herói são motivos de uma séria restrição.

Cotação moral: Adultos com reservas.

TUDO LEGAL

Nacional. 1960. Dir. Victor Lima. Com Ronald Golias, Jô Soares, Marina Marcel, Jaime Costa, Paulo Araújo, Nely Martins e outros.

Dois biscateiros malandros, sem qualquer advertência, são bandeados para uma quadrilha de contrabandistas e até se livrarem dos mal entendidos e má situação enchem o tempo com caricaturas, gracinhas e momices pouco ou nada a propósito.

Não passando de mais outra apresentação do que pode a produção de Herbert Richers no campo do mau gôsto e da chanchada, o filme deixa muito a desejar quanto ao seu valor cinematográfico. O original de pouca ou nenhuma imaginação é mal adaptado. Só mesmo os conhecidos recursos de Golias sustentam o conjunto.

Há exploração de sensualidade e coleção de piadas grosseiras ou de sentido ambíguo. Não concordamos com a "censura livre" dada ao filme.

Cotação moral: Adultos com reservas.

O REI DOS MÁGICOS

(The Geisha Boy). Americano. 1958. Dir. Frank Tashlin. Com Jerry Lewis, Marie Mac Donald, Robert Kazuyoshi, Sessue Hayakawa e outros. Technicolor.

Comédia divertidíssima, narrando as peripécias e aperturas de um mágico mal sucedido nos Estados Unidos e que vai tentar a sorte no Japão. O mágico tem um coelho (como é tradicional) de nome Harry, que lhe resolve um sem número de problemas, mas que não deixa de lhe arranjar outros problemas mais complicados (haja vista a cena final). O mágico tem, ainda, a companhia de um mágico-miniatura, um japonesinho, que lhe deve o grande favor de se ter curado de uma seriedade precoce e prejudicial. Tudo vai de situação em situação e de absurdo em absurdo, com Jerry Lewis pontificando em cena com seus conhecidos "gags".

Bem dirigido, sem qualquer dúvida, e melhor montado, GEISHA BOY, apesar de não ser um filme de primeira em seu gênero de comédia, não deixa nada a desejar. Muito pelo contrário, constitue-se num autêntico e perfeito desopilador, agradável a qualquer paladar cinematográfico e que não deve ser evitado. Parece, mesmo, ser dedicado a público infantil, o que significa, em outra esfera, que é dedicado a todos, pois esta "volta à infância" exigida pelo filme é o melhor tratamento para qualquer tipo de adulto cansado ou esgotado.

Cotação moral: Todos.

★

O MENINÃO

(You're never too Young). Americano. 1956. Dir. Norman Taurog. Com Jerry Lewis, Dean Martin e outros. Technicolor.

A dupla Jerry e Dean não deu certo. A prova maior do fato é que, desde o momento em que cada um dos dois passou a interpretar sòzinho, começaram a aparecer bons filmes (O Rei dos Mágicos, é um exemplo). Sendo o filme do tempo da dupla, é claro, queremos dizer estarem nêle todos os defeitos da coleção. Apesar disto, entretanto, poderá agradar aos favoritos de ambos os intérpretes. Não vale a pena dizer o enrêdo, mas é bom saber que o filme tem alguns diálogos maliciosos e cenas meio sugestivas, que o tornam impróprio para crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

O ESPÊLHO DE DUAS FACES

(Le Miroir à deux Faces). Francês. 1958. Dir. André Cayatte. Com Michèle Morgan, Ivan Desny, Elisabeth Manet, Gérard Oury, Sandra Milo, Sylvie, Carette, Georgette Anys e outros.

Drama psicológico em que assistimos o desenrolar da história de um casal, narrada pelo marido após um crime, explicando os motivos de sua atitude. Tudo se resumiria, segundo suas palavras, na mudança do rosto de sua mulher, devido a uma operação plástica. Assim, descontentara-se com a mulher bonita aquêle que a conhecera feia.

Apesar de bem dirigido e com uma afirmação segura dos tipos psicológicos dos personagens, o filme lança seu diretor em uma "berlinda" que espera outras obras para ser solucionada. Pois, aquêle Cayatte que se esmerou em olhar fundo os problemas e dramas íntimos, evita à larga o drama e sua análise, ao dirigir um filme de tema tão convidativo. Afinal, que de mais interessante que a análise do drama de uma espôsa ao sentir surgir sua beleza, após longos anos de feiura conformada e tida como ponto pacífico? Mas o diretor de "Somos Todos Assassinos" preferiu o romanesco e o folhetinesco da história. Resultado: decepção e um filme inconsistente, porque inexpressivo.

Idéias sôbre a vida conjugal e detalhes da mesma, ligações ilícitas apresentadas sem qualquer censura e com um falso tom de legitimidade sentimentalista são pontos que cortam fundo na possibilidade de uma aceitação da obra. Infelizmente, a Censura Oficial cotou, apenas, "14 anos".

Cotação moral: Prejudicial.

★

VINGANÇA DOS PIRATAS

(Anne of Indies). Americano. 1951. Dir. Jasques Touneur. Com Jean Peters, Louis Jordan, Debra Paget, Herbert Marshall e outros. Technicolor.

Em resumo, o filme é uma história de uma pirata feminina às voltas com vários piratas, com as tradicionais abordagens de navios e lutas de espada entre piratas, no mundo pouco reconhecível de suas ilhas.

Apesar de se tratar de um assunto batido e sem profundeza, a obra é bem interessante, pois as aventuras e o enrêdo geral, bem dirigidos e bem interpretados atraem a atenção e se firmam como boa diversão e passatempo.

Um que outro tom de brutalidade e certos ambientes de taberna impedem uma aceitação total da película, quanto ao seu aspecto moral.

Cotação moral: Adolescentes.

MENSAGEIRO DA MORTE

(The Hangman). Americano. 1958. Dir. Michael Curtiz. Com Robert Taylor, Fess Parker, Tina Louise e outros.

Um "western" interessante que narra a história de um HANGMAN, como diz seu título no original, isto é — um enforcador. Temido por muitos, chega o dia de ser objeto de protesto de tôda uma aldeia e suas vizinhanças.

Uma boa fotografia, da autoria de Loyal Griggs, condiciona grande parte do mérito dêste filme, cujo elenco é responsável, em pequena parte, de seu conjunto interessante e razoàvelmente perfeito. Sua falha é a ausência de uma análise psicológica dos personagens, ponto essencial ao filme e cuja falta tira grande parte do interêsse nos momentos finais ao enrêdo.

Algumas inconveniências próprias ao "western" impossibilitam a aceitação total do filme em seu aspecto moral.

Cotação moral: Adolescentes.

DOIS VIGARISTAS ROUBADOS

(Once upon a Horse). Americano. Dir. Hal Kanter. Com Dan Rowen, Dick Martin, Martha Hver e outros.

Pretendendo ser uma crítica ou sátira aos maus filmes de "western", o filme de Kanter não passou da pretensão e resultou num mau filme de crítica a outros filmes. Houve desperdício de uma boa história, o que tirou ao conjunto os trunfos possíveis de ritmo e hilaridade. A interpretação se encarregou, ao que parece, de acabar por comprometer o filme. Uma série de senões morais, passa quase despercebida, mas merece alguma reserva.

Cotação moral: Adolescentes.

O MÉDICO E O MONSTRO

(Dr. Jackyll and Mr. Hyde). Americano. Dir. Victor Fleming. Com Spencer Tracy, Ingrid Bergman e outros.

Bem fotografado por Joseph Ruttemberg, O MÉDICO E O MONSTRO é uma das versões do célebre romance de horror da autoria de Robert Louis Stevenson, DR. JACKYLL AND MR. HYDE. Apesar de altos e baixos, particularmente devidos aos intérpretes (não adaptados ao tipo de filme) e à falta de assimilação do tema pela direção, o filme é de certo interêsse, devido ao enrêdo que lhe serve de base argumental.

Passagens pouco sérias da vida particular de Mr. Hyde e a ambientação geral de horror poderão prejudicar pessoas pouco amadurecidas.

Cotação moral: Adultos com reservas.

CAVALGADA PARA O INFERNO

(The Last of the Fast Guns). Americano. Dir. George Sherman. Com Jack Mahoney, Gilbert Roland, Linda Cristal e outros. Eastmancolor.

Um "western", com apenas alguns momentos de interêsse, que narra a última aventura de um pistoleiro encarregado de buscar no México um misterioso personagem.

A obra pretende incursões filosóficas, não o conseguindo, pois resulta num todo irregular e sem afirmação definitiva. Brutalidades próprias ao gênero tornam o filme impróprio para crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

A FLECHA ENVENENADA

(La Flecha Envenenada). Mexicano. Dir. Rafael Baledon. Com Gaston Santos, Otilia Larranga e outros. Eastmancolor.

Drama em ambientação do gênero "western" e tratando da posse e venda de terras, o filme foi uma tentativa de imitação do cinema congênere dos Estados Unidos. Mas, faltou autenticidade, sentindo o espectador o aspecto todo da cópia. A fotografia de Raul Martinez Solares pode ser considerada como qualidade neste "far-west" mexicano que, além dêste ponto, não apresenta nenhum outro digno de nota. A cópia, quanto às violências, foi bem feita, pelo que o filme, como os "western" americanos, também, ficou restrito a público mais próprio.

Cotação moral: Adolescentes.

JÁ FOMOS TÃO FELIZES...

(Please, d'ont eat the Daisies). Americano. 1960. Dir. Charles Walters. Com David Niven, Doris Day, James Paige, Spring Byington e outros.

Comédia que aborda os problemas surgidos num lar, até então feliz, quando seu chefe deixa a cátedra de professor de arte dramática na Universidade de Colúmbia pela coluna teatral de um jornal de Nova Iorque. Sua espôsa procura se adaptar às novas circunstâncias, mas nem tudo é fácil.

Sem muita graça, quanto à linha de fundo da história, a comédia ganha vida, apenas, pela sua boa interpretação (especialmente, os dois papéis principais), que lhe dá uma nota geral de agrado e humor, favoritos do gôsto dos espectadores que apreciam o gênero.

O ambiente de teatro, como sempre meio frívolo, apresentado em algumas cenas, contraindica o espetáculo para crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

Papai, Mamãe, a Criada e Eu



(Papa, maman, la bonne et moi). Francês. 1957. Dir. Jean Paul le Chanois. Com Robert Lamoureux, Gaby Morlay, Fernand Ledoux, Nicole Courcel e outros.

Uma boa comédia é o nome que se pode dar a êste filme que narra o dia-a-dia de pequenas famílias burguêsas num casarão qualquer de Paris. Tudo é interessantemente bem definido e caracterizado. Os personagens, bem estudados, são bem vividos e a unidade do filme é antes, garantida pela boa interpretação, do que mesmo pela ação decorrente da narrativa.

Um espetáculo que agradará plenamente qualquer espectador adulto, pois que não pode ser aceitável a adolescentes e crianças, devido a algumas passagens dúbias ou francamente tendenciosas no campo da moralidade.

Cotação moral: Adultos.

Comunicação

Avisamos a todos os leitores que a nossa revista, como sempre aconteceu nos anos precedentes, não circulará nos mêses de janeiro e fevereiro. Como é fato conhecido, nosso campo de propagação vem sendo maior nos colégios e a cessação das atividades escolares nestes dois mêses, seria um sério problema de ordem econômica para nós.

E' fato que, durante êste ano, esboçamos um plano de publicação da revista nas férias escolares. Quase foi realizado o plano. Impecilhos alheios à nossa vontade, entretanto, não o possibilitaram. Sem prometer, esperamos bem certos a efetivação desta idéia para o ano que se seguirá ao próximo.

TENTAÇÃO MORENA

(Houseboat). Americano. 1959. Dir. Melville Shavelson. Com Cary Grant, Sophia Loren, Martha Hyer, Eduardo Gianelli, e outros. Technicolor.

Comédia sentimental narrando a história de um viúvo, que procura não ser esquecido pelos filhos (aos cuidados da família da falecida espôsa), fazendo-os voltar para junto de si e contratando uma governanta para cuidar dêles. Entretanto, seus objetivos não chegam a se realizar de todo.

Bem vazio, o filme é comercial, procurando divertir, sem qualquer recurso cinematográfico de maior perfeição que os comumente usados. Apesar da futilidade geral do ambiente e das cenas, chega a formar a idéia de que é necessário o ambiente da família para a criança, como seu ambiente natural: A malícia de algumas passagens e algumas idéias sôbre o destino da alma poderão prejudicar as crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

CUPIM

Nacional. Dir. Carlos Manga. Com Oscarito, Sônia Mamede e outros.

Sem fugir à linha geral de "chanchada", própria a Carlos Manga e a Oscarito, o filme parte do êrro básico de querer adaptar, cinematogràficamente, uma peça de teatro, coisa que nem a experiência de Hollywood conseguiu plenamente. Em segundo lugar o filme foi feito para Oscarito. Mas, Oscarito parece nem ter desconfiado. Há tempos, resolveu sentar no trono e usar uma cara comum para qualquer filme que lhe desse dinheiro sem muita custa de talento. Assim, aos poucos, vem perdendo a atração. Em terceiro lugar, o filme lança mão de falsos recursos para obter comicidade — situações ambíguas e piadas de sentido duplo.

O filme trata do ciúme, mostrando que êste não deve existir mas contradizendo-se em mostrar que é essencial ao matrimônio. O que o filme consegue é dar a idéia de que nenhum diretor ou produtor de talento terá ciúme em ver algum artista de sua preferência trabalhando nesse filme; simplesmente cortará seu nome da lista.

Cotação moral: Adultos.

BANHA GLÓRIA

Açougue GLÓRIA

Avenida dos Andradas, 946 — Fone 2897

PORCO REI

Avenida dos Andradas, 23 — Fone 4888



OS TRÊS RECRUTAS

Nacional. Dir. Eurides Ramos. Com Ankito, Colé, Myriam Teresa e outros.

Comédia despretensiosa, versa o filme sôbre as aventuras de três recrutas que não querem se submeter, mas que acabam prestando serviço a todo o regimento.

História mal aproveitada, o enrêdo tornou o filme meio monótono, sem méritos artísticos. Sem contraindicações no aspecto moral.

Cotação moral: Todos.

★

COLINAS DA IRA

(Angry Hills). Americano. 1959. Dir. Robert Aldrich. Com Robert Mitchum, Stanley Baker, Gia Scala, Elisabeth Mueller, Theodore Bickel, Peter Illing e outros.

O filme procura mostrar o heroísmo dos patriotas gregos na última guerra mundial, lançando, ao mesmo tempo, a história de um correspondente americano na Grécia, surpreendido ali pela invasão nazista.

Sem fluência em sua narrativa, o filme não consegue explorar suficientemente o tema e a idéia que propõe. Sua única qualidade, talvez, seja a boa fotografia de Stephen Dade.

Crueza nas cenas de guerra, ligações amorosas ilícitas e aspectos pouco decentes destas são motivos da

Cotação moral: Adultos com reservas.

O CONTEÚDO MORAL DE UMA PELÍCULA É CONDIÇÃO INTRÍNSECA PARA QUE A OBRA CINEMATOGRÁFICA ALCANCE DIGNIDADE ARTÍSTICA.

INIMIGOS DA HUMANIDADE

(When Hell broke Loose). Americano. Dir. Kenneth G. Crane. Com Charles Bronson, Violet Rensi, Richard Jaeckel e outros.

Um filme de guerra deslocalo nos tempos atuais, pois que, no momento, vemos os verdadeiros "filmes sôbre a guerra" Êste INIMIGOS DA HUMANIDADE, entretanto, é um filme irreal ao molde de alguns que apareceram ao tempo da última guerra mundial, nos quais não havia preocupação nenhuma da análise do drama da guerra, do homem diante da guerra.

Se não bastasse uma série de brutalidades apresentadas, há que se fazer séria restrição quanto ao comportamento do principal personagem feminino.

Cotação moral: Adultos

★

ÊSSE MILHÃO É MEU

Nacional. Dir. Carlos Manga. Com Oscarito, Myriam Teresa, Sônia Mamede e outros.

Um filme apenas razoável como filme e como comédia a que se propõe ser, narra as aperturas de um funcionário público contemplado com o prêmio de um milhão de cruzeiros.

Sem grande gôsto e com lugares comuns, tendo Oscarito como senhor único na interpretação, repete a produção o mesmo que outras nacionais já fizeram — comicidade à custa de imoralidade. Vão aí as piadas de duplo sentido, de gôsto bem vulgar. Novo desperdício de bons talentos.

Cotação moral: Adultos.

★

CIELITO LINDO

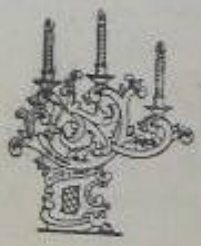
(Cielito Lindo). Mexicano. Dir. Miguel M. Delgado. Com Rosita Quintana, Luis Aguilar, Carlos Lopez Moctezuma e outros. Eastmancolor.

Musical que, em seu gênero, procura explorar o contraste entre o modo de vida do campo, simples e despreocupado, e o da cidade conturbado e agitado, inclusive sob o surto de um movimento revolucionário.

Filme de valor razoável, em seu gênero, com bastante leveza e lirismo mercê de canções e do folclore mexicano. Um que outro detalhe do enrêdo ou de cenas isoladas contraindicam o filme para crianças.

Cotação moral: Adolescentes.

EMPRESA FUNERÁRIA N.ª S.ª DA



CANDELÁRIA

LTDA.

SEPULTURAS — URNAS — CAIXÕES
FUNERAIS PARA ASSOCIADOS DOS INSTITUTOS,
COM URNAS ENVERNIZADAS.

ATENDE-SE A QUALQUER HORA

Rua Batista de Oliveira, 405
Rua Fonseca Hermes, 135/139
Fones: 5959 — 5454 — 4640

Juiz de Fora — Minas

MULHERES SEM LEI

(The Dalton Girls). Americano. Dir. Reginald Le Borg. Com Merry Anders, Lisa Davis, Penny Edwards, Sue George, John Russell e outros.

Nada há de aproveitável neste **The Dalton Girls**. A história, estranhamente inconcebível, mostra as "mocinhadas" das filhas dos Daltons (que foram os ovelhas negras do oeste, ao lado dos James e quejandos). Assim, as "paraíbas" procuram a todo custo salvar a tradição da família, ameaçada pela morte dos mais velhos.

Medíocre e ridículo sob todos os aspectos, o filme nada tem de aproveitável, como dissemos, além de seu tom irrisório. Até, mesmo, a série de crimes que apresenta (corrigida com o remorso ou a punição) não chega a ser inconveniente pois perde tôda a emoção que despertam outros filmes do mesmo gênero.

Cotação moral: Adolescentes.

★

LEGIÃO DE HERÓIS

(North West Mounted Police). Americano. 1949. Dir. Cecil Blount de Mille. Com Gary Cooper, Paulette Goddard e outros. Technicolor.

De Mille surpreende o espectador que acabou de ver o grande bíblico de sua produção, quase exclusivamente bíblica, com um filme completamente diverso, em que narra alguns episódios de um drama vivido nos primeiros anos de atividade da Polícia Montada do Canadá.

O filme é um pouco monótono, devido aos muitos "casos" que apresenta sem muita ligação. Não chega a desagradar, entretanto.

Como pontos positivos, apresenta a película a importância e a glória do dever cumprido a par da beleza do heroísmo desinteressado. Como defeito moral, todavia, não esclarece bem um personagem feminino, motivo da

Cotação moral: Adultos.

★

ONDE COMEÇA O INFERNO

(Rio Bravo). Americano. 1958. Dir. Howard Hawks. Com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Walter Brennan e outros. Technicolor.

Um "western" que narra os episódios da tradicional contenda entre um xerife, com auxílio de poucos elementos, contra uma turba de "fora-da-lei" devidamente pagos pelo chefe. Uma inevitável caravana amiga que chega se encarrega de colocar o romance no enrêdo.

Apesar da boa fotografia (Russel Harlan) e de bons momentos de música (Dimitri Tiomkin), o filme é bem monótono, sem grande unidade de roteiro. Há muitos diálogos e falta de penetração na análise dos personagens.

O ligeiro acentuado de algumas violências reservam, em parte, o filme.

Cotação moral: Adolescentes.

★

FILHOS E AMANTES

(Sons and Lovers). Americano-Inglês. 1960. Dir. Jack Cardiff. Com Trevor Howard, Wendy Hiller, Dean Stockwell, Mary Ure e outros.

Drama psicológico bem forte, o filme não consegue a excelência devido ao mecanismo pouco profundo de seu roteiro. Assim mesmo, a boa fotografia de Freddie Francis consegue trazer boa ambientação, explorando com maestria os efeitos de luz e sombra.

O tema é para público adulto e certa inafirmação do filme quanto a problemas levantados (amor livre, comportamentos excepcionais no amor conjugal) tornam o mesmo restrito a pessoas de boa formação.

Cotação moral: Adultos com reservas.

NA LIVRARIA

LAR CATÓLICO

livros de formação

livros religiosos

bons romances

artigos para presentes

artigos religiosos, para altares e igrejas.

Rua Halfeld, 619

Fone 5978 — Juiz de Fora

BALÃO VERMELHO

Quem viu, deve estar com saudades.



A "TIPOGRAFIA DO LAR CATÓLICO", com sua larga experiência, está apta a realizar qualquer trabalho de impressão ou encadernação.
Rua Halfeld, 1179 — Caixa Postal 73 — JUIZ DE FORA.

LIBERTADOR DE ÍNDIOS

(Naked in the Sun). Americano. 1956. Dir. R. John Hungh. Com James Craig. Lita Milan, Barton MacLane, Robert Wark e outros. Eastmancolor.

Um "western" que narra as circunstâncias de uma captura de escravos foragidos e de índios. Sem expressão cinematográfica e com cenas artificiais, o filme deixa de ter qualidades e nem mesmo apresenta interêsse. Crueldade e violência contraindicam-no para adolescentes.

Cotação moral: Adultos.

O VAMPIRO

(The Vampire). Americano. Dir. Paul Landres. Com Coleen Gray e outros.

Nada de novo no campo dos filmes de horror e semi-científicos. Aqui, uma cápsula misteriosa faz regredir o cérebro animal pela libertação dos instintos. Confuso, sem dúvida; muito fácil para imaginação sem freio. Inconvenientes próprios ao gênero — cenas de terror e idéias erradas sôbre a pessoa humana — tornam o filme impróprio para gente sem idade e formação.

Cotação moral: Adultos com reservas.

★ ★ ★ ★ ★

NO EXCELSIOR

1	Tudo Legal (pág. 10)	*Adultos com reservas*
5	Rio Violento (pág. 5)	*Adultos com reservas*
7	Vingança dos Piratas (pág. 11)	*Adolescentes*
9	Um Marido por Favor	*5 anos (Censura Oficial)*
12	Filhos e Amantes (pág. 17)	*Adultos com reservas*
16	O Amanhecer da Glória	*14 anos (Censura Oficial)*
19	O Passado não Perdoa (pág. 7)	*Adolescentes*
26	Mulheres sem Lei (pág. 17)	*Adolescentes*
28	Risos e Mais Risos (pág. 8)	*Todos*
30	David e Betsabá (pág. 9)	*Adultos com reservas*

NO POPULAR

2	O Grande Pintor (pág. 9)	*Adolescentes*
5	As Memórias do Major Thompson (pág. 7)	*Adultos*
7	Voltei a Ser Homem (pág. 10)	*Adultos com reservas*
9	Pistoleiro Bossa Nova (pág. 6)	*Adultos com reservas*
12	O Vampiro (pág. 19)	*Adultos com reservas*
14	Papai, Mamãe, a Criada e Eu (pág. 13)	*Adultos*
16	Paixão de Gaúcho (pág. 9)	*Adultos*
19	Um filme a ser programado	
21	Que Sejas Feliz	*5 anos (Censura Oficial)*
23	Pega Ladrão (pág. 6)	*Todos*
26	Libertador de Índios (pág. 19)	*Adultos*
28	A Ilha do Terror (pág. 9)	*Adultos*
30	Massagista de Madame (pág. 6)	*Prejudicial*

A Tôrre de Marfim

À VENDA NA AGENCIA CAMPOS — RUA SÃO JOÃO, 350

LAR CATÓLICO — RUA HALFELD, 619

"VIVIANI" — GALERIA PIO X, 75

Filmes do Mês

Dezembro — Juiz de Fora

NO CENTRAL

1	Cielito Lindo (pág. 16)	*Adolescentes*
2	Onde Começa o Inferno (pág. 17)	*Adolescentes*
7	Legião de Heróis (pág. 17)	*Adultos*
9	O Rei dos Mágicos (pág. 11)	*Todos*
12	O Inspetor Geral (pág. 9)	*Todos*
14	Ela ou o Diabo (pág. 5)	*Prejudicial*
16	Já Fomos Tão Felizes... (pág. 12)	*Adolescentes*
19	Colinas da Ira (pág. 15)	*Adultos com reservas*
23	Êsse Milhão é Meu (pág. 16)	*Adultos*
28	Imitação da Vida (pág. 9)	*Adultos*

NO PÁLACE

1	Não Há Maior Amor (pág. 4)	*Adultos*
3	O Cupim (pág. 14)	*Adultos*
6	Dois Vigaristas Roubados (pág. 12)	*Adolescentes*
8	A Flecha Envenenada (pág. 12)	*Adolescentes*
10	O Direito de Ser Feliz (pág. 2)	*Adultos com reservas*
13	Festival de Rèprises da Atlântida	
20	O Parceiro de Satanás (pág. 5)	*Adultos*
22	As Gêmeas de Zillertal (pág. 4)	*Todos*
24	Mensageiro da Morte (pág. 12)	*Adolescentes*
27	O Espêlho de Duas Faces (pág. 11)	*Prejudicial*
31	Tentação Morena (pág. 14)	*Adolescentes*

NO SÃO LUIZ

1	Inimigos da Humanidade (pág. 16)	*Adultos*
3	Aí Vêm os Cadetes (pág. 7)	*Todos*
6	Cavalgada Para o Inferno (pág. 12)	*Adolescentes*
8	O Médico e o Monstro (pág. 12)	*Adultos com reservas*
10	Legião de Heróis (pág. 17)	*Adultos*
13	Massagista de Madame (pág. 6)	*Prejudicial*
15	Ela ou o Diabo (pág. 5)	*Prejudicial*
17	O Inspetor Geral (pág. 9)	*Todos*
20	Mercado Proibido (pág. 4)	*Adultos*
24	Os Três Recrutas (pág. 15)	*Todos*
27	O Meninão (pág. 11)	*Adolescentes*
31	Pistoleiro Bossa Nova (pág. 6)	*Adultos com reservas*

ATENÇÃO!

Agora Você pode adquirir sua "Tôrre de Marfim", também, na "OÁSIS", à Avenida Rio Branco 2.25[illegible], onde Você saboreia o melhor sorvete e a mais deliciosa vitamina da cidade.